
RENEGADE
C. Reilly

RENEGADE

RULES OF DECEPTION #2



C. Reilly



Família Wings

Tradução e Revisão Inicial: Seraph

Revisão Final: Angel

Leitura: Aurora

Formatação: Angel e Aurora

06/2022

AVISO

A tradução foi efetuada pelo grupo Wings Traduções (WT), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo—os e disponibilizando—os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WT poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo—se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WT de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Tessa finalmente fez as pazes com sua vida como Variante. Ela e seu amor de longa data Alec são oficialmente um casal e, pela primeira vez, ela tem tudo o que quer.

Mas o ar está tenso na sede da FEA. Um agente desapareceu, e a organização criminosa Exercito de Abel é provavelmente a culpada.

Quando Tessa é convocada para sua segunda missão, ela é inesperadamente lançada em uma enorme conspiração. Sua melhor amiga Holly é sequestrada, e Tessa sabe que era para ser ela. Mas quem está atrás dela? E mais importante, por quê?

Quando os esforços da FEA para resgatar Holly não dão resultados, Tessa resolve o problema com as próprias mãos. Desesperada para salvar sua amiga e descobrir o mistério por trás do Exército de Abel, Tessa inicia sua própria investigação, mas nada pode prepará-la para o que ela encontra.

Reunindo toda a sua coragem e força, Tessa deve decidir em quem pode confiar e pelo que vale a pena lutar.



PRÓLOGO

O piso do helicóptero vibrou contra minhas sapatilhas de bailarina. Eu podia sentir a agitação constante zumbindo pelo meu corpo, e meu batimento cardíaco acelerado parecia determinado a acompanhá-la.

Ao longe, as montanhas do Parque Nacional Glacier se erguiam contra o céu que escurecia. Seus picos eram emoldurados por carmesim enquanto o dia passava. Major já estava nos esperando? Seríamos chutados depois do que tínhamos feito. Talvez o céu não fosse a única coisa sangrando esta noite.

Alec apertou minha mão e seus olhos cinza dispararam brevemente em minha direção, como se pudesse sentir a preocupação saindo de mim. Este tinha sido um dia difícil para nós dois. Ninguém me entendia como ele. Olhei para ele. Suas sobrancelhas escuras estavam unidas em seu rosto bronzeado. Meus olhos deslizam para baixo para onde a cabeça de um dragão rosnando aparecia. Ele abriu os botões superiores de sua camisa preta e ela escorregou, revelando sua clavícula direita e ombro forte com a parte superior de sua tatuagem. Ele estava concentrado nos controles do helicóptero, mas estava sorrindo de forma encorajadora. Eu queria me inclinar contra ele e respirar seu cheiro - canela e algo mais picante, para me convencer de que esse momento era real.

Apenas duas horas atrás, Alec havia admitido que queria estar comigo. Mas agora que as notícias tiveram tempo de ser absorvidas, não pude deixar de

me perguntar: como Kate reagiria quando voltássemos para o quartel-general? Quando ela nos visse juntos? Alec havia enfatizado que o relacionamento deles não era sobre amor, mas eu tinha certeza que ela não desistiria dele sem lutar.

Seu cabelo preto estava por toda a parte de passar as mãos por ele mais cedo. Eu adorava que estivesse um pouco mais comprido do que ele costumava usar – ou melhor, como Kate queria que ele o usasse. Isso o fazia parecer mais robusto.

Finalmente, Alec quebrou o silêncio. — Você está tão quieta. O que está pensando?

Calor deslizou pelo meu pescoço. Era quase como se ele tivesse lido minha mente. — Somente sobre a missão.

— Você quer falar sobre isso?

Os acontecimentos das últimas semanas ainda pesavam sobre mim. Completei minha primeira missão como agente da FEA e não foi fácil. Em última análise, tive sucesso, mas poderia muito bem ter morrido.

Minha palma descansava sobre minha caixa torácica, onde um serial killer havia cortado um 'A' na minha pele - a marca que ele deixou em todas as suas vítimas. Foi um ferimento que sofri enquanto fingia ser outra pessoa, mas não desapareceu quando voltei ao meu próprio corpo. Eu manteria o 'A' para sempre: um lembrete constante de uma missão que chegou perigosamente perto de me matar. Apesar das minhas camadas de roupas, imaginei que podia sentir as bordas ásperas da cicatriz. Meu peito vibrou contra minha palma; Não tinha certeza se era dos movimentos do helicóptero, ou porque comecei a tremer. Tirei minha mão antes que Alec pudesse notar.

Eu não tinha dúvidas de que quando voltássemos, Major ficaria furioso comigo e com Alec. Como chefe da FEA, Forças de Habilidades Extraordinárias, ele era nosso chefe e a pessoa responsável por supervisionar todas as nossas ações. Nós fomos contra suas ordens ao retornar ao local da minha missão, para assistir ao funeral da garota que eu personifiquei. Mas era algo que eu tinha que fazer para encerrar. Estava grata que pelo menos Alec

entendesse isso.

Ele baixou os controles para frente e começamos a descer, as hélices do helicóptero quase roçando as copas das árvores. O enorme prédio cinza da FEA apareceu cercado por pequenas cabanas, floresta, a cúpula de vidro da piscina e nossos campos de treinamento.

Esta, me lembrei, *era minha casa*.

Alec guiou o helicóptero em direção à pista de pouso nos fundos da propriedade, que estava iluminada por luzes de neblina vermelhas. E quando deixei meu olhar vagar mais ao norte, pude realmente ver uma parede de névoa branca rastejando em direção a nós. Estremeci violentamente. Os olhos de Alec se viraram para mim, longe da pista de pouso.

Forcei meu corpo a relaxar, lembrando que voltar para a sede significava coisas boas também, como ver minha melhor amiga, Holly, novamente. Sempre que estávamos separadas, parecia que uma pequena parte de mim estava faltando.

Depois de um momento, Alec voltou sua atenção para o nosso pouso. Não havia como esconder agora: o silvo das pás da hélice alertaria Major e todos os outros sobre nossa chegada. Este era o momento da verdade.

Os esquis tocaram o chão e, com um solavanco, paramos. Ainda podia sentir a vibração em meu corpo. Em combinação com meu tremor, criou uma estranha ondulação em meu corpo, não muito diferente da sensação que tinha durante uma mudança de forma.

As hélices diminuíram a velocidade, seu silvo desacelerando. Um peso se instalou no meu estômago.

Alec afastou uma mecha de cabelo da minha testa. A mecha ruiva tinha grudado na minha pele suada. — Ficará tudo bem. Estarei ao seu lado, — ele disse suavemente.

Ao toque de Alec, meu tremor parou. Abri o cinto, tirei o fone do ouvido, abri a porta e saltei para fora. Minha respiração deixou minha boca em pequenas nuvens e gelo deslizou através das solas finas das minhas sapatilhas e em cada

centímetro do meu corpo. Era abril, mas este ano o inverno foi particularmente duro em Montana. Alec contornou o helicóptero e pegou minha mão. Por anos, ansiava por este momento, por seu toque, e agora tinha o que sempre quis. Tentei saboreá-lo apesar das circunstâncias.

Puxei o braço de Alec. — Vamos. Vamos, — disse. — Quero acabar com isso o mais rápido possível. — E enquanto durar minha nova bravura, pensei.

Corremos pela calçada escorregadia, deve ter chovido recentemente e a água havia congelado em uma camada fina. Meus olhos dispararam em direção ao prédio ameaçado à nossa frente.

Quem construiu a sede da FEA deve ter sido fã da arquitetura Bauhaus com suas formas quadradas; claro e simples, sem floreios. Se não soubesse melhor, teria jurado que Major o encomendou. Mas a sede havia sido construída em 1948, muito antes de Major nascer.

Quando vislumbrei o quartel-general depois que Major e Alec me pegaram, fiquei desapontada. Esperava uma velha mansão com chaminés de tijolos, paredes cobertas de hera e gárgulas de pedra nas bordas do telhado. Em vez disso, ganhei um prédio de escritórios comum. Mas uma vez que vi os corredores que me impediam de me perder e as janelas panorâmicas dos quartos, mudei de ideia. E foi melhor do que qualquer coisa que experimentei antes. Desta vez, porém, o interior do prédio não me traria conforto.

Eu já podia ver Major de pé atrás da janela do chão ao teto de seu escritório, braços cruzados, esperando por nós, e ele parecia muito chateado.



CAPÍTULO 01

Afundei na lustrosa cadeira de madeira preta em frente à mesa de Major, que estava, como sempre, impecável. As fotos das cenas de assassinato de Livingston desapareceram do quadro de alfinetes na parede e foram substituídas por um mapa do Arizona, marcado com cruzes vermelhas. Mas as imagens ficaram gravadas em minha mente: o corte de fio no pescoço, o corpo azulado e inchado boiando, os olhos sem vida. Deixei a sensação do toque de Alec me trazer de volta à realidade.

Alec ainda não tinha soltado minha mão, embora eu tentasse me soltar. Nosso ato aberto de união só aumentaria a fúria de Major. Mas pela expressão de pedra em seu rosto, imaginei que tínhamos atingido o pico de qualquer maneira. Ele ainda não tinha dito uma palavra. Simplesmente nos fez entrar em seu escritório com um breve aceno de cabeça. Agora estávamos olhando para suas costas largas e ombros rígidos sob seu uniforme perfeitamente passado. Seus olhos estavam fixos nos picos cobertos de neve do Parque Nacional Mount Glacier. Mas não acho que ele estava realmente vendo.

Olhei para Alec. Talvez Major esperasse que começássemos a conversar, nos explicar e rastejar por perdão?

Mas Alec balançou a cabeça quase imperceptivelmente. Olhei para minha mão livre que estava puxando a barra da minha blusa preta. Mal podia esperar

para tirar minhas roupas. De alguma forma elas cheiravam a morte e miséria, embora soubesse que isso não era possível. Mas como poderia usá-las novamente sem me lembrar do funeral de Madison?

— A FEA é construída com base na confiança. E, no entanto, você ignorou minhas ordens diretas para não comparecer ao funeral de Madison. Mas o que é pior: você abusou de sua Variação para conseguir o que queria e quebrou a confiança de Tyler, Agente Summers e minha ao fazer isso. — Finalmente ele se virou, seu rosto sério. — Estou muito decepcionado com você, Tessa.

Apesar de suas palavras, sabia que tinha sido a decisão certa dar o último adeus a Madison e à família Chambers. Talvez agora pudesse encontrar paz e deixar a culpa para trás.

Olhei para Alec, mas ele estava ocupado olhando para Major, que por sua vez estava muito feliz em ignorar sua presença completamente. Major ainda não tinha reconhecido nossas mãos unidas. Mas eu sabia que ele tinha notado.

— Como você conseguiu as roupas da agente Summers? — Ele perguntou de repente. Por um momento de espanto, o nome de Holly pairou na ponta da minha língua e essa provavelmente tinha sido a intenção de Major: assustar-me para uma resposta honesta. Mas se eu sabia como fazer uma coisa, então era mentir. De que outra forma você poderia viver entre uma família amorosa fingindo ser sua filha sem que eles nunca desconfiassem? Eu era a mestre de todos os mentirosos e talvez isso tanto quanto minha desobediência preocupasse Major. Ele gostava de estar no controle de tudo e de todos.

— Peguei emprestado do quarto dela e devolvi depois de dar ordens a Tyler.

O olhar de Major pareceu perfurar através de mim, mas não vacilei. Se fosse verdade o que algumas pessoas diziam que Major era uma Variante Dupla e sua segunda Variação secreta era algum tipo de detector de mentiras, eu estaria ferrada de qualquer maneira – a menos que ele precisasse de contato visual para seu poder, como Kate precisava para sua leitura de mentes. Concentrei-me na lapela de seu uniforme, por segurança. — Seguindo seus padrões, provavelmente

deveria pedir a Kate para confirmar sua resposta, — ele disse.

Congelei. Como ele sabia que pensei nela segundos antes? Kate descobriria a verdade, ou inventaria a pior versão possível depois que tirei Alec dela.

— Senhor... — A voz de Alec cortou o silêncio ofegante que as palavras de Major criaram. Mas Major levantou a mão para impedir Alec de dizer mais. — Eu não quero saber.

Um olhar estranho passou entre ele e Alec. Voltei a sintonizar as palavras de Major.

— Só estou dizendo que a quebra de regras leva a mais quebra de regras e, algum dia, haverá anarquia. Estou confiando que você me diga a verdade, mas mesmo se soubesse que você está mentindo, não quebraria sua privacidade e confiança usando a Variação de Kate contra você apenas para tornar minha vida mais fácil ou fazer do meu jeito. Você também tem a responsabilidade de honrar as regras, mesmo que isso signifique esquecer seus desejos pessoais. É assim que uma comunidade funciona.

Não sabia o que dizer. — Me desculpe senhor. Simplesmente senti a necessidade de vê-los uma última vez.

— Todo mundo encontra uma justificativa para sua quebra de regra e todos acham que sua justificativa pesa tanto que torna suas ações corretas. Veja Ryan. Do seu ponto de vista, matar suas vítimas era justificado. Mas não era. Às vezes temos que nos curvar às regras que os outros nos impõem e confiar que o julgamento deles é melhor do que o nosso.

Major tinha acabado de me comparar a um serial killer? Com um cara que estrangulou suas vítimas com um fio ou sua Variação de névoa, e cortou ‘A's’ nelas como um artista orgulhoso?

— A FEA é sua principal responsabilidade. Nada deve atrapalhar isso, — disse Major, e brevemente seus olhos se fixaram em Alec. — Lembre-se do que fizemos por você.

Como eu poderia esquecer? Não tinha certeza de onde estaria hoje se não

fosse pela FEA, se ainda estivesse viva.

Alguns momentos de silêncio se seguiram, mas podia dizer que Major ainda não tinha terminado conosco.

— Acho bastante peculiar que Holly tenha pedido a Agente Summers para lhe dar treinamento adicional de Variação exatamente no momento em que você estava se passando pela Agente Summers, — disse Major.

Fico em silêncio. Eu tinha uma mentira fantástica planejada – que sugeri a Holly fazer aulas adicionais de Variação para melhorar sua Variação – que estava lhe dando problemas há muito tempo – para me livrar dela e de Summers, e ter tempo para o meu plano. Mas depois do que Major disse, não consegui.

— Temos motivos para acreditar que o Exército de Abel enviou um batedor ao funeral de Madison. Tessa notou um homem olhando para ela, — Alec disse, me salvando de uma resposta.

Foi a primeira vez que Major tirou os olhos de mim por mais de um segundo e voltou toda sua atenção para Alec. Mas o alívio durou pouco; um momento depois, ele voltou seu olhar para mim. — O que te faz pensar que era o Exército de Abel que estava te observando? — Sua voz revelou uma pitada de preocupação.

— Não sei se o cara estava lá para me observar. Talvez tenha me notado de pé ao longe porque achou que não pertencia ali, e isso o deixou curioso. O que mais me preocupou é que ele estava usando óculos escuros, como se estivesse tentando esconder os olhos, e ficou me encarando. Nem passou pela minha cabeça que ele poderia ser um Variante até que Alec mencionou que você estava preocupado com o Exército de Abel porque eles estavam de olho em Livingston e poderiam ter me notado.

O olhar de Major saltou para Alec, aborrecimento cruzando seu rosto brevemente antes de desligá-lo. Mordi o lábio e apertei a mão de Alec. Provavelmente não deveria ter contado ao Major o que Alec me falou; que estavam preocupados comigo porque o Exército de Abel poderia estar atrás de mim agora que sabiam do meu talento.

Alec me deu um pequeno sorriso. Pelo menos ele não estava bravo pelo meu deslize. — Achei que Tessa precisava saber sobre o perigo que poderia estar correndo. Cada segredo que ela não sabe pode piorar as coisas.

O que diabos isso significava?

Uma das mãos de Major se fechou em punho. — Nós não sabemos quanto perigo Tessa realmente corre, mas gostaria de ter essa conversa com ela eu mesmo. Não é sábio espalhar especulações. Algumas coisas são mantidas em segredo por uma razão.

Tive a impressão de que falavam mais do que o interesse do Exército de Abel por mim.

— Senhor, você acha que o Exército de Abel enviou um espião a Livingston para garantir que Ryan se mostrasse digno de sua atenção e que me notaram? — Perguntei.

— Não podemos ter certeza. Mas é certamente preocupante que alguém no funeral que viu razão para esconder os olhos continuasse te observando. Acho que precisamos ter um cuidado redobrado. Você nunca mais sairá da sede sem permissão, entendeu?

Nunca mais soou um pouco extremo, mas não queria começar uma discussão.

Confirmei com a cabeça.

— Agora saia. Quero ter uma palavrinha com Alec a sós, — disse Major.

Hesitei um momento antes de soltar a mão de Alec e me levantar. Não gostava da ideia deles falando sem mim. Alec sorriu de forma tranquilizadora. Me arrastei em direção à porta e com um último olhar para Alec e Major se encarando com expressões de pedra, fechei a porta, mas fiquei com a palma da mão contra a madeira fria por um instante. Não havia como negar: Major era contra meu relacionamento com Alec.

Lentamente, andei até meu quarto, pelo corredor ocre, minhas pernas pesadas demais para levantar. O cheiro de detergente subiu do chão. Vozes vieram da sala comunal no final do corredor.

Quando abri a porta branca do nosso quarto, Holly estava deitada em sua cama, lendo um livro sobre teoria forense. Ela espiou por cima da borda e o deixou cair antes de correr em minha direção e me abraçar. Descansei minha testa contra seu ombro - onde sua pele ainda estava manchada de vermelho por tingir seu cabelo estilo pixie de vermelho ardente.

— Lamento ter contado a Alec sobre o funeral. Ele parecia tão preocupado e simplesmente escapou, — ela murmurou.

Como poderia ficar brava com ela por isso? Sem Alec, o funeral teria sido demais para mim. Tantas emoções me inundaram – emoções por Ronald e Linda Chambers, por Devon, meu gêmeo de mentira enquanto estava interpretando Madison. Emoções que não deveria ter desenvolvido em primeiro lugar. Major nos ensinou desde o primeiro dia que não deveríamos nos envolver emocionalmente durante uma missão e falhei nesse sentido. Mas ninguém jamais dominaria a arte de desligar suas emoções tão bem quanto Major.

— Não se preocupe. Não poderia ter mantido isso em segredo de qualquer maneira. Major me deu uma palestra em seu escritório. Ele está furioso.

— Ele vai superar isso. Como foi o enterro? — Ela sussurrou.

Dei de ombros. Sempre pensei que era uma pergunta estranha. A maioria dos funerais provavelmente não era divertido. — Foi tudo bem. Mas foi muito difícil ver Linda e Ronald. Sinto que realmente os conheço e vim para cuidar deles, e eles nem me conhecem.

Não mencionei o cara que estava me observando. Não queria preocupá-la desnecessariamente. Todos na sede da FEA estavam em constante alvoroço desde que os agentes da FEA começaram a desaparecer algumas semanas atrás, provavelmente sequestrados pelo Exército de Abel.

Ela acariciou meu cabelo e fechei meus olhos, deixando o cheiro de seu xampu de baunilha me envolver. De alguma forma, isso me lembrou de Linda. Nem me lembrava de um único momento em que minha própria mãe me segurou assim. Não falava com ela há três anos e minha última carta foi devolvida sem abrir e com um carimbo de ‘endereço desconhecido’ escrito nela.

— Você tem a mim, e a FEA, e Martha, e Alec, bem, uma vez que ele tirar a cabeça da bunda, — ela disse.

Alec. Holly ainda não sabia sobre ele e eu. Que éramos oficiais. Eu me afastei e forcei um sorriso. — Algo bom veio do funeral. Alec me disse que quer que fiquemos juntos.

Holly sorriu. — Fantástico! Sabia que ele voltaria a si em algum momento. Eu teria chutado sua bunda se ele se arrependesse de sua aventura na piscina.

— Você viu Kate hoje? — Perguntei. Não estava ansiosa pelo meu primeiro encontro com ela, mas não podia evitá-la para sempre.

— Não, mas ela provavelmente está chateada. Você sabe como ela se agarrou a Alec. Agora terá que procurar um novo cara em quem possa mandar e moldar aos seus desejos.

Não achava que ela desistiria de Alec tão facilmente. Mesmo que o amor não fizesse parte do relacionamento deles, Kate era possessiva e provavelmente odiaria a ideia de tê-lo perdido para mim, de todas as pessoas. Não demoraria muito para que ela me confrontasse.



CAPÍTULO 02

Noite de encontro. Minha noite favorita da semana – essa e minhas noites passadas fazendo ‘coisas femininas’ com Holly (palavras dela). Às vezes ainda era difícil para mim entender que Alec e eu estávamos namorando há algumas semanas, que já fazia tanto tempo que havia retornado da minha primeira missão. O tempo parecia um borrão.

Embora Alec e eu não fôssemos ao cinema ou a um restaurante chique (ou mesmo saíssemos da sede) para nossos encontros, eles eram uma grande parte da razão pela qual tudo entre nós começou a parecer real. Holly tentou me convencer a me vestir. Ela até colocou uma série de quatro roupas para eu escolher. Talvez tenha levado isso um pouco a sério demais. Lhe expliquei em palavras cuidadosamente escolhidas que seria errado me embonecar. Alec tinha me visto no meu pior: chorando e soluçando por minha mãe, espancada e coberta de sangue. Seria como se estivesse colocando uma máscara se me embonecasse para uma noite de cinema. Já era ruim o suficiente que tivesse que ser outra pessoa no meu trabalho, não queria isso na frente de Alec. Esta noite era sobre Alec e eu como realmente éramos.

E não apenas isso... eu queria passar a noite com o Alec. Nós estávamos levando as coisas devagar, apenas beijos, que já eram aquecidos o suficiente para queimar minha calcinha, mas hoje finalmente queria dar o próximo passo em

nosso relacionamento físico, ou pelo menos conseguir uma repetição da performance da piscina.

Apesar da carranca de desaprovação de Holly, usava meu short favorito que acentuava minha bunda e uma camiseta com dez regras para sobreviver a um apocalipse zumbi na frente. Alec me cumprimentou com um beijo gentil nos lábios quando entrei em seu quarto. Um sorriso se espalhou em seu rosto quando ele notou minha camiseta. Ele definitivamente aprovou. Lentamente, seus olhos desceram, verificando minhas pernas, e o lampejo de fogo em seus olhos enviou um arrepio agradável pelas minhas costas. Feliz que meu instinto estava certo, tirei meus sapatos. Meu pulso acelerando, deitei em sua cama enquanto Alec passava pela lista de filmes. Um enxame de borboletas vibrou na minha barriga enquanto observava os músculos da parte inferior das costas e ombros de Alec flexionarem sob sua camiseta branca. Ele tirou os tênis e trancou a porta. Encontro número três, e era a primeira vez que ele fazia *isso*. Minha imaginação acelerou e a agitação no meu estômago se transformou em um tumulto. Fui eu quem quis levar as coisas devagar, e Alec não me pressionou. Talvez ele pudesse sentir que hoje as coisas seriam diferentes.

Alec virou-se lentamente como se tivesse acabado de perceber como suas ações poderiam parecer. Seus olhos estavam cautelosos enquanto olhava para mim. Eu parecia nervosa? — Por causa de Tanner. Não quero que ele invada. — Então ele acrescentou com uma pitada de aborrecimento. — Novamente.

Bem pensado. Tanner nos encontrou beijando na cama *duas vezes*. Se tivesse que suportar seus ruídos de provocação e beijos mais uma vez, rasparia seu amado moicano enquanto ele dormia. E nem queria pensar na quantidade de vergonha que sentiria se Tanner nos encontrasse nus.

Dei um sorriso para Alec, embora a mistura de nervosismo, vergonha e excitação me fizesse sentir como se fosse entrar em combustão. Ninguém nos interromperia; qualquer coisa poderia acontecer. Até onde teríamos ido na casa da piscina naquele dia se não houvesse barulho?

Alec era experiente, afinal, era mais velho do que eu, e namorou Kate por

meses. Até onde ele queria ir? Até onde eu queria que ele fosse? Isso parecia importante de alguma forma.

— Eu posso destrancar, no entanto, se é isso que você prefere, — disse ele suavemente. Era bastante óbvio pela sua expressão que não era o que ele queria, mas me fez feliz que ele estava tentando me fazer sentir confortável.

— Não seja estúpido. Venha aqui. — Dei um tapinha na cama e abri mais espaço para ele.

Sua expressão se iluminou, mas ainda podia detectar uma pitada de incerteza na maneira como ele se movia. Ele estava sempre preocupado comigo e constantemente me protegendo. Isso provavelmente nunca mudaria. Eu tinha que lhe mostrar que não era uma boneca de porcelana quebrável. Eu tinha habilidades extraordinárias; Recentemente sobrevivi a um serial killer.

Ele afundou ao meu lado e esticou suas longas pernas. Então parou e apontou para uma grande e redonda vela vermelha em sua mesa de cabeceira. — Você quer que eu acenda?

Isso era demais. Não pude evitar. Caí na risada. — Holly te colocou nisso? — Podia imaginar muito bem ela o seguindo, tentando ensiná-lo o que constituía um encontro romântico. Alec riu. — Pode ser.

— Ok, bem, não sou o tipo de luz de velas. O brilho de um sabre de luz é mais minha coisa.

— Graças a Deus. Essa coisa cheira a maçã e canela e odeio o fedor.

O último pedaço de tensão vazou do corpo de Alec e ele afundou nas almofadas pretas (o pessoal da lavanderia adorava goma) com o rosto de Chucky na frente apoiado contra a cabeceira de madeira escura. Me pressionei contra seu peito, respirando seu cheiro amadeirado enquanto ele passava o braço em volta de mim. Não conseguia parar de me perguntar como eram suas noites de encontro com Kate. Será que ela gostava de luz de velas? Ele deu um beijo na minha têmpora e olhei para cima, aproximando nossos rostos. Nossas respirações se misturaram. Inclinei-me para frente, tentando ao máximo enterrar minhas preocupações. Ele era meu agora.

— Você pode confiar em mim, — ele disse calmamente, seus olhos cinza sinceros e abertos.

Mais uma vez, era quase como se ele tivesse lido meus pensamentos.

Me aproximei dele até quase poder sentir o calor de sua boca. Eu o beijei e sorri contra seus lábios. Além de Holly, Alec era a única pessoa em quem me permiti confiar completamente. A sensação era reconfortante e emocionante ao mesmo tempo.

— Eu sei. — Minha pele formigava com o atrito enquanto falava.

Seus lábios se moveram contra os meus, deslizando suavemente sobre eles, provando, reivindicando. A aspereza de sua barba por fazer enviou uma lasca de desejo em minha barriga. Meus olhos se fecharam e relaxei contra o colchão. O corpo duro de Alec pressionado contra mim, osso do quadril com osso do quadril. Suas mãos viajaram pela minha garganta até meu cabelo, dedos macios como penas. Minhas palmas marcaram suas costas como minhas, pressionando-o mais contra mim. Seus músculos flexionaram sob minhas mãos. Seu beijo era lento, sem pressa e espalhou fogo no meu corpo antes de se acumular na minha barriga. Seus lábios roçaram o canto da minha boca, então se moveram para o meu queixo e garganta. Um som saiu da minha boca – um som que não sabia que era capaz. Quando abri os olhos, Alec estava me observando. Um sorriso confiante brincando em seus lábios. Empurrei meus dedos em seu cabelo preto, saboreando a maciez. Com um gemido, ele subiu em cima de mim, tomando cuidado para não me esmagar com seu peso e pressionou seus lábios contra mim novamente. A sensação de seu corpo sobre o meu, seu calor penetrando em mim, seu cheiro me cercando, me fez sentir mais segura do que nunca. Me senti em casa. Ele beijou a cavidade da minha garganta, e inclinei minha cabeça para trás para lhe dar um melhor acesso. Sua língua disparou e passou pela minha clavícula. Engoli em seco e enterrei minhas mãos em seus braços. Seus músculos se contraíram sob meu toque. Algo estava se desenrolando dentro de mim, um sentimento diferente de tudo que já senti antes. Não precisava segurá-lo – não senti necessidade de fazê-lo. Sua mão, quente e forte, rastejou sob minha

camiseta. Sua palma descansando no meu estômago, a fricção da pele na pele levantando arrepios por todo o meu corpo. Mas então seus dedos viajaram até minhas costelas e congelei.

As pontas dos dedos dele descansaram na marca deixada pela minha missão. O vermelho brilhante do ‘A’ havia desaparecido, mas a cicatriz não. Tinha perdido completamente o sentimento, mas estava lá, e sempre estaria. Alec parou de me beijar, fechou os olhos e descansou sua testa contra a minha, soltando um suspiro áspero.

— Desculpe, — sussurrei, me sentindo inexplicavelmente triste – e tão culpada por arruinar o momento.

— Não, — Alec disse ferozmente. Ele se afastou para olhar para mim, e seus olhos cinza seguraram os meus com uma intensidade surpreendente. — Não ouse se sentir culpada por isso. — Ele passou a ponta dos dedos pela cicatriz. Estremeci.

Olhei para a vela, a forma como seu pavio estava dobrado. — Sei que isso te incomoda. Quero dizer... é feio... — Parei, sem saber o que mais dizer.

— Não me incomoda pela aparência. Isso me incomoda porque me lembra do perigo que você enfrentou e como falhei com você, como poderia ter morrido. Como não pude protegê-la daquele monstro, — Alec disse.

— Alec, você nem sempre será capaz de me proteger de tudo. Sou capaz de me proteger. Haverá missões em nosso futuro que teremos que fazer sozinhos. Foi minha primeira vez em campo. Baixei a guarda quando não deveria, e essa cicatriz é um lembrete disso. — Toquei seu braço e beijei sua bochecha. — Está no passado.

Podia dizer que Alec não queria abandonar o assunto, mas me puxou contra ele e nos acomodou contra os travesseiros. Seus lábios pairaram contra minha têmpora, a tensão enrolando em seu corpo. Ele soltou um suspiro áspero e começou o filme. A tela ficou preta antes que a citação ‘A vingança é um prato que se come frio’ apareceu.

— *Kill Bill,* — disse, rindo com aprovação. — Esse é o meu tipo de filme

para uma noite romântica. — Sorri, e pude sentir a tristeza da nossa conversa se afastar de mim.

A tensão ao redor dos lábios de Alec desapareceu. — Eu sei. É isso que a torna tão perfeita.

Descansei minha cabeça no ombro de Alec para que ele não visse meu sorriso satisfeito. A música de abertura ‘Bang (My Baby shot me down)’ começou a tocar e cantarolei junto com ela. A trilha sonora de *Kill Bill* era uma das minhas favoritas de todos os tempos. E quando Alec assobiou ‘Twisted Nerve’ junto com Black Mamba em sua fantasia de enfermeira, o momento foi perfeito. Mas não importa o quanto tentasse me permitir relaxar, um pensamento me perseguia.

— Ela ainda tenta falar com você? — Perguntei, minha voz estranhamente rouca.

— Hum? — Os dedos de Alec pararam de traçar a pele do meu braço. — O que você disse?

— Kate, — esclareci. Podia ver seu corpo tenso, senti-lo no movimento de seus músculos, e me arrependi de ter mencionado isso. — Ela ainda tenta falar com você?

— Tessa, você realmente acha que este é um bom momento para falar sobre Kate?

Claro que não era. Mas haveria um momento em que falar sobre sua ex-namorada não seria doloroso e estranho? — Preciso saber. Kate esteve entre nós por tanto tempo e, de alguma forma, parece que ainda está.

Surpreendentemente, ela se fez escassa nas últimas semanas. O temido confronto nunca veio, o que só me deixou desconfiada e esperando uma grande explosão acontecer.

Alec parou o filme. — Tudo bem, — disse ele lentamente. — Mas você sabe que nunca houve nada *real* entre Kate e eu. Nós éramos amigos, mas a faísca nunca existiu entre nós. Ela e eu nos agarramos ao relacionamento por hábito e porque parecia a coisa certa a fazer.

Era uma coisa estranha de se dizer, pensei. Por que manter um relacionamento era a coisa certa a fazer?

Ele continuou: — Ela ainda está chateada, e nunca perde a chance de deixar isso claro para mim. Ela até tentou me chantagear, mas...

— Chantagear? — Meu pescoço eriçou. O que Kate poderia usar contra Alec?

Ele ficou em silêncio por um momento. — Sim, — ele disse relutantemente. — Passamos tanto tempo juntos em nossa missão conjunta que compartilhamos alguns segredos.

— A missão em que você e Kate se tornaram um casal? — Ainda me lembrava do choque absoluto e do desgosto que senti quando Kate e Alec entraram na sede como um casal pela primeira vez. E tão vividamente que me lembro do sorriso torcido no rosto de Kate e o triunfo em seus olhos quando nossos olhares se cruzaram. Achei que nunca odiaria alguém mais do que a odiava naquele momento.

Alec assentiu, mas podia dizer pelo aperto de sua mandíbula e pela tensão em seus ombros que aquela missão – ou os segredos que a acompanhavam – não era algo que ele queria falar.

Alec me beijou. — Não deixe Kate arruinar esta noite. A relação foi um erro. Tudo o que importa agora é o que há entre nós.

Balancei a cabeça com relutância, e relaxei contra ele, embora parte de mim não quisesse deixar o assunto de lado. Alec deu play no filme novamente. Mas, de repente, ver a busca de vingança de Kiddo não era mais tão engraçado, porque tinha certeza que Kate estaria em uma busca semelhante em breve – não para me matar, mas certamente faria da minha vida um inferno.

Alec tocou minha bochecha e me beijou profundamente antes de murmurar: — Você confia em mim?

Fiz uma careta. — É claro.

— Quero tirar sua mente das coisas.

Não tive a chance de perguntar como. Alec sentou-se e desceu pela cama,

depois se ajoelhou no chão. Meus olhos se arregalaram quando ele me puxou para mais perto da borda até que minhas panturrilhas caíram e Alec se ajoelhou diante de mim. Ele beijou meu joelho e arrepios surgiram por todo o meu corpo. Seus dedos acariciaram ao longo das minhas coxas antes de agarrar meus joelhos e gentilmente separá-los. Minhas bochechas queimaram quando ele abaixou a cabeça e beijou minha coxa, perto do meu joelho, e então lentamente viajou mais alto, deixando pequenos beijos na minha pele. Ele alcançou a borda do meu short e o afastou com a boca plantando um beijo na pele sensível ao lado da minha calcinha.

Minha respiração veio em suspiros curtos, meu corpo corando de calor enquanto olhava para o teto. As mãos de Alec tocaram minha barriga, em seguida, engancharam no cós do meu short. Não podia fazer nada além de me concentrar na respiração.

— Você quer que eu pare?

— Não. — A palavra era um coaxar.

Alec puxou meu short para baixo e então pude sentir sua barba na parte interna da minha coxa e ele deu um beijo na minha calcinha antes de puxar para baixo também. Minhas bochechas esquentaram de vergonha. Alec estava ajoelhado entre minhas pernas e olhando diretamente para mim.

— Não é desconfortável para você se ajoelhar no chão? — Soltei.

Alec riu, sua respiração contra minha área mais privada antes de me beijar lá. — É com isso que você se preocupa agora? — Sua voz era baixa e então sua língua acariciou minha pele sensível, me separando.

Gemi e toquei a cabeça de Alec. Não disse nada, apenas ofeguei e engasguei, meus olhos ainda desesperadamente focados no teto.

Alec também não falou mais, mas podia ouvir sua respiração acelerada combinando com a minha. Reunindo minha coragem, arrisquei um olhar para baixo. E só vi a cabeça de Alec entre minhas pernas do meu ponto de vista. Teria que me apoiar nos cotovelos para ver mais, mas temia que Alec olhasse para cima e me pegasse olhando para ele. Sua cabeça balançava para cima e para

baixo lentamente enquanto ele arrastava sua língua ao longo da minha fenda e a visão enviou uma nova onda de desejo através do meu corpo. Alec olhou para cima, seus olhos travando nos meus. Rapidamente afastei meu olhar e olhei de volta para o teto, mortificada.

— Você pode assistir, — Alec murmurou.

Não disse nada e não olhei novamente. Por alguma razão, isso parecia muito pessoal, o que era ridículo, considerando que Alec estava entre minhas pernas. Nada podia ser mais pessoal do que isso.

Tentei me concentrar na sensação e não permitir que minha mente assumisse o controle. Logo meu corpo começou a tremer incontrolavelmente e o prazer explodiu através de mim. Eu gritei, então mordi meu lábio para me silenciar. Não queria que ninguém nos ouvisse. Quando finalmente recuperei os sentidos, percebi que meus dedos estavam agarrados aos cobertores como um salva vidas. Mordi meu lábio com um sorriso, meus olhos fechando quando Alec deu um beijo no meu joelho.

Ele subiu na cama novamente e acariciou alguns fios da minha testa que ficaram presos lá antes de seus lábios encontrarem os meus. Me provei nele. Quando meu olhar encontrou a virilha de Alec, vi o quanto ele gostou de me dar prazer. Sentei-me e estendi a mão para sua cintura. Ele estava só de calça de moletom, então não precisava me preocupar com zíper ou botões, o que era bom, considerando o quanto minhas mãos tremiam, mas eu queria retribuir o favor, não importa quão idiota provavelmente fosse fazer de mim mesma. Alec se reclinou contra os travesseiros, me observando atentamente. Engolindo meu nervosismo, me inclinei para um beijo e pressionei minha mão contra sua ereção. Alec recebeu o beijo com entusiasmo desenfreado. Eu o massageei, incerta no início, mas mais confiante quando seus beijos esquentaram ainda mais e sua respiração acelerou. Enfiei minha mão dentro de seu cós e, em seguida, em sua cueca boxer, prendendo a respiração quando o senti. Fechei minhas mãos em torno de sua base e comecei a bombear para cima e para baixo lentamente. Alec logo encontrou meus movimentos com seus próprios pequenos impulsos, então

aumentei meu domínio e acelerei.

Arrisquei um olhar para o rosto dele, mas ele estava me observando, então fechei os olhos e me concentrei na sensação dele.

Alec passou as mãos pelo meu cabelo, ofegante, seus quadris empurrando em meu aperto mais rápido e mais forte quando nossos lábios se encontraram em um beijo descoordenado. Ele se afastou da minha boca. Nossos olhos se encontraram e o fogo em seu olhar enviou uma onda de desejo através de mim, mas eu sabia que não estava pronta para o próximo passo ainda.

— Você tem que me despir ou farei uma bagunça, — ele murmurou.

Levei um momento para perceber o que ele queria dizer, então corei. Ele levantou os quadris para que eu pudesse puxar sua calça de moletom e boxer. Eu já tinha visto corpos masculinos nus antes, no necrotério e na internet, mas isso era muito diferente.

Nunca me senti atraída por essa parte do corpo masculino, mas com Alec, queria tocar e provar, mas ainda não era corajosa o suficiente para isso. O acariciei, escutei seus suspiros, tentando imitar suas estocadas e me sintonizar com seu corpo. Foi maravilhoso. Os lábios de Alec bateram contra os meus momentos antes de seu corpo ficar tenso. Minha respiração acelerou com a dele, e então, eventualmente, nós dois relaxamos contra os travesseiros.

Os olhos de Alec se abriram com um sorriso preguiçoso. Eu sorri por sua vez. Ele pressionou um beijo contra minha têmpora. — Agora posso dormir.



A névoa pulsava ao meu redor. Ela tinha um batimento cardíaco. Tum. Tum. Garras nebulosas me agarravam a mim, apertando minha garganta. Tum, tum.

Sangue no chão, em minhas mãos.

Rostos retorcidos dentro e fora do nevoeiro. Distorcidos. Zombando.

Alguém gritou. Olhos verdes no nevoeiro ficando brancos. Ryan. Sua risada soou quando o nevoeiro aumentou ao meu redor. Não conseguia respirar.

Olhos mortos. Olhos vazios. Olhos acusadores. Eles olhavam e julgavam.

Mãos me sacudiram.

Os olhos de Francesca. Vazios.

Não conseguia respirar. Uma onda de calma me atingiu, mas o pânico não diminuiu.

Tessa.

Alguém chamou meu nome.

Tessa, não Madison.

Tessa.

Com um grito, acordei do sono, piscando contra o brilho da lâmpada de cabeceira. Lentamente, o rosto de Alec entrou em foco. Ele tocou minha bochecha com a ponta dos dedos, preocupação enrugando seus olhos.

— Pesadelo?

Ainda sentia como se algo ou alguém estivesse cortando meu ar. Engasguei para respirar enquanto assenti.

— Sobre a missão?

— Sim, — sussurrei. — Sobre Ryan e como ele me sufocou com sua névoa.

E sobre Francesca.

Ela foi a quinta vítima de Ryan e ele a matou em uma festa – uma festa que Alec e eu fomos. Deveríamos ter evitado que isso acontecesse. Achei que nunca deixaria de me sentir culpada por sua morte.

Alec me puxou contra seu peito e beijou minha testa. — Não suporto a ideia de você estar em perigo.

Nossas futuras missões seriam sobre combate ao terrorismo e espionagem; nada sobre isso seria seguro. E agora que o Exército de Abel estava sequestrando

mais e mais agentes, não estávamos mais seguros por aqui. Com o calor de Alec me cercando, adormeci.



Acordei com um sobressalto. Alguém estava tentando derrubar a porta. Sentei-me, afastando algumas mechas de cabelos castanhos rebeldes que haviam caído no meu rosto. Esforçando-me, pisquei contra a luz. Foi então que percebi que não estava no meu quarto. Não tinha roupa de cama com Chucky ou uma estatueta de Freddy Krueger. Meus olhos encontraram Alec, já de pé, deslizando seu jeans sobre uma cueca boxer preta. Minha pele corou com o calor e rapidamente olhei para mim mesma. Ainda estava vestida com minha camiseta e shorts que usei na noite passada.

Ele me deu um sorriso rápido. — Você fica adorável com seu cabelo todo espalhado.

Gemi. Sabia exatamente como eu era depois de acordar e definitivamente não era adorável. Meu cabelo era naturalmente encaracolado, mas ao amanhecer parecia que alguém tinha me feito terapia de eletrochoque. Alec franziu a testa, como se pudesse ler meus pensamentos. Tentei sorrir, mas quando isso falhou, treinei meu olhar no pôster de Alien na parede.

As batidas na porta ficaram ainda mais insistentes e fizeram a porta balançar nas dobradiças. Uma pequena bola de desconforto se formou em meu estômago. O que poderia ser tão urgente tão cedo pela manhã? Aconteceu alguma coisa?

Alec destrancou a porta e a abriu. Tanner estava na porta e antes que pudesse me esconder debaixo do cobertor, seus olhos pousaram em mim. Suas sobrancelhas se ergueram, elas eram do mesmo verde neon de seu moicano. De alguma forma, ele conseguiu e parecia incrivelmente legal com sua pele escura. Esperei por seu comentário provocante, mas não veio. Foi quando soube que

algo realmente estava errado. Me desvencilhei do cobertor e cambaleei em meus pés.

— Qual é o problema? Não são nem oito horas de um domingo, — Alec disse, mas a ansiedade em sua voz arruinou a irreverência das palavras.

— Você pode ter seu sono de beleza em outro dia. Major quer vê-los, — Tanner disse. — Outro agente desapareceu.



CAPÍTULO 03

Tanner saiu sem mais explicações para buscar Kate. Nossas únicas instruções era ir ao escritório do Major o mais rápido possível. No corredor, quase esbarramos em um grupo de agentes mais velhos conversando, vozes em pânico e expressões tensas. A notícia de outro sequestro já deveria estar circulando. Uma delas era Summers.

Meu estômago se apertou. O que tinha acontecido? Quem era a mais nova vítima?

Summers fez um gesto para Alec, que se virou para mim. — Vá em frente. Vou ter que falar com Summers.

Quando entrei no escritório de Major, fiquei surpresa ao descobrir que Devon e Phil estavam lá. Houve um momento de hesitação em suas expressões.

Os olhos escuros de Major observaram minhas roupas amarrotadas e meu cabelo despenteado, mas ele não comentou. Ele não precisava, a desaprovação clara em seu rosto bronzeado. — Estou feliz que você finalmente decidiu se juntar a nós, — disse ele neutro.

Surpresa com a presença de Devon e Phil, deixei a porta se fechar atrás de mim. Ouvi dizer que eles chegaram ao quartel-general alguns dias atrás, mas ainda não os tinha visto. Dei alguns passos para dentro da sala, tremendo quando o frio penetrou em meu corpo.

Devon se levantou, abriu o zíper de seu moletom azul escuro e me entregou. — Aqui, coloque isso, — disse ele.

Por um momento ficamos assim: ele estendendo o moletom e eu atordoada demais para me mexer. Ele estava vestindo uma camiseta branca simples que costumava usar à noite. Agarrava-se ao seu peito largo. Não havia uma marca em seu corpo de seu encontro com Ryan, embora seu crânio tivesse sido quebrado e sua caixa torácica cheia de buracos. Uma vantagem de ter uma Variação de cura.

Phil olhou para mim com curiosidade aberta como se eu fosse um quebra-cabeça que ele precisava resolver. Seus olhos eram de um azul pálido e aquoso - como se a cor tivesse sido lavada, e seu cabelo estava tão claro que era quase branco. Como na primeira vez que o vi, a visão dele me deu arrepios.

Rapidamente peguei o moletom da mão de Devon. — Obrigada.

Eu o coloco, tentando ao máximo evitar o olhar inquisidor de Major, e não deixar a mortificação por estar de pijama me dominar. O moletom cheirava a Devon, como hortelã e algo mais almiscarado. Devon voltou para sua cadeira e afundou. Talvez houvesse realmente uma chance de que ele pudesse me perdoar pôr o ter enganado. Enrolei minhas mãos nas mangas compridas demais para me aquecer.

Major falou lentamente: — Phil, você ainda não conheceu Tessa em seu próprio corpo.

Sempre achei que era uma maneira estranha de descrever para pessoas que não conheciam a extensão da minha Variação. Não importa como eu parecesse do lado de fora, sempre foi meu próprio corpo. Não era como se enviasse meu espírito e possuísse o corpo de outra pessoa. Simplesmente transformava o meu.

Quando retribuí seu olhar, ele abaixou um pouco a cabeça e se concentrou em um ponto acima do meu ombro. — Então você era Madison?

Envolvi meus braços a minha volta, odiando para onde a conversa estava indo, especialmente com Devon na sala. — Sim, — sussurrei. — Era eu. — Lutei contra a vontade de tocar o local onde Ryan deixou sua marca. Devon não

sabia disso. Sua mandíbula enrijeceu com minhas palavras.

— Isso é inacreditável, — Phil se emocionou. Seus olhos dispararam para Major, como se esperasse que alguém concordasse com ele. — Simplesmente inacreditável. Tentei ler sobre pessoas como nós na internet, mas o que encontrei era principalmente não científico e inventado por atores. Isto é incrível.

Forcei um sorriso. Major parecia muito satisfeito com o entusiasmo de Phil. — Você pode fazer isso agora? — Phil perguntou em voz baixa.

Meus olhos piscaram para Major que deu um aceno de cabeça. *É claro.* O troféu Variant tinha que empinar em torno de sua Variação. Não que estivesse envergonhada da minha Variação. Às vezes conseguia me sentir orgulhosa, mas não gostava de como Major estava ansioso para me exibir. Eu era mais do que apenas uma Variação.

Devon não estava olhando para mim. Olhei para os meus pés – a pele deles tinha ficado ligeiramente azul agora. O moletom não ajudou com o chão frio. Vasculhei minhas memórias em busca de alguém em quem eu pudesse me transformar. Madison apareceu diante da parte interna dos meus olhos e minha pele realmente começou a ondular daquela maneira familiar, mas suprimi a sensação. Não faria isso com Devon.

Escolhi aleatoriamente a próxima pessoa que me veio à mente, um velho que conheci durante meu tempo no hospital St. Elizabeth em Manlow enquanto fazia meu papel como Madison. Alguns dias depois de fingir ter acordado do coma, esbarrei nele a caminho da fisioterapia. Podia sentir meu corpo lembrar seus dados corporais, que eram armazenados automaticamente em meu DNA como DNA adormecido sempre que tocava em alguém.

Às vezes, quando realmente pensava sobre isso, me sentia sobrecarregada pela quantidade de dados das pessoas que estava adormecida dentro de mim. Cresci alguns centímetros, mas não ganhei peso. Minha pele ondulou quando se tornou flácida, as veias azuladas brilhando. Meu cabelo recuou e ficou branco. Minhas bochechas afundaram e meus dentes recuaram. Estremeci quando a mudança foi feita. Podia ver a forma do velho refletida nas janelas. Era o corpo

de alguém à beira da morte.

— Oh cara, isso é simplesmente inacreditável, — disse Phil.

Perdi a conta das vezes que ele disse isso. Mordi o interior da minha bochecha para me impedir de retrucar alguma coisa. Sabia que não deveria ficar tão irritada com o entusiasmo dele quanto me sentia. Quando conheci outras Variantes e vi seus talentos, também fiquei empolgada. Mas pelo menos escondi atrás de uma máscara de cautela. Talvez Phil não tivesse tantos motivos para desconfiar de outras pessoas quanto eu quando criança.

— Droga, — disse Devon baixinho. Ele não parecia nada entusiasmado. Meus lábios puxaram para trás sobre minhas gengivas parecendo um sorriso.

— Essa é a minha Variação. Mas agora o show acabou. — Com uma onda violenta, voltei ao meu próprio corpo.

— Até mesmo sua voz. — Phil balançou a cabeça com óbvia admiração. — Essa é a coisa mais bizarra que já vi.

Bizarra. Foi assim que minha mãe me chamou quando seu desgosto por mim levou a melhor sobre ela.

Major limpou a garganta. Ele pegou uma bandeja com chá do pequeno armário à esquerda, o vapor subindo das xícaras em espirais esfumaçadas. A porcelana tinha um padrão florido azul, que parecia estar em guerra com a personalidade de Major. O cheiro de bergamota inundou meu nariz. Earl Grey, o favorito de Major. Ele deve ter preparado enquanto estava fora de foco.

Ele passou por mim e colocou a bandeja em sua mesa antes de entregar uma xícara para cada um de nós. — Sente-se, — ele ordenou em um tom cortante.

Afundei nas lustrosas cadeiras de madeira preta em frente à mesa de Major, que estava, como sempre, impecável. Apesar da superfície de madeira escura, nenhuma impressão digital ou vestígio de poeira podia ser vista. A porta do escritório se abriu e Alec entrou. Dei-lhe um sorriso fraco, que ele retornou antes que sua expressão endurecesse. Levei um momento para perceber o porquê. Ele tinha notado o moletom de Devon em mim. Ele estava com ciúmes?

— Major, o que aconteceu? Quem sumiu? — Alec perguntou, a voz profissional enquanto se sentava na cadeira ao lado da minha. Esse Alec – Alec público – estava a anos-luz de distância da pessoa que conhecia quando estávamos sozinhos.

Phil começou a tomar seu chá casualmente, seus olhos me observando de lado como se eu fosse o entretenimento matinal. Por que ele estava tão fixado em mim quando havia coisas muito maiores à mão?

Major afundou pesadamente em sua cadeira. — Agente Stevens.

Soltei um pequeno suspiro. Fiquei feliz por não ser alguém próximo, mas imediatamente me senti mal por pensar assim. Stevens era um colega e quem sabia o que ele estava passando atualmente? O encontrei algumas vezes durante minha primeira missão, mas mal sabia nada sobre ele. Tomei consciência da temperatura congelante no escritório quando o frio do piso de linóleo penetrou em meus pés descalços e se espalhou pelo meu corpo. Ou talvez tenha sido minha ansiedade que transformou meu sangue em gelo.

Quem sabia o que seus captores o estavam fazendo passar? Ou quem atingiriam em seguida? Quatro agentes já haviam sido sequestrados e a FEA foi incapaz de detê-los. Estremeci e comecei a esfregar meus braços para me aquecer.

Alec pegou minha mão e uma onda de calma tomou conta de mim. Sorri agradecida. Enquanto Alec estivesse ao meu lado, tudo ficaria bem. Não sei como ele fazia isso, mas só sua presença sempre conseguia acalmar minhas preocupações.

— Senhor, o que exatamente aconteceu em Livingston? — Perguntei, mas Major levantou a palma da mão.

— Em um segundo, quando todos estiverem aqui. Não quero contar a mesma história duas vezes. — Ele tamborilou os dedos contra sua mesa, então parou abruptamente quando sentiu meus olhos nele. Major nunca parecia nervoso. Nunca.

Uma batida soou na porta e um momento depois Kate entrou, recém-

banhada, o cabelo loiro ainda molhado e bem vestida com roupas limpas.

— Tanner me informou sobre a situação, — ela disse na mesma voz profissional que Alec tinha usado antes. Ela se acomodou na única cadeira vazia – ao lado de Alec. Seus estranhos olhos acobreados encontraram os meus por um segundo antes de eu baixar meu olhar. Não queria fazer contato visual e assim permitir que ela lesse minha mente. Mas ela deve ter tido um vislumbre da noite passada, porque seus olhos se estreitaram um pouco para mim antes de dar a Alec um breve aceno de cabeça e um sorriso e se virar para Major.

— Agora, — Major começou. — Como disse antes, o agente Stevens desapareceu. Tudo o que sabemos é que ele não deu sua atualização de status habitual e não conseguimos contatá-lo por telefone ou e-mail. Dadas nossas experiências com desaparecimentos anteriores de agentes da FEA e os padrões semelhantes de todos os eventos recentes, acho seguro dizer que o Exército de Abel está envolvido.

— Mas senhor, o que o faz ter tanta certeza? Sabemos por que o Exército de Abel escolheu o Agente Stevens? Qual é o fator decisivo? Quais são as razões percebidas para as abduções? — Phil parecia um analista.

Os olhos de Kate cortaram para mim. Fiquei tensa. Por que ela estava me encarando assim?

— O principal objetivo deles é nos enfraquecer. A FEA é, e sempre foi, o inimigo. Até agora, eles sequestraram agentes que não moravam no quartel-general e, portanto, eram um alvo fácil. Acredito, no entanto, que suas táticas podem ter mudado. Se quiserem se fortalecer como organização, precisarão de reforços, Variantes com talentos úteis. A missão em Livingston pode ter revelado cinco novas variações muito interessantes para eles. — Seu olhar deslizou sobre nós e afundei mais na minha cadeira. Se o Exército de Abel realmente sabia tudo sobre nossos talentos, e tinha quase certeza de que sabiam sobre os meus, então estávamos todos em perigo. Alec apertou minha mão e um pouco da tensão deixou meu peito.

Phil assentiu com os olhos arregalados. Seu corpo inteiro estava tenso, a

xicara em sua mão tombando precariamente para o lado. Era apenas uma questão de tempo antes que ele derramasse o líquido quente em si mesmo.

Os dedos de Devon estavam ficando brancos de seu aperto no apoio de braço. Ele ainda não havia tocado no chá. Se seu estômago parecia com o meu, ele provavelmente estava com medo de regurgitar o que quer que tivesse comido no café da manhã.

— Estava esperando que o foco deles mudasse, que mirassem em vocês. Por isso que os fiz se juntar à FEA algumas semanas antes da data combinada, — Major disse com um aceno de cabeça para Devon e Phil. Eles inclinaram a cabeça em compreensão.

Como se eles, ou eu, soubéssemos o que diabos isso significava, como se tivéssemos a menor ideia do que o Exército de Abel era capaz.

— Mas ainda assim, se eles estavam atrás de nós, então por que levar o agente Stevens? — Perguntou Devon.

— Ele foi encarregado de protegê-los enquanto vocês ainda estava em Livingston. Ele sabia detalhes sobre suas Variações e suas vidas pessoais. Ele pode dar informações importantes sobre vocês cinco. Ele é o primeiro agente sequestrado que tem um certo grau de conhecimento interno que poderia nos prejudicar. — Major apertou os lábios em desaprovação como se não pudesse acreditar que o Agente Stevens tivesse ousado ser pego.

— Se ele lhes contar sobre seu poder de cura, — ele acenou para Devon — e sobre sua capacidade de produzir toxina... — ele olhou para Phil — tenho certeza que o interesse de Abel será despertado. Afinal, suas Variações são bastante úteis, — disse Major com um olhar apreciativo. Me perguntei se eles haviam notado a escolha de palavras de Major. *Útil.* Era um termo que ele adorava usar.

Phil parecia miserável. — Mas não consigo controlar minhas glândulas. — Ele esticou os braços, as palmas das mãos enluvadas para cima. — Não é como se eu fosse uma arma biológica ou algo assim.

Major esvaziou sua xícara com uma careta. — A dose geralmente não é

suficiente para matar um humano, você está certo. Pelo menos, não um adulto. Mas com treinamento e o incentivo certo, tenho certeza de que o Exército de Abel poderia transformar sua Variação em algo que vale a pena temer, — disse ele.

Meu rosto deve ter mostrado meu choque. Major me deu um olhar aguçado. — Esse é o problema com o Exército de Abel. Eles não hesitariam em usar seus talentos para matar e mutilar, enquanto a FEA quer ensiná-los a controlar suas Variações.

— Então você acredita que podemos ser os próximos, — disse Kate, uma pitada de impaciência em sua voz.

— Dado seu envolvimento na última missão e o interesse de Abel nesse caso, cheguei a essa conclusão, sim. As Variações reunidas nesta sala são valiosas demais para serem descartadas. Medidas de segurança apropriadas devem ser tomadas.

— Alec deve estar seguro, no entanto, você não acha? — Kate deu de ombros delicadamente. — Afinal, não há nada que ele possa fazer que uma máquina não faça em seu lugar. A força não é tão *valiosa*.

Não podia acreditar em sua audácia. Mesmo em uma situação como essa, quando os agentes estavam desaparecidos e todos nós éramos alvos em potencial, ela não tinha nada melhor a fazer do que continuar atacando Alec. Seus dedos ficaram tensos nos meus, mas seu rosto permaneceu uma máscara de pedra.

— Alec é um ativo muito importante, — disse Major bruscamente. *Discussão encerrada.*

Olhei para Kate, mas a expressão em seu rosto não era a que esperava – não rejeitada, bastante desafiadora. Kate nunca havia desafiado Major abertamente. O que diabos estava acontecendo?

— Até novo aviso, a sede da FEA estará em alerta máximo. *Vocês* estarão em alerta máximo. Temos que tomar todas as precauções necessárias para evitar que outro sequestro aconteça. Qualquer tipo de comportamento suspeito deve ser

relatado imediatamente. Estamos entendidos?

— Claro, — nós ecoamos como um. Me perguntei se os outros estavam tão confusos sobre o significado do comportamento suspeito quanto eu. Todos começaram a se levantar de suas cadeiras. Alec não parecia tão assustado quanto eu. Ele até conseguiu me dar um sorriso, embora geralmente mantivesse nossa interação romântica no mínimo.

— Alec, Kate. — A voz de Major açoitou a sala como um chicote. — Uma palavra com vocês. — Hesitei e olhei entre Alec, Kate e Major. Nenhum deles revelou nada.

Alec soltou minha mão com um sorriso de desculpas. — Até depois?

Balancei a cabeça e com um último olhar para ele, saí da sala depois de Devon e Phil, e fechei a porta atrás de mim. Um momento de estranheza se seguiu, quando meus olhos e os de Devon se encontraram. Então ele desviou o olhar.

— Vocês ainda precisam de um tour pela sede? — Perguntei.

— Não, — Devon disse rapidamente, embora Phil parecesse querer dizer sim. — Tanner nos deu um breve passeio em nosso primeiro dia.

— Oh. — Balancei a cabeça. — Tudo bem. Até mais tarde então. — Me virei, então percebi que ainda estava usando o moletom de Devon. Abri o zíper e entreguei a ele.

— Você vai sentir frio nos corredores, — ele disse, suas sobrancelhas se juntando. Seus olhos azuis estavam focados na ponta do meu nariz.

— Vou ficar bem. Obrigada. — Me apressei antes que o constrangimento aumentasse ainda mais.



Quando voltei ao meu quarto, Holly estava acordada e lendo um e-mail em nosso computador compartilhado. Mas assim que me ouviu, ela rapidamente

fechou a janela do navegador antes mesmo de eu fechar a porta – antes que pudesse ter um vislumbre do que ela estava lendo. Holly e eu não guardávamos segredos uma da outra.

— Ei, — ela disse sem se virar. A voz dela estava muito alta.

Estranho.

Andei até ela lentamente, esperando um vislumbre de algo em sua tela que me desse uma pista. Mas seu plano de fundo da área de trabalho - uma foto nossa em frente à árvore de Natal na sala comunal, usando chapéus vermelhos de Papai Noel e sorrisos enormes - era a única coisa que me cumprimentava.

— Tudo certo? — Perguntei, tocando seu ombro.

Ela ficou tensa, então colocou a mão sobre a minha e se virou na cadeira, me dando um sorriso. — Claro.

Procurei em seu rosto por algum tipo de sinal, mas não encontrei nada. Era o rosto alegre de Holly, o mesmo rosto que me fez passar por muitos momentos sombrios. Talvez toda essa conversa de alerta máximo de Major tivesse transformado minhas células cerebrais em mingau. Holly era a única pessoa ao lado de Alec em quem podia confiar completamente. Fim da história.

Afundei na cama e um momento depois, Holly se juntou a mim. — Ei você, por que o rosto sombrio?

Coloquei minha cabeça em seu ombro e lhe contei o que tinha ouvido sobre Stevens, e sobre as suspeitas de Major.

— Oh uau, suponho que é uma coisa boa que eu continue bagunçando minha Variação. Pelo menos, isso significa que não sou valiosa o suficiente para ser um alvo, — ela disse com uma risada. Mas mesmo isso soou estranho.

Levantei minha cabeça. — Holly, não sei o que eu faria se... — Engoli em seco. Até mesmo pensar nisso me fez engasgar. — … se algo acontecesse com você.

Ela piscou rapidamente, então me abraçou. — Oh, por favor. Estou segura. Você ouviu o que o Major disse. Apenas variantes úteis devem se preocupar. Ainda não consigo controlar minha invisibilidade. — Ela se afastou e mudou de

assunto. — Então! Você passou a noite com Alec?

— Sim, — disse, sentindo um rubor subir pelo meu pescoço. Queria compartilhar cada detalhe com ela, mas ao mesmo tempo queria manter o meu relacionamento com Alec mais próximo possível de mim.

Ela sorriu, então seus olhos voltaram para o laptop. Um pequeno envelope apareceu e depois desapareceu. Um novo e-mail.

— Para quem você está enviando um e-mail? — Perguntei casualmente, mas um sentimento de preocupação se infiltrou em meu cérebro. Não podia suportar a ideia de Holly fazer algo sem me dizer.

Ela continuou olhando para o laptop antes de finalmente se virar para mim. Lágrimas brotaram em seus olhos.

— Holly, o que há de errado?

Seu olhar caiu para seu colo, onde ela estava torcendo as mãos. — É... — Ela começou, então suspirou profundamente. —… são apenas meus pais. Minha mãe me mandou um e-mail me dizendo que papai perdeu o emprego. Ela conseguiu um emprego de meio período, mas não pode fazer mais. Alguém tem que cuidar dos meus irmãos e irmã. Noah tem estado muito doente. O remédio dele é caro. — Holly tinha dois irmãos mais novos e uma irmã mais nova, e seus pais sempre lutaram para sobreviver.

— Tenho certeza que ele vai encontrar um novo emprego em breve, — assegurei a ela.

— Eu deveria estar lá para ajudá-los. Ainda levará alguns anos até que realmente ganhe dinheiro decente como agente.

Isso me fez hesitar. De alguma forma, estar com a FEA sempre parecia mais um modo de vida - até agora, tinha sido mais uma escola do que um trabalho, mas Holly estava certa. Como agentes de pleno direito, receberíamos um bom dinheiro pelo nosso trabalho. Até agora, nosso pagamento era mais como uma mesada. No entanto, recebi um aumento de salário pela minha primeira missão real. Tinha esquecido de mencionar isso para Holly até agora e não achei que fosse a melhor hora também.

— Posso te dar o dinheiro. Guardei uma quantia decente.

— Não, — disse Holly imediatamente. — preciso de mais do que isso.

— Talvez você possa perguntar a Major se ele pode ajudar. Quero dizer, estamos praticamente fazendo essa coisa de agente estagiário em tempo integral, então podemos ser pagos melhor por isso.

— Não acho que Major concordaria. Mencionei isso uma vez, mas tive a sensação de que ele preferiria que rompesse os laços com eles.

— Tem certeza? Isso soa tão insensível.

— Você sabe que ele não se importa muito com pessoas normais. E olhe ao redor, a maioria dos agentes da FEA são órfãos ou foram abandonados por seus pais. Sou praticamente a única que mantém contato com a família, exceto Kate e os poucos outros com pais Variant.

Ela tinha um ponto.

— Talvez você possa perguntar a Major novamente? Ou eu poderia pedir a Alec para falar com ele. Major ouve Alec.

Holly balançou a cabeça rapidamente. — Não, não. Vou ter que descobrir outra maneira. Gostaria de poder morar com eles por um tempo e ajudar a cuidar dos meus irmãos para que minha mãe possa trabalhar em tempo integral. Mas Major nunca concordaria.

A FEA nos afastou de nossas famílias. Major parecia pensar que era dever de todo pai entregar seu filho com orgulho. Mas se ele esperava que servíssemos à FEA, deveria pelo menos se certificar de que nossas famílias estivessem bem. Me perguntei se alguns pais já haviam se recusado a enviar seus filhos para a FEA, mas de alguma forma já sabia a resposta. Não acho que Major sabia o significado de 'não'.



CAPÍTULO 04

Naquela noite, Holly, Alec, Tanner e eu nos sentamos ao redor de uma mesa na sala comunal, jogando pôquer. Holly já parecia muito mais alegre, graças às piadas de Tanner. Vendo-os sentados um ao lado do outro: ele com seu moicano verde e piercing no septo, e ela com seu cabelo ruivo curto, eles pareciam muito fofos juntos. Sabia que a admiração deles era mútua, mas além de um beijo estranho meses atrás, eles ainda não tinham feito um movimento. Não tinha certeza de qual era o problema deles.

Enquanto isso, Alec continuava tocando minha mão, meu joelho, minha coxa debaixo da mesa sempre que não precisava jogar uma carta. Parecia que ele não conseguia parar de me tocar, e isso me deixou ridiculamente feliz.

— Então, qual é realmente o negócio com o Exército de Abel? — Holly perguntou enquanto distribuía cartas.

— O que você quer dizer? — Tanner perguntou distraidamente enquanto separava sua mão. — Achei que você já conhecia a essência. Eles romperam com a FEA décadas atrás e estão fazendo suas próprias coisas. Principalmente coisas ilegais.

— Sim, mas o que exatamente eles estão fazendo?

— Eles estão trabalhando pelo maior lance. A máfia russa, italiana, chinesa, terroristas internacionais – quem pagar mais, — Alec respondeu com

um olhar intenso para suas cartas. Mas algo me disse que as cartas não eram o motivo de ele ficar tenso.

— Mas se eles trabalham para todos os tipos de gângsteres, como podem manter as Variantes em segredo? Se eles se preocupam tanto com dinheiro, alguém não os teria subornado ou chantageado e vendido o conhecimento para um jornal ou estação de TV? — Disse.

Alec colocou algumas batatas fritas na boca, considerando o quanto deveria nos dizer. — Você deve saber que o que estou lhe dizendo agora são apenas rumores. Não tenho certeza, mas ouvi dizer que o Exército de Abel tem uma Variante em suas fileiras que pode alterar ou até remover memórias. A capacidade de fazer lavagem cerebral instantaneamente em alguém.

— Puta merda, — disse Holly.

Tanner assentiu com a cabeça, mas não parecia que as palavras de Alec fossem novidade para ele. Estava atordoada demais para dizer qualquer coisa. Sempre brinquei com Holly que adoraria conhecer alguém que pudesse apagar algumas das minhas memórias menos agradáveis, como quando minha mãe me disse que não deveria ligar para ela nunca mais ou que era uma aberração e tinha arruinado sua vida, ou todos os caras bêbados e confusos que ela namorou quando eu era criança. Mas era assustador considerar que alguém poderia fazer isso – mudar minhas memórias, roubar partes inteiras da minha vida, então era como se elas nunca tivessem acontecido. Alec estava me observando como se soubesse exatamente o que estava passando pela minha mente. Sua infância tinha sido cheia de desgosto assim como a minha.

A porta da sala comunal se abriu e Phil e Devon entraram. Eles olharam hesitantes para a nossa mesa, aparentemente inseguros se poderiam se juntar a nós.

— Ainda temos espaço para mais jogadores, — disse Tanner. Ele apontou para a máquina de venda automática no fundo da sala, atrás dos sofás e da TV de tela plana. — Peguem algumas provisões!

— Nós não temos nenhum dinheiro conosco, — disse Devon enquanto

caminhava em direção à máquina de venda automática.

— Você não precisa de dinheiro para bebidas, — disse Holly. — Elas são de graça! A máquina de venda automática é apenas para enfeite.

Phil e Devon pegaram suas bebidas enquanto Tanner cuidava das cadeiras. Ele levantou a mão e imediatamente as cadeiras pretas dobráveis encostadas na parede ao lado da máquina de venda automática começaram a flutuar em nossa direção. Phil e Devon assistiram ao show de Tanner com óbvia admiração. Revirei os olhos para Tanner, mas ele apenas piscou e cuidadosamente baixou as cadeiras para o chão ao lado da nossa mesa. Devon sentou-se à minha frente e os olhos de Alec dispararam entre Devon e eu com intensidade inquisitiva. Alec não gostava de Devon. Eles mal tinham falado duas frases desde que Devon se juntou à FEA. Por mais implausível que fosse, suspeitei que Alec pudesse estar com ciúmes dele.

Peguei a mão de Alec debaixo da mesa e apertei. Uma sombra de barba por fazer apareceu em sua mandíbula. Queria pressionar minha bochecha contra ela. Adorava a sensação do formigamento, especialmente quando esfregava contra a parte interna das minhas coxas. Seu sorriso se alargou como se ele soubesse exatamente o que eu estava pensando.

— Então você é o cara tóxico, certo? — Tanner perguntou enquanto entregava cartas para Phil. Só Tanner poderia dizer algo assim sem parecer rude.

Um rubor profundo se espalhou pelo rosto pálido de Phil. Era óbvio que ele não estava acostumado a atenção, ou a sair com os amigos.

Ele tirou as luvas pretas sem dedos que usava a maior parte do tempo. Havia pequenas glândulas embutidas no local onde a palma da mão encontrava o pulso. Pareciam glândulas lacrimais, só que um pouco maiores. Talvez fosse de nervosismo, mas elas já estavam cobertas de veneno.

— Então, se tocá-lo, vou adormecer? — Holly perguntou, a ponta do dedo a uma polegada da glândula.

Tanner ficou tenso ao seu lado. — Holly, — disse em advertência.

— Você provavelmente desmaiaria, — Phil disse rapidamente. A suas

próximas palavras, ele baixou os olhos. — Ou entraria em coma. — Ele colocou as luvas de volta, seus dedos tremendo.

— Bem, tenho certeza que Devon poderia salvar o dia, — disse Alec com um sorriso forçado.

Devon deu de ombros. — Provavelmente poderia. — Nossos olhos se encontraram e as memórias caíram sobre mim. Ele estava pensando na vez que salvou minha vida em Livingston?

— Vamos começar este jogo. Preciso recuperar meu dinheiro, — disse com alegria forçada.

Já passava da meia-noite quando paramos de jogar e finalmente voltamos para nossos quartos. Mais precisamente, só fui ao meu quarto para vestir um short de pijama e um top antes de correr de volta para o quarto de Alec. Minhas bochechas ainda estavam brilhando pelo jeito que Holly mexeu as sobrancelhas para mim enquanto eu saia.

Encontrei Alec já sentado em cima das cobertas de sua cama, puxando uma camisa sobre a cabeça. Toquei a longa cicatriz escondida sob a tatuagem de dragão em seu ombro direito, interrompendo seu movimento.

— Quando você mencionou aquela Variante que podia alterar e remover memórias, pensei em todas as coisas da minha vida que queria esquecer. E me perguntei se pediria, você sabe, para apagar algumas partes da minha vida. — Tracei a cicatriz enquanto cruzava os olhos com Alec. — Você faria isso?

Alec pegou minha mão e beijou minha palma, seus lábios quentes contra minha pele. Seus olhos cinza estavam sérios. Com ele sentado na cama e eu na sua frente, estávamos quase da mesma altura. — Não, — ele disse calmamente. — Eu não faria isso. O passado me fez quem sou. — Isso era uma coisa tão Alec para dizer.

— Mas dói lembrar. Saber que nossos pais não nos queriam por causa do que somos. Que não se importavam com o que aconteceria conosco, desde que isso significasse que poderiam se livrar de nós.

Alec me puxou para seu colo. Montei nele, minhas mãos descansando em

seus ombros. — Dói, e isso nunca vai mudar. Mas lembrar é o que me impedirá de me tornar como eles. Suas ações me fizeram querer ser melhor.

Pressionei minha testa contra a dele e fechei meus olhos. — Pode ser. Mas às vezes me sinto como um cachorro correndo atrás do rabo. Como se estivesse procurando por algo que nunca terei, só que ainda não percebi — murmurei.

Alec balançou a cabeça em desacordo. — Você terá sua própria família algum dia.

— Sim, — assenti, mas sabia que não era o mesmo que ter pais e irmãos amorosos. — Às vezes você se pergunta o que eles estão fazendo agora?

— Não, porque sei que eles também não estão pensando em mim.

— Então você nunca pensa em contatá-los novamente? Talvez eles sintam sua falta.

Ele não respondeu de imediato e, por um momento, me perguntei se deveria ter trazido esse assunto à tona. — Não. Não posso perdoá-los pelo que fizeram e não quero. Não preciso deles. Tenho a FEA e tenho você.

Isso era o que sempre tentava dizer a mim mesma também, mas às vezes me perguntava se estava apenas mentindo para mim mesma.

Um bocejo escapou da minha boca. — Hora de dormir, — disse Alec. Ele se deixou cair de volta na cama e me levou com ele. Me deitei em cima dele e deixei o sono tomar conta de mim, banindo meus pensamentos sombrios.



CAPÍTULO 05

Sabia que era apenas uma questão de tempo até que tivesse que enfrentar Kate. Mas quando ela bateu na minha porta no dia seguinte, não pude fazer nada além de olhar para ela, meus dedos agarrando a borda da porta. Ela era apenas alguns centímetros mais alta que eu, mas sempre conseguia me fazer sentir pequena em mais de uma maneira. Como sempre, ela estava perfeitamente arrumada; cabelo loiro em um rabo de cavalo, usando calça preta e uma blusa branca. Estava vestindo uma calça de moletom cinza e uma camiseta amarrotada.

— Oh, oi, — disse estupidamente. Holly estava dando voltas na piscina e de repente desejei ter ido com ela para evitar esse confronto.

O rosto de Kate estava cuidadosamente controlado, seus olhos cor de âmbar acobreados ilegíveis. Se ela queria me estrangular, fez um trabalho muito bom em esconder isso. — Nós precisamos conversar. — Ela olhou por cima do meu ombro para o quarto vazio. — Você vai me convidar para entrar ou não?

Me inclinei fortemente para ‘ou não’, mas teria sido infantil e preferiria acabar essa conversa. Dei um passo para trás e abri a porta o suficiente para ela entrar.

Sem outra palavra, Kate entrou e pairou no meio do quarto. Seus olhos viram os pôsteres de Alien e Freddy Krueger pendurados sobre minha cama. Ela

assentiu presunçosamente. — Então foi daí que Alec tirou seu mau gosto.

Engoli um comentário mal-humorado. Ela só queria me irritar e não lhe daria essa satisfação. Fiquei perto da porta para o caso de ter que fugir rapidamente. — Kate, sinto muito pôr como as coisas aconteceram. Eu...

— Não, você não sente, — Kate me interrompeu. — E não finja o contrário. Você anseia por Alec há anos e agora finalmente conseguiu o que queria.

— É verdade. Mas isso não significa que não sinto muito pelo que você perdeu.

— Não. — Ela balançou a cabeça com força, mas nem um único fio escapou de seu rabo de cavalo. Meus cachos estariam por toda a parte. — Não ouse sentir pena de mim. Sou uma garota grande. Não estou chorando até dormir porque Alec me deixou. Há outros peixes no oceano. Peixes maiores.

Ainda estava segurando a maçaneta da porta. Não era tarde demais para expulsar Kate. — Então por que você está aqui? — Eu perguntei.

— Olha, Tessa, vim aqui para te dar um aviso.

Deixei cair minha mão da maçaneta. — Aviso?

Um sorriso ressentido cintilou em seu rosto. — Acho que você não deveria entrar nesse... relacionamento com Alec cegamente. Você merece saber toda a verdade.

— Que verdade? — Não acreditava que Kate tinha vindo aqui para me ajudar. Ela estava aqui para criar uma barreira entre Alec e eu. Mas estava perdendo seu tempo, nada poderia abalar minha confiança em Alec.

— Alec está mentindo para você desde o primeiro dia. Ele está te manipulando...

Balancei minha cabeça. — Você está só com ciúmes que ele te deixou por mim. Não tenho que ouvir suas mentiras. Deveria saber que você estava planejando isto.

— Se você acha que estou aqui porque estou com ciúmes, é ainda mais delirante do que eu pensava, — disse Kate com um sorriso de escárnio. — Diga-

me: em todos os anos que você conhece Alec, nunca sentiu que algo estava errado, nunca teve uma pontada de suspeita? — Ela examinou meu rosto e um canto de sua boca se curvou.

A raiva deslizou pela minha barriga com seu tom e palavras. Que razão eu teria para suspeitar de Alec? Meus dedos agarraram a bainha da minha camiseta. Queria arranhá-la. — Conheço Alec melhor do que você, melhor do que ninguém.

— Oh, por favor! — Kate bufou, seus olhos cruéis e impiedosos. — Sabia que ele a tinha enrolada em seu dedo mindinho. Mas isso? É ridículo.

— Kate, fale com alguém que se importa com suas besteiras. — Abri a porta, determinada a sair, mas Kate agarrou meu braço, suas unhas cravando em minha pele. O cheiro de seu perfume floral inundou meu nariz.

Uma dúzia de imagens de autodefesa passaram pela minha cabeça, mas as afastei. Uma briga com Kate não levaria a nada. Eu estava acima de seus jogos. — Me deixe ir.

— Você vai ouvir o que tenho a dizer e vai ouvir bem, — ela sussurrou, tendo descartado completamente sua máscara agradável, seu rosto uma careta de raiva. — O que quer que esteja acontecendo entre Alec e você, está condenado. Porque não importa o que pense, você não sabe nada sobre ele.

Tentei afastá-la, mas seus dedos apertaram meu braço. Ela bateu a porta e meu cabelo bateu no meu rosto com a força disso. Pisquei para a superfície branca e lisa da porta, forçando-me a respirar calmamente. Estávamos sozinhas no quarto mais uma vez. Um arrepio percorreu meu corpo. Nada que ela dissesse quebraria minha confiança em Alec. *Nada*, jurei a mim mesma.

Mas suas palavras suaves se infiltraram na minha cabeça. — Ele está mentindo para você todos esses anos. Alec é uma variante dupla e nunca te contou e nunca contará.

Minhas pernas estavam fracas. Se Alec fosse uma Variante Dupla, isso significaria que ele tinha uma segunda Variação – uma que havia escondido de mim o tempo todo. Me afastei dela, minhas costas batendo contra a madeira dura

da porta, e ela me soltou.

— Ele não é. Você não sabe do que está falando, — protestei. Alec não teria escondido uma Variação de mim... teria?

Kate balançou a cabeça com um sorriso de escárnio. — Ainda ansiosa para defendê-lo. Mas deixe-me dizer-lhe uma coisa. Alec não é apenas forte; ele é um empata. Ele pode controlar as emoções. Pense nisso. Quando você está com ele, tem certeza de que sentiu o que sentiu?

— Você está mentindo, — sussurrei, mas parecia que algo estava preso na minha garganta.

— Sempre que você sente algo perto de Alec, ele sabe. E se não gosta de suas emoções, ele tem a capacidade de mudá-las. Ele pode te fazer sentir exatamente o que ele quer que você sinta. Pode te manipular, e acredite, Tessa, ele já fez isso no passado. Tem certeza de que suas emoções são suas?

Senti como se tivesse sido emboscada. Não podia acreditar no que estava ouvindo. — Vá, — resmunguei.

— Acorde, Tessa. Era hora de alguém lhe dizer a verdade. Acredite em mim, Alec e Major teriam te mantido no escuro para sempre. — Algo cintilou em seu rosto, talvez preocupação ou arrependimento, como se ela percebesse que não deveria ter me contado tanto quanto contou.

Além de Alec, Major provavelmente teria um ataque se descobrisse. Sem outra palavra, Kate saiu do quarto. Pressionei meu rosto contra a madeira fria e caí de joelhos quando a porta se fechou.

Tentei me convencer de que ela havia mentido, que suas palavras haviam sido resultado de ciúmes, sua forma de vingança, mas a semente da dúvida havia sido plantada, e agora estava apodrecendo. Alguns meses atrás, quando Alec e Major me acompanharam pela primeira vez na missão Livingston, senti como se alguém estivesse tentando manipular minhas emoções. Mas atribui isso ao nervosismo. E se Alec tivesse usado sua Variação para me acalmar naquela época? E essa não foi a única vez que me senti magicamente calma na presença de Alec. Não era nada mais do que um truque? Ele estava usando sua Variação

comigo? E o que mais ele tinha feito sem que eu percebesse? Como poderia ter certeza se alguma coisa que sentia perto de Alec era verdade? Cada lembrança, cada beijo, cada sorriso... tudo parecia contaminado agora.

Fechei os olhos, tentando colocar o turbilhão de emoções e pensamentos do meu corpo em ordem. Cerrei meus punhos e cambaleei em meus pés. Não queria acreditar. Mas no fundo, sabia que sempre havia algo errado com meus sentimentos quando estava perto de Alec. Comecei a tremer e a náusea tomou conta de mim. Se não pudesse confiar na única pessoa que pensei que poderia amar completamente, o que restava? Holly. Tinha que falar com Holly.

Abri a porta e espiei o corredor para me certificar de que Kate tinha ido embora. Não queria que ela visse o quanto suas palavras haviam me abalado. O corredor estava vazio. Saí e desci correndo as escadas em direção à piscina. O perfume de Kate ainda grudava em minhas roupas, assim como suas palavras grudaram em minha mente. Uma mulher da equipe de limpeza desapareceu na lavanderia e esperei até que ela fechasse a porta antes de passar e entrar na piscina.

Holly estava fazendo movimentos de nado borboleta. Seu cabelo ruivo aparecia dentro e fora da água, seus movimentos fluidos e rápidos. Ela não me viu enquanto me agachava na beira da piscina. Minhas mãos e pernas ainda tremiam, mas me sentia um pouco mais calma. Dez minutos se passaram até que Holly finalmente parou em uma extremidade da piscina. Ela tirou os óculos amarelos neon e imediatamente me viu. Seu rosto se abriu em um sorriso, mas logo ele desapareceu. Suas sobrancelhas marrons estreitas se juntaram enquanto ela nadava em direção à escada e saía. Minhas pernas doíam quando me endireitei do meu agachamento para lhe entregar uma toalha. Seus olhos nunca deixaram meu rosto enquanto ela secava o cabelo.

— Aconteceu alguma coisa entre você e Alec?

— Tipo isso. Kate e eu conversamos, — disse lentamente, tentando evitar que a preocupação colorisse minha voz.

Mas minhas emoções estavam bem abaixo da superfície; Holly

provavelmente podia vê-las brilhando através da minha pele como sinais de néon.

— Oh não. O que ela fez?

Quando ela jogou a toalha no cesto, não pude deixar de olhar para além do cesto, para aquele ponto no chão. Foi ali que Alec me encontrou algumas semanas depois que entrei para a FEA, chorando histericamente porque minha mãe disse que eu nunca deveria ligar para ela novamente. Alec me consolou naquele dia e inúmeras outras vezes desde então. O que havia parado minhas lágrimas a cada vez, suas palavras ou sua Variação? E todas as vezes que ansiei por seu toque em sua presença? Ele tinha sentido isso?

— Tessa? — Holly tocou meu braço, deixando impressões digitais de água na manga da minha camiseta.

Saí dos meus pensamentos e me afastei do cesto. A água batia na borda da piscina apenas para ser sugada de volta para o sistema de filtro. Desabei em um banco contra a parede e Holly afundou ao meu lado, tremendo apenas em seu biquíni amarelo.

— Derrame, — ela exigiu, e lhe contei tudo o que Kate tinha dito.

A cada palavra, minha voz ficava mais alta, e parecia que uma bolha estava se formando dentro do meu corpo e pronta para estourar. Quando terminei, respirei fundo. Esperava, *esperava que* Holly risse e me dissesse como era ridícula, mas ela não o fez. Seus olhos ficaram distantes, uma carranca vincando suas sobrancelhas.

— Kate pode estar com ciúmes, e certamente quer machucar Alec, mas por que inventaria algo assim? — Ela disse suavemente.

Balancei a cabeça. — Não é só isso. Às vezes, quando estou perto de Alec, meus sentimentos mudam rapidamente para melhor, sabe? Sempre pensei que era por causa dele, por causa dos meus sentimentos por ele, mas…

— Mas agora você não tem mais certeza, — ela terminou a frase para mim.

Holly mordeu o lábio inferior. A água escorria em riachos estreitos sobre

seu rosto e braços. Ela provavelmente ficaria resfriada se a impedisse de trocar de roupa por muito mais tempo.

— Você sabe como minha Variação está sempre bagunçando? — Assenti; claro, eu sabia.

— Major me fez fazer todas essas aulas adicionais com Summers, mas elas não ajudaram muito. A cada aula, me sentia mais um fracasso total e continuava errando ainda mais. Mas então um dia Major enviou Alec no lugar de Summers, e magicamente meu humor e minha Variação melhoraram. Lembra que disse depois como as aulas foram incríveis naquele dia?

Não me movi. Lembrei-me. Holly não tinha perdido o controle de sua Variação nenhuma vez naquele dia. Ela estava mais feliz do que eu já a tinha visto.

— Me senti calma e segura de mim mesma, e de repente minha invisibilidade funcionou sem falhas. Achei que era porque Alec não me deixava tão nervosa quanto Summers, mas agora que penso nisso, não tenho certeza se minhas emoções naquele dia foram inteiramente minhas.

Olhei para minhas palmas, que estavam vermelhas de apertar minhas mãos. — Parece exatamente como o que experimentei.

— Eu-hmm... talvez. — Holly estava procurando explicações, desculpas, mas não havia nenhuma. — Você acha que Major sabe?

Sorri sem graça. — Major sabe tudo.

Holly assentiu. — Sim, ele provavelmente acha que não precisamos saber. Ele sempre sabe melhor. — A última parte soou com amargura. Eu entendia. Realmente entendia. Estava tão cansada de ser tratada como uma agente de segunda classe, como se não pudesse lidar com o mesmo conhecimento que Major ou Alec ou mesmo Kate poderiam.

— Tenho que falar com Alec.

— Você tem certeza? Se você confrontar Alec, ele vai te dar uma resposta, quer goste ou não. — Holly passou o braço a minha volta. Estremeci quando minhas roupas ficaram encharcadas e o frio rastejou em meu corpo.

— Eu sei. Mas tenho que saber com certeza. Tenho que ouvi-lo dizer isso. Não posso simplesmente esquecer o que Kate disse. Quem sabe, talvez haja uma explicação.

— Ok, — ela disse lentamente, parecendo duvidosa. — Você precisa de apoio?

— Não, — disse. Levantei-me. Seu braço escorregou do meu corpo. — Vista-se e certifique-se de não pegar um resfriado.

Holly me deu um pequeno sorriso encorajador quando me virei e fui para o quarto de Alec, mas ela não conseguiu tirar a dúvida de seu rosto.



CAPÍTULO 06

Meus dedos tremiam quando cheguei na frente da porta branca do quarto de Alec. Alec e eu tínhamos planejado originalmente nos encontrar em duas horas para jantarmos juntos no refeitório. Levei meu punho contra a porta, mas não bati, apenas descansei meus dedos contra a superfície lisa. Talvez Holly estivesse certa. Talvez não devesse falar com Alec. Mas como poderia fingir que nada tinha acontecido?

— Alec está no dojo.

Virei minha cabeça. Tanner estava atrás de mim, usando roupas de ginástica, coberto de suor, uma toalha pendurada no pescoço. Dois caras estavam alguns passos atrás dele. Um deles era Ty, o irmão mais velho de Tanner. Ele tinha vinte e poucos anos e estava em uma missão no Afeganistão ou no Irã ou algo assim até muito recentemente. Ele se parecia muito com Tanner, a mesma pele escura, membros longos, olhos amendoados, mas havia raspado todo o cabelo e seu nariz era um pouco torto, como se tivesse sido quebrado e não tratado adequadamente. O brilho em seus olhos era distante. Não reconheci o cara atarracado e musculoso ao lado dele.

Depois de um aceno rápido na direção deles, me virei para Tanner. — Huh? O que você disse?

— Alec está dando aulas de kickboxing para Devon e Phil no dojo. Ele

ficará lá por pelo menos mais meia hora, — disse ele. Havia uma pitada de curiosidade em sua voz.

— Ah, obrigada. — Forcei meus lábios em um sorriso.

Tanner parou de esfregar a toalha sobre seu moicano. Os caras devem ter percebido o constrangimento crescente porque se desculparam e foram para seus quartos.

— Algo errado? — Perguntou Tanner.

Balancei minha cabeça. — Não. Estou bem.

— Tem certeza?

— Sim, tenho certeza, — disse. — Só preciso falar com Alec. Obrigada por me dizer onde encontrá-lo. — Passei correndo por ele, mas praticamente podia sentir seus olhos queimando nas minhas costas. Se estava agindo assim ao redor de Tanner, era improvável que pudesse esconder meus sentimentos de Alec.

Quando cheguei ao térreo, já podia ouvir a respiração ofegante e o som de alguém chutando e batendo no saco de pancadas. Hesitei na porta do dojo, sem saber se era uma boa ideia. Alec sempre foi a única coisa na FEA com quem podia contar. Este poderia ser o fim do meu relacionamento com Alec, da coisa que ansiava desde que entrei na FEA. O que faria se isso desaparecesse?

O cheiro familiar do dojo me deu boas-vindas: borracha dos novos colchonetes verdes misturado com o odor pungente de suor. Passei tanto tempo cercada pelo cheiro que nem me incomodava mais.

Alec estava tirando suas luvas de boxe e começou a desembrulhar a fita protetora de seus dedos quando olhou na minha direção. Ele me deu um sorriso rápido antes de se voltar para Devon, que estava socando o saco, seu rosto furioso e determinado. Phil estava sentado em um dos tapetes verdes no chão, com os braços em volta dos joelhos. Sua cabeça estava vermelha como tomate, suas roupas encharcadas de suor. Era óbvio que ele não estava em forma como Devon e Alec. As roupas de ginástica pendiam frouxamente em seu corpo esguio, o tamanho era grande demais para ele.

Quando Devon parou de bater no saco de pancadas, olhou na minha direção, mas tão rápido quanto seu olhar se fixou em mim, ele se afastou.

O sorriso que estava brincando nos lábios de Alec morreu. Ele podia sentir meu tumulto interior? Os olhos de Alec pousaram nos meus, e nossos arredores se tornaram um borrão. Podia ouvir Phil falando, podia vê-lo lutar para ficar de pé pela minha visão periférica, mas nada conseguia penetrar o zumbido em meus ouvidos.

Alec disse algo para Devon e Phil, que olharam para mim brevemente antes de pegarem toalhas e garrafas de água, e caminharam em minha direção, então saíram pela porta. Quando eles se foram, Alec se moveu em minha direção. Suas mãos ainda estavam com fita adesiva, mas ele não se incomodou em desembrulhá-las ainda mais.

— Qual é o problema? — Ele perguntou baixinho quando parou na minha frente. Observei seus olhos cinza, procurando um indício de algo, qualquer coisa que me impedisse de dizer o que estava prestes a dizer. Ele tocou meu ombro. — Tess?

Dei um passo para trás para que sua mão escorregasse de mim. Não conseguia me concentrar quando ele estava me tocando. Podia ver a confusão em seu rosto, mas havia algo mais misturado com isso. Compaixão? Compreensão? Arrependimento? Ou talvez estivesse apenas procurando por coisas que não estavam lá.

— Kate foi ao meu quarto hoje. Ela me contou tudo sobre você, — disse. Estava orgulhosa por conseguir evitar que minha voz rachasse. Lutei contra a vontade de cruzar os braços na frente do peito, criando um escudo entre Alec e eu.

Ele congelou, sua expressão passando de choque para raiva e depois para pavor. — O que ela disse?

— Ela me disse que você está escondendo algo de mim todo esse tempo, que você é uma Variante Dupla e que sua Variação secreta é ler e *manipular* as emoções de outras pessoas.

Alec olhou para mim, cada músculo de seu corpo tão tenso que parecia que iria entrar em combustão. — Eu... — Alec ficou sem palavras. Isso era algo que não tinha visto antes. E isso, mais do que qualquer outra coisa, me fez perceber que Kate não mentiu.

— Diga-me a verdade, — disse baixinho. Podia ver em seu rosto que ele estava lutando para inventar uma mentira, e parte de mim queria que o fizesse. Talvez pudesse fingir que minha conversa com Kate nunca existiu. Talvez pudesse fingir que Alec não tinha guardado um segredo de mim. Mas não faria isso comigo mesma. Eu valia mais do que isso. Aguentei o suficiente enquanto ele estava dividido entre Kate e eu.

Alec abaixou a cabeça, a tensão vazando de seu corpo. — É verdade. Sou uma variante dupla. Major achou que seria sensato manter minha habilidade em segredo, já que era algo que as pessoas geralmente não aceitam.

Sem brincadeiras. — Todo mundo sabe sobre a Variação de Kate. Acho que poderiam ter lidado com a sua também. — Era mais fácil falar sobre isso em termos gerais, mas outras questões queimavam em meu peito. Perguntas que estava com medo de obter as respostas.

Alec começou a mexer distraidamente em sua fita. Ele estava ganhando tempo? Considerando mais uma vez o quanto me dizer? — Kate não tem uma segunda Variação que poderia esconder atrás de sua leitura mental. Major não teve escolha a não ser deixar todo mundo saber, — disse ele finalmente. — E as pessoas estão mais preocupadas em esconder suas emoções do que seus pensamentos pela minha experiência. — Ele deu um passo mais perto mais uma vez, mas não tentou me tocar. — Eu queria te contar. — Seu rosto parecia tão sério e suplicante, meu coração deu um baque. Mas desta vez não deixaria isso me transformar em uma tola.

— Então por que você não contou? — Exigi, a raiva lenta mas firmemente tomando o lugar da minha mágoa.

— Major me proibiu. Ele achou que isso colocaria em risco nossa comunidade. — Ele hesitou, como se houvesse mais, e minha raiva aumentou

ainda mais.

— Você deveria ter me contado quando começamos a namorar. Eu tinha o direito de saber. — Cerrei meus punhos. — Eu *confiei em* você, Alec. Quando estava quebrada e achei que nunca poderia confiar em ninguém depois de como minha mãe me tratou, você me devolveu minha capacidade de confiar.

Sua expressão se tornou suplicante. — Eu sei, e sinto muito. Mas não tinha permissão, e sabia que você odiaria se soubesse que podia ler suas emoções.

— Sim, você sabia o quanto eu odiaria e foi por isso que ficou feliz que a ordem do Major lhe deu uma justificativa para não fazê-lo. Pelo menos admita isso.

— Não, — disse ele. Ele agarrou minhas mãos. — Odiei ter que mentir para você. Você tem que acreditar em mim.

Eu queria acreditar nele. Mas isso não mudava o fato de que ele violou minha privacidade sem meu conhecimento nos últimos três anos. — Então você sempre soube o que eu estava sentindo? E mesmo agora pode ler minhas emoções, certo?

Nós nos encaramos. Ele baixou o olhar e suspirou. — Sim. Mas não é algo que possa simplesmente desligar. Mesmo que não queira, e acredite em mim, na maioria das vezes ficaria feliz em ser poupado de ter que lidar com as emoções de todos o tempo todo. Às vezes consigo sintonizar, mas nem sempre é fácil.

Tentei imaginar como deveria ser, ser dominado pela miríade de emoções das pessoas ao meu redor, com seus medos e preocupações. Às vezes mal podia suportar ver a tristeza no rosto de Holly. Quão pior seria se pudesse realmente senti-la como se fosse minha? Uma pequena parte de mim sentiu pena de Alec, mas a maior parte se agarrou à minha raiva.

— Você já me manipulou? — Perguntei. A ideia de que ele poderia ter feito isso quando fomos íntimos realmente me fez querer me esconder em um profundo buraco.

— Poderia manipular as emoções das pessoas se tentasse, — ele disse lentamente. — Mas seria uma violação das regras da FEA, você sabe disso.

— Isso não significa que nunca fez isso. Responda a minha pergunta. Sim ou não. Você já me manipulou? — *Por favor, diga não,* pensei. Mas sabia que ele estaria mentindo se o fizesse.

— Só para o seu próprio bem. Eu queria ajudá-la, — ele disse relutantemente. — Não aguentaria te ver com medo. E não deveria ter feito isso.

— São *minhas* emoções. Posso lidar com elas.

Alec balançou a cabeça em desespero. — Tess, — ele sussurrou. — Realmente sinto muito.

Sente muito que descobri? Me perguntei, mas não disse isso. Como poderia ter certeza sobre qualquer coisa ao redor dele?

— Você não confia em mim, — disse ele.

— Você acabou de reunir isso dos meus sentimentos? — Perguntei sarcasticamente.

Ele caiu contra a parede do dojo. Seus olhos pareciam cansados. — Sei que você está chateada, mas mesmo se não pudesse ler suas emoções, saberia pela expressão em seu rosto.

Envolvi meus braços em volta do meu peito, como se isso pudesse impedi-lo de olhar para o meu coração, de ver tudo o que não queria que ele ou qualquer outra pessoa soubesse. Pensei em todas as vezes que o desejei e em todas as noites que imaginei beijá-lo. Mesmo agora, pensar em como ele deve ter sentido meu desejo por ele toda vez que estávamos perto me fez querer correr e me esconder da vergonha. Mas e se ele fosse responsável por meus sentimentos?

— Então você nunca me fez sentir algo que não senti? — Sussurrei.

Ele franziu a testa, então seus olhos se arregalaram. — Você quer dizer seus sentimentos por mim?

Não conseguia suportar olhar para ele, então olhei para os espelhos do chão ao teto que revestiam a outra extremidade do dojo. Um deles tinha uma rachadura que estava lá há meses.

Ele tocou meus ombros, aproximando nossos corpos tanto que pude sentir seu calor. — Nunca faria isso, Tess. Que tipo de pessoa você acha que sou?

— Não sei mais o que pensar. Achei que te conhecia e de repente acontece que você está escondendo um grande segredo de mim. Preciso pensar sobre isso. Me sinto tão desprotegida. — Mesmo essa admissão me fez sentir ainda mais vulnerável. Mas o que importava em torno de Alec? Todos os meus sentimentos eram um jogo justo.

As mãos de Alec deslizaram dos meus ombros. — Sempre odiei essa parte de mim. Era por isso que meus pais me odiavam, porque não suportavam ficar em um quarto comigo, muito menos olhar para mim. É por isso que eles queriam que eu partisse. Sempre soube que essa Variação mais do que minha força assustaria as pessoas.

Respirei fundo. — Acho que precisamos de alguns dias longe um do outro. Eu ainda... — *Amo você.* Não disse isso. Não podia, não quando uma parte de mim o odiava ao mesmo tempo pelo que ele era capaz, por me conhecer melhor do que eu provavelmente me conhecia.

Ele tocou minha bochecha e por um breve momento me inclinei em seu toque, mas depois me virei. Precisava fugir antes que ele quebrasse minha determinação. Ele provavelmente nem precisava de sua Variação para isso.

— Eu te amo, Tess, — ele disse baixinho quando eu estava no meio da porta.

As palavras pareciam como se alguém tivesse enfiado uma faca no meu coração. Queria ouvir essas palavras de Alec, tinha imaginado e sonhado por muito tempo com o momento em que ele finalmente as diria, tinha imaginado o brilho feliz em meu rosto quando as ouvisse e como puxaria seu rosto para o meu para beijá-lo e sussurrar as palavras de volta uma e outra vez. Hoje não foi esse dia. E agora esse dia nunca chegaria. Sem olhar para ele, me afastei do dojo, em direção ao elevador. Alec não tentou me impedir.



CAPÍTULO 07

— Isso está tão confuso, — disse Holly.

Deslizei meu lápis sobre o papel, rabiscando círculos pretos em torno da lista de nomes que fiz com a ajuda de Holly mais cedo. Uma fúria maçante queimava sob minha pele. Cobria o sentimento subjacente de traição e perda. Mas nada estava perdido ainda. Alec e eu não tínhamos terminado. Ele ainda queria estar comigo, e eu queria estar com ele. E, no entanto, parecia que algo havia sido quebrado de uma maneira que não podia ser consertado.

— Você realmente acha que Tanner poderia ser uma variante dupla? Ele não parece ser do tipo que guarda um segredo.

— Nem Alec, — disse. Embora isso não fosse exatamente verdade. Alec era o tipo mais reservado e taciturno. — Ele é o melhor amigo de Alec. Mesmo que não seja uma Variante Dupla, isso não significa que ele não sabia sobre a Variação de Alec.

— Não acho que Alec teria contado a ele, se nem mesmo revelou a você, — Holly disse pensativa.

Queria acreditar que Alec era o único que estava escondendo alguma coisa, mas não podia confiar em nenhum deles. Ainda não. Não depois de descobrir que a pessoa em quem mais confiava além de Holly tinha mentido para mim desde o início.

— Tenho que falar com Major, — disse finalmente. Talvez ele me contasse toda a verdade, agora que sabia sobre Alec.

Os olhos de Holly se arregalaram. — Uau. Você perdeu a cabeça? Major vai enlouquecer se descobrir que você sabe sobre o Alec. Ele não vai te dizer nada.

Um estalo soou dos alto-falantes no teto. Holly e eu levantamos nossas cabeças ao mesmo tempo olhando para os quadrados pintados de branco. Parecia que minhas entranhas estavam sendo apertadas por alguém. Quais eram as chances de Major mandar uma mensagem para mim ou para Holly no dia em que descobri sobre a Variação de Alec?

— Holly, Tessa, no meu escritório em dez minutos, — Major latiu, e com um silvo, os alto-falantes foram desligados novamente. Seguiu-se o silêncio.

Holly olhou para mim. — Uh, por que acho que isso não é bom?

— Porque não é. — Olhei para a foto de Alec e eu no porta-retratos digital na minha mesa de cabeceira. Tínhamos tirado apenas dois dias atrás. Um ursinho de goma vermelho estava enfiado entre nossos lábios, nossos olhos enrugados de tanto rir. Um momento depois, ele engoliu. Quando protestei, ele me silenciou com um beijo. Isso parecia uma vida atrás.

— Vamos. Vamos lá. Não podemos nos dar ao luxo de chegar atrasadas. — Holly pulou da cama e me arrastou em meus pés.

A cadeira da escrivaninha gemeu ao girar com o movimento repentino. Um bom reflexo do que eu sentia.



— Sentem-se, — Major acenou para as duas cadeiras livres. A terceira já estava ocupada.

Alec. Claro que ele estava aqui. Seus olhos me seguiram quando atravessei a sala e me sentei na cadeira mais à esquerda, de modo que Holly acabou entre

nós. Era ridículo e infantil, mas se essa conversa fosse sobre o que achava que era: eu descobrindo sobre a Variação de Alec, então precisava do espaço ou acabaria estrangulando-o. Kate estaria aqui se ela quem tivesse contado a Major sobre seu lapso de língua. Então isso deixava apenas Alec. Ainda podia sentir seus olhos em mim. Eles pareciam queimar em mim, ignorando Holly e Major completamente. Ele provavelmente podia sentir minha raiva e, pela primeira vez, quase o acolhi.

O olhar de Major disparou entre mim e Alec, e sua carranca ameaçou engolir seus olhos. — Desculpe, aconteceu algo que eu deveria estar ciente?

A pergunta tirou um pouco da tensão do meu corpo. Então ele não sabia.

— Não, senhor, — Alec e eu dissemos ao mesmo tempo. A carranca de Major e as linhas ao redor de sua boca se aprofundaram quando ele estreitou os olhos em suspeita. Enfrentei esse olhar muitas vezes para ser intimidada por ele. Percebendo isso, ele olhou para um arquivo aberto em sua mesa. Holly relaxou visivelmente em sua cadeira.

— Então, por que você queria nos ver, senhor? — Alec perguntou, sua voz toda profissional. Gostaria de ter o talento dele para desligar minhas emoções. Aposto que a Variação dele contribuía para isso. Do lado de fora da janela, começou a chover granizo e as pedras geladas bateram furiosamente contra o vidro.

— Tenho uma nova missão para vocês três, — disse Major, embaralhando alguns pedaços de papel ao redor.

— Tão cedo? — Soltei.

Fazia apenas algumas semanas desde que voltei de minha primeira missão em Livingston. Havia aulas para completar antes de ser enviada para o campo novamente. E minha missão anterior ainda assombrava meus sonhos.

— Achei que tínhamos concordado em manter Tessa no quartel-general por um tempo até determinarmos se o Exército de Abel a atacará, — disse Alec em desaprovação.

Por que ele fazia soar como se eu fosse o único alvo? O barulho do granizo

batendo na janela encheu o silêncio constrangedor da sala. Holly observava a cena com os olhos arregalados. Esta seria sua primeira missão. Arrastei meus sapatos no piso de azulejos cinza, sem saber o que fazer com a estranha reação de Alec.

Os lábios de Major se estreitaram enquanto ele cruzava os dedos sobre a mesa à sua frente. — Não é minha decisão, infelizmente. Um político vem recebendo ameaças de morte e um de seus guarda-costas ficou gravemente ferido durante um ataque recente. O Serviço Secreto está convencido de que estamos lidando com Variantes. Aparentemente, o governo pode ter feito alguma barganha com indivíduos obscuros. Agora, isso é um negócio da máfia e o Exército de Abel pode estar fazendo parte de seu trabalho sujo por dinheiro.

— Se o Exército de Abel for o responsável, Tessa não pode estar envolvida no caso. É muito perigoso, — Alec disse com urgência.

— O que nossa missão implicaria? — Perguntei, cansada de todos discutindo minha segurança como se não estivesse aqui.

Os lábios de Major se transformaram em um sorriso. — Nosso trabalho principal é pegar os responsáveis pelas ameaças de morte e pelos ataques... — Ele voltou sua atenção para mim. — Mas para fazer isso e manter o político seguro, algumas pessoas acham que você deveria se passar por ele.

— Quem é ele?

— Senador Jack Pollard, — disse Major. Não o conhecia, mas um senador? — Ele esteve na FEA há algum tempo, depois virou político e começou a trabalhar para o Departamento de Estado. Ele tentou estabelecer uma cooperação entre nosso governo e organizações estrangeiras semelhantes à FEA.

— Existem agências Variante em outros países? — Perguntei. De alguma forma, nunca me ocorreu que poderia haver Variantes ao redor do mundo, não ligados à FEA.

— Sim, — disse Major. — Até agora seus esforços de cooperação não funcionaram. Não que tenhamos revelado algo sobre a FEA para outros países, então por que eles fariam? — Ele fez uma pausa. — De qualquer forma, agora

ele supervisiona que a prisão da FEA cumpra os regulamentos oficiais, embora nunca tenha realmente colocado os pés lá dentro. — Não demorou muito para ouvir o desprezo na voz de Major. — Principalmente ele é um conselheiro do governo em questões de crime organizado.

— Então ele está totalmente ciente do envolvimento do Exército de Abel com a máfia e outras organizações criminosas? — Holly adivinhou.

— De fato, — disse Major. — Sua afiliação com eles é provavelmente a razão para se tornar um alvo.

— Quanto tempo eu precisaria fingir ser ele? — Não poderia imaginar viver a vida de outra pessoa novamente tão cedo depois da minha última missão.

— Você não vai tomar o lugar de ninguém, — Alec me interrompeu. — Não quando o Exército de Abel está envolvido.

O encarei, sem palavras. O que diabos tinha dado nele? Seus olhos cinzentos estavam me perfurando como se ele estivesse tentando me enviar alguma mensagem secreta. Estava tão cansada dele decidir o que era melhor para mim quando ele mesmo não podia ser honesto.

— Isso não é para você decidir.

— Você não sabe quão sério isso é, Tessa.

— Basta, — disse Major bruscamente. — Isso é uma ordem. Não vou tolerar sua insubordinação. Se você não consegue manter suas emoções sob controle, vou tirá-lo da missão e enviarei Tanner como proteção para Tessa e Holly.

O rosto de Alec se transformou em pedra. — Não. Tenho que estar lá.

Major examinou seu rosto por um longo tempo, então assentiu e se virou para mim. — Você vai tomar o lugar do senador Pollard em um evento. O senador foi convidado a falar na frente de algumas centenas de estudantes de direito.

— Ele vai falar sobre nós? — Holly perguntou em voz baixa.

— Claro que não, — Major disse secamente. — Ele fará um discurso sobre o crime organizado. — Ele se virou para mim mais uma vez. — Aparentemente,

o Serviço Secreto acredita que esta será a oportunidade perfeita para o Exército de Abel atacar. Será seu trabalho, Tessa, substituir o senador Pollard. Você fará o discurso dele e pode precisar conversar com algumas pessoas, se necessário, mas tentaremos manter seu contato com pessoas de fora ao mínimo.

— Então terei que memorizar o discurso dele e aprender tudo sobre o crime organizado?

— Duvido que você consiga aprender tudo em dois dias. Mas não pode prejudicar suas futuras missões se familiarizando com a estrutura da máfia e organizações semelhantes.

— Senhor, — disse Holly humildemente. — Qual será o meu trabalho?

— Você e Alec acompanharão Tessa para sua segurança. Enquanto Alec fará parte da equipe de segurança oficial, você ficará de olho nas coisas discretamente, usando sua Variação. É hora de você finalmente fazer parte de uma missão. — Os olhos de Major se estreitaram. — Summers e Alec me garantiram que você pode fazer isso. Você concorda?

Holly assentiu apressadamente. — Sim senhor. Minha Variação melhorou muito. Posso ficar invisível por várias horas.

— Isso vai servir por enquanto. Você deve se certificar de que seu recorde seja superior a um dia até o final do ano, — disse Major.

Holly se encolheu na cadeira e baixou os olhos. Por que Major não podia elogiá-la por sua melhora? Ele não percebia quão difícil era para ela?

— Os guarda-costas de Pollard sabem da missão? — Perguntou Alec.

Major ergueu os olhos de sua mesa. — Não, — disse ele. — Ninguém mais sabe. O senador achou que não seria sábio lhes contar sobre isso.

— Mas eles sabem sobre a FEA e as Variantes? — Disse.

Os lábios de Major se torceram. — Não, aparentemente é difícil encontrar pessoal de segurança totalmente confiável, a menos que você seja o presidente.

Bem, isso me fez sentir segura.

— Pollard visitará a sede amanhã. Ele gostaria de conhecê-la antes de confiar sua reputação a você e como terá que tocá-lo para coletar seu DNA para

a missão, eu concordei. — Ele deu um aceno de desdém. — É isso por enquanto. Vocês podem voltar para seus quartos.

Alec tentou pegar meus olhos quando saímos do escritório do Major, mas o ignorei. No momento em que estávamos do lado de fora, ele agarrou minha mão. — Nós precisamos conversar. Apenas um minuto.

Holly esperou por mim a alguns passos de distância. — Devo esperar?

— Não. Está tudo bem. Vá em frente. — Depois que ela desapareceu no elevador, segui Alec até o outro lado do corredor, longe do escritório do Major e de seus ouvidos.

— Você terá que confiar em mim nesta missão, Tess, — ele disse. Estávamos muito perto. Estiquei meu pescoço para olhar em seus olhos e a emoção lá me impediu de dar um passo para trás. — Essa é a regra número um para guarda-costas e sua carga.

— Não se preocupe. Meus sentimentos não vão atrapalhar a missão. Tenho certeza que você não deixará, — disse friamente.

— Porra. Você não entende? Não dou a mínima para essa missão. Estou com medo por você. Eles estão te usando como isca novamente. Assim como da última vez. Não pude protegê-la então e você quase morreu. Não vou deixar isso acontecer de novo.

As palavras subiram pela minha garganta, mas não conseguia verbaliza-las. Desespero e preocupação enchiam o rosto de Alec. Sua palma estava quente contra minha bochecha. O que importava que ele pudesse ler minhas emoções? Isso não mudava o que sentia por ele. Alec se inclinou até que nossas respirações se misturassem e podia praticamente sentir o calor de seus lábios nos meus. Um beijo e talvez tudo ficasse bem.

Não, uma vozinha avisou, mas não podia competir contra o calor de Alec, contra o cheiro dele, contra o brilho em seus olhos cinzentos. Nossos lábios colidiram e parecia que o mundo ao meu redor tinha se tornado preto, como se nada importasse, exceto ele e nosso beijo. Me afastei. Como podia saber que ele não tinha planejado isso, avaliado minhas emoções até que elas lhe dissessem o

que ele estava esperando? Como podia saber que não estava apenas sentindo o que ele queria que eu sentisse? Alec caiu contra a parede. Por um longo tempo, nós apenas olhamos um para o outro e o brilho em seus olhos quase me matou. Me virei, longe da dor em seu rosto. Tinha coisas maiores com que me preocupar; Exército de Abel e a próxima missão. Se o que Alec disse fosse verdade, Holly e eu estávamos em grande perigo.



CAPÍTULO 08

Minhas mãos estavam suadas quando entrei no escritório de Major na manhã seguinte para encontrar o senador Pollard. Parecia mais uma avaliação do que uma reunião.

Fiquei surpresa ao ver Summers encostada na parede ao lado do armário de vidro, os braços musculosos cruzados na frente do peito. Como de costume, ela estava vestida de preto: camiseta preta, calças de couro justas e botas de combate com biqueiras de aço. Ela me deu um aceno curto. Seu cabelo loiro acinzentado estava puxado para trás em um rabo de cavalo bagunçado. Parecia que uma escova não chegava perto dela há dias. Às vezes me perguntava se Summers se vestia deliberadamente como um homem, para que as pessoas lhe mostrassem mais respeito. Ou talvez apenas odiasse maquiagem e outras coisas femininas. Supus que ela estava envolvida na missão por causa de Holly. Afinal, foi sua avaliação que convenceu Major de que Holly estava pronta para o campo.

Major estava na frente de sua janela do chão ao teto, de costas para o homem na cadeira em frente a sua mesa. A porta se fechou atrás das minhas costas com um baque audível. Estremeci. Major virou-se, seu rosto franzido em uma carranca profunda. O senador se virou na cadeira para olhar para mim. Ele era o epítome de um político de sucesso. Cada detalhe de sua aparência era perfeito, desde seu terno preto de grife com listras finas, a gravata azul clara, seu

cabelo grisalho bem penteado para trás e seu rosto atraente e bem barbeado.

Nada estava fora de linha. Até mesmo seu sorriso megawatts parecia que levou semanas para ficar perfeito no espelho.

— Então é ela? — Ele perguntou em uma voz ainda mais suave do que sua aparência externa. Seu sorriso torceu e de repente se tornou cruel. Tinha certeza que era o seu sorriso a portas fechadas. — Essa pequena menina franzina? Você está perdendo o jeito, meu amigo. — Ele soltou uma risada prepotente enquanto me observava do jeito que se consideraria uma mosca incômoda.

Fiquei atordoada em silêncio e olhei para Major. Esse homem era real? Parecia que sua aparência perfeita estava tentando compensar sua personalidade feia. Que idiota.

Summers se endireitou, enrijecendo o maxilar quadrado. Suas calças de couro rangeram enquanto suas pernas se moviam.

Pollard olhou para mim, os olhos azuis não mais divertidos, mas calculistas. — Você venha aqui.

O aborrecimento deve ter aparecido no meu rosto porque ele soltou uma risada profunda. — Ohhoho, um fogo de artifício, — ele assobiou. Ele olhou para Summers como se achasse que ela concordaria com ele, mas pela expressão em seu rosto, ela gostaria de esmagá-lo sob suas botas pretas.

Andei até ele sem uma palavra, reorganizando meu rosto em um sorriso. Nada que quisesse dizer teria melhorado minha situação. Não que achasse que teria problemas com Major. Qualquer que fosse o insulto que escolhesse, tinha certeza de que ele tinha uma palavra pior em mente para o senador. Mas tratava-se de profissionalismo. Em missões futuras, muitas vezes trabalharia com pessoas de quem não gostava ou que seriam rudes comigo. O truque era permanecer acima da briga.

— Então é você por quem todos estão salivando? — Ele nem tentou esconder sua dúvida e diversão.

Suas mãos eram lisas, com a pele de alguém que sempre tinha outras pessoas para fazer seu trabalho, e unhas bem cuidadas como se tivesse feito as

unhas recentemente. Quando ele estendeu a mão para tocar meu braço, ainda precisei de toda a minha força de vontade para não vacilar. Ele era rude e viscoso, e não o queria perto de mim. No segundo em que sua pele entrou em contato com a minha, pude sentir meu corpo absorver seus dados, incorporá-los de alguma forma em minha memória e DNA.

— Essa garotinha deveria tomar o meu lugar, hein? — Seus olhos queimaram nos meus, nunca vacilando.

Me irritei, mas me impedi de dizer alguma coisa. Devolvi seu olhar. Não deixaria esse homem me intimidar.

— Ela é mais do que capaz, — disse Major por entre dentes cerrados. Sua expressão deixou bem claro quão pouco ele pensava sobre o homem à sua frente. Mas achei que era reciproco. Não havia nenhum amor perdido entre eles.

— Então siga em frente, menina. Mostre-me o que você tem, — ele disse em um sotaque profundo do sul, todo charme e sorriso. Ele parecia se achar muito engraçado.

Desde que ele já tinha me tocado, já havia coletado o DNA que precisava para mudar para sua forma. Mas então hesitei. Tinha uma ideia melhor. Deixei a sensação familiar de ondulação tomar conta de mim, senti meus ossos crescerem e mudarem, vi minha pele escurecer para caramelo. O homem soltou um assobio.

— Santo Deus. Nada mal. — Ele olhou entre Major e eu. — Não poderia dizer quem é o verdadeiro.

Um sorriso de autossatisfação puxou meus lábios, mas morreu quando notei a expressão no rosto de Major. Seus lábios estavam em uma linha dura, os olhos ardendo de raiva. Ele nunca disse isso, mas aparentemente mudar para ele estava fora dos limites. Olhei para Summers pedindo ajuda, mas seu rosto não revelava nada.

— Você sabe, Antonio, — o senador Pollard disse sarcasticamente. Major ficou tenso com o uso de seu primeiro nome. Apenas Martha tinha permissão para chamá-lo assim. — Ela realmente consegue fazer você parecer melhor.

Acho que é porque não é tão tensa e metida.

Com um estremecimento violento, rapidamente mudei de volta para mim mesma. Não queria dar ao senador Pollard mais motivos para provocar Major que já parecia prestes a explodir.

— Como você pode ver, Tessa é a agente perfeita para o trabalho, — Major disse secamente. — Ela garantirá que esta missão seja um sucesso.

— É melhor que sim. Algumas pessoas adorariam vê-la falhar e ter sua confiança nela jogada na sua cara. — Seus olhos frios se fixaram em mim. — Você está sendo vigiada.

Não ousei perguntar o que isso significava, e a carranca de Major deixou claro que ele não me diria. E talvez fosse o melhor. Isso só me distrairia da missão. Major me dispensou com um aceno de cabeça, mas quando saí do escritório, as palavras do senador Pollard me fizeram parar. Lentamente fechei a porta atrás de mim, parando para ouvir o máximo que podia da conversa deles.

— Alguém roubou os arquivos sobre a prisão da FEA, — disse o senador.

Fiquei feliz que o senador não viu motivo para manter a voz baixa. Prendi a respiração e pressionei o ouvido contra a porta.

— Por que ninguém me informou disso antes? — Major exigiu.

— Suponho que eles acham que é minha preocupação.

— Sua preocupação? Você não esteve lá uma vez em todos esses anos. Se tivesse algum bom senso, não teria mantido informações confidenciais em um prédio cheio de não-Variantes. Este é um negócio da FEA.

— É aí que você está errado, meu amigo. Você não pode simplesmente construir uma prisão e achar que o FBI e o governo federal não ficarão de olho nela. Você tem muita margem de manobra com suas decisões, mas temos que pelo menos fingir que trabalhamos sob as leis federais.

— Você não percebe as consequências de sua incompetência.

— E você é uma rainha do drama.

Tive que sufocar um suspiro.

O senador Pollard continuou como se não tivesse acabado de insultar

Major. — O que eles podem fazer com um arquivo? E daí se souberem quem está trancado em nossa prisão?

Ouvi algum farfalhar atrás da porta antes que ela se abrisse. Tropecei para trás, mas era tarde demais. Summers tinha me visto. Ela fechou a porta atrás de si quando saiu e levantou uma sobrancelha loira.

— Metendo o nariz em coisas que não são da sua conta?

Estava prestes a responder, mas ela não me deu a chance. — A curiosidade matou o gato. Algumas coisas são melhores que fiquem em segredo, *acredite em mim*, — ela acrescentou, então seguiu pelo corredor.

Ela estava falando sobre a Variação secreta de Alec? Ou havia mais segredos – segredos ainda mais obscuros – que eu não sabia?



CAPÍTULO 09

Foi Tanner quem me trouxe as roupas que usaria como senador Pollard: terno cinza escuro, camisa branca e gravata vermelha, além de cueca branca de algodão e camiseta. Não tinha considerado que teria que usar a cueca dele também.

Tanner encostou-se ao batente da porta, torcendo seu piercing no septo. Sua expressão era muito séria.

— E aí? — Perguntei.

— Preciso falar com você, — disse ele. — Sobre Alec.

O medo se instalou na boca do meu estômago. Essa era a última coisa que eu queria falar.

— Pode esperar até mais tarde? Preciso mudar. — Não conseguia nem olhar nos olhos dele. Ele era o melhor amigo de Alec. Ele provavelmente sabia de seu segredo desde o início. E sabia de que lado ele estava.

— Não vou demorar. — Ele se aproximou, mas depois pensou melhor e parou no meio do quarto. Ele parecia inquieto, como se o que fosse dizer a seguir estivesse fora de sua zona de conforto. — Alec te ama. Você sabe disso, certo?

Claro que sabia. Alec tinha me dito essas palavras, mas ouvir Tanner dizer isso as fez parecer mais reais. — O amor não é o problema, — disse

calmamente. Olhei para a foto de Alec e eu na minha mesa de cabeceira. Por que as coisas tinham dado errado tão rápido? Houve um tempo na minha vida em que achei que Alec admitindo seu amor por mim me faria a pessoa mais feliz do mundo.

— Tudo o que você precisa é amor. Quer que eu cante a música? — Ele brincou. Mas o sorriso morreu em seus lábios quando ele viu minha expressão. — Não é um bom dia para fazer piadas, hein?

Balancei minha cabeça. Olhei para as roupas apertadas em minhas mãos. — Alec está se punindo por causa da coisa toda, — Tanner disse. Ele estava esfregando o tênis xadrez no chão, para frente e para trás, para frente e para trás. Concentrei-me neles em vez de seu rosto. — Ele queria te contar. Mas as coisas não são tão fáceis quando Major está envolvido.

Levantei minha cabeça. — Então você sabe sobre a Variação Dupla dele? — Tanner hesitou, seus olhos escuros encurralados.

— Sim, mas...

— Ele te contou?

Tanner agarrou seu moicano. — Caramba, Tessa, estou bagunçando as coisas.

— Então ele disse a você, mas não a mim?

— É complicado.

Apontei um dedo para ele. — Ah, não, você também não. Já ouvi essas palavras com tanta frequência e estou farta disso.

— Alec estava preocupado sobre como você reagiria se soubesse. Mas acredite em mim, ele queria te contar.

— Ele te mandou falar comigo? — Exigi.

Tanner bufou. — Alec? Por favor. Você o conhece. Ele tenta lidar com as coisas por conta própria. Ele provavelmente chutaria minha bunda se descobrisse que estou aqui.

— Realmente preciso mudar para Pollard agora, — disse.

Tanner assentiu e se moveu em direção à porta. Com a mão na maçaneta,

ele se virou para mim mais uma vez. — Vocês dois precisam um do outro. Você deveria lhe dar outra chance. Todo mundo comete erros.

— Acredite em mim, eu sei. E nunca disse que não lhe daria outra chance. Mas estou chateada e realmente preciso me concentrar.

Tanner hesitou como se houvesse mais a dizer, mas então saiu e fechou a porta sem fazer barulho. Olhei para a superfície branca por um momento, tentando acalmar minhas emoções furiosas antes de começar a me despir. Como deveria me concentrar agora?

Não me incomodei em vestir as roupas do senador Pollard, já que ficariam grandes demais no meu corpo atual.

Minha transformação começou lenta porque estava distraída, a ondulação diminuindo para um tremor suave. Voltei meu foco para minha transformação e, em segundos, me transformei no senador Pollard.

Holly saiu do nosso banheiro e seus olhos se arregalaram quando seu olhar percorreu o corpo estranho. — Oh meu Deus, — ela respirou, corando.

Levei um momento para perceber por que ela estava reagindo assim. Estava nua diante dela - no corpo do senador Pollard. Não havia nenhuma parte dele que estava coberta. Rindo, cambaleei em direção à pilha de roupas e enfiei minhas pernas em sua cueca. Tinha que admitir que não queria nem pensar no fato de que teria que tocar na coisa dele em algum momento, se quisesse fazer xixi, pelo menos.

— E? — Holly perguntou.

Fiz uma careta.

— Como Alec se sai em comparação?

Levei um momento para entender o que ela queria dizer. — Ele está em uma liga própria.

Holly deu uma risadinha e finalmente me ajudou a me vestir. Prendi a bainha da camisa no zíper três vezes antes que ela enfiasse o tecido de volta na calça e fechasse o zíper. Ela não parou de rir.

— Espero que você não tenha um ataque de riso durante a missão. Acho

que as pessoas podem ficar desconfiadas se o ar vazio começar a fazer barulho, — disse.

Era para ser uma piada, mas me arrependi das palavras quando vi a ansiedade no rosto de Holly. Esta era sua primeira missão, e sua Variação não era exatamente confiável no passado. Coloquei uma mão pesada de dedos longos no ombro de Holly.

— Tudo vai ficar bem, — disse a ela na voz profunda do senador Pollard. — Alec estará lá. Ele não te deixará falhar. Se as coisas ficarem difíceis, ele simplesmente usará sua variação esquisita para manipular suas emoções. — Quase podia sentir o gosto amargo na minha língua.

Holly olhou para a mão em seu ombro com uma pequena carranca antes de cair na gargalhada mais uma vez. — Sinto muito. Isso é absurdo demais.

— Eu sei, — disse com um sorriso, feliz que seu humor sombrio havia desaparecido.

Quando a roupa estava no lugar, Holly e eu fomos para o heliporto.

Major e Alec já estavam esperando por nós. — Gostaria de uma palavra com você, Tessa, — Major disse, se afastando de Holly e Alec, e não me deixando outra escolha a não ser correr atrás dele. Ele parou abruptamente e quase bati em suas costas. Foi a primeira vez que tive que olhar para baixo; Pollard era um pouco mais alto que Major. — Ouça, se dependesse de mim, você não faria parte disso, — disse ele. — Ainda não sabemos o suficiente sobre a ameaça, muito menos se os atacantes agirão hoje. Não gosto da ideia de estar no escuro assim. E não acho que este seja um bom momento para você deixar o quartel-general.

Balancei a cabeça, embora não entendesse seu raciocínio. Por que ele estava me dizendo isso se eu ainda precisava ir?

— Mas você acha que o Exército de Abel tem algo a ver com as ameaças de morte? — Perguntei.

Major franziu a testa. — Não vejo por que eles se incomodariam com o senador Pollard, a menos que julguem mal sua importância. Não é como se seu

papel consultivo em questões de crime organizado estivesse impedindo alguém, e até mesmo seu envolvimento conosco não vale a pena mencionar. Acho que há mais em jogo aqui. E, francamente, não confio no senador Pollard.

Isso me surpreendeu.

Major olhou para o relógio. — É hora de partir. Não queremos que você se atrase, — ele disse. — Alec vai se certificar de que ninguém está tramando algo, especialmente a equipe de segurança.

— Você quer dizer lendo e manipulando suas emoções? — Não tinha certeza porque disse isso.

Os olhos de Major se voltaram para Alec, como se achasse que ele tivesse revelado seu segredo para mim. — Ele não me contou, — murmurei. — Descobri sozinha.

Esta seria a minha chance de colocar Kate em sérios apuros, mas pela primeira vez, não era dela que eu estava com raiva. Sem ela, ainda estaria no escuro. Suponho que deveria ser grata a ela, mesmo que suas razões para me contar não fossem inocentes.

— Por que você não me contou? — Perguntei.

Major ergueu as sobrancelhas. — Não havia razão para isso. Mas discutiremos isso mais adiante quando você voltar da missão.

— Está na hora! — Alec gritou, apontando para o relógio antes de embarcar no helicóptero. As hélices começaram a girar. Corri em direção a Holly e juntas entramos. Major deu um aceno de cabeça antes de fechar a porta e se afastar. Então decolamos – em direção à minha segunda missão.



CAPÍTULO 10

Isso era sufocante. Sem dizer uma palavra, Connors e Orlov, os guarda-costas habituais do senador Pollard, posicionaram-se perto das janelas. Eram tanques sólidos, praticamente ambulantes. Podia ver os músculos salientes sob seus ternos. Se os encontrasse em um beco escuro, teria corrido o mais rápido que minhas pernas pudessem me levar. Orlov especialmente, com seu maxilar quadrado, feições duras e olhos frios cinza-aço, poderia ter interpretado o assassino em todas as produções de Hollywood. Ambos nem sequer olharam na direção de Alec. Ele era novo e era bastante indesejado obviamente. Claro que eles o julgaram por sua aparência. Eles não sabiam sobre o poder escondido sob seus músculos magros.

O suor se acumulava na minha nuca. Virei minha cabeça para frente e para trás em um esforço para alargar o colarinho. Mas foi inútil. O terno e a camisa social pareciam confinantes. Não achava que poderia lutar neles, mesmo que não tivesse o corpo desconhecido de Pollard para considerar.

Enfiei um dedo no espaço entre meu pescoço e o colarinho pegajoso para tentar afrouxá-lo mais uma vez. Nada. O tecido estava duro de goma e resistiu ao meu puxão. Caí contra o sofá de couro marrom. O tapete verde-escuro cheirava a flores de uma forma artificial, como se alguém tivesse usado um limpador de tapetes pouco antes de chegarmos. O cheiro fez cócegas no interior do meu

nariz.

— Você está bem, senhor? — Orlov perguntou com seu forte sotaque russo, dando um passo em minha direção. Acenei minha mão com desdém. — Estou bem. Faça seu trabalho e vigie as janelas. — Odiava o quão rude tinha que agir com eles, mas não podia sair do personagem.

Alec veio até mim - sem pedir permissão e, assim, quebrar o protocolo. Sua expressão refletia a preocupação que ele não podia expressar na frente dos outros. — O que você está fazendo? Volte para a porta, — rebati, a voz do senador Pollard emergindo áspera e cortante na minha garganta. Os lábios de Alec se apertaram, mas ele voltou ao seu lugar designado. A euforia explodiu em mim com a minha posição de poder sobre ele.

Estava feliz por ter alguma distância entre nós. Algo roçou meu braço, o toque quente e reconfortante. Holly. Sua forma não havia piscado uma vez nos trinta minutos que estávamos esperando nesta sala. Sua invisibilidade parecia funcionar muito bem. Esperava que fosse obra dela e não manipulação de Alec.

Queria sorrir para Holly para lhe mostrar que tinha sentido seu toque reconfortante, mas não movi um músculo. Os guarda-costas do senador Pollard e Alec estavam todos me observando. Embora Alec parecesse ocupado guardando a porta, sabia que ele não tiraria os olhos de mim.

Do lado de fora da porta, pude ouvir o orador atual encerrando seu discurso.

Minha vez seria a próxima.

Enfiei os dedos do senador Pollard em minhas pernas e tentei não sentir nada. Concentrei-me na minha respiração, na forma como as calças se agarravam à parte de trás das minhas coxas; na maneira que o cabelo estranho crescendo em meus ouvidos fazia cócegas. Lentamente, uma parede de calma surgiu ao meu redor. Mas meu alívio durou pouco. Aplausos se ergueram do lado de fora e alguém bateu na porta. Alec deu um passo para trás, uma mão sobre a arma em sua cintura, enquanto abria um pouco a porta. A mesma mulher de meia-idade com um rabo de cavalo apertado que nos trouxe para a sala verde

apareceu no corredor.

— É a vez do senador Pollard, — ela disse educadamente.

Levantei-me e segui a mulher até o fundo do palco, Alec na minha frente e Orlov e Connors na minha retaguarda. Podia sentir Holly se movendo ao meu lado, e foi a presença dela, mais do que a deles, que aliviou meu nervosismo. Quinhentas pessoas compunham a plateia, estudantes de direito e jornalistas, e possivelmente alguém que queria a morte do senador Pollard.

— Você está segura, — Alec disse baixinho. — Não se preocupe. As medidas de segurança foram triplicadas.

— Se é tão seguro, por que estou aqui e não Pollard? — Sussurrei, olhando para suas costas enquanto subia as escadas para o palco.

Uma onda de aplausos me recebeu e levantei meu braço na saudação característica do senador Pollard. Cada gesto, cada movimento era perfeito. Ninguém perceberia que eu não era ele, nem mesmo seus inimigos. Andei até o pódio do orador no centro do palco enquanto as palmas diminuíam. Deixei meu olhar vagar sobre a plateia, procurando por algo fora do comum. Mas não havia nada. A maioria das cadeiras azuis estava ocupada por homens e mulheres na casa dos vinte anos. Eles provavelmente cairiam de seus assentos se descobrissem que uma garota de dezoito anos era realmente a oradora.

Limpei a garganta e abri os lábios para recitar o discurso, mas as palavras vacilaram na minha boca. Algo estava errado. Os cabelos na base do meu pescoço se arrepiaram. Não tinha certeza do que me causou tanto desconforto. Uma parede de silêncio estava diante de mim enquanto as pessoas paravam de falar para olhar para minha forma muda. Tossi e olhei para as notas na mesa do orador na minha frente.

Minha voz era calma e profissional quando comecei o discurso. Tinha visto vídeos do senador Pollard fazendo discursos e sabia que ele era um bom orador. Ele possuía o carisma natural e habilidades verbais para conquistar uma audiência. O que tornou isso muito mais difícil para mim. Me forcei a olhar para cima de vez em quando para sorrir para o meu público e procurar no auditório

por atividades suspeitas. Alguns minutos depois do meu discurso, levantei minha cabeça novamente, minha boca já seca de tanto ler, e as palavras morreram na minha garganta. Cada músculo do meu corpo se eriçou de ansiedade.

Meus olhos pousaram em um rosto familiar na plateia. Era o homem que estava me observando algumas semanas atrás em Livingston, o homem que provavelmente era um membro do Exército de Abel. Ele estava inclinado na parte de trás do auditório, retornando meu olhar com uma calma inquietante. Cabelo castanho, pele pálida, óculos escuros, idade não identificável. Ele usava um longo casaco bege. O que ele estava escondendo debaixo dele?

Alec me encarou, então seguiu meus olhos pela sala. Claro que ele não tinha visto o homem antes, mas podia sentir quão nervosa eu estava. O homem estava usando exatamente os mesmos óculos escuros e casaco da última vez. Ele era o único Variante na sala? Ele estava aqui para decretar algum plano sinistro?

Respirei fundo e continuei meu discurso. A plateia estava começando a sussurrar sobre meu comportamento estranho e eu não podia arriscar perder a atenção deles. Alec me deu um pequeno aceno de cabeça e se moveu para o lado do auditório enquanto tentava seguir para os fundos. Os olhos do homem voaram brevemente para Alec, mas depois voltaram para mim - como se Alec não valesse a pena sua atenção. Não podia sentir Holly em qualquer lugar perto de mim. Onde ela estava? Talvez também estivesse indo até o cara estranho.

Connors e Orlov perceberam a atmosfera tensa, é claro (eles não eram tão ruins, não importa o que Major pudesse pensar) e estavam observando o avanço de Alec pela sala com desprezo mal disfarçado.

Talvez devesse dar um sinal para eles seguirem Alec. Não gostava da ideia de Holly se envolver em uma possível briga.

Um estrondo alto soou no auditório e com um tremor, uma onda de choque me empurrou para trás. Um segundo depois, tudo foi lançado na escuridão. Caí pela escada do pódio, incapaz de impedir que o corpo alto do senador Pollard se lançasse para frente. Meu rosto esmagou contra o piso e senti gosto de sangue na boca, acobreado e quente. Meu nariz estava entupido de líquido e, quando o

toquei, a dor atravessou meu rosto. Provavelmente quebrado. Engasguei. Meus ouvidos zumbiram, mas lentamente minha audição voltou. Gritos e berros me cercaram por todos os lados. O auditório estava cheio de uma névoa acinzentada que ardia em meus olhos e nariz.

Tentei ficar de pé, mas o chão começou a tremer. Ajoelhei-me, tentando encontrar o equilíbrio. O corpo de Pollard era mais difícil de manobrar do que o meu e o chão trêmulo não estava ajudando nem um pouco. Pânico passou por mim. Tinha que fazer algo. Podia arriscar voltar ao meu próprio corpo? Ainda ouvi tiros e gritos. Como alguém poderia atirar quando não podia ver seus alvos na escuridão?

Onde estavam os outros?

— Tess! — O grito de Holly ecoou em meu crânio.

Tropecei em meus pés e mudei de volta para o meu próprio corpo. O chão vibrou sob meus pés e uma súbita explosão de náusea me atingiu. Forcei-me a manter a calma. Minhas roupas começaram a cair, grandes demais para mim agora que não era mais o senador Pollard. Rapidamente mudei para o corpo de Alec, que era melhor para lutar. Apertando o cinto um pouco, olhei ao redor.

— Holly? — Chamei na voz profunda de Alec. — Holly, onde você está? — Ela parecia tão assustada.

Orlov estava esparramado no chão ao lado do pódio do orador. Não poderia dizer se ele estava vivo. O chão trêmulo fazia parecer que ele estava tendo espasmos. Mantendo meus olhos no meu ambiente escuro e enevoado, me inclinei sobre ele e pressionei meus dedos contra sua garganta. No momento em que seu pulso vibrou contra meus dedos, me endireitei e passei correndo por ele, ignorando o aperto no meu peito e a forma como meus olhos lacrimejaram por causa do gás.

— Tess! — Holly gritou.

Me virei em direção ao som. Estava vindo de algum lugar à minha direita, da área de estar. Algumas pessoas ainda estavam correndo em pânico e meia dúzia estava deitada no chão, imóvel. Só podia esperar que eles tivessem perdido

o equilíbrio, batido a cabeça e perdido a consciência quando a onda de choque colidiu com eles. Felizmente, a maioria do público parecia ter fugido do auditório. Mas ainda não conseguia ver Holly.

Meus olhos giraram ao redor da sala. Atrás, pude distinguir uma luta entre várias formas. Decidi ir naquela direção e estava na metade do caminho quando de repente Holly surgiu na minha frente, seu corpo lentamente aparecendo. Seus olhos azuis estavam arregalados quando me encontraram.

— Holly! — Nunca tinha ouvido a voz de Alec soar tão assustada.

Realização brilhou em seu rosto. — Tess, — ela disse rapidamente, com medo. — Nós temos que ir.

Suas pernas estavam se materializando centímetro a centímetro quando um homem apareceu atrás dela.

— Pegue a garota! É ela, — outro homem gritou.

Ele queria dizer eu ou Holly? Mas então percebi que estava no corpo de Alec agora. Eles nem sabiam que eu era uma garota.

— Não! — Gritei, mas ele nem olhou para mim enquanto passava os braços em volta da cintura de Holly.

Seus olhos se arregalaram de medo e ela enrijeceu. Ela tinha que lutar! Mas ela parecia paralisada de terror. Corri em direção a eles, cambaleando da esquerda para a direita enquanto as vibrações do chão aumentavam mais uma vez. Quase os alcancei quando eles desapareceram no ar. Meus dedos se fecharam em torno de nada. Holly se foi. Um momento eles estavam lá e então desapareceram. Olhei para o local, tentando entender o que tinha acabado de acontecer. Girei em um círculo.

— Holly? — Não houve resposta.

Lágrimas brotaram em meus olhos. Onde ela tinha ido? Alec correu em minha direção, então parou quando viu que me parecia com ele. Estremeci e voltei ao meu próprio corpo, sem me importar se alguém visse. Mas não havia ninguém por perto que pudesse prestar atenção. As calças caíram do meu corpo, mas não conseguia nem me importar que estava apenas vestindo uma camisa

social e gravata. O sangue escorria do meu nariz, sobre os meus lábios e descendo pelo meu queixo.

— Holly, — gemi.

Alec preencheu os últimos passos entre nós. Suas roupas estavam rasgadas e seus olhos cinzentos eram selvagens. Ele tocou meu ombro. — Você está bem?

Pisquei para ele, e de alguma forma pareceu acontecer em câmera lenta. — Holly, — disse sem voz.

— O que? Qual é o problema, Tess? — Seu aperto em meus braços era a única coisa que me mantinha de pé.

— Holly, — resmunguei. — Ela se foi.

— Para onde? — Alec olhou ao redor como se ela pudesse saltar do chão a qualquer segundo.

— Ela sumiu. Ela estava bem ali. — Apontei para o local atrás de Alec. — E então um homem a agarrou e eles desapareceram no ar. — Uma risada histérica explodiu em mim. Ser confrontada com as Variações de outras pessoas deveria ser padrão agora, mas não era, e provavelmente nunca seria.

— Ei, — Alec disse suavemente quando minhas pernas se dobraram e ele me pegou.

Não tinha certeza se era o gás ou o desaparecimento de Holly, mas estava desmoronando completamente. — Peguei um deles. Ele está ali.

Alec me carregou para os fundos do prédio onde tinha visto o homem com os óculos escuros. Ele passou por cima de corpos imóveis sem parar para verificar se estavam vivos.

— Eles estão mortos? — Sussurrei. O gosto de sangue era esmagador.

O aperto de Alec em minhas pernas aumentou. Seus dedos eram quentes contra minhas pernas nuas e tremi apenas com a camisa fina. Como poderia ter pensado que estava sufocante apenas alguns minutos atrás?

— Não tive tempo de verificar todos eles. Mas os que verifiquei estavam vivos, apenas inconscientes. Temos que nos apressar. Já liguei para o Major para lhe contar sobre isso. Ele tem que se certificar de que a aplicação da lei não fique

sabendo disso. Não podemos arriscar que descubram sobre nós. Devemos ter ido embora quando eles chegarem.

Já podia ouvir sirenes à distância. Alec parou ao lado de um corpo no chão.

— Você pode andar? — Ele perguntou baixinho.

Assenti, embora não tivesse certeza. Minhas pernas tremeram quando ele me colocou no chão.

Ele não soltou meu braço.

— Estou bem, — disse com firmeza.

— Preciso levar esse cara para o helicóptero para que possamos escapar, — disse Alec com um aceno de cabeça para a forma imóvel.

— Ele é do Exército de Abel?

— Parece que sim. O que mais ele estaria fazendo aqui? E ele tentou chutar minha bunda com dois outros caras.

Ele estava certo, então, nós precisaríamos leva-lo de volta ao quartel-general para interrogatório. Talvez o cara soubesse onde Holly estava. Alec passou o braço pelas costas do homem e o colocou de pé. Suspirei. Eu o conhecia. Foi o último agente que foi sequestrado - anteriormente um dos nossos.

Agente Stevens.



CAPÍTULO 11

Nunca tinha visto Major tão furioso. Seu rosto inteiro estava torcido. As hélices diminuíram a velocidade e Major abriu a porta do helicóptero antes mesmo que ele parasse de se mover. Dois agentes mais velhos estavam ao seu lado em um piscar de olhos e o ajudaram a levar Stevens para fora.

— Eles levaram Holly, — disse novamente, minha voz abafada pelo sangue no meu nariz. Disse isso em voz alta pelo menos uma dúzia de vezes, mas ainda não parecia real.

— Alec já me informou, — Major disse distraidamente. — Este não é o fim de tudo. Vou exigir uma explicação do senador Pollard. — Sua carranca estava fixa em Stevens, mas o agente não se intimidou. Algo estava diferente nele.

Quando vi Major e Stevens pela última vez em uma sala juntos, Stevens se encolheu sob o olhar de Major e tentou se fazer o menor possível, mas não hoje. Ele manteve a cabeça erguida e retornou o olhar de Major sem hesitação. Ele parecia confiante, desafiador, completamente à vontade consigo mesmo.

— Por que você levou Holly? — Gritei para ele, dando um passo em sua direção.

Ele abriu a boca, mas antes que pudesse responder, Major ergueu um taser e o atordoou. Ele caiu no chão, o rosto relaxado. Estava congelada. Por que ele

fez isso? Stevens não estava sendo agressivo ou lutando contra suas restrições. Não havia motivo para a violência.

O rosto de Major era uma máscara de pedra enquanto ele ensacava o taser novamente e endireitava o colarinho.

— Senhor, e quanto a Holly? — Perguntei enquanto observava dois agentes pegarem Stevens do chão. Ele se pendurou frouxamente em suas mãos. Podia sentir a mão de Alec no meu ombro, me afastando do helicóptero. Começou a chover novamente. Não conseguia parar de tremer.

— Falaremos mais tarde, Tessa. Não tenho tempo para isso agora. Volte para o seu quarto e tente descansar um pouco, — Major disse bruscamente.

— Mas quero estar lá quando você interrogar o agente Stevens, — insisti. Major me lançou um olhar rápido, seus olhos se demorando no sangue no meu rosto e na minha camisa.

— Esse não é o seu lugar. Não acho que seria sábio. Você ouviu o que eu disse. Descanse um pouco.

Olhei para suas costas enquanto ele seguia Stevens e os dois agentes, que o carregavam para dentro do prédio.

— Alec, preciso ter uma palavra com você, — ele falou sem se virar.

Alec ainda estava tocando meu ombro. — Vou levá-la para o seu quarto.

— Não, está tudo bem, — disse roboticamente. — Você não deveria deixar Major esperando. Talvez possa descobrir mais sobre Holly. Você pode? — Olhei para ele suplicante.

Ele me deu um sorriso triste. — É claro. — Ele se inclinou e roçou seus lábios nos meus. Mas mal senti. Meu corpo estava dormente. Assisti enquanto ele corria atrás de Major antes de me arrastar para o meu quarto.

Devon estava esperando na frente da minha porta quando cheguei. Major deve tê-lo avisado sobre meus ferimentos. Seus olhos se moveram sobre minhas pernas nuas e a camisa ensanguentada até que pousaram no meu nariz. Ainda não tinha me visto, mas pela expressão de horror de Devon, estava uma bagunça. Ele passou um braço em volta de mim, e aceitei de bom grado o seu apoio. Ele

só me soltou quando afundei na cama.

— É só meu nariz, — disse baixinho.

— O que aconteceu? — Ele tocou seus dedos em minhas bochechas.

— Eu-eu não acho que tenho permissão para falar sobre isso.

— Não estamos do mesmo lado agora? FEA, lutando pela coisa certa? — Ele perguntou, mas havia um traço de sarcasmo em sua voz.

Ele descansou as palmas das mãos no meu rosto e depois de alguns segundos, o latejar surdo no meu nariz cessou. Lentamente, ele tirou as mãos.

— Você precisa de mais alguma coisa? — Ele perguntou com uma voz cuidadosa.

Comecei a balançar a cabeça, mas meu corpo começou a tremer incontrolavelmente.

Suspirei. — Holly foi levada.

Devon pegou minha mão. — Merda, — ele murmurou. — Sinto muito, Tessa. Não estou no quartel-general há muito tempo, mas posso dizer quão próximas vocês eram. Tenho certeza de que a FEA a encontrará.

Seus olhos azuis me perfuraram e de repente não aguentei mais. — Devon, me desculpe, mas preciso ficar sozinha.

A compreensão em seu rosto quase me desfez. Quando ele fechou a porta atrás dele, caí de joelhos na porta do banheiro. Demorou um pouco antes que encontrasse forças para ficar de pé.

Não conseguia parar de olhar para a cama vazia de Holly. Seus lençóis com os enormes girassóis (ela não suportava os lençóis brancos engomados cedidos pela FEA) estavam amassados e o ursinho de pelúcia rosa que seus irmãos mais novos lhe deram no último Natal estava empoleirado no travesseiro. Peguei Holly o pressionando contra o peito mais de uma vez no meio da noite. Ela sempre negava com um sorrisinho feliz. Meu estômago se apertou dolorosamente com a memória.

Agora ela se foi. Se foi.

O que eles diriam a sua família se ela nunca mais voltasse? Alguém lhes

diria? Ou Major apenas inventaria uma história?

Lutei contra as lágrimas por horas, mas agora não conseguia detê-las. As comportas se abriram, e elas desceram pelo meu rosto. Ainda não tinha certeza do que tinha acontecido. Mas de alguma forma sabia que eles não pretendiam levar Holly. Era por isso que todos tinham tanto medo de me deixar ir. Eles receberam ordens para levar a garota de cabelos ruivos da missão Livingston. Eu. E porque eu parecia com Alec, o cara pensou que Holly era seu alvo.

A porta do meu quarto se abriu e Alec entrou. Sombras profundas se espalhavam sob seus olhos e ele ainda estava vestindo o terno que usara para a missão, mas havia afrouxado a gravata e desabotoado os dois primeiros botões da camisa branca. Pontos vermelhos salpicavam a gola e partes da frente. Alec seguiu meus olhos.

— É o seu sangue, — ele explicou como se eu pudesse ter esquecido que meu nariz havia sido quebrado mais cedo naquele dia.

Ele examinou meu rosto. — Devon esteve aqui? — Ele perguntou neutro.

Balancei a cabeça. Lentamente, tentei ficar de pé, minhas pernas bambas. — O que Stevens disse? Ele lhe contou para onde levaram Holly? Gostaria de estar presente durante o interrogatório.

Alec parecia exausto. — Ele não nos disse nada.

— Mas ele deve ter dito alguma coisa! Ele sabe onde está o Exército de Abel. — Desespero ecoou em minha voz. Parecia preencher cada fibra do meu corpo.

— Talvez ele não saiba, — Alec disse suavemente. — Se é verdade que eles têm um Variante que pode alterar memórias, podem ter feito isso com ele, porque ele era novo e não tinham certeza sobre sua lealdade.

— Por quê? — Sussurrei. — Por que ele trabalharia para eles?

— Tenho certeza de que lhe prometeram dinheiro ou poder.

Minhas pernas cederam e afundei na cama. Dinheiro e poder? Isso parecia fácil demais. Cobri o rosto com as mãos, incapaz de parar os soluços. O colchão afundou quando Alec se sentou e me puxou contra ele. Enterrei meu rosto na

curva de seu pescoço. Ele parecia tão sólido e forte. Meus dedos agarraram seus braços e minhas lágrimas encharcaram sua camisa. Eu não podia detê-las.

— Estou com tanto medo. E se eles a machucarem? — Suspirei. Minha garganta estava inchada e em carne viva. — Deus, Alec, eu a amo. Se algo acontecer com ela, eu-eu... — Nem sabia o que faria. Se algo horrível acontecesse com Holly, porque a confundiram comigo, não seria capaz de viver comigo mesma.

— Eu sei, — ele sussurrou contra o meu cabelo, beijando o topo da minha cabeça uma e outra vez.

E eu tinha certeza que ele sabia. Pela primeira vez foi um alívio saber que ele podia sentir o que eu sentia, que nenhuma palavra era necessária. Ele aumentou seu aperto em mim.

— Isso é tudo minha culpa. Eles me queriam. Eu sei disso, — disse miseravelmente.

— Não diga isso. Não foi sua culpa, e você não sabe se eles te queriam. O Exército de Abel quer prejudicar a FEA e não se importam com quem entra em seu caminho.

— Alec, eles disseram para pegar a garota. Por que teriam ordens para pegar Holly? Fui eu que eles viram em Livingston —disse. — Eles me queriam.

Alec não discutiu novamente. Ele apenas me segurou e me deixou chorar até que não tivesse mais lágrimas. Pendurei frouxamente em seu aperto, forçando-me a inspirar e expirar. Seu cheiro familiar me cercou, me trouxe de volta a melhores memórias e diminuiu minha pulsação.

— Tudo vai ficar bem, — Alec disse finalmente. — Nós vamos encontrar Holly. Tenho certeza de que o Major encontrará uma maneira.

Mas Holly era realmente a principal prioridade de Major? A FEA vinha em primeiro e o Exército de Abel era o inimigo. Ele não negociaria com eles mesmo que isso significasse salvar Holly.

— Talvez eu possa falar com Stevens? — Disse baixinho. — Talvez se ele vir o que fez e o quanto sinto falta de Holly, ele sinta pena.

Mas alguém que traiu a FEA, que trabalhava para um assassino conhecido como Abel, poderia sentir pena? Ele provavelmente riria na minha cara. Mas eu tinha que tentar.

Alec balançou a cabeça. — Stevens tem medo do Major. Se isso não afrouxou sua língua, nada o fará. — Mas ele não parecia assustado quando o vi pela última vez. — E Stevens será transportado para a prisão da FEA hoje. Ele será colocado em uma cela de alta segurança e nem você nem eu teremos permissão para visitá-lo lá.

Endureci no abraço de Alec. — Quando? — Perguntei. Me afastei e olhei para ele. — Quando ele vai embora?

Alec olhou para o relógio. — Qualquer minuto a partir de agora.

Me libertei de seus braços e tropecei em meus pés, determinação correndo através de mim.

— O que você está fazendo, Tess? — Alec parecia alarmado.

— Vale a tentativa. Preciso vê-lo. — Cambaleei em direção à porta, Alec apenas alguns passos atrás de mim.

— Não, — ele protestou. — Você só vai se machucar.

Andei cada vez mais rápido até que estava correndo pelos corredores. — Eu preciso.

Uma parede de frio me atingiu quando saí pela porta da frente e corri em direção ao heliporto. Podia ouvir o som de hélices girando rugindo sobre o vento. Meus pulmões se contraíram quando acelerei ainda mais e contornei o prédio até ter uma visão clara do heliporto.

Um homem que não reconheci estava sentado no banco do piloto e Major estava sentado ao lado dele na frente, com Stevens atrás. No momento em que cheguei ao helicóptero, abri a porta de trás. Meu cabelo batia contra meu rosto e meus olhos lacrimejaram com os sopros das hélices. Os olhos de Stevens se arregalaram quando ele me viu. O sangue cobria seus lábios e queixo, e seu nariz estava torto. Não conseguia me lembrar se Stevens tinha ferimentos antes do interrogatório.

— Eles não vão desistir. Não até que tenham o que realmente querem, — disse ele. Ele soltou uma risada áspera.

Pelo canto do olho, pude ver Major abrindo a porta para sair e me retirar do helicóptero. Não tinha muito tempo.

Agarrei Stevens pelo colarinho e ele estremeceu, os olhos se arregalando. Ele não podia se defender, pois suas mãos estavam algemadas atrás das costas.

— Onde está Holly? O que eles farão com ela?

Ele sorriu. Isso o fez parecer ainda mais um falcão. — Quem sabe? Abel quer você, não ela.

Sabia. — Onde ela está?

Seus olhos olharam para algo atrás de mim. O sacudi e nem parei quando alguém agarrou meu ombro.

— Diga-me, — assobiei.

O aperto no meu ombro ficou doloroso.

Stevens olhou nos meus olhos e de repente se inclinou muito perto, sua respiração molhada contra meu ouvido. Eu tive que me impedir de estremecer. — Você tem os olhos dele, sabe? É tão óbvio. Pena que está cega por suas mentiras.

Major me puxou com força e tropecei para trás e teria caído se Alec não tivesse agarrado meu braço.

— Olhos de quem? — Gritei.

Major fechou a porta, mas não conseguia parar de olhar para Stevens pela janela.

Seus lábios se torceram em triunfo antes que ele murmurasse alguma coisa. Não era a melhor leitora labial, mas não precisava ser para entender o que ele disse.

Os olhos de Abel.



CAPÍTULO 12

Major olhou para mim do banco do passageiro quando o helicóptero decolou do chão. Sabia que minhas ações teriam consequências, mas não poderia me importar. O fedor de combustível de aviação fluía em meu nariz.

Você tem os olhos dele. Os olhos de Abel. Foi o que Stevens disse. Por que ele disse *isso*? Um pressentimento terrível floresceu em minha mente.

Alec tocou meu ombro. Minhas roupas estavam encharcadas da névoa, que nem tinha notado antes.

— Eu disse que era inútil, — disse ele, seus olhos ainda seguindo o ponto preto à distância. Sua mão estava queimando minha pele. Nas últimas horas senti tanto frio; quando isso iria parar? — Stevens não sabe de nada.

— Ele disse que eu tenho os olhos de Abel, — eu sussurrei.

— O que? — Alec exclamou, seus olhos cinzentos arregalados piscando nos meus.

Não havia surpresa em sua voz. Em vez disso, ele parecia zangado.

Tentei forçar meu corpo a parar de tremer e realmente focar na expressão de Alec. — Stevens disse que eu tenho os olhos de Abel.

Por um momento, o uivo do vento foi o único som entre nós. Encheu minha cabeça. Então Alec soltou uma risada. — Isso é ridículo. Não deixe o traidor mexer com sua mente.

Mas algo sobre a maneira como ele disse isso estava fora. Agarrei seu braço. — Por que ele disse isso?

— Quem sabe por quê? Você não deveria acreditar...

Apertei meu abraço sobre ele. — Não se atreva a mentir para mim novamente, Alec. — Minha voz tremeu e uma nova safra de lágrimas escorreu dos meus olhos. — Diga-me a verdade.

Os olhos de Alec refletiam seu conflito, mas também havia pena e tristeza neles. — Tess, — ele disse suavemente. Ele soltou um longo suspiro. — Talvez você devesse falar com o Major.

Soltei seu braço. A horrível suspeita que eu tinha estava me apodrecendo. — Abel. Ele é meu pai, não é?

Alec não disse nada. Dei um passo para trás e coloquei a mão na boca. Me sentia doente. — É verdade. Ele é meu pai. — Não conseguia respirar. — Oh meu Deus.

Alec me puxou para um abraço. — Tess, nós não somos responsáveis pelas ações de nossos pais, — ele disse, mas estava apenas ouvindo parcialmente.

Eu era filha de um homem que foi responsável pela morte de várias pessoas. Um criminoso, um assassino e o sequestrador de Holly. Major sabia. Assim como Alec. E Alec não tinha me contado. Esse era outro segredo que ele tinha escondido de mim, mas não era um segredo dele.



Algumas horas depois, depois que vomitei o conteúdo do meu estômago e finalmente escapei dos cuidados de Alec, me recompus e bati na porta de Major. O tinha visto voltar com o helicóptero trinta minutos antes. Ele não pareceu surpreso em me ver.

— Bom que você está aqui. Queria ter uma palavra com você de qualquer maneira, — ele disse enquanto recuava e me deixava entrar no escritório.

A raiva fervia sob minha pele. Tive que resistir à vontade de quebrar seu armário de vidro estúpido e pisotear seus soldadinhos de chumbo. Nunca houve um grão de sujeira neles. Provavelmente era assim que Major passava suas noites; polindo seus brinquedos estúpidos até que brilhassem. Às vezes eu tinha certeza de que ele se importava mais com eles do que com seus agentes.

— Tessa, seu comportamento recente tem sido errático para dizer o mínimo. Temos regras e elas se aplicam a todos. — Ele falou com óbvia desaprovação. Ele contornou sua mesa em passos medidos e puxou a cadeira para trás.

Depois de tudo o que aconteceu, ele queria me dar um sermão?

— Eu sei sobre Abel, — soltei. — Por que você não me disse que ele é meu pai? Você ia manter isso em segredo para sempre?

Major congelou como se tivesse tocado uma arma de choque em sua pele. — O que você acabou de dizer?

— Sei que Abel é meu pai. O agente Stevens me contou.

Major virou as costas para mim por um momento, como se estivesse com medo de que seu rosto revelasse mais de seus segredos. Por que ele não podia ser honesto comigo pelo menos uma vez? Eu não merecia a verdade? Lentamente ele se virou, sua expressão perfeitamente controlada, e afundou em sua cadeira. Naquele momento, ele parecia mais velho do que nunca.

— Não queria que você descobrisse assim.

— Então por que não me contou? Por que, em todas as conversas que tivemos sobre o Exército de Abel ou sobre meu pai desaparecido, você não mencionou que eles são a mesma pessoa? — Quando terminei, estava gritando, e não me importei que Major odiasse quando levantávamos nossas vozes contra ele. Estava tão além do ponto de me importar, não era mais engraçado.

— Eu queria protegê-la, — disse Major.

Fechei a boca, atordoada demais para falar. Me proteger? Engoli minha surpresa. — Não entendo.

— Sabia que você era especial desde o dia em que te conheci. E sabia que

Abel faria de tudo para recrutá-la e usar seu poder para seus próprios objetivos, se descobrisse sobre sua Variação. É por isso que tenho tentado mantê-la escondida dele.

— Mas ele descobriu sobre mim quando eu estava em minha missão em Livingston?

Major assentiu. — Essa é a minha opinião sobre as coisas, pelo menos. Se um membro de seu exército visse seus olhos, saberiam que você era filha de Abel. — Ele olhou para cima. — Não há como confundir esses olhos, — ele disse, algo sombrio cruzando seu rosto.

Ele conhecia Abel há muito tempo, e de alguma forma eu sabia que seu ódio um pelo outro tinha começado antes mesmo do Exército de Abel existir.

Olhos turquesa como os meus. Era a primeira imagem concreta do meu pai que eu tinha. Não conseguia me lembrar de nada sobre ele. Era muito pequena quando ele partiu. Tentei imaginar como seria o rosto ao redor daqueles olhos, mas fiquei em branco.

— Por que ele deixou minha mãe e eu? — Uma dor se espalhou no meu peito com a outra pergunta não respondida que não fiz e nunca faria. *Por que ele não se importa comigo?*

Major considerou sua resposta por um momento. Ele estava planejando adicionar outra mentira às duas que eu já tinha descoberto? — Suponho que ele te deixou porque você não mostrou nenhum sinal de Variação naquele momento e, portanto, não era útil para ele. Ele não é alguém que mantém as pessoas por perto por seu valor emocional.

Então Major e Abel deveriam combinar perfeitamente. Não achava que Major sabia amar alguém. Se eu perdesse minha Variação hoje, ele me largaria e nunca mais pensaria em mim.

— E meu irmão? Isso deve significar que ele é um Variante?

Sabia que tinha um irmão, mas ele era um vazio negro em minha memória, um vazio cheio de hipocrisia e esperanças infantis. Minha mãe nunca falava sobre ele, e não conseguia me lembrar de nada sobre ele. A única coisa que sabia

era que ele era dois anos mais velho que eu.

Major recostou-se na cadeira. — Não posso te dizer. Mas espero pelo bem dele, que ele tenha uma Variação útil ou Abel já teria se livrado dele agora. — Ele disse isso como um mecânico falaria sobre um carro defeituoso.

Agarrei-me ao encosto da cadeira à minha frente. Não tinha certeza se minhas pernas me segurariam por muito mais tempo. Isso era demais para assimilar. — Você realmente acha que ele mataria o próprio filho?

— Oh sim. Se você conhecesse Abel tão bem quanto eu, também acreditaria.

Quão bem Major conhecia Abel? Quanto ele não estava me dizendo? — E minha mãe? Ela sabia sobre Abel?

— Sua mãe sempre foi fraca. Exatamente o tipo de mulher que pessoas como Abel presam. Ela estava sob seu feitiço. Ele sabia o que estava fazendo. E então sabia quando ela não era mais útil para ele. — Havia uma pitada de emoção em sua voz que não conseguia identificar.

— Mas eu ainda não entendo por que você manteve isso em segredo? Eu mereço saber sobre minha família, — disse.

— Eu sabia que só lhe traria dor se você descobrisse.

Desde quando Major se preocupa tanto com o bem-estar emocional dos outros? Ele era um homem altamente racional que não deixava as emoções atrapalharem o que achava que era necessário.

— Senhor, sei que o homem que sequestrou Holly a confundiu comigo. Mas se eles sabem quem sou, se sabem sobre meus olhos, por que a levariam?

— Na confusão do ataque, erros podem acontecer. E como eles sabem sobre sua Variação, a cor dos olhos não é algo em que possam confiar. Além disso, o caos provavelmente tornou difícil olhar atentamente. Você poderia ser qualquer um no auditório. Se eles viram a aparência de Holly piscar, poderiam facilmente tê-la confundido com você.

Major cruzou as mãos. — Nós também devemos considerar a possibilidade de que eles tenham levado Holly como isca. Eles sabem que nunca podem ter

certeza de que você é você, mas Holly é sua melhor amiga e eles podem esperar que você faça parte da missão para resgatá-la. Isso a levaria direto para os braços deles. Mas isso é apenas especulação.

— Mas se Abel perceber que não vou procurá-la, e se não conseguirmos encontrá-la imediatamente, o que farão com ela?

— Tenho agentes que estão trabalhando incessantemente para encontrar Holly e os outros agentes desaparecidos, Tessa. Estamos fazendo o melhor que podemos.

Isso não respondeu minha pergunta. — Eles vão machucá-la? — O mero pensamento fez minhas mãos tremerem.

— Sua invisibilidade é um talento útil; ela vale a pena manter por perto. não acho que Abel vai machucá-la. Se Holly for esperta, fingirá concordar com o que ele pedir a ela. — O tom de Major era indiferente. Ficou claro que este tópico não era sua principal preocupação.

— Quero ajudar. Deixe-me procurá-la, — implorei.

Major se ergueu. — Não, Tessa. Não posso permitir isso. Você não ouviu o que acabei de dizer? É exatamente isso que eles querem.

Tive que morder meu lábio para me impedir de dizer que não me importava se isso fosse um truque para me atrair para a armadilha deles. Precisava salvar Holly; Isso era tudo o que importava.

— Abel não vai parar por nada para colocar as mãos em você, e se o fizer, você está perdida. Há pessoas em seu exército que torceriam sua mente. E se não conseguirem que você trabalhe para eles, a matariam. Você não pode ajudar Holly se estiver morta. Se você for capturada, só piorará as coisas para todos nós. Você não pode deixar a sede até que as coisas se acalmem. — O telefone tocou. Mas Major manteve seu olhar fixo em mim. — Você entende isso, não é?

Engoli em seco antes de assentir. — Sim. — Mas não tinha certeza. Agora, parecia que eu não entendia nada. Major pegou o telefone. Sabia que esta era a minha deixa para sair e que nossa conversa havia acabado.

Lentamente saí de seu escritório e fechei a porta. Alec já estava esperando

no corredor. Ele tinha me seguido?

Alec se afastou da parede contra a qual estava encostado. — O que ele disse?

— Ele confirmou que Abel é meu pai e exigiu que eu ficasse na sede. Ele não quer que eu ajude a resgatar Holly.

Alec passou um braço em volta dos meus ombros. — Talvez você devesse ouvir. Major lutou contra o Exército de Abel por muitos anos. Ele sabe o que está fazendo. Você não pode ajudar Holly se colocando em perigo.

Era quase exatamente o que Major havia dito.

Ele e Major, eles sempre agiram como se quisessem o melhor para mim, mas não podia ignorar o fato de que eles mentiram para mim duas vezes. E não eram apenas pequenas mentiras. Eram mentiras gigantescas e devastadoras. Como poderia ter certeza de que me contaram tudo? Como poderia confiar que diriam a verdade desta vez?

— Estou cansada, — disse. Não era verdade. Estava fisicamente exausta, mas minha mente estava bem acordada. Queria ficar longe dos olhos penetrantes de Alec. Do jeito que meu corpo ansiava por estar perto dele, apesar dos avisos da minha mente.

As sobrancelhas de Alec baixaram. — Tem certeza de que não quer companhia? Talvez não devesse estar sozinha agora. — Seu rosto estava tão cheio de preocupação, que me fez querer aquiescer.

Balancei a cabeça e saí de seu abraço. — Não, realmente, preciso de algum tempo para mim.

A parte fraca de mim queria se aconchegar contra seu peito e deixá-lo sussurrar mentiras calmantes em meus ouvidos, mas estava cansada de ser enganada, mesmo que fosse para me proteger. Precisava saber a verdade sobre o Exército de Abel e, mais importante, sobre mim. E pela expressão de Alec, tinha certeza que ele sabia. Se lhe pedisse para ir contra a ordem de Major para me ajudar a salvar Holly, talvez ele fizesse isso. Mas primeiro precisava descobrir o que realmente estava acontecendo.

Alec deu um passo hesitante em minha direção até que nossos peitos estavam quase se tocando. Dei-lhe um pequeno sorriso, e ele tomou isso como permissão para plantar um beijo suave em meus lábios. Relaxei em seu abraço e me permiti esquecer tudo por apenas um momento - as mentiras, a dor, Holly. Alec estava aqui para mim, ele sempre esteve e sempre estaria.

— Eu quis dizer o que disse ontem, sabe? Eu te amo.

Toquei sua bochecha brevemente. — Eu sei.

A decepção cintilou em seu rosto. Antes que a conversa pudesse ir mais longe, me virei e fui embora. Talvez ele esperasse que eu respondesse. Mas não consegui. Eu o amava, não havia dúvida sobre isso. Eu o amei por muito tempo, mas nos últimos dias, nas últimas horas até, tanta coisa aconteceu que me abalou e me fez duvidar do mundo que achava que conhecia. Precisava de tempo. E precisava revelar a real dimensão dos segredos porque tinha um pressentimento de que Major não tinha me contado a verdade, nem metade dela. Ele era provavelmente o único que conhecia toda a extensão. E só havia uma maneira de descobrir. Eu me tornaria ele.



CAPÍTULO 13

Esperei o anoitecer antes de ir para a lavanderia. Desci as escadas até o térreo e depois segui para os fundos do complexo até o salão de natação. A lavanderia ficava bem ao lado, onde as toalhas molhadas não precisavam ser levadas para muito longe.

As letras pretas na porta branca estavam lascadas e desbotadas. Olhei em volta antes de pressionar a maçaneta e entrar. Olhei para a escuridão e cuidadosamente fechei a porta antes de tatear a parede em busca de um interruptor. O cheiro de alvejante, detergente e amido penetraram no meu nariz. Depois de alguns segundos, a sala foi banhada pela luz brilhante da lâmpada halógena no teto. Meus olhos ardiam. Depois do tempo no escuro no meu caminho até aqui, eles tiveram que se acostumar com a súbita intrusão de luz.

Era a segunda vez que estrava na lavanderia. A última vez foi há quase três anos, alguns meses depois da minha chegada. Ninha esquecido uma foto no bolso da minha calça jeans – a única foto que restava de minha mãe e eu da minha infância. A mulher que trabalhava na lavanderia me observava com os olhos arregalados enquanto procurava a foto em todos os lugares, mas não a encontrei. Claro, a mulher não estava aqui agora. Pilhas de roupas sujas estavam empilhadas em frente às cinco enormes máquinas de lavar no chão de concreto puro. No canto com as tábuas de passar roupa, Major achava que uma prensa

mecânica não fazia um bom trabalho, avistei um lote de camisas brancas recém-passadas, e ao lado delas havia uma fileira de ternos e uniformes em cabides. Peguei um que reconheci como do Major, junto com uma camisa branca. Então vi a camiseta rosa de Holly com Ernie e Bert como um casal gay estampado na frente em cima de uma pilha de roupas. A peguei e a pressionei no meu nariz – como se fosse cheirar o perfume dela. Mas tudo que podia sentir era o frescor do detergente. Considerei colocá-la de volta na pilha, mas então a adicionei ao estoque de roupas de Major sobre meu braço e me dirigi para a porta. Apaguei a luz antes de espiar o corredor. Tudo estava escuro e silencioso. Saí e gentilmente fechei a porta atrás de mim.

Meus pés descalços eram silenciosos quando passei na ponta deles pela entrada do salão de natação. Uma onda de cheiro de cloro entrou no meu nariz e congelei. Por que não tinha notado no caminho para a lavanderia? Prendendo a respiração, avancei em direção à porta de vidro. Estava entreaberta. Alguém deve tê-la deixado aberta. Uma forma escura apareceu atrás da porta. Tropecei para trás, engolindo o grito que subiu na minha garganta.

A porta se abriu e a forma se afastou. Estava escuro demais para distinguir muito, mas quando ele se aproximou, reconheci o cabelo loiro de Devon.

— Tessa? — Ele sussurrou.

Fiquei feliz por ele ter tido o bom senso de manter a voz baixa.

— Sim, — respondi. Aproximei-me para ter uma noção melhor de suas reações, mas estava escuro demais para distinguir mais do que o branco de seus olhos. — O que você está fazendo aqui?

— Não durmo muito bem, desde que... — Ele parou. Ele não precisava dizer. Sabia que a morte de sua irmã o mantinha acordado à noite. — Estava nadando.

— No escuro? — Perguntei.

— Não queria que ninguém me visse e fizesse perguntas.

Estendi a mão para descobrir se seu cabelo estava molhado, mas julguei mal o quão perto estávamos e meus dedos roçaram seu peito nu. Ele respirou

fundo enquanto a minha ficou presa na minha garganta. Puxei minha mão para trás, sentindo minhas bochechas esquentarem, feliz que ele não pudesse ver. — Sinto muito, — murmurei.

— Você achou que eu estava mentindo, — disse ele. Havia uma pitada de diversão em sua voz.

— Desculpe, — repeti. Meus dedos ainda formigavam com o toque. — Provavelmente deveria voltar para o meu quarto.

— Ei, — Devon disse calmamente. Sua mão quente tocou meu ombro, e estava ciente de que não sabia exatamente o que ele estava vestindo. Olhei para baixo, mas não consegui distinguir muito. — Você não me disse ainda por que está se esgueirando no escuro.

Hesitei. — Há algo que preciso descobrir, e tenho que fazer isso em particular.

— Não vou contar a ninguém, — disse ele. — Você vai me dizer o que está procurando?

— Não posso agora. Mas talvez mais tarde.

— Ok, — ele sussurrou, e soltou meu braço. — Boa sorte então. Durma bem.

— Obrigada. Talvez mais tarde, — repeti com um sorriso antes de sair correndo.

Me perguntei se suas covinhas apareceram durante nossa conversa. E assim que o fiz, queria me chutar por esse pensamento. Deveria estar preocupada que Devon tivesse me pegando sorrateiramente. Mas ele não tinha visto as roupas de Major e de alguma forma sabia que mesmo se tivesse, Devon não correria até Major e lhe contaria sobre isso.

De volta ao meu quarto, rapidamente coloquei a camisa branca engomada e o resto do uniforme antes de deixar a ondulação me atravessar e mudar para a aparência de Major. Por um momento, encarei meu reflexo. Fisicamente, era idêntica, mas algo na maneira como mantinha minha boca não estava certo. Talvez não fosse amarga o suficiente para carregar a expressão de Major. Ainda

não, pelo menos. A próxima parte da minha missão era a parte mais complicada. Não tinha certeza sobre as medidas de segurança que Major havia colocado em prática e o que teria que fazer para superá-las. Decidi não pegar o elevador para além do porão. Estava fora dos limites em certas horas do dia, e bem possível que um alarme informasse Major se alguém apertasse um botão que levasse até lá depois do expediente.

Minha respiração era lenta e uniforme enquanto descia para os andares que ficavam abaixo do solo. Fiquei mais calma à medida que me aproximava das partes restritas. Talvez porque não importa o que estivesse diante de mim, estava finalmente chegando mais perto da verdade.

Quando cheguei ao andar marcado com '-2', hesitei diante da enorme porta de metal. Era isso. A violação final das regras. Se fosse pega, estaria em sérios problemas. Surpreendentemente, a porta não estava trancada quando girei a maçaneta. Segui pelo corredor. O piso era de concreto sem revestimento, o branco das paredes acinzentadas ao longo dos anos e teias de aranha enchiam o teto e os cantos. Nem o pessoal da limpeza tinha acesso a esta parte do edifício.

Pelo menos uma dúzia de portas de metal levavam a catacumbas nas quais nunca havia pisado. Qual era a certa? Levaria semanas para vasculhá-las todas. Mas então avistei a porta no final do corredor. Uma luz vermelha estava piscando ao lado dela; a única porta com esse nível de segurança. Corri em direção a ela. A luz vermelha vinha de uma pequena caixa quadrada equipada com um leitor de impressões digitais e um scanner ocular. Como Major, isso seria moleza para mim. Mas o teclado que o acompanhava poderia se tornar um problema. Pressionei meus dedos, ‘dedos de Major’, contra o touchpad e um momento depois o contorno da minha mão brilhou em verde. ‘Aceito’ piscou na tela acima da minha mão. Meus dedos formigavam quando os removi do touchpad. Uma voz feminina mecânica me instruiu a usar o scanner ocular em seguida. Congelei e olhei ao redor, como se alguém pudesse ter ouvido, embora todos estivessem dormindo vários andares acima de mim.

Alinhei meus olhos com os dois lasers vermelhos para que pudessem lê-

los. Tive que me forçar a não piscar quando o vermelho brilhou em minhas pupilas. Eles começaram a molhar de mantê-los bem abertos. Depois de um momento, ele piscou em verde e a voz soou novamente, pedindo a senha de quatro dígitos.

Meus dedos pairaram sobre o teclado. Não tinha ideia de qual era a senha. Major não era o tipo de usar seu aniversário. Talvez alguns números aleatórios? Mas isso provavelmente iria contra o senso de ordem de Major. E ele realmente seria tão cuidadoso? Major esperava que alguém no quartel-general tivesse a audácia de descer até aqui e tentar invadir? Sem acesso às suas impressões digitais e formato dos olhos, não havia muitas pessoas que poderiam fazer isso. Na verdade, havia apenas eu. Descansei meus dedos nas teclas e digitei 1948, ano em que a FEA foi oficialmente fundada. Prendi a respiração enquanto o processamento piscava na tela e soltei um suspiro de alívio quando a luz verde piscou e pude ouvir a fechadura abrir.

Entrei na sala e fechei a porta atrás de mim antes de acender a luz. A poeira formigava no meu nariz e o cheiro de papel velho e mofo enchia o ar. Havia filas sobre filas de armários de metal cinza na sala. Uma fina camada de poeira cobria tudo. Um corredor com cerca de um metro de largura foi deixado no meio para caminhar. Passei os olhos pelas etiquetas de cada gaveta, demorando-me em uma que dizia ‘Mallard’. Esse era o sobrenome de Tanner. Não reconheci as outras, mas parecia que as gavetas não estavam ordenadas por alfabeto. Quase no final do corredor havia uma com Abel Crane escrito em uma etiqueta e a imediatamente ao lado estava rotulada Heather Crane. Olhei duas vezes. Heather era o nome da minha mãe. Olhei para a etiqueta por um momento. Crane. Esse era meu sobrenome verdadeiro? Minha mãe e eu trocamos nossos nomes com tanta frequência que nem sabia meu sobrenome verdadeiro. Ela sempre se recusou a me revelar. Etiquetas com sobrenomes diferentes vinham depois dessas duas gavetas, vários nomes que minha mãe e eu tínhamos usado ao longo dos anos, com o período estimado de tempo em que os usamos. Então a FEA tinha mantido o controle sobre nós, sobre mim. Com

certeza, a última gaveta da linha estava rotulada como Tessa Crane.

Estava prestes a ir direto para essa quando notei as letras miúdas sob os nomes. Abaixo do nome da minha mãe havia uma etiqueta que dizia Volátil. Não conseguia me mexer. Volátil? Esse era um termo usado para descrever os Variantes que foram rotulados de risco porque eram propensos a doenças mentais ou porque perderam o controle de sua Variação. Nunca tinha visto minha mãe exibir qualquer tipo de talento extraordinário e ela nunca havia mencionado nada para mim, nem Major, mesmo depois que perguntei diretamente a ele sobre meu pai. Outra mentira, ou como Major provavelmente chamaria, uma omissão.

Abri a gaveta e puxei o primeiro arquivo. O papelão estava macio e amassado pelo uso, como se alguém o tivesse pego e aberto muitas vezes. O abri e olhei para as páginas amareladas. Meus olhos voaram sobre as letras, absorvendo tudo. Dizia que a Variação da minha mãe era a regeneração. Tive que parar por um segundo para entender. Minha mãe era uma Variante como eu. E ainda assim me odiava pelo que eu era.

Regeneração. Suas células poderiam se reparar. Ela nunca envelheceria. Fazia mais de dois anos desde que a tinha visto, mas sabia que ela tinha rugas e pés de galinha. Meus olhos percorreram a página. Dizia que ela se juntou à FEA quando tinha quinze anos e viveu na sede por vinte anos depois disso. Isso não fazia sentido. Ela estava em seus vinte e poucos anos quando me teve e eu definitivamente não tinha nascido na sede. Isso só poderia significar que ela usou sua Variação para parecer mais jovem.

O que aconteceu então? Ela se juntou ao Exército de Abel? O Exército de Abel existia na época? Ou ela e meu pai viviam juntos como uma família? Estava prestes a puxar a próxima página e ler o que estava escrito quando um barulho distante me fez parar. Um zumbido suave; como o som do elevador. Estava subindo. Alguém o havia chamado. Se alguém estivesse procurando por mim, isso não me dava muito tempo, e ainda não tinha olhado meus arquivos e o do meu pai. Deslizei o arquivo de volta em seu slot e fechei a gaveta antes de

passar para aquele com o nome de Abel na frente. Minhas mãos tremiam quando o abri e, por um momento, fiquei com medo olhar. Mas o pensamento de ajudar Holly me deu forças. Precisava descobrir o máximo possível sobre o Exército de Abel.

Peguei a primeira pasta. Respirando fundo, a abri e olhei para uma foto minha e de minha mãe. A mesma foto que achei ter perdido há mais de três anos. Como veio parar no arquivo? A raiva borbulhou dentro de mim. A lavadeira deve tê-la encontrado e levado para Major, que decidiu ficar com ela. Ou talvez ele tenha roubado do meu quarto em primeiro lugar. Mas por quê?

Estava de pé em uma sala contendo todas as razões por trás de suas ações. Ele queria me fazer esquecer meus pais, de onde eu vinha, então nunca saberia a verdade. Tracei um dedo sobre o rosto da minha mãe na foto. Seus contornos eram mais suaves do que eu lembrava e ela olhava para mim com um sorriso gentil. Na foto, eu era uma criança, talvez um ano de idade, sorrindo amplamente com chocolate por todo o meu rosto. Minha mãe segurava uma colher na mão. Não me lembrava desse momento em particular ou de qualquer outro momento em que minha mãe cuidou de mim. Mas gostaria de poder. Quem havia tirado a foto? Meu pai? Naquela época, eles ainda poderiam estar juntos. Levantei a foto e vi o que estava abaixo dela e o tempo pareceu parar. Havia mais fotos. Na primeira estava uma família, uma mulher olhando para um bebê pequeno em seus braços, um homem com o braço em volta dela, e um garotinho de cabelo castanho e olhos turquesa sentado nos ombros do homem, com um sorriso cheio de dentes. Minha família. Minha mãe. Meu pai. Meu irmão.

Por um momento não consegui respirar. Parecíamos felizes. Parecíamos uma família normal. Nós parecíamos tudo o que sempre desejei. Cuidadosamente empurrei a foto de lado para olhar a terceira foto. Era um close de um jovem Abel, olhos turquesa, meus olhos, brilhando na foto enquanto embalava um bebê minúsculo contra o peito. Com dedos trêmulos, virei a foto. ‘Minha princesinha’ estava escrito no verso com uma caligrafia desconhecida. Meu pai Abel tinha escrito essas palavras? Ele me chamava de sua princesinha?

Fechei meus olhos. Isso era demais. Como poderia um homem que me chamava de sua princesinha ter feito todas as coisas horríveis que Major me contou? Como poderia ter me deixado?

Dobrei as três fotos com cuidado e as enfiei no bolso da calça de Major. Só teria que me lembrar de tirá-las antes de devolver as roupas dele para a lavanderia. Não me importava se Major descobrisse que as tinha levado. Ele não tinha o direito de manter essa parte da minha vida longe de mim, me fazer acreditar que nunca fui amada.

Procurei no arquivo qualquer fragmento de informação que pudesse me dizer onde poderia encontrá-lo. Aparentemente, o exército de Abel estava sediado no Alasca por um tempo antes de se mudar para o sul. O paradeiro deles não era conhecido, mas o arquivo dizia que as pistas apontavam para um quartel-general em algum lugar no sudoeste americano. Abel tinha sido visto perto de Las Vegas algumas vezes, mas não havia nada conclusivo sobre a sede atual. Eventualmente, me deparei com uma nota manuscrita no topo de uma página dizendo que havia rumores de que Heather Crane havia estabelecido contato com Abel Crane várias vezes ao longo do ano passado.

Minha mãe estava em contato com Abel? Como isso era possível? Talvez ela soubesse de algo que poderia nos levar a Holly. O som do elevador veio de novo e rapidamente coloquei a pasta de Abel de volta na gaveta onde ela pertencia. Antes que o tempo acabasse, fiz o que não tinha certeza se era forte o suficiente para fazer: peguei meu próprio arquivo.

Meus olhos pousaram em um carimbo vermelho no topo da primeira página, exatamente como o do arquivo da minha mãe. Dizia ‘volátil’. Olhei novamente para a capa do arquivo para ter certeza de que era realmente meu. Era. Por que dizia ‘Volátil’? Eu não era instável. Sempre pensei que era o troféu Variante, a arma definitiva. Meus olhos voaram pela página e pararam na seção que eu estava procurando. Meus dedos tremiam tanto que as palavras ficavam borradas diante dos meus olhos.

Status: Volátil (não confirmado).

Fator de risco: Pais - Abel Crane (Volátil), Heather Crane (Volátil). Irmão - Zachery Crane (suspeita de Volátil - não confirmado)

Comentários: Sem sinais de insubordinação. No controle da Variação. Sem contato com fatores de risco.

Curso de Ação: Vigilância da estabilidade emocional e mental (Missão Interna 010).

Prognóstico: Positivo.

Status de promoção a Agente: Possível (aguardando resultados finais – IM 010)

Um enjoo tonto tomou conta de mim e me agarrei ao arquivo para me apoiar. Eles estavam me monitorando. Alguém tinha vigiado minha estabilidade emocional. O medo se instalou na boca do meu estômago. Podia ouvir o zumbido do elevador voltando, ficando mais alto. Mas não conseguia me mexer. Não me importava se fosse pega. Precisava de confirmação. Precisava ver o arquivo sobre a missão 010.

Puxei arquivo após arquivo da minha gaveta até chegar ao que tinha a etiqueta que estava procurando. Por alguns segundos, olhei para o teto, meu coração batendo forte, com medo do que sabia que encontraria. Mudaria tudo. Lentamente, baixei meu olhar para o arquivo.

Dois nomes estavam escritos logo abaixo da descrição da missão. Os dois agentes responsáveis pela vigilância, minha vigilância.

Kate e Alec.



CAPÍTULO 14

Não tenho certeza de quanto tempo fiquei ali olhando para a página incrédula. Provavelmente foram segundos, mas pareceram horas. Ainda não tinha me movido quando Major entrou. Não tinha certeza de quanto tempo ficamos assim, eu ainda, posando como ele, olhando um para o outro. O arquivo ainda estava na minha mão. Minha palma estava suada. Ele não estava de pijama e não parecia nem um pouco cansado. Talvez dormisse de uniforme, ou talvez nem precisasse dormir.

Havia uma quietude em seu rosto que deveria ter me assustado, me alertado da fúria que estava fervendo sob sua máscara controlada. Mas me senti vazia. No fundo podia sentir um fogo queimando, uma raiva mais intensa do que qualquer coisa que já senti antes, e queria agarrá-la e aproveitá-la e liberá-la no homem na minha frente; para mostrar a ele o que essa traição tinha feito comigo. A FEA era minha família, um lar depois de todos os anos de desespero e negligência, e agora isso se foi. Arrancado das minhas mãos pelo que acabei de ler. A FEA me acolheu por causa do meu valor para eles, mas nunca confiaram em mim e nunca me trataram completamente como se eu fosse digna. Minha vida aqui tinha sido uma mentira.

E Alec. Meu coração, meu corpo inteiro doía tanto quando pensava nele e no tempo que compartilhamos. Lágrimas ardiam em meus olhos, mas não as

deixei cair. Major tinha dito a ele para começar um relacionamento comigo para garantir o sucesso de sua espionagem? Kate só me contou o segredo de Alec para me testar? Como poderia saber se ele quis dizer uma única palavra que disse? Tinha tudo sido mentiras? Os toques, os beijos, os olhares ternos? Tinha sido tão estúpida em pensar que ele me amava, em pensar que estava do meu lado, que me ajudaria. Ele era soldado de Major por completo, sempre foi.

A faca de sua traição estava cravada no fundo da minha alma. Ele e Kate devem ter se divertido muito me espionando. É por isso que ele nunca falou sobre a missão que compartilharam. Porque a missão era eu e minha suposta instabilidade. A bomba-relógio conhecida como Tessa. O olhar triunfante de Kate fazia ainda mais sentido agora. A vergonha tomou conta de mim, determinada a banir minhas outras emoções, mas me agarrei à minha raiva. A raiva era tudo o que me faria passar por isso. Era tudo o que me restava.

— Venha comigo, — disse Major concisamente.

Larguei o arquivo lentamente e o segui até o elevador. Não tinha certeza de como meu corpo conseguia passar pelos movimentos quando tinha certeza que estava desmoronando por dentro. A cada passo, outra parte da minha felicidade cuidadosamente construída desmoronava e era esmagada pelas botas perfeitamente polidas de Major.

Não pude deixar de me perguntar quantas vezes Alec e Kate discutiram meus sentimentos pelas minhas costas. Eles devem ter dado muitas boas risadas sobre minha paixão estúpida. No elevador e a caminho do escritório de Major, nenhum de nós falou. Chegando lá, afundei na beirada da cadeira dura. Meus dedos enrolaram em torno dos meus joelhos, unhas cravadas na pele. Deixei a ondulação familiar tomar conta de mim até que estivesse de volta a mim mesma novamente, não mais posando como Major. O uniforme estava solto no meu corpo.

Major se posicionou na frente de sua mesa. Tive que esticar meu pescoço para dar uma boa olhada em seu rosto. Podia ver que ele estava lutando por autocontrole. Sua mandíbula se contraiu e uma veia em sua garganta latejava

furiosamente.

— Você não tinha o direito de estar lá. Isso é uma violação grave das regras. Espero que esteja ciente disso.

Se ele dissesse algo sobre confiança e me desse alguma linha sobre como a FEA era construída sobre isso, explodiria como a bomba-relógio que ele achava que eu era. Apenas alguns dias atrás ele disse que nunca violaria minha privacidade usando Kate. Mas o que era isso? Ele sabia o quanto me importava com Alec, o quanto confiava nele, e ainda assim o usou contra mim. Ou talvez esse fosse seu plano desde o início. Talvez quando Alec me consolou há mais de três anos após a ligação devastadora com minha mãe, estivesse agindo sob as ordens do Major. Percebi que Major ainda estava me observando e provavelmente esperando uma resposta. Alcancei a fúria interior, usei-a para fazer minhas palavras saírem duras e acusadoras.

— E você não tinha o direito de me monitorar como uma criminosa e esconder a verdade sobre minha família de mim, — disse. — Você mentiu para mim e me traiu. O que sou para você? Algum tipo de marionete que pode usar como quiser? E o que é Alec, seu mestre das marionetes? — Queria destruir seu escritório, destruir sua mesa muito limpa e seus estúpidos soldados modelo. Queria rasga-lo e a Alec em pedaços como eles tinham feito com meu coração e minha confiança.

Os lábios de Major se estreitaram em uma linha branca em seu rosto bronzeado. — Não vou tolerar esse seu tom, Tessa. A FEA e eu temos sido muito bons para você. Nós lhe demos um lar, um propósito e uma chance de uma vida normal.

Não acho que Major alguma vez soou tão frio quando falou comigo. Algumas vezes, especialmente no início da minha vida na sede, até desejei que ele fosse meu pai.

— Normal? — Repeti em um sussurro. Não havia nada normal sobre mim ou minha vida, e certamente não sobre Major e sua vigilância.

— Tão normal quanto alguém como você poderia esperar. Onde acha que

estaria agora se a FEA não tivesse te aceitado e te ensinado sobre sua Variação?

Me fiz essa pergunta tantas vezes e sempre cheguei à conclusão de que estaria perdida sem eles, mas agora, depois de ver as fotos do meu pai e do meu irmão, senti que poderia haver mais para mim.

Major continuou: — Não acho que você esteja ciente dos perigos que seu modo de vida anterior implicava. Você estava sem proteção e se Abel tivesse te encontrado, teria acabado. Porque não importa o quanto você me despreze e meus métodos neste momento, eles não são nada em comparação com o que Abel é capaz, se ele suspeitasse que um de seus soldados estivesse saindo da linha.

Talvez ele estivesse certo. Talvez ficar nas mãos de Abel teria sido dez vezes pior, mas isso não significava que eu tinha que gostar de como ele e a FEA me trataram, como usou Alec contra mim. Isso não tornava suas ações certas. Major balançou a cabeça.

— Você não me deixa escolha, — disse ele tristemente. Meu estômago se apertou. — Você tem agido de forma errática e irresponsável nos últimos dias. Acho que suas emoções estão fora de controle. Percebo que passou por muito e que pedi muito de você, mas isso não desculpa o que fez hoje.

— O que você quer dizer? — Sussurrei.

— Acho que você precisa de algumas semanas para considerar suas ações e se recuperar do trauma que sofreu durante sua primeira missão e novamente quando perdeu Holly. Temos instalações de última geração que tratam nossos agentes quando sofrem de TEPT, depressão ou outras deficiências emocionais. Vou ligar para eles esta manhã e pedir que cuidem de você por algumas semanas.

— Você vai me trancar em uma ala psiquiátrica?

Major suspirou. — Esta instalação não é uma prisão. Não é um castigo. Só quero ter certeza de que sua instabilidade emocional será tratada antes que fique fora de controle. Você é uma agente capaz, Tessa, e odiaria perdê-la. Em algumas semanas, quando atravessar isso, verá que foi o melhor.

Não conseguia falar. Major ia me trancar e deixar os psiquiatras da FEA

mexerem com minha mente. Não confiava neles e em Major para seguir os métodos usuais de terapia de psiquiatras regulares. Eles fariam algo com meu cérebro até que não fosse mais tão insubordinada, até que fosse uma pequena agente obediente.

Sabia que tinha que agir com cuidado agora. De jeito nenhum deixaria alguém me levar para o hospício da FEA. Baixei a cabeça com um suspiro, para que Major não pudesse ver meu rosto, e tentei suprimir meu tremor de pânico. — Você realmente acha que eles podem me ajudar? Não quero me transformar em minha mãe ou me tornar uma assassina como meu pai. — Estremeci para fazer efeito.

Major tocou meu ombro e lutei contra a vontade de afastá-lo. Se tivesse uma faca, não tinha certeza do que teria feito. Talvez tivesse enfiado em seu coração e perguntado: “Como se sente?”

—Sua mãe poderia ter sido uma ótima agente também, mas ela não quis aceitar minha ajuda. Ela achou que não estava em risco. Não vou cometer o mesmo erro com você.

Balancei a cabeça, minha mente correndo para encontrar uma saída para isso. — Gostaria que pudesse ter sido diferente. Por que meus pais têm que ser tão confusos?

Major apertou meu ombro de forma tranquilizadora, como se fosse deixá-lo *me consolar* novamente depois do que descobri hoje. — Nós não podemos escolher quem são nossos pais. Só podemos aspirar a ser melhores.

Alec tinha ouvido essa pérola de Major antes de repeti-la para mim alguns dias atrás? A raiva parecia fazer um buraco no meu estômago, mas a forcei para baixo. Não podia arriscar que Major suspeitasse que eu fugiria. E com a mesma rapidez, percebi que essa era minha única opção. Tinha que encontrar minha mãe para que ela pudesse me dizer onde Abel estava, se realmente estava em contato com ele, e então faria tudo ao meu alcance para encontrar e libertar Holly.

Cobri meu rosto com as mãos e soltei um soluço, esperando que isso realmente atingisse o alvo. Major tinha que acreditar que eu era uma garota

estúpida, perdida e desesperada. — Estou preocupado que Alec me deixe depois de tudo isso. Você acha que ele vai esperar por mim enquanto eu estiver fora, ficando saudável?

— Alec sabe sobre a bagagem emocional que você carrega.

Aposto que sim, pensei amargamente. *Traidor.*

— Ele ficará feliz que você esteja procurando ajuda. Alec e eu queremos que você fique bem.

Olhei para cima, exibindo arrependimento e vergonha em meu rosto. — Sinto muito por hoje. Simplesmente me perdi. Estou tão preocupada com Holly. Sinto que estou caindo e não há nada para me segurar. — Odiava quão perto da verdade era essa última parte, odiava como tudo que me importava e amava parecia ter sido arrancado da minha vida.

Major me deu um olhar compreensivo e precisei de tudo para não socá-lo. Talvez essa avaliação no meu arquivo não estivesse tão longe assim. Talvez tivesse potencial para me tornar Volátil, mas se realmente fosse ao fundo do poço, sabia quem era o culpado. Major e suas mentiras.

— Estou cansada, — disse baixinho. — Acho que preciso dormir um pouco.

— Vou levá-la para o seu quarto, — disse Major enquanto se endireitava antes de pegar algo da gaveta em sua mesa e guardar no bolso da calça. Não consegui ver o que era. Ele deu a volta na mesa e saímos de seu escritório. Minha expressão caiu, mas rapidamente reorganizei meu rosto em um sorriso sereno.

Então Major não foi tão facilmente aplacado. Ele nem mesmo confiava em mim para voltar para o meu quarto sozinha. Ele achou que eu ia fugir? Ou estava apenas preocupado que voltasse ao porão para bisbilhotar um pouco mais?

Major me seguiu de perto enquanto andava para o meu quarto. Podia sentir seus olhos perfurando meu crânio e minhas costas. Entrei no meu quarto e sem uma palavra ele entrou atrás de mim. O que ele ia fazer? Observar-me enquanto eu dormia para ter certeza de que não fizesse algo estúpido?

— Trouxe isso para você, — disse ele enquanto tirava um pequeno frasco de plástico com pílulas de sua calça.

Fiz uma careta para ele. — Para que servem?

— Elas vão te ajudar a dormir, — ele explicou enquanto colocava duas pílulas na minha palma. Olhei para os pequenos quadrados brancos.

Então ele ia me drogar para dormir. Assim não correria para lugar nenhum. O pânico queria fazer uma aparência feia, mas o afastei. Haveria tempo para isso mais tarde.

— Aqui. — Major pegou a garrafa de água do meu criado-mudo e me entregou. — Você tem alguns minutos antes que façam efeito. Isso deve te dar tempo suficiente para vestir suas roupas de dormir.

Apenas alguns minutos. Como deveria escapar se estivesse sob a influência? Tinha certeza de que Major bateria na minha porta logo pela manhã para ficar de olho em mim até que os psiquiatras viessem me levar com eles.

Aceitei a garrafa e enfiei os comprimidos na boca antes de tomar um grande gole de água. Por um breve momento considerei esconder as pílulas debaixo da minha língua ou no fundo da minha boca, mas tinha a sensação de que Major notaria e então provavelmente me amarraria na cama e arruinaria qualquer chance que tivesse de escapar. Engoli as pílulas e fiz uma careta pelo gosto amargo que deixaram na minha língua; tinham gosto de desesperança e derrota.

Major examinou meu rosto, e esperava que me pedisse para abrir minha boca, mas ele parecia satisfeito com o que viu. — Descanse um pouco. — Ele saiu e fechou a porta atrás dele, mas não ouvi seus passos se afastando.

Vasculhei minha mesinha de cabeceira e a fechei com um estrondo para que ele ouvisse. Então rapidamente tirei as roupas de Major e coloquei meu pijama, caso ele decidisse me checar. Roupas de rua teriam parecido suspeitas. Enfiei as fotos de minha mãe e eu, Abel e eu, e a de toda a minha família nos bolsos do pijama. Meus movimentos ficaram mais lentos, meus membros pareciam mais pesados, minha mente estava começando a ficar confusa. As

pílulas estavam fazendo efeito mais rápido do que eu imaginava. Pânico subiu pela minha garganta. Eu nunca conseguiria. A resignação tomou conta de mim. Talvez não fosse tão ruim se os psiquiatras da FEA dessem uma olhada em mim, talvez pudessem ligar um interruptor na minha cabeça que me deixasse feliz.

Não.

Eu cambaleei em direção ao banheiro e abri a torneira. Major esperava que eu escovasse os dentes, mas como esperava que fizesse isso quando meu cérebro estava desligando tão rápido, não sabia. Arrastei-me em direção à porta e pressionei meu ouvido contra a madeira fria, feliz por senti-la contra meu corpo. Minhas pernas dobraram sob mim e caí de joelhos. Pontos pretos entravam e saíam da minha visão. Me sentia pesada e leve ao mesmo tempo.

Isso não eram pílulas para dormir normais. Elas deveriam me nocautear. Major ainda não havia se afastado. E se ele me checasse em alguns minutos? Arrastei-me até a cama, apaguei as luzes, cobri meu corpo com o cobertor e fingi estar dormindo. Estava com medo de fechar os olhos, com medo de não ser capaz de abri-los novamente, de cair no sono imediatamente. Depois de alguns segundos, não tinha certeza de onde o colchão terminava e meu corpo começava. Minhas pernas estavam dormentes. E minha mente queria desligar.

Cravei minhas unhas na pele macia da minha coxa e a dor baniu um pouco da névoa da minha cabeça. Ouvi a porta se abrir e fiquei muito quieta enquanto os passos se aproximavam da cama. De repente, Major agarrou meu pulso. Sem as pílulas já transformando meu corpo em mingau, teria vacilado. O que ele estava fazendo? Ele virou meu braço para que minha palma ficasse voltada para cima e então pressionou algo duro e frio contra a pele abaixo da dobra do meu cotovelo. Houve um clique e algo afiado perfurou minha pele, enviando uma dor lancinante pelo meu braço. O que ele fez?

Ele soltou meu braço e depois de um momento, seus passos recuaram e eu estava sozinha novamente. Desta vez Major não esperou na frente do meu quarto. Ele se foi.

Alívio surgiu através de mim, mas então veio a percepção de que meu

corpo estava muito pesado para se mover e eu ainda não sabia o que ele tinha feito com meu braço. Eu rolei, mais perto da beirada da cama. Com meus braços, que estavam ficando mais pesados a cada segundo, me levantei da cama. Meu rosto pressionado contra o chão. Estava tão cansada. Meus olhos eram apenas fendas. O mundo não era nada além de algodão e névoa. Algodão e névoa.

Com os cotovelos, deslizei em direção à porta. Olhei para a maçaneta da porta. Estava tão alta. Com um gemido, levantei-me em meus braços e agarrei a maçaneta. Meus dedos escorregaram e caí de volta no chão. Mas a porta estava entreaberta. A abri e olhei para o corredor. Estava escuro e abandonado. Major deve ter ido para seu quarto no andar de baixo.

Só havia uma pessoa que poderia me contar tudo e me ajudar a encontrar o Exército de Abel e Holly. Minha mãe. E havia apenas uma pessoa que poderia me ajudar a encontrá-la. Arrastei-me pelo corredor, ergui o punho alguns centímetros acima do chão e bati na porta. E se ele não ouviu?

Senti-me à deriva quando a porta se abriu. Olhei para o rosto surpreso de Devon, cercado por um halo de escuridão, então minha cabeça caiu e meu mundo ficou preto.



CAPÍTULO 15

Lentamente, recuperei meus sentidos e minha visão voltou. Uma voz suave escorria pela escuridão. Tentei me agarrar a ela, deixar que me tirasse da inconsciência.

— Tessa, o que aconteceu?

Pisquei contra o borrão. A forma de um rosto pairava na minha frente. Depois de alguns segundos, ficou claro. Devon olhava para mim com uma carranca profunda. Minha cabeça descansava em seu colo e ele estava acariciando meu cabelo.

Onde estávamos? Tentei me sentar, mas estrelas surgiram na minha visão. Devon tocou minhas têmporas e de repente o peso desapareceu de meus membros e a tontura sumiu da minha cabeça. Mas não tentei me sentar novamente. Rapidamente fiz um inventário da situação; Estava no quarto de Devon, esparramada no chão e sua porta estava fechada.

— Alguém nos viu? Você não chamou Major, chamou? — Resmunguei.

— Não, — Devon disse gentilmente. — Não sabia o que havia de errado com você. E para ser honesto, não tenho certeza se confio nele.

Isso me fez sorrir. Pelo menos não era a única. Com Alec sempre foi óbvio que ele estava do lado de Major, que a FEA era a coisa que mais importava para ele. — Você não deveria.

As sobrancelhas loiras de Devon se juntaram. — Não deveria o quê?

O sorriso desmoronou. — Confiar nele. — Gostaria de ter chegado a essa conclusão meses atrás. Teria me poupado muita dor de cabeça.

— Por que você tomou pílulas para dormir e depois rastejou pelo corredor? — Devon perguntou suavemente.

— Não as tomei, — expliquei e uma nova onda de raiva tomou conta de mim. — Major me fez toma-las.

Os olhos de Devon se estreitaram. — Por que ele fez isso?

— Porque ele quer me impedir de fugir. — Fiquei chocada ao ouvir as palavras em voz alta. Nunca pensei que consideraria deixar a FEA. O que restava na minha vida sem a FEA? *Holly*, me lembrei. Ela precisava da minha ajuda. E não podia confiar em Major para salvá-la. Ela não era importante o suficiente para ele. Holly entenderia se lhe contasse minhas razões para deixar o quartel-general. Talvez pudéssemos construir uma nova vida em algum lugar.

— Você quer fugir? Achei que gostasse de estar com a FEA? — As palavras de Devon me trouxeram de volta ao presente.

Fechei os olhos quando me lembrei de toda a extensão da traição da FEA e de Alec. Lentamente, sentei-me, lutando contra um enjoo que não tinha nada a ver com as pílulas para dormir. — Obrigada por me acordar, — disse.

Percebi que conversamos mais nos últimos minutos do que no tempo em que ele estava morando na sede. Ele ainda estava me observando atentamente, esperando por uma resposta. Uma vez amei viver com a FEA, mas isso não importava mais. Meus olhos dispararam para a mesa de cabeceira com a foto de família de Devon. Percebi que não poderia ter escolhido uma pessoa melhor para confiar.

— Não, — disse lentamente. — Tenho que fugir. Esta noite. E estava me perguntando se você gostaria de vir comigo.

Ele não tinha motivos para me ajudar. Não depois da maneira como o enganei durante minha última missão, mas ele era minha única esperança. Não havia mais ninguém a quem pudesse pedir. Tentei me convencer de que estava

fazendo isso por ele, que queria protegê-lo do jogo de Major, mas isso era apenas uma parte. No fundo, sabia que meus motivos egoístas eram mais fortes. Não tinha certeza se era forte o suficiente para passar por isso sozinha.

— O que aconteceu?

Não queria contar a ele, mas então as palavras começaram a sair e lhe disse tudo o que descobri hoje. Eu sofria quando terminei. Cruzei os braços sobre o peito, tremendo.

Devon passou o braço em volta do meu ombro. Não podia acreditar que finalmente conseguimos deixar o constrangimento para trás. — Achei que a FEA eram os mocinhos, — Devon disse distraidamente. Podia ver que ele estava pensando em alguma coisa.

— Às vezes até os mocinhos cruzam a linha, — disse finalmente. Mas nem tinha certeza se a FEA eram os mocinhos. Os mocinhos realmente existiam? Talvez a FEA e o Exército de Abel fossem apenas dois lados da mesma moeda. Diferentes tons de ruim.

— Então, — Devon começou, sua voz tensa. — O Exército de Abel não foi responsável pelo assassinato em Livingston e pelo sequestro de Holly? — Ele fez uma careta quando o nome de sua cidade natal cruzou seus lábios. Provavelmente trouxe muitas lembranças ruins de volta.

— Isso é o que Major disse, — esclareci. Percebi que soava na defensiva. Estava tentando defender Abel, meu pai. De onde veio essa noção?

— Você tem razão. Não sabemos se Major disse a verdade, — Devon disse. Ele começou a esfregar meu braço distraidamente, e de alguma forma conseguiu me relaxar. Ele parecia tão calmo. — E depois do que você acabou de me dizer, definitivamente devemos sair imediatamente. Não preciso de ninguém mexendo comigo. Sou confuso o suficiente.

Soltei uma risada. — Eu também. — A maneira como ele olhou para mim mexeu com alguma coisa.

De uma maneira estranha e distorcida, isso me lembrou de Alec.

A tristeza percorreu meu corpo. Desviei o olhar e brinquei com a barra do

meu pijama. A mão de Devon no meu braço parou e ele olhou para ela, como se tivesse acabado de perceber o que estava fazendo. Não tinha certeza se queria que ele parasse ou não.

— Então, — disse Devon, casualmente soltando o braço. — Qual é o plano? Como vamos fugir?

— Tem certeza que quer vir comigo? Se Major nos pegar, nós dois passaremos as próximas semanas no hospício da FEA.

— Tenho certeza. — Ele tocou minha mão. — Você descobriu o assassino da minha irmã. Eu te devo isso.

Olhei para a mão de Devon na minha. Era bom que houvesse alguém que não tivesse me traído. *Ainda,* uma voz cautelosa me lembrou. De alguma forma tinha certeza de que Devon tinha suas próprias razões para se juntar a mim em minha busca para descobrir a verdade sobre o Exército de Abel.

— A sede fica praticamente no meio do nada. A próxima fazenda fica a cerca de oito quilômetros ao sul, — disse. — Levaria horas para chegar lá a pé.

— Então isso está fora, — disse Devon pensativo. — Que tal um helicóptero? Você pode pilotar um?

Balancei minha cabeça. — Não, quero dizer, não acho que posso. Tive apenas algumas horas no simulador, nunca em um helicóptero real. E o som das hélices acordaria a todos. Major simplesmente enviaria outro helicóptero atrás de nós. — Ele nos caçaria. Se saísse esta noite, ele não pararia de me perseguir até que estivesse de volta em suas mãos.

— Então vamos pegar um carro. Eu sei dirigir.

Balancei a cabeça, pensando nisso. — Assim que alguém perceber que saímos ou se alguém nos ouvir sair, enviarão um carro ou um helicóptero atrás de nós.

Devon puxou uma barra de chocolate de uma mochila e começou a mastigar. — Isso me ajuda a pensar, — disse ele se desculpando. Ele estendeu outro para mim, mas balancei minha cabeça. — Onde isso nos deixa?

Sim onde? Uma ideia passou pela minha cabeça. Mas Major estaria pronto

para me matar se continuássemos com isso. — Nós pegamos um carro, — disse calmamente. —Mas antes de partirmos, cortamos os tubos de combustível dos carros e dos helicópteros. Levará algumas horas para consertar isso.

— Major não vai simplesmente chamar ajuda?

— Major nunca envolveria estranhos ou a polícia, mesmo que precisasse de apoio. Ele mesmo vai querer nos estrangular, — disse. Já me sentia melhor apenas conversando com Devon e saber que ele estava do meu lado me deu esperança pela primeira vez em muito tempo. Olhei para o relógio na mesa de cabeceira de Devon. Marcava 2:37. — Major sempre se levanta às cinco para dar algumas voltas na pista. Nós deveríamos nos apressar. Quero estar longe quando ele perceber que partimos. — Fiquei de pé. Minhas pernas estavam firmes e nenhum indício de tontura permanecia.

— E quanto a Phil? — Devon perguntou enquanto se levantava. Ele não era tão alto quanto Alec, mas ainda era quase uma cabeça mais alto que eu. — Não deveríamos levá-lo conosco? Ou pelo menos avisá-lo?

Andei pelo quarto. Ele estava certo. O pobre Phil era novo na FEA. Ele não sabia o que esperar e era muito crédulo e animado para ver a verdade. Afinal, levei três anos para perceber o que estava acontecendo e tinha certeza de que ainda não sabia metade. Olhei para Devon, para seu maxilar quadrado e a forma como suas sobrancelhas estavam unidas em concentração. E se eu o estivesse levando direto para a morte?

— Não tenho certeza se Phil está preparado para isso, mas vamos perguntar a ele. Deixar que decida por si mesmo. — Fiz uma pausa. — Você tem certeza que ele não vai correr para o Major e contar sobre o nosso plano?

Devon passou a mão pelo cabelo enquanto olhava atentamente para a parede que separava este quarto do de Phil. — Não acho que ele faria isso.

Meus olhos encontraram o relógio mais uma vez. 2:45.

— Talvez pudéssemos enviar uma mensagem a ele quando já estivermos fora. Dessa forma, ele saberá que deve ser cuidadoso e não acreditar em tudo que o Major lhe disser, — disse.

— Sei que ele ficou com o celular. Poderíamos enviar-lhe um texto ou um e-mail, eventualmente.

— Bom. — Balancei a cabeça. Todo o planejamento me distraiu do vazio dentro de mim. O lugar que tinha sido preenchido com minha lealdade pela FEA e meu amor por Alec.

Devon assentiu e começou a colocar roupas e algumas outras coisas em uma mochila. Ele removeu a foto de sua família na Disney World da moldura e a colocou em cima. Verificando o corredor, fui na ponta dos pés para o meu quarto e arrumei minha mochila com o essencial, incluindo as três fotos da minha família real. Meus olhos encontraram a foto de Alec e eu. Parecíamos tão felizes. O brilho nos olhos de Alec quase me fez acreditar que seus sentimentos eram reais, que ele não tinha mexido comigo por causa de uma missão. Coloquei a moldura de volta, virada para baixo. Não aguentava nem olhar para isso. Essa parte da minha vida acabou e levar essa foto comigo não mudaria nada. Rapidamente peguei uma caneta e um pedaço de papel. Meus dedos tremiam quando comecei minha carta para Alec.

Alec

Quando vim para a FEA, não confiava em ninguém. Não sabia o que significava ter pessoas cuidando de você, o que significava ter um lar. Mas então, quando me contou sobre sua família e me segurou em seus braços, comecei a confiar em você. E sabia que não estava sozinha com meus sentimentos. E durante todas as noites que passamos assistindo filmes porque eu tinha muito medo de pesadelos, comecei a te amar. E de repente sabia o que a felicidade significava. Eu tinha um lar, uma família e aprendi o que significava confiança e amor.

Confiei em você e na FEA. Eu te amei. Pensei que a FEA era minha casa.

E hoje descobri que era tudo mentira. Finalmente percebi quão estúpida fui. Te dei minha confiança e amor e você jogou de volta na minha cara.

Sei sobre a missão O1O.

Espero que tenha valido a pena.

O que quer que tenha havido entre nós, acabou.

Tessa

Devon apareceu na porta. Ele olhou para a carta na minha mão. — É para Alec, — disse. Dobrei a carta com mãos firmes. Agora que sabia o que tinha que fazer, me sentia melhor. Sabia que isso também passaria, mas por enquanto, minha determinação me firmou. — Vou enfiá-la por baixo da porta dele.

Devon assentiu. Ele não fez nenhuma pergunta, pelo que fiquei grata.

— Você não quer colocar calças de verdade?

Corei quando olhei para a minha calça de pijama e rapidamente coloquei um jeans no banheiro. Enquanto caminhávamos pelo corredor em direção à porta de Alec, minha garganta começou a apertar. Era isso. Eu terminaria com Alec. Deixaria minha casa, minha vida. Deixaria minha carreira como agente. Deixaria tudo o que tinha amado nos últimos três anos para trás. *Não Holly e nem Devon*, me lembrei. Com cuidado para não fazer barulho, empurrei o pedaço de papel por baixo da porta. Tive vontade de abri-la e olhar para Alec uma última vez. Em vez disso, toquei minha palma contra a madeira por um segundo antes de me virar e levar Devon escada abaixo.

— E as armas? Levamos alguma conosco? — Ele sussurrou enquanto caminhávamos pela escuridão.

— Gostaria que pudéssemos, — respondi. — Mas Major mantém tudo trancado no arsenal. Não tenho as chaves e arrombar é um risco muito grande.

Quando chegamos ao térreo, não nos conduzi em direção à porta da frente,

com medo de que um alarme soasse. Em vez disso, levei Devon para o salão de natação e para os vestiários. Abri a janela e Devon empurrou um banco para debaixo dela. Pisei em cima dele e agarrei a borda do estreito parapeito da janela. Devon me pegou pela cintura e me levantou. Quando estava do outro lado, ele jogou minha mochila atrás de mim, seguido por sua própria mochila. Podia ver os músculos de seus braços flexionarem enquanto ele se empurrava pela janela e aterrissava ao meu lado no gramado.

Trocamos um rápido olhar para ter certeza de que o outro estava bem, pegamos nossas mochilas e corremos para o hangar onde desativamos os três helicópteros antes de seguirmos para a garagem. Tinha esquecido quantos carros, caminhões e motos a FEA possuía. Estaríamos ocupados a noite toda se tentássemos cortar todos os cabos.

— Por que não vamos de moto? — Devon apontou para uma BMW preto. Pertencia ao irmão mais velho de Tanner, Ty. — Este bebê vai tão rápido quanto 300 quilômetros por hora.

— Tem certeza que pode pilotar essa coisa? — Perguntei. O pensamento de dirigir tão rápido em apenas dois pneus fez minha cabeça girar.

— Já andei de moto antes, — disse ele. Ele passou as mãos sobre o banco de couro do BMW, uma expressão espantada em seu rosto. — Claro, nunca nada tão rápido.

— Isso não é muito reconfortante.

Um rangido ecoou pelo corredor, e pulei. Minha mão correu para minha cintura, onde deveria ter uma arma. Mas é claro que não havia uma. Fiquei tensa quando Devon espiou por cima dos carros para dar uma olhada na fonte do barulho.

— Não fechamos a porta direito. Abriu uma fresta. Foi isso que fez o barulho.

Foi um bom lembrete de que não tínhamos tempo para discussões. — Nós levaremos a motocicleta. Não temos tempo para cortar os cabos restantes de qualquer maneira.

Devon e eu enfiamos nossa bagagem no pequeno porta-malas preso à parte de trás da motocicleta antes de tirarmos a moto do hangar, os capacetes empoleirados no assento. — Devemos empurrá-la para o limite da propriedade. Assim não seremos ouvidos.

Olhei por cima do ombro para as janelas escuras do quartel-general enquanto descíamos a longa entrada de automóveis. Embora ainda não tivesse saído, uma onda de saudade tomou conta de mim. Isso era um adeus. Não tinha certeza se voltaria. Major nunca me deixaria, e acho que nunca iria querer.

Chegamos ao ponto onde terminava a rua particular da FEA e começava uma rua pública menor que nos levaria direto para a rodovia. Devon me entregou um capacete e colocou o outro antes de montar na moto e me sentei atrás dele. O ar estava abafado dentro do capacete e odiava como ele restringia meu campo de visão. O calor de Devon se infiltrou em mim quando me aproximei. Cada centímetro de nossos corpos parecia se tocar enquanto eu envolvia meus braços ao redor de sua cintura. Parecia ilícito – errado estar tão perto de alguém que não era Alec. Mas relaxei em seu calor.

— Para onde estamos indo? — Ele perguntou, sua voz abafada pelo capacete.

Sim onde? Precisávamos encontrar minha mãe. Ela era a única pessoa que sabia algo sobre Abel e onde ele poderia estar, especialmente se a nota no arquivo estivesse certa e ela entrou em contato com Abel depois que parti. Mas primeiro precisávamos de um lugar para ficar e traçar um plano e descobrir nossos próximos passos.

— Vamos nos afastar um pouco da sede primeiro, depois podemos procurar um motel para passar a noite.

Não tinha a menor ideia de onde minha mãe estava, mas sabia onde poderíamos começar a busca, mas antes disso tínhamos que arrumar um pouco mais de dinheiro e trocar de veículo, pois Major estaria procurando a moto desaparecida em breve.

Devon estendeu a mão e deu um tapinha na minha coxa antes de girar a

chave e a motocicleta rugir para a vida. Meu pulso explodiu em minhas veias com o pensamento de quão longe o rugido tinha chegado. Meu aperto em Devon aumentou e ele deve ter entendido por que pisou fundo no acelerador. Tinha certeza de que Major tinha ouvido o motor durante lá no quartel-general. Descansei minha cabeça contra as costas de Devon e deixei a sensação reconfortante de seu batimento cardíaco contra minhas palmas me acalmar. A motocicleta vibrava sob mim enquanto corríamos pela escuridão. Nosso farol refletindo em árvores que pareciam garras alcançando as estrelas.

Descobrir a verdade valia a pena perder tudo o que amava? Eu descobriria em breve.



CAPÍTULO 16

Estávamos dirigindo há duas horas e cobrimos pouco mais de 160 quilômetros quando Devon parou a BMW em um estacionamento em frente a um velho motel. Era pintado em diferentes tons de cinza, exceto pelas letras em neon verdes dizendo ‘Jimmy's’. Havia um posto de gasolina ao lado, o que foi uma sorte, já que estávamos quase sem combustível.

Minha bunda formigou quando desci da BMW. Não acho que minha bunda já esteve tão adormecida antes. Não entendia como as pessoas podiam gostar disso. Tiramos nossos capacetes. O rosto de Devon estava vermelho e suado, seu cabelo emaranhado contra seu crânio, e sabia que não parecia muito melhor. Meu cabelo geralmente selvagem estava grudado em toda a minha testa e bochechas. Meu conforto físico não foi o único motivo pelo qual fiquei aliviada por estar de pé novamente: ser a passageira de uma motocicleta lhe dava muito tempo para pensar.

— Vamos perguntar quanto cobram por um quarto, — disse, acenando para o motel com sua pintura ruim e janelas sujas. Meus olhos voltaram para a estrada que nos trouxe até aqui, meio que esperando um desfile de limusines pretas ou SUVs da FEA aparecer a qualquer segundo.

— Eles não vão pedir identidade ou algo assim? — Devon perguntou enquanto caminhávamos em direção à porta com sua tela rasgada. O cascalho

estalou sob nossos pés e os degraus de madeira rangeram quando subimos para a varanda.

Balancei a cabeça. — Motéis como este geralmente não se importam com quem são seus clientes, desde que paguem em dinheiro.

Devon parecia cético, mas quando entramos no saguão e pedimos um quarto ao homem da recepção, ele mal olhou para nós. Ele estava absorto assistindo a um jogo de pôquer na TV e, como suspeitava, apenas contou as notas que havia passado para ele antes de nos entregar a chave.

— Divirtam-se, — disse ele distraidamente quando saímos.

Minha pele aqueceu. O cara provavelmente achou que Devon e eu precisávamos de um lugar para fazer sexo. É provavelmente por isso que a maioria dos casais, especialmente os adolescentes, aluga um quarto.

— Bem, isso foi fácil, — disse Devon quando entramos em nosso quarto; ele não parecia nem um pouco perturbado com a suposição do homem.

Duas camas de solteiro estreitas com cobertores floridos, um guarda-roupa sem porta e duas mesinhas de cabeceira lotavam o pequeno espaço. O papel de parede amarelo que deve ter sido branco uma vez; estava descascado dos cantos em tiras. O tapete marrom estava cheio de manchas não identificáveis. Nem queria saber o que eram. Uma miríade de goma de mascar pontilhava o teto, algumas delas cinzentas pelo tempo. *Repugnante.* Havia apenas uma porta, que dava para um banheiro minúsculo e mofado.

Afundei em uma das camas, a exaustão me alcançando. Devon pegou a outra cama e se esticou.

— Provavelmente nem sempre será tão fácil. A FEA começará a nos procurar em breve. E se o Exército de Abel descobrir que não estou mais no quartel-general, provavelmente enviará um grupo de caça atrás de nós.

Maneira de estragar o clima, me repreendi. Mas não nos faria nenhum favor se mantivesse meus olhos fechados para a verdade inevitável. Nós éramos os caçados agora.

— Então, para onde vamos a seguir? — Devon perguntou entre bocejos.

Ele inclinou o rosto para mim, os braços esticados acima da cabeça. Uma lasca de pele bronzeada apareceu quando sua camiseta subiu.

Trouxe meu foco de volta para meus sapatos e os tirei. — Precisamos encontrar minha mãe. Não sei onde ela mora agora, mas conheço alguém que pode saber. Seu último namorado. Ou, pelo menos, o último namorado que ela teve enquanto eu ainda morava com ela.

— Ela tinha muitos? — Devon perguntou baixinho.

— Ah, sim, e cada um foi pior que o anterior.

Odiava lembrar essa parte da minha vida. Não era só que minha vida em casa era difícil; Odiava a maneira como as pessoas me julgavam, como se fosse minha culpa minha mãe não conseguir colocar sua vida em ordem. Kate costumava me chamar de lixo branco pelas minhas costas, mas uma vez ela até fez isso na minha cara. Mas não havia nenhum sinal de julgamento nos olhos azuis de Devon.

— Então, onde sua mãe e esse cara moram? — ele perguntou.

Essa era a parte complicada. — Em Detroit.

— Detroit? — Devon repetiu, apoiando a cabeça no cotovelo para me observar com surpresa. — Por que não ligamos para eles?

— Nós não podemos, — disse hesitante. — Minha mãe cortou contato comigo logo depois que entrei para a FEA. Ela até mudou seu número de telefone para ter certeza de que não poderia falar com ela.

Devon não conseguiu esconder seu choque.

Tive que desviar o olhar. — Sei que é uma longa viagem, mas não sei a quem mais poderíamos perguntar. — Exceto Major. Ele provavelmente sabia. Deveria ter trazido o arquivo da minha mãe comigo. Talvez tivesse seu novo número de telefone. Era triste ter que confiar em um ex da minha mãe para descobrir onde ela morava.

— Nós ainda temos dinheiro suficiente para chegar lá? Tenho cerca de cinquenta dólares no bolso.

Hesitei. — Depois de pagar o quarto, tenho cem sobrando. Isso dá cento e

cinquenta dólares entre nós dois. Isto não é suficiente. Precisamos conseguir algum dinheiro e encontrar outro meio de transporte, de preferência um carro. É uma viagem de trinta horas, então teremos que parar em um motel uma vez, talvez duas.

Devon abriu um sorriso. — Não deveria ter pago pelo quarto? Ser o cara e tudo. É assim que geralmente funciona. — Suas covinhas brilharam e eu me senti sorrir de volta.

— É mesmo, Sr. Casanova?

— Definitivamente, — disse ele. Lentamente, a diversão desapareceu de seu rosto. — Então, como vamos conseguir um carro e mais dinheiro?

Não tinha certeza. Eu não conhecia ninguém que pudesse nos ajudar. — Se não houver outra maneira, teremos que roubar.

Devon sentou-se. Ele parecia pensativo. — Não podemos dirigir até meus pais. A viagem leva mais de três horas e é muito arriscada; é onde Major provavelmente verificaria primeiro. Mas poderíamos fazer uma visita muito rápida ao tio Scott e à tia Celia. Você se lembra deles, certo? — Sua voz ficou estranha quando ele fez a pergunta.

Balancei a cabeça. Claro, me lembrava deles do meu tempo em Livingston. Aquele dia em que fizemos churrasco com toda a sua família foi um dos dias mais felizes da minha vida, se você ignorar o fato de que estive lá como uma impostora.

— Eles moram a cerca de uma hora daqui. Tenho certeza que nos ajudariam. Eles até têm um carro sobressalente que provavelmente podemos pegar emprestado.

— Eles não farão perguntas?

— Tenho certeza que sim, mas teremos que dar as respostas certas.

— Ok, — sussurrei. Estava cansada demais para manter meus olhos abertos. — Você pode programar o alarme para as seis?

— Isso nos dá apenas duas horas de sono, — disse Devon, preocupação em sua voz.

— Nós não podemos pagar mais, — murmurei. — Temos que seguir em frente. — Não me preocupei em me despir, apenas puxei os cobertores sobre meu corpo. Os cobertores cheiravam a mofo, fumaça e detergente barato.

Devon apagou as luzes. Podia ouvir sua respiração uniforme à minha direita.

— Sinto muito, você sabe, — disse em voz baixa.

— Pelo que? — Ele perguntou. Sua voz era calma e controlada.

— Por tudo.

— Tessa, está tudo bem.

Meu coração se partiu ao som de suas palavras. Como poderia dizer o que queria dizer? Como poderia fazê-lo ver?

— Acho que você já se desculpou, — ele continuou. A tensão vazou de sua voz. — Você fez o seu trabalho. Era uma missão. Entendi.

Balancei a cabeça, embora ele não pudesse ver no escuro. — Ok, — sussurrei.

Não havia mais nada a acrescentar, nada que pudesse fazer para tirar dele a dor de perder sua irmã – ou seus pais. Uma pequena parte de mim queria perguntar sobre eles. Mas não era o meu lugar fazer isso, e certamente não era o momento. Pressionei minha palma contra o A sobre minha caixa torácica. Os eventos em Livingston deixaram cicatrizes em nós dois – algumas eram visíveis, outras não.

— Por um longo tempo, tinha certeza que você me odiava, mas... — parei. Isso chamou a atenção dele. Podia ver o contorno de sua cabeça disparar.

— Não te odeio. — Seu tom era gentil, do jeito que me lembrava.

Gostaria de poder ver sua expressão. — Não? Mas...

— Não odeio.

— Ok, — disse baixinho. Estava cansada, mas ao mesmo tempo com medo de adormecer. — Devon, por que você está realmente aqui? — Sussurrei na escuridão.

Ele não respondeu por um minuto. Justo quando estava começando a

pensar que ele tinha adormecido, ele respondeu.

— Preciso da distração. E quero ajuda-la e a Holly. — Ele fez uma pausa e podia ouvi-lo respirar. — Sei que deveria voltar para casa, mas não aguento. Parece tão vazio e sem esperança lá. E não sinto que pertenço ao quartel-general. Acho que não pertenço a lugar nenhum. Não mais.

Ele não disse isso, mas sabia que o Exército de Abel era outra razão pela qual ele estava aqui. Tinha notado a forma como seus olhos se estreitavam sempre que os mencionava. Eles eram a peça do quebra-cabeça que faltava no assassinato de sua irmã. Ele não estava aqui apenas para ser útil, estava atrás de vingança.

Fui até a beirada da minha cama e estendi a mão, feliz que as camas fossem tão próximas umas das outras. — Sei como é isso. Não pertencer, — disse suavemente.

A mão de Devon encontrou a minha e se enrolou em meus dedos.



Por alguns momentos depois que o alarme tocou, não sabia onde estava ou o que tinha acontecido. Uma parede de algodão parecia envolver meu cérebro, mas com o fedor de combustível e tecido empoeirado, a memória voltou, e com ela a dor no meu peito. Com um gemido, me sentei. Devon já estava acordado. Ele estava empoleirado na beira da cama, o rosto enterrado nas mãos.

Tropecei em meus pés, minha cabeça girando como louca. Duas horas de sono não foram suficientes, mas sabia que Major já devia ter notado que eu havia desaparecido. Tínhamos que continuar em movimento. Toquei o ombro de Devon.

— Você está bem?

Ele levantou a cabeça e me deu um sorriso cansado. — Estou bem, apenas cansado.

— Por que você não toma um banho rápido enquanto pego um café da manhã para nós? — Perguntei.

Devon sorriu. Alisei meu cabelo em uma débil tentativa de parecer apresentável. Não havia muito que pudesse fazer sobre o estado das minhas roupas ou o cheiro de alguém que não tinha tomado banho depois de uma viagem suada de moto. Saí do quarto e segui em direção à máquina de venda automática pressionada contra a parede cinza no final do corredor estreito. Passei por dúzias de portas fechadas, meus dedos traçando levemente a superfície fria do corrimão de metal que cobria meu lado direito. O ar estava fresco e os primeiros indícios de cinza brilhavam no horizonte; amanheceria em breve.

Apesar cedo, a área de descanso não estava tão deserta como na noite passada. Dois carros ocupavam as bombas de gasolina. Seus donos provavelmente estavam dentro da estação. Inspecionei os lanches atrás do vidro arranhado da máquina de venda automática e selecionei duas barras Twix e dois pacotes individuais de Cheerios. Não era o café da manhã mais nutritivo, mas poderíamos nos preocupar com isso mais tarde. Me abaixei para pegar a comida quando notei alguém me observando. Perto de uma das bombas de gasolina, um homem estava ao lado da porta aberta de uma caminhonete preta, olhando na minha direção. Seus olhos estavam escondidos por óculos prateados espelhados – um truque comum usado por Variantes que queriam esconder seus olhos estranhos.



CAPÍTULO 17

Meu coração baqueou e me levantei. O homem ainda estava olhando para mim, os óculos refletindo os raios do sol nascente. Deveríamos ter sido mais cuidadosos. Como poderia ter achado que era seguro vir aqui sozinha? E no meu próprio corpo, nada menos? *Ah merda.*

Me virei e corri de volta para o nosso quarto. Devon estava saindo do banheiro com uma nuvem de vapor quando fechei a porta, meu pulso batendo em minhas veias.

— E ai, como foi? — Ele perguntou enquanto andava até mim e pegava as barras de chocolate e cereais das minhas mãos.

Arrisquei dar uma espiada pelas persianas, mas do meu ponto de vista não conseguia ver as bombas de gasolina. — Um dos clientes do posto de combustível estava me observando enquanto comprava a comida.

— E? — Perguntou Devon. Ele parou atrás de mim, seguindo meu olhar para fora, seu corpo tão perto que seu calor aqueceu minhas costas.

Me virei e Devon deu um passo para trás - tinha que - ou estaríamos perto o suficiente para nos beijar. — Ele estava olhando para mim e usando óculos escuros. E se for um dos homens de Abel ou alguém da FEA?

— Você realmente acha que eles já nos encontraram? Como saberiam que estamos aqui?

— Talvez tenham visto a motocicleta quando passaram.

— Não pode ser vista da rua, — disse Devon com um sorriso tranquilizador. — E honestamente, não me surpreende que o homem estivesse olhando para você. Seu cabelo está por toda parte e sua maquiagem está espalhada ao redor de seus olhos. Parece que alguém te deu um soco. O cara provavelmente estava apenas tentando ver se você está bem.

Passei por Devon e corri até o banheiro para verificar meu reflexo no pequeno espelho sobre a pia. Devon estava certo. Parecia um zumbi absoluto em roupas amassadas. Soltei uma risada aliviada e sorri para o rosto de Devon na porta. Mas agora que o pânico havia diminuído, notei que ele havia movido a toalha para baixo em torno de seus quadris. Uma gota de água escorreu por sua clavícula, descendo pelo peito e estômago definidos, apenas para desaparecer sob a toalha. Ele pareceu perceber sua falta de roupa exatamente no mesmo momento, porque se mexeu desconfortavelmente e voltou para o quarto.

— Vou me vestir enquanto você toma banho, ok?

Balancei a cabeça e fechei a porta. Me permiti relaxar na água quente que escorria pelo meu corpo. Esfreguei o gel de banho nos ombros, depois nos braços, e de repente congelei. A pele abaixo da dobra do meu cotovelo estava dolorida, e então a memória da noite passada tomou conta de mim, como Major perfurou minha pele com algo. Enfiei meus dedos no local até sentir um pequeno objeto quadrado. Algo tinha sido implantado em minha pele. Desliguei a água, meu coração batendo forte no meu peito. Limpei a água do meu rosto e olhei para a pele pálida e levemente machucada. Quando flexionei meu braço e estiquei minha pele, pude ver o pequeno objeto preto. Uma onda de náusea me atingiu.

Eu sabia o que era. Um dispositivo de rastreamento.

Tropecei para fora do chuveiro, arranquei a toalha do cabide e enrolei em volta do meu corpo molhado antes de ir para o quarto onde Devon estava puxando uma camisa sobre a cabeça.

Seus olhos se arregalaram quando ele me viu. — O que...

— Tenho um rastreador no meu braço, —o interrompi, a voz em pânico.

Devon cruzou o quarto em duas longas passadas e agarrou meu braço. — Tem certeza?

— Major implantou no meu braço depois que tomei as pílulas. Estava quase inconsciente e não me lembrava.

Guiei seu dedo para o local. Seu corpo ficou tenso. — Então a FEA sabe que estamos aqui.

Engoli. Senti-me tonta de medo. Como pude ser tão estúpida para esquecer o que Major tinha feito. Suas pílulas devem ter afetado meu cérebro muito mais do que eu pensava.

— É cedo ainda. Major acha que as pílulas me fizeram dormir. Talvez ainda não tenha me verificado e, mesmo que tenha, vai demorar um pouco para chegar aqui.

O pânico cresceu em meu peito. — Precisamos removê-lo.

As sobrancelhas de Devon se ergueram. — Como?

— Você tem uma faca?

Ele pegou sua mochila e tirou um pequeno canivete. Ele desdobrou a lâmina curta. Segurou-o para mim e por um momento, só podia olhar para ele.

— Você tem que fazer isso, — disse. Não acho que teria coragem para enfiar uma faca no meu braço. — Você tem que fazer. Não é grande coisa; você pode me curar depois.

— Tem certeza disso? — Ele perguntou, pegando meu braço novamente.

Balancei a cabeça. — Só faça isso rapidamente.

Sem uma palavra de advertência, ele empurrou a ponta da lâmina em meu braço. Mordi meu lábio enquanto a dor ardente subia pelo meu braço. Por sorte, o rastreador não estava muito profundo. Em segundos, o quadrado manchado de sangue estava na palma da mão de Devon. O sangue escorria do corte no meu braço, mas Devon abaixou a faca e colocou a mão ao redor da ferida. O calor se espalhou pela minha pele e ficamos ali sentados por um minuto, comigo tremendo e depois relaxando em seu toque. Quando ele se afastou novamente, o

corte havia desaparecido.

Mas ainda me sentia trêmula. Não tinha certeza se era pela dor ou pelo sangue ou pelo conhecimento de que nossa fuga poderia ter acabado antes de realmente começar.

— O que fazemos com isso? — Devon perguntou, inspecionando o dispositivo de rastreamento.

Algumas gotas de suor brilhavam em sua testa. A cura sempre lhe custava.

Corri para o banheiro e deixei a porta entreaberta para não ter que gritar. — Temos que tirá-los do nosso rastro. Precisamos escondê-lo no carro de outra pessoa, então a FEA o seguirá.

Rapidamente vesti minha calcinha, jeans e camiseta, e puxei meu cabelo molhado em um rabo de cavalo, então corri novamente e enfiei meus pertences na minha mochila.

— Ok, — Devon disse lentamente, e pegou sua mochila.

Abri a porta um pouco e espiei para fora. O homem de óculos havia sumido. Mas isso não significava que não estávamos sendo observados. Me esgueirei com Devon seguindo logo atrás.

Olhei através do estacionamento para a pequena loja no posto de gasolina. O caixa estava lendo um livro e não olhando em nossa direção. — Vamos, — sussurrei.

Corremos em direção ao estacionamento. Esperava ouvir o som de pneus cantando e avistar veículos da FEA a qualquer momento. Se Major nos pegasse, nunca mais me perderia de vista. Eu seria uma prisioneira para o resto da minha vida.

Nossa motocicleta estava onde a deixamos ontem. — E se tiver um rastreador também?

Devon congelou a centímetros da moto, então se virou para me encarar. — A FEA realmente teria um dispositivo de rastreamento instalado em todos os seus veículos?

— Não me surpreenderia vindo de Major.

— Você tem razão. Merda. — Ele passou a mão pelo cabelo loiro bagunçado. — O que faremos?

Rapidamente examinei os outros carros no estacionamento. Um era uma caminhonete grande e desengonçada, não o melhor carro de fuga. O outro era um velho Acura preto. — Nós pegamos aquele.

Peguei uma pequena caixa de ferramentas da mala preta da motocicleta. Sabia que encontraria uma ferramenta de utilidade multiuso cedida pela FEA dentro. Alec me ensinou como abrir fechaduras com ela, entre outras coisas. Andei em direção ao carro e espiei dentro – embalagens de doces no chão, garrafas vazias de Dr Pepper no banco de trás e nenhum sistema de alarme. Perfeito.

— Certifique-se de que ninguém me veja, — disse enquanto me ajoelhava diante da porta e começava a mexer na fechadura.

— Você aprendeu a roubar carros na sede da FEA?

— Entre outras coisas, — disse.

Meus dedos estavam suados e trêmulos. Tinha que me acalmar. Depois de algumas voltas, a fechadura clicou. Abri a porta e deslizei para trás do volante, voltando minha atenção para ligar o carro. Devon me observava com curiosidade aberta.

— Talvez você possa colocar o dispositivo de rastreamento na caminhonete, — disse, agora trabalhando na ignição com a ferramenta.

Enquanto ele trabalhava no caminhonete, finalmente consegui fazer o Acura funcionar. O motor ronronou, mas no silêncio do estacionamento, mesmo esse som poderia ser nossa ruína. Fechei a porta e esperei que Devon se sentasse ao meu lado.

— Nunca pensei que me tornaria um ladrão de carros, — disse ele com uma pequena risada.

Tirei o carro da vaga e o guiei em direção à saída do posto.

— A FEA me ensinou muitas coisas estranhas. — Olhei para a estrada. Nada de SUV’s Mercedes pretas, nada de carros de polícia. Pressionei meu pé no

acelerador e entrei na estrada.

Devon olhou por cima do ombro. — Parece que eles não perceberam que o carro sumiu. E ninguém está nos seguindo.

— Verifique o céu, — disse, pisando fundo no acelerador.

Precisávamos deixar a área do motel o mais rápido possível. Em algumas horas estaria repleto de agentes da FEA.

— Claro, — disse Devon, recostando-se contra seu assento e esticando as pernas. Ele parecia exausto. Não tínhamos dormido mais do que duas horas e nem tivemos tempo de tomar nosso café da manhã improvisado. — Sinto falta da moto. Foi muito mais legal do que essa coisa. — Ele gesticulou para a bagunça ao nosso redor. Seu estômago soltou um ronco.

Ri, mas o som parecia errado. — Na minha mochila.

Devon alcançou atrás do meu assento e alguns minutos depois, segurava os chocolates e cereais que comprei na máquina de venda automática. Nós os dividimos entre nós, mas os lanches estavam velhos e tudo tinha gosto de poeira.

— Você é uma motorista muito boa, — observou ele. Ele parecia surpreso.

— Acho que sou natural. Quase não tenho prática. Quando entrei para a FEA, ainda era muito jovem para tirar minha carteira de motorista e mal dirigia nas aulas. — Olhei para o espelho retrovisor. Ainda nenhum sinal de carros nos seguindo.

Agora que tínhamos colocado alguma distância entre nós e o motel, Devon e eu paramos para trocar de lugar. Ele conhecia o caminho para a casa de seus tios melhor do que eu. E realmente precisávamos nos livrar do nosso carro atual o mais rápido possível. Logo o Major, e a polícia, estariam procurando por ele.

Devon ficou bem dentro dos limites de velocidade, na maior parte. Embora estivéssemos com pressa, não podíamos correr o risco de ser parados pela polícia. Devon tinha sua carteira de motorista, mas estava preocupada que a FEA estivesse ligada ao banco de dados da polícia e veria se alguém a verificasse. Eles estariam atrás de nós em um piscar de olhos, se já não estivessem. E depois havia o pequeno problema do carro roubado. Examinei o céu mais uma vez,

procurando por helicópteros. Não conseguia afastar a sensação de que estávamos sendo caçados.



CAPÍTULO 18

Depois de dirigir por quase uma hora, Devon entrou em uma estrada estreita na floresta. O Acura sacudiu sobre o pavimento irregular e minhas pernas e costas rígidas protestaram dolorosamente. Devon ziguezagueou para evitar a miríade de buracos cheios de água lamacenta. Podia ver a tensão em seu corpo, a forma como ele mantinha a rigidez de suas costas e estômago. O carro gemia cada vez que passávamos por um buraco. Definitivamente não era feito para viagens acidentadas. As nuvens se abriram e pesadas gotas de chuva caíram sobre nós. Nesse momento surgiu uma casa charmosa: fachada de estuque cinza, venezianas brancas e um alpendre com flores lilás em cascata quase até o chão.

Quando Devon parou ao lado dos três carros estacionados na garagem, pedrinhas voaram por toda parte. A porta branca se abriu e tia Celia, usando um vestido laranja brilhante e um avental amarelo, espiou, franzindo a testa. É claro que ela não nos reconheceria enquanto estivéssemos escondidos atrás do para-brisa sujo.

Ela não te conhece de jeito nenhum, me lembrei. Afinal, não parecia mais com a irmã de Devon, Madison.

Devon tentou alisar o cabelo. Ele passou as mãos nervosamente por ele com tanta frequência na última hora que estava por toda a parte. Só podia imaginar a bagunça que eu parecia. Os cachos que caíram do meu rabo de cavalo

grudaram no meu pescoço e testa. No momento em que tia Celia viu Devon, seu rosto iluminou. Ela olhou para mim com curiosidade enquanto caminhávamos até a varanda antes de puxar Devon para um abraço e beijar sua bochecha.

— Devon, querido, o que você está fazendo aqui?

— Oh, estamos apenas fazendo uma pequena viagem. E pensamos em passar por aqui, — Devon disse levemente.

— E quem é essa jovem? — Ela sorriu para mim.

Ela estava mais pálida do que me lembrava, e um pouco mais velha. Seu cabelo loiro estava preso em um coque bagunçado e ela parecia alguém que não dormia há algum tempo. Assim como Devon, ela recentemente perdeu alguém com quem se importava profundamente. Esse não era o tipo de coisa que você esquecia rapidamente.

— Oi, eu sou Tessa. — Apertei sua mão com um sorriso. — Sou uma amiga de Devon.

— Que adorável, — disse ela, mas sua voz era vazia e ela lançou um olhar nervoso para Devon. — Entre. Seu tio está lá dentro.

A parede à nossa esquerda estava cheia de fotos de família. Uma pontada de ciúme me atravessou ao vê-las. Devon tinha uma família amorosa, ele não precisava roubar suas próprias fotos de família de um arquivo proibido; elas eram exibidas ao ar livre para todos verem. Toquei as fotos dobradas no bolso do meu jeans. Apenas senti-las sob meus dedos me deu uma sensação de pertencimento.

A mão de Devon na parte inferior das minhas costas me incitou a seguir em frente. Andei pela casa, mas cada passo parecia mais como voltar para uma família feliz. Quando entramos na sala, tio Scott desviou o olhar do jogo de beisebol na TV. O cheiro picante de charutos flutuou até mim e queimou meu nariz. Ele ainda ostentava seu bigode marca registrada que enrolava em torno de seus lábios.

— Então, para onde vocês dois estão indo? — Ele perguntou.

— Você estava espionando? — Devon perguntou com um sorriso.

Seu tio se levantou, o abraçou e deu um tapinha em suas costas.

— Não precisei. Essas paredes são finas como papel, — disse tio Scott em sua voz profunda e rouca. Ele se virou para mim e apertou minha mão. — Então você é Tessa, a *amiga*.

Ele disse amiga como se não acreditasse nem por um segundo que éramos isso.

Minhas bochechas aqueceram. — Esta sou eu. Prazer em conhecê-lo, senhor.

— Então, para onde essa viagem está levando vocês? — O tio Scott perguntou novamente enquanto se afundava na cadeira. Ele baixou o volume do jogo, mas não desligou a TV.

Devon estava prestes a responder, mas interrompi antes que ele pudesse dizer a coisa errada. — Chicago, — respondi.

Tio Scott assentiu, mas não tinha certeza se ele realmente acreditou em mim. Tia Célia entrou na sala nesse momento, carregando uma bandeja com biscoitos e chá gelado. — Esse é o seu carro, Tessa? — Ela perguntou enquanto colocava tudo sobre a mesa. Não tinha certeza, mas achei que podia detectar uma pitada de suspeita em sua voz. — Por que vocês, crianças, não se sentam?

Devon e eu afundamos no sofá macio. Cheirava ao mesmo limpador de carpete florido que sua mãe usava. — Essa é realmente uma das razões pelas quais estamos aqui, — Devon começou hesitante. — Queria perguntar se poderíamos pegar um carro emprestado.

— Por que vocês não pode levar o carro de Tessa? — Perguntou o tio Scott.

— É muito antigo e os freios não estão funcionando direito. Nós não queremos dirigir uma distância tão longa nele, — menti rapidamente.

A culpa brilhou no rosto de Devon. Não podíamos dizer-lhes a verdade. Eles descobririam em breve que o carro foi roubado e que mentimos para eles.

Tio Scott largou o charuto. — Você está com problemas, não está?

Devon e eu trocamos um olhar. Voltei-me para o tio Scott, sorrindo

timidamente. — Só queríamos aproveitar alguns dias juntos antes de voltarmos à academia.

— Então você também é uma artista, Tessa? A mãe de Devon me contou tudo sobre sua escola de arte, — tia Celia disse enquanto nos entregava um copo de chá gelado.

Artistas. Tive que me impedir de bufar. — Obrigada, — disse. — Eu sou uma artista – uma pintora. Mas não é tão interessante na verdade.

— Então, de qualquer maneira. Você acha que poderia nos emprestar um carro? Estaríamos de volta em alguns dias e poderíamos deixá-lo no caminho quando voltarmos ao campus. — Perguntou Devon. Fiquei feliz que ele estava tentando se afastar do tema da escola.

— Claro, — tio Scott disse, sua expressão compreensiva. — Sua tia e eu sabemos que este tem sido um momento muito difícil para você, Devon, e estou feliz em saber que está tirando um tempo para si mesmo. Sabe que estamos sempre aqui para você. Só não se meta em encrenca, ok?

— Não se preocupe, — disse Devon com um sorriso.

Tia Celia enxugou os olhos e se desculpou antes de desaparecer de vista. Podia ouvi-la remexendo na cozinha.

Tio Scott suspirou. — Ela conversou com sua mãe esta manhã...

— Ela esta bem? — Devon exigiu, a tensão voltando para seu corpo. Fiz uma pausa com o copo contra meus lábios.

Tio Scott franziu a testa, seu bigode virando para baixo nas pontas. — Ela está bem. Mas eles estão pensando em vender a casa. Sua mãe não aguenta mais morar lá. E parece que seu pai está sempre no trabalho. — Ele suspirou novamente e balançou a cabeça. — Acho que é apenas o jeito dele de lidar com as coisas. — Ele olhou distraidamente para a TV.

Toquei a perna de Devon para lhe mostrar que estava lá para ele. Mas seu rosto era feito de pedra. — Ligo para eles mais tarde.

— Tenho certeza de que eles ficarão felizes em ouvir de você. — Tio Scott fez uma pausa. — Posso te emprestar nossa velha caminhonete. E se vocês não

tiverem um lugar para ficar, sempre podem acampar na caçamba. Apenas certifique-se de que estejam seguros. Deixe-me pegar as chaves. Não precisaremos dele nos próximos dias, de qualquer maneira.

Ele saiu da sala e voltou alguns minutos depois com as chaves, uma barraca e dois sacos de dormir enrolados nas mãos. Ele os entregou a Devon.

— Apenas para o caso. Dessa forma, vocês não congelarão se decidirem dormir na caçamba do caminhonete.

— Por que vocês não ficam para o almoço? Podem até passar a tarde aqui para relaxar um pouco, — disse tia Celia, entrando na sala, parecendo mais composta do que antes.

Podia dizer pela expressão no rosto de Devon que ele adoraria aceitar sua oferta, mas é claro que não podíamos arriscar passar mais do que algumas horas no mesmo lugar. Sem falar na casa de um parente, que era onde eles procurariam primeiro.

— Muito obrigado pela oferta, tia Celia, mas realmente temos que nos apressar. Vamos nos encontrar com os amigos de Tessa em Chicago, e estamos com a agenda apertada, — ele mentiu.

— Porque não... — Tio Scott começou, mas o toque de um telefone o interrompeu. Ele se desculpou e foi até a cozinha para pegar o telefone. Quando ele voltou, estava falando alto, com as sobrancelhas franzidas. — Não, Linda, acalme-se.

À menção da mãe de Devon, meu corpo inundou de ansiedade. Devon se levantou do sofá, largou os sacos de dormir e deu um passo em direção ao tio. — Eles estão aqui conosco. Não há motivo para se preocupar. Vou te passar Devon agora. — Tio Scott entregou o telefone para Devon, que o levou ao ouvido após um momento de hesitação.

Mudei para a beirada do sofá. Isso não era bom. O rosto de Devon caiu. — Mãe, estou bem. Mãe, por favor, pare de chorar. Nada aconteceu. — Ele baixou a voz para suas próximas palavras. — Mãe, eles ainda estão aí? — Ele empalideceu enquanto assentia. — Ok, mãe. Por favor, confie em mim. Tudo vai

ficar bem. Não posso falar muito mais. Mas te ligo em breve. Não lhes dê ouvidos, mãe, eles estão fazendo um grande tumulto por nada. Confie em mim. — Ele largou o telefone na mesa, seus olhos preocupados pousando em mim.

— Major e Summers estão lá.



CAPÍTULO 19

— Disseram aos meus pais que tínhamos fugido e que eu não estava estável. Por que diabos diriam aos meus pais algo assim depois do que eles passaram nas últimas semanas?

Ele deu um soco na mesa. Seu copo tombou e o chá derramou por toda parte. Tia Celia estremeceu, suas mãos congeladas em seu copo enquanto nos observava com os olhos arregalados.

— Sinto muito. Eles querem te fazer se sentir culpado e te atrair para voltar, — disse suavemente. — E agora Major sabe que estamos aqui. Eles enviarão o agente mais próximo para nos buscar. Temos que sair imediatamente.

— Então você está com problemas, — tio Scott disse lentamente.

Devon olhou para seu tio como se tivesse acabado de lembrar que não estávamos sozinhos. — É complicado. Mas não estamos em apuros. Só precisamos de um tempo de folga. Tudo ficará bem.

Devon e eu nos levantamos, pegamos os sacos de dormir e a barraca, pegamos as chaves da mesa e saímos correndo pela porta. A confusão apareceu nos rostos do tio Scott e da tia Celia enquanto eles nos seguiam para fora.

— Onde vocês estão indo? O que está acontecendo? — Celia perguntou ansiosa, mas ninguém disse nada.

— O que devo dizer aos seus pais? Eles estão preocupados com você, —

tio Scott gritou atrás de nós.

Devon parou na frente da caminhonete preta, lançando olhares nervosos para sua tia e tio. — Sinto muito por causar problemas, — ele sussurrou. — Mas prometo que vamos ficar bem.

Fiquei com as mãos nos bolsos, sem saber o que fazer. Poderia dizer que sua tia e tio estavam olhando para mim como se eu fosse a pessoa que desencaminhou Devon. E era meio verdade. Sem mim, Devon estaria vivendo no quartel-general, são e salvo, ainda alegremente inconsciente das mentiras que estão sendo vomitadas pelo Major e pela FEA.

— Obrigada por sua ajuda e pelo chá gelado, — disse antes de deslizar para o banco do passageiro. O interior do carro cheirava a fumaça velha e cachorro molhado, embora não tivesse visto um cachorro dentro de casa.

Devon entrou no carro e ligou o motor. Ele acenou para seu tio e tia quando saímos da garagem. Eles estavam nos observando com expressões atordoadas. Quanto tempo levaria para a FEA vir aqui e questioná-los?

— Caramba! — Devon gritou, batendo com o punho no volante. Assim que saímos da linha de visão de seus parentes, ele pisou no acelerador e voamos pela estrada esburacada.

Os nós dos dedos de Devon estavam brancos de seu aperto ao redor do volante. — Você acha que a FEA vai fazer algo com meus pais? — Ele perguntou.

Balancei minha cabeça imediatamente. — Não, — disse com firmeza.

Devon olhou para mim pelo canto do olho como se precisasse de mais evidências para acreditar.

— A FEA não é assim. Talvez manipulem e mintam quando for a seu favor, mas nunca machucariam inocentes. Eles provavelmente tentarão usar seus pais como alavanca para te fazer se sentir culpado ou para que você faça algo precipitado e estúpido, mas na verdade eles não farão nenhum mal a eles.

E embora não confiasse na FEA e em Major, sabia que era verdade. Major tinha certa moral. Às vezes ele as dobrava quando lhe convinha, mas isso

certamente não o faria machucar a família de Devon.

— Não gosto da ideia de Major falando com meus pais. Ele só vai contar mais mentiras e deixá-los preocupados. Eles passaram por tanta coisa e agora isso... — Ele parou, engolindo em seco. Seus olhos dispararam para mim novamente. — Você acha que podemos checa-los? Para ter certeza de que eles estão bem e para que saibam que estou bem também?

Hesitei. Poderia dizer o quão importante isso era para Devon. — Definitivamente não podemos ir lá. Eles provavelmente terão a casa sob vigilância. O mesmo para a clínica veterinária do seu pai. É muito perigoso. Mas poderíamos parar em um telefone público mais tarde para ligar para seus pais e tentar afastar suas preocupações.

Os ombros de Devon caíram, embora soubesse que ele esperava que eu dissesse isso. Ele parecia tão triste. Toquei seu braço. Seus músculos estavam tensos sob meus dedos.

— Devon, precisamos manter o foco. Temos que falar com o ex-namorado da minha mãe em Detroit e encontrar minha mãe. Essa é a nossa prioridade. Holly precisa de nós. E realmente acredito que seus pais não estão em perigo. Prometo a você que eles ficarão bem. Não mentiria para você.

— Eu sei, — disse ele e cobriu minha mão com a dele. — Quanto tempo levaremos para chegar lá?

— Bem, acho que a viagem até Detroit levará trinta e seis horas. Mas teremos que descansar. Posso dirigir, é claro, mas não tenho habilitação, então é melhor não sermos pegos.

— Está tudo bem. Não me importo de dirigir. Nem precisamos procurar um motel. Vamos usar os sacos de dormir que meu tio nos deu. Dessa forma, menos pessoas verão nossos rostos. — Ele olhou para mim. — Por que você simplesmente não se transforma em outra pessoa? Ninguém saberia que é você.

— Mas Major ainda saberia se me visse com você.

— E daí? Posso mudar minha aparência. Você sabe, pintar meu cabelo de preto, usar lentes de contato e me vestir de maneira diferente. E o Exército de

Abel ainda seria despistado.

Olhei para o lindo cabelo loiro de Devon. — Talvez uma peruca também funcione. Você pode comprar várias perucas e mudar rapidamente seu visual, se necessário.

— Uma peruca? — Ele riu. O som vertiginoso aliviou o nó no meu estômago. — Você está falando sério?

Sorri, mas então pensei em algo. — Não me lembro da aparência das pessoas armazenadas em meu DNA que usei durante o treino antes. Se usar uma pessoa com quem estive perto de Alec, Summers ou Major, eles ainda podem fazer a conexão.

— Então você terá que encontrar novas pessoas cuja aparência possa usar.

— Sim, acho que sim. Só vou ter que esbarrar em algumas pessoas em nossa próxima parada de descanso e me certificar de tocar na pele delas, — disse.

— Então é só isso? Tocar a pele de alguém? — Sua voz havia mudado e sabia no que ele estava pensando. — Você tocou nela? — Ele perguntou baixinho.

Olhei pela janela do passageiro. Ele não precisava me dizer a quem se referia. Eu sabia. — Sim, tive que fazer. A visitei no hospital alguns dias antes de ela morrer. — Estremeci.

Devon e seus pais não descobriram sobre a morte de Madison até depois que a missão acabou. Às vezes me perguntava se Devon desejava estar lá quando sua irmã gêmea morreu.

— Como é? — Devon perguntou hesitante, como se não tivesse certeza se realmente queria saber a resposta.

— Você incorporar os dados de uma pessoa? — Um momento tarde demais, percebi quão frio isso deve ter soado para Devon, mas não pude retirar as palavras.

— Sim, se é assim que você chama, — disse ele. Havia uma pontada em sua voz enquanto mantinha o olhar fixo no para-brisa.

— É difícil descrever. Posso sentir meu corpo absorver a informação. É um pouco como uma carga, como um fluxo de energia. Meu corpo memoriza o DNA e, na maioria das vezes, minha forma está ansiosa para mudar imediatamente.

— Como foi tocar Maddy? Foi diferente porque ela estava…

Não sabia como lhe responder. Não tinha certeza se o caso dela parecia muito diferente. Aquele dia tinha sido muito estressante para me lembrar de cada detalhe.

Devon esfregou a mão nos olhos e um silêncio pesado caiu sobre nós. Achei que poderia me sufocar. Mas não sabia o que fazer.

Depois de alguns minutos, Devon limpou a garganta. — O que tenho pensado desde que descobri sobre sua Variação: você já tentou se transformar em um animal? — Poderia dizer que era difícil para ele fazer sua voz soar calma e leve.

Meus lábios se curvaram em um sorriso trêmulo. — Oh não. Minha variação não funciona dessa maneira. Não sinto nada quando toco em animais. Meu corpo definitivamente não absorve seus dados. Só funciona em outros humanos.

— Por que você acha que é assim? — Devon perguntou, seus ombros perdendo um pouco da tensão.

— Presumo que absorver dados de outra espécie não seja natural.

— Ao contrário de se transformar em outro ser humano?

Olhei para o rosto de Devon para ter certeza de que ele não havia dito isso com ressentimento, mas não transpareceu nada.

— Eu sei que parece errado, — disse calmamente.

Devon balançou a cabeça. — Não, não é. Não queria te fazer se sentir mal. Não podemos evitar nossas Variações. Não é perfeitamente normal poder curar as pessoas. Eu sei disso.

— Sim, normal não tem nada a ver com a gente, — brinquei. Devon se recostou em seu assento, o resto de sua tensão desaparecendo de seu corpo. —

Mas honestamente, definitivamente não posso me transformar em um animal. Eu tentei.

— Você tentou? — Os olhos de Devon brilharam para os meus, cheios de curiosidade. — Deixe-me adivinhar: um cachorrinho fofo.

Bufei. — De jeito nenhum. Você não poderia estar mais longe da verdade. — Levantei minhas sobrancelhas em um desafio silencioso.

Devon flexionou os braços. — Gosto de um bom desafio. — Ele correu os olhos sobre mim como se isso lhe desse uma pista.

Me parecia com algum tipo de animal? Se ele dissesse hipopótamo ou hiena, chutaria sua bunda. Senti meu pescoço ficar vermelho quando seu olhar pairou sobre mim por muito mais tempo do que deveria.

— Uma preguiça.

— Agora você está tentando me insultar, — disse, cruzando os braços sobre o peito. Covinhas brilharam em suas bochechas.

— Juro por Deus. Nunca faria algo assim. — Mas podia ver pela expressão em seu rosto que ele estava procurando por um animal que realmente me deixaria louca.

— Uma aranha, — ele chutou. A expectativa cintilou em seu rosto. Ele achou que eu começaria a gritar como uma garotinha?

— Não. Acho que meu corpo implodiria se tentasse me transformar em algo tão pequeno.

Ele franziu a testa. — Você não tem medo de aranhas?

— Por que teria? Exceto por algumas espécies, elas são perfeitamente inofensivas. Elas não podem me machucar.

— Eu sei, — disse ele. — Mas a maioria das garotas tem medo delas. E os insetos em geral?

Balancei minha cabeça.

— Centopeias?

Balancei minha cabeça, suprimindo um sorriso.

— Baratas?

Balancei minha cabeça novamente.

Ele bateu no volante com a palma da mão. — Oh vamos lá. Tem que haver algo que você tenha medo!

Havia muitas coisas que tinha medo. Mas rastejantes assustadores não eram uma delas. Havia coisas piores neste mundo do que vermes com oito pernas e quatro olhos. Mas não diria isso a Devon ou o clima leve pegaria fogo.

— Desculpe. Parece que sou uma aberração em mais de uma maneira.

— Na verdade, acho que é legal, — disse Devon. — Então você vai me dizer agora?

— Um camaleão.

— É isso? Mas com sua Variação você é praticamente um camaleão.

— Na verdade, não. Um camaleão pode se adaptar à cor do ambiente. Isto pode se misturar. Isso foi algo que nunca consegui.

— Mas você parecia se misturar muito bem em Livingston, — disse ele. E percebi que ele estava certo.



Estávamos na estrada há mais de oito horas, quando Devon parou o carro em uma pequena área de descanso cercada pela floresta. O crepúsculo estava tornando nosso ambiente cinza. Ele estacionou o carro em um local coberto de árvores que era protegido da vista e saímos da cabine da caminhonete. Apesar de ser primavera, as noites eram geladas. Coloquei minha jaqueta de inverno enquanto subia na caçamba da caminhonete. Devon subiu ao meu lado e juntos armamos a barraca, para que estivéssemos protegidos do vento e das intempéries. Nós rastejamos em nossos sacos de dormir. O interior da barraca cheirava a ar livre – uma reminiscência de fogueiras e mofo. Meu nariz começou a formigar.

Não havia muito espaço na barraca, então Devon e eu nos sentamos

pressionados um contra o outro. — Você acha que vai fazer muito frio esta noite? — Sussurrei. Seria errado dizer qualquer outra coisa em voz alta.

Devon fechou o saco de dormir no peito e acendeu a lanterna. Atrás do material fino da barraca, pude ver que os últimos raios de sol haviam desaparecido. — Pode ser, mas esses sacos de dormir suportam temperaturas muito abaixo do ponto de congelamento. Nós ficaremos bem.

Balancei a cabeça. Com o lado de Devon pressionado contra o meu, o calor de seu corpo rastejando em mim, sabia que ficaríamos.

— Então você cresceu em Detroit? — Perguntou Devon.

— Na verdade, não. Cresci em muitos lugares, — disse.

Os olhos de Devon procuraram meu rosto e depois de um momento ele assentiu como se entendesse, mas duvidava que fosse o caso.

— Então e sua mãe, se ela é uma Variante como você disse, é possível que possa assumir outras aparências como você?

Os carimbos vermelhos dizendo ‘volátil’ piscaram em minha mente. Havia tanta coisa que não sabia sobre minha mãe. Sabia mais fatos sobre a família de Devon do que sobre a minha.

— Sua Variação é a regeneração. Não acho que isso implica se transformar em outras pessoas. Acho que ela pode apenas fazer suas células se renovarem, então parece jovem novamente.

Devon franziu a testa. Era estranho como era bom estar ombro a ombro com ele. Nunca me senti mais sozinha do que quando descobri sobre a traição de Alec e da FEA, mas era reconfortante saber que ainda tinha Devon.

— Você a reconheceria se ela parecesse ter uns vinte anos?

Tentei me lembrar do rosto de minha mãe da última vez que a vi, mas isso foi há mais de três anos. Inclinei-me para frente, coloquei minha mochila nas pernas e tirei a foto da minha mãe que encontrei no arquivo, mas mantive as fotos com Abel e meu irmão Zachary escondidas.

— Acho que seria realmente mais fácil para mim se ela parecesse mais jovem, quando a vida era feita de lembranças felizes. A verdade é que mal me

lembro de como ela era há três anos.

Entreguei a foto para Devon. Ele apontou a lanterna para ele, seus olhos semicerrados para ver melhor.

— Sou eu nessa foto, — expliquei, — e, tanto quanto sei, minha mãe tinha vinte e poucos anos.

A expressão de Devon suavizou. — Você e sua mãe parecem tão felizes aqui.

Olhei para ele, para o sorriso amoroso no rosto de minha mãe, para sua pele macia, para o jeito que ela me segurava perto dela. Meu sorriso era largo, mostrando meus primeiros dentes, e parecia que não poderia estar mais feliz em qualquer lugar, exceto no colo da minha mãe. — Acho que erámos felizes nessa época.

— Então o que aconteceu? — Ele me entregou a foto a enfiei na minha mochila, onde não poderia trazer lembranças dolorosas.

Eu tinha me feito essa pergunta com tanta frequência e sempre ficava aquém, mas agora achava que podia saber a resposta. — Mudamos muito. Mais tarde, achei que era porque minha mãe estava preocupada que alguém pudesse descobrir sobre minha Variação, mas agora acho que ela pode estar fugindo do Exército de Abel.

— Se ela estava tão preocupada com o Exército de Abel, por que você acha que ela não voltou para a FEA? Você disse que ela morou na sede por alguns anos, certo?

Devon se mexeu e a fricção de nossos ombros um contra o outro me deu arrepios. Ainda era estranho estar tão perto de Devon; Sempre pensei que Alec seria o único a ficar ao meu lado se alguma coisa desse errado. Nunca teria imaginado que ele poderia ser a razão pela qual tudo deu errado em primeiro lugar.

Podia sentir Devon olhando para mim. — Não sei, — disse. — Mas preciso descobrir. É por isso que precisamos encontrá-la. — Tentei me lembrar dos anos mais felizes com minha mãe, mas as primeiras lembranças estavam

quase apagadas. — Não acho que o período feliz tenha durado muito. Acho que fugir atingiu minha mãe bem rápido, mas o que realmente a atrapalhou foi quando mostrei sinais da minha Variação. Isso a lembrou de tudo que ela trabalhou tanto para esquecer. Acho que foi quando ela perdeu o controle e começou a me odiar.

A mão de Devon alcançou a minha e entrelaçou meus dedos nos dele. Ele fez isso com tanta facilidade e casualidade, como se fôssemos amigos - ou mais - por anos.

— Ela não te odeia, — ele disse suavemente. Mas ele não podia saber. Ele não conhecia minha mãe, nunca viu o desgosto em seus olhos quando ela me pegava usando meu talento.

Não disse nada, apenas fechei os olhos.



Não tinha certeza de quanto tempo estava dormindo, mas não poderia ter sido mais do que duas horas pela forma que meu corpo se sentia. Lentamente, levantei minha cabeça, me perguntando o que tinha me acordado. O facho de um holofote girou pela nossa barraca. Olhei para fora da fenda. Estava escuro lá fora, exceto pelo holofote, mas pude distinguir o formato das sirenes da polícia no teto de um carro.

— Devon, — assobiei, balançando seu ombro.

Ele se virou, piscando em seu sono. — O quê?

— A polícia, — disse baixinho.

Devon sentou-se, os olhos arregalados. — Eles estão procurando por nós. Você tem que sair e se esconder em algum lugar. Rápido!

Ele ficou de joelhos, confusão aparecendo em seu rosto. — Por quê?

— Depressa, — sussurrei. — Ficarei bem, mas você precisa se esconder.

Quando o carro da polícia parou no estacionamento, houve um momento

em que as árvores esconderam a caçamba do caminhonete de sua vista.

— Agora.

Meio que empurrei Devon para fora da barraca. Ele aterrissou com um baque suave no asfalto e o observei disparar para os arbustos ao lado do caminhonete, agachado no mato. Não podíamos correr o risco de ser pegos. Tirei minhas roupas, escondi-as no meu saco de dormir, então peguei calças de jogging e uma camiseta da bolsa de Devon e as coloquei cuidadosamente.

O ruído dos pneus no asfalto parou ali perto. O carro da polícia havia parado ao lado do nosso. Respirei fundo, lembrei-me da aparência do tio Scott e deixei a ondulação tomar conta de mim. Podia ouvir seus passos se aproximando, e vi o facho de uma lanterna ficando cada vez maior e mais brilhante à medida que se aproximavam da barraca. Fiquei muito quieta, exceto pelo tremor de meus membros enquanto me transformava no tio Scott. Desejei que a transformação fosse mais rápida. Se os policiais me pegassem no meio do processo, estaríamos todos encrencados.

Quando a ondulação em meu corpo diminuiu, o policial parou em frente à abertura da barraca. Ele bateu sua lanterna contra a lateral da caminhonete.

— Esta não é uma área de descanso, — ele gritou. — Saia.

Fingi acordar e me arrastei até a abertura da barraca antes de colocar minha cabeça para fora. Pelo canto do olho, pude ver Devon agachado nos arbustos e, no mesmo instante, vi uma cintilação onde o carro da polícia estava. Por um breve momento, sua superfície brilhou e revelou outro carro por baixo. Que diabos?

Meus olhos voaram para o homem na minha frente e agora que realmente me concentrei, pude ver que algo não estava certo em seu uniforme. Era quase como um holograma, ou nos filmes, quando tentam usar personagens animados no lugar dos atores reais. Parecia o personagem real, mas você sabia que algo estava errado. Estava escuro demais para distinguir muito, exceto pelo brilho branco de seus olhos em seu rosto negro, mas sabia que suas roupas e o carro eram uma ilusão. Seu braço se contraiu e meus olhos dispararam para baixo. Ele

estava segurando uma seringa na mão direita. A única coisa que provavelmente o impediu de enfiá-la em meu pescoço foi minha aparência. Ele parecia inseguro se eu era quem eles estavam procurando.

Não lhe dei a chance de decidir. Meu braço disparou e dei um soco na mandíbula dele. Ele cambaleou para trás, e as ilusões desapareceram, revelando um homem em traje civil parado diante de um carro preto. Era a FEA ou o Exército de Abel?

Ele ergueu um walkie-talkie. — Ela está aqui.



CAPÍTULO 20

Devon saltou dos arbustos e, no mesmo instante, um segundo homem apareceu – do nada. Vi um flash de cabelo vermelho. O sequestrador de Holly! Afinal, estávamos sendo caçados pelo Exército de Abel. Saí da caçamba do caminhonete e dei um chute alto na cabeça do homem. O ruivo se inclinou para trás, amortecendo o golpe, mas rasguei seus lábios. Devon estava lutando contra o homem com a seringa. Mirei outro soco no meu oponente, mas ele se abaixou. Ele se chocou comigo. O ar deixou meus pulmões em uma lufada, mas não caí. Enfiei meu cotovelo em seu olho. Seu grito de dor foi acompanhado pelo som de um corpo batendo contra o carro. Devon estava sobre o outro homem que estava deitado no chão imóvel, sua cabeça sangrando. Ele deve ter batido com força na lateral da caminhonete.

Voltei meu foco para o meu oponente e tentei chutar as pernas dele, mas ele recuou e desapareceu com um estalo. Um segundo depois, reapareceu ao lado de seu parceiro, agarrou seu braço e ambos desapareceram no ar. Estava respirando com dificuldade, mas não baixei a guarda. Eles poderiam retornar a qualquer momento. E o carro deles? Lentamente, voltei para o meu próprio corpo. Puxei as cordas apertadas para que as calças de jogging não escorregassem e me virei para Devon. Meu coração deu um baque pesado. Ele estava encostado na caminhonete. A seringa estava presa em seu braço. Corri até

ele e a puxei.

— Devon? — Disse em uma voz em pânico. — Você está bem?

Ele me deu um sorriso fraco. — Acho que tinha tranquilizante na seringa. Me sinto um pouco confuso, mas meu corpo está lutando contra isso. Medicamentos geralmente não fazem efeito por causa da minha Variação. Acho que isso realmente assustou meu oponente.

— Vamos. — O ajudei a se sentar no banco do passageiro antes de desmontar rapidamente a barraca o suficiente para que pudéssemos partir. Tinha certeza que eles voltariam em breve. Deslizei para trás do volante e parti. Devon lutou para ficar acordado ao meu lado.

— Tem certeza que está bem?

Ele assentiu. — Só vamos nos certificar que isso não aconteça novamente. Realmente preciso de uma boa noite de sono. — Forcei um sorriso, mas por dentro eu estava em pânico total. Como o Exército de Abel nos encontrou? E tão rápido? Eles conseguiram nos achar antes que tivéssemos alguma ideia de como encontrar Holly.



Vinte e seis horas e outra noite na barraca depois, Devon e eu chegamos a Detroit. Não tínhamos sido atacados novamente, mas sabia que era apenas uma questão de tempo até que a FEA ou o Exército de Abel nos alcançasse.

Carl morava nos arredores da cidade, na mesma casa que dividiu comigo e com minha mãe há mais de três anos. Linhas telefônicas cobriam a rua acima de nós, algumas das antenas tortas. Pombos andavam pela calçada, ciscando o chão por comida. Era o início da tarde, mas essa parte da cidade - repleta de antigos armazéns - estava deserta. Entramos na rua que levava ao meu antigo bairro. Poucas pessoas estavam na rua. Não reconheci nenhuma delas, mas não era exatamente sociável quando morava aqui.

— É aqui, — disse, apontando para uma pequena casa marrom com pintura descascada, um corrimão quebrado e latas de lixo lotadas. Um carrinho de compras estava esquecido na calçada em frente a ela. Alguém provavelmente o havia roubado - ou como as pessoas por aqui costumavam dizer: pego emprestado para sempre.

Devon parou na calçada, mas não saímos da caminhonete imediatamente. Olhei para a casa surrada que uma vez tinha sido minha. Era estranho voltar. A última vez que mandei uma carta para minha mãe neste endereço, havia sido devolvida. Minha mãe não ficava com um homem por mais de dois anos, desde que me lembro.

Abri a porta e saí. Um cachorro latiu em uma das casas vizinhas. Parecia grande e furioso. Talvez fosse o mesmo vira-lata que me perseguiu no caminho para a escola uma vez.

— Você está bem? — Devon perguntou quando parou ao meu lado.

Assenti, embora não tivesse certeza se era verdade. Respirei fundo e segui em direção à porta. O jardim da frente estava faltando pedaços de grama e alguns montes de cocô de cachorro espalhados pelo restante. Bati na porta e olhei em volta. Cheirava a xixi e exaustão. Isso não era nada como a casa de Devon. Ele tinha um lugar que poderia realmente chamar de lar.

— Você acha que alguém já sabe que estamos aqui? — Devon perguntou, movendo-se nervosamente em seus pés, as mãos nos bolsos.

Balancei minha cabeça. — Eu não acho. Major provavelmente ache que não teria coragem de voltar a este lugar, considerando o quanto odiava Carl. Mas ainda não devemos ficar aqui por mais tempo do que o absolutamente necessário. Precisamos ver se ele tem alguma informação e seguir em frente.

Toquei a campainha, mas não a ouvi ecoar dentro da casa. Provavelmente estava quebrada, o que não me surpreendeu, considerando o estado do resto da casa. Bati contra a porta, depois parei para ouvir algum sinal de vida lá dentro.

— Talvez ele esteja no trabalho.

Bufei. Se Devon conhecesse Carl como eu, não teria dito isso.

— Não, ele está aqui, — disse. — Provavelmente está apenas em um estupor bêbado. Demora um pouco para ele sair disso.

Devon me deu um olhar estranho, e me virei, focando na pintura branca descascada da porta. Bati meu punho contra ela mais algumas vezes, sentindo a madeira vibrar em suas dobradiças.

— Cuidado, ou você vai quebrar a coisa, — brincou Devon.

Parei e me virei para olhar a vizinhança mais uma vez. Ninguém tinha saído de sua casa para ver o que causava o barulho. Ninguém estava preocupado com alguém gritando e batendo na vizinhança. Violência doméstica e gritos aconteciam aqui diariamente. De repente, a porta se abriu e uma onda de suor e álcool tomou conta de mim. Me lembrava bem. Um cheiro que estava maduro com uma vida arruinada, o cheiro de desesperança.

Carl parou no vão da porta. Seus olhos estavam turvos e seu rosto não barbeado, mas pelo menos estava vestido com o que parecia ser uma regata limpa e jeans. Eu o tinha visto pior. Ele olhou para mim enquanto se segurava no batente da porta, provavelmente para se equilibrar. Ele estava bêbado. Não era uma grande surpresa.

Ele piscou algumas vezes e então pareceu realmente me reconhecer pela primeira vez. — Tessa, é você? — As palavras tinham um leve insulto nelas, mas pelo menos eram inteligíveis.

— Sim, sou eu. Preciso falar com você, Carl, — disse.

Os olhos de Carl se voltaram para Devon, que estava tão perto de mim que nossos braços estavam se roçando.

Ouvir meu nome da boca de Carl era estranho. Quando morava com ele e minha mãe, só o ouvia gritar com desprezo ou raiva. Agora ele parecia quase... feliz em me ver. Quase nostálgico. Talvez os anos de álcool e solidão finalmente tivessem cobrado seu preço.

Carl deu um passo para trás para nos dar espaço para entrar, ainda segurando a porta. Ele estava instável em suas pernas, mas conseguiu manter o equilíbrio. — Entrem.

Entramos e Carl fechou a porta atrás de nós. O cheiro pungente de cerveja era ainda pior agora que o suprimento de ar fresco do lado de fora foi cortado.

— Que tal eu fazer um café? — disse. Queria Carl o mais sóbrio possível quando conversássemos.

— Claro, — disse Carl. — Sinta-se em casa. Vou me lavar lá em cima. Por que não vão para a sala de estar? — Agarrando o corrimão, ele subiu as escadas. Ele nunca tinha sido tão civilizado comigo.

Um peso se instalou no meu estômago quando entrei na cozinha e acendi a luz. A pia estava cheia de pratos, restos de comida incrustados neles. O lixo estava empilhado no alto da lixeira pronto para ser levado para fora. Tudo estava como me lembrava. A memória do meu último dia nesta casa brilhou em minha mente.

Branco enevoado. O vidro embaçado; meu hálito quente derretendo o brilho da geada. Com os dedos rígidos, limpei o vidro embaçado. O brilho suave da luz da rua fluiu para o meu quarto. Lançava uma luz fraca nas paredes nuas e no carpete manchado.

Lá fora, duas formas desapareceram nas sombras. O clarão amarelado agarrado a eles, mas estavam envoltos na escuridão. Frio arranhou minhas bochechas e nariz. Forcei os olhos, mas as duas formas permaneceram indistintas.

Uma brisa suave fez os flocos de neve rodopiar na rua, passando por latas de lixo abarrotadas, o carro de três rodas que ninguém dirigia há meses e o carrinho de compras que a Sra. Cross do outro lado da rua havia roubado da Target há alguns dias. Meus olhos voltaram para o lugar onde as duas formas estavam, mas haviam sumido.

Puxei minhas pernas para cima, longe do aquecedor desligado, e as pressionei contra meu peito. Se Carl não tivesse gasto todo o nosso dinheiro em bebida, estaria quente aqui.

O som de gritos, as palavras muito distorcidas e arrastadas para fazer

sentido, atravessaram as paredes finas do meu quarto.

Senti frio novamente. A resposta estridente de minha mãe para Carl não era coerente. Empurrei-me para fora do meu poleiro frio e meus pés descalços pousaram no tapete velho com seu cheiro sempre presente de mofo. Algo pegajoso pressionou a sola do meu pé, mas não me preocupei em verificar o que era. Provavelmente a cerveja que Carl tinha derramado quando tropeçou no meu quarto ao invés do banheiro alguns dias atrás.

A gritaria ainda não havia parado.

Arrastei-me para fora do meu quarto e para o corredor, sem me importar que os grãos de poeira grudassem nos meus pés. O banheiro estava ainda mais frio do que o resto da casa e mofo preto cobria a parede perto do chuveiro. Fechei a porta e acendi a luz. Depois de alguns lampejos, a lâmpada começou a brilhar, e o espelho jogou meu reflexo de volta para mim.

Era mesmo meu rosto? Talvez tivesse deitado ao lado de outro recém-nascido na enfermaria e decidido que o rosto dela era melhor que o meu. Aproximei-me até que pude ver cada impressão digital e mancha de pasta de dente no espelho. O cansaço estava gravado em minha pele. Fechei os olhos, embora não fosse necessário para a mudança. A ondulação familiar tomou conta de mim.

A sensação diminuiu, e arrisquei olhar para o meu reflexo.

A porta se abriu e mamãe estava na porta, seu rímel borrado e seus lábios abertos. Por um momento, ela me encarou como se fosse tudo de mau e ruim em um corpo. Como se eu fosse responsável pelo que quer que tenha acontecido com ela. A expressão de horror mudou para raiva quando ela agarrou meu braço.

— O que você está fazendo? Quantas vezes tenho que dizer para não fazer isso? Você quer que Carl descubra? Quer que algo ruim aconteça conosco? Por que você não pode ser normal?

Mamãe apertou o interruptor e nos banhou na escuridão, como se não pudesse suportar olhar para mim, antes de continuar. — Tenho tentado esconder

sua estranheza por tantos anos, mas você nunca me escuta. Tudo é culpa sua.

Deixando-me no escuro, ela se afastou. A culpa queimou um caminho através do meu estômago. Anormal. Monstro. Ladra. Isso é o que eu era. Uma aberração que poderia roubar a aparência de outras pessoas.

Pisquei para me livrar da sensação de formigamento em meus olhos. A forma do meu rosto mudou novamente e quando a ondulação parou, me aproximei do espelho. Olhos castanhos em vez de turquesa, o mesmo cabelo ruivo, mas mais grosso e com mais cachos.

Forcei a expressão de mamãe a suavizar até que havia uma expressão em seu rosto que nunca tinha visto dirigido a mim. Meus lábios tremeram quando os movi e sua voz saiu.

— Feliz aniversário, docinho. Eu te amo. — Minha expressão se contorceu, tornou-se mais parecida com a que eu estava acostumada a ver.

A campainha me tirou do momento, e deixei ir a aparência de mamãe.

— Tessa, traga sua bunda aqui. Tem alguém que quer vê-la, — mamãe gritou.

Desci correndo os degraus em direção às vozes desconhecidas, mas mamãe agarrou meu braço.

— Você trouxe isso para si mesma. — Suas unhas cravaram na minha pele e tentei não estremecer.

Afastando-a, olhei para ela. — O que você quer dizer? Não fiz nada.

Entrei na sala. Dois homens estavam em seus ternos elegantes em meio a móveis esfarrapados e garrafas de cerveja vazias. Seus rostos se voltaram para mim. Dei um passo para trás quando meus olhos encontraram com um par de cinzas.

Eles pertenciam ao mais alto e muito mais jovem dos dois. Ele tinha os olhos mais incríveis que já tinha visto. Eles me mantiveram congelada no local.

Limpei minha garganta. — Vocês estão aqui para me ver?

O homem mais velho assentiu. Seu cabelo preto penteado para trás não se moveu um centímetro. — Sim. Sou Major Antonio Sanchez. Estava prestes a

falar com seu pai sobre o motivo de nossa visita.

— Ele não é meu pai. — As palavras saíram antes que eu pudesse detê-las.

— Pirralha ingrata.

Minha pele queimou com as palavras de Carl. Ele me chamava de pior, mas não na frente de estranhos. sabia que não devia trazer ninguém para casa.

— Vá comprar cigarro. Lidarei com isso sozinha, — mamãe disse, me surpreendendo e talvez até a si mesma. Não conseguia me lembrar de sua voz soar tão firme quando ela falava com um de seus namorados.

Carl olhou entre os dois homens e mamãe, provavelmente decidindo que eles iriam interferir se ele batesse nela antes de tropeçar em direção à porta da frente. — Que seja. Resolva você mesma. A pirralha não é minha.

O Major Sanchez esperou a batida da porta antes de falar. — Como discutimos ao telefone, isto é o melhor para sua filha. Ela estará segura e cuidada, e viverá entre pessoas como ela, outras Variantes, e aprenderá a controlar sua Variação.

O cara mais novo me cutucou. — Prazer em conhecê-la. Sou Alec. — Ele empurrou uma mão em seu cabelo preto, despenteando-o ainda mais. — Ouvi sobre o seu talento. A agência não tem falado sobre mais nada desde que sua mãe nos ligou.

Mamãe tinha ligado para eles para se livrar de mim? Ela contou a estranhos sobre minha anormalidade? Mas ela sempre tentou tanto esconder isso.

— Então vai levá-la com você? — Mamãe perguntou, calma e controlada, esperançosa até.

Gritos se construíram em meus pulmões.

— Sim. Mas você pode manter contato e visitar Tessa sempre que quiser.

Ela balançou a cabeça. — Não. É melhor se não mantivermos contato. — Minhas entranhas desmoronaram e os gritos silenciosos com elas. Eu tinha chegado a um acordo com o fato de que ela não me amava, que mal podia me tolerar a maior parte do tempo, mas que me desprezava o suficiente para me

deixar à mercê de estranhos?

— Ok, tudo está resolvido então, — disse o Major Sanchez. — Tessa, vamos leva-la conosco.

As costas da mamãe foram a última coisa que vi. Ela saiu da sala quando eles me levaram para longe e não se virou uma vez.



CAPÍTULO 21

— Tessa?

Saí do passado, só agora percebendo que estava segurando a chaleira com força. Devon estava na porta, uma expressão de profunda preocupação em seu rosto.

— Desculpe, — resmunguei. — Me perdi em memórias por um momento.

— Imaginei. — Ele se aproximou de mim lentamente, como se temesse que pudesse desmoronar ou fugir a qualquer momento.

Abri a torneira e enchi a chaleira com água antes de colocá-la no fogão. Devon não disse nada enquanto me observava esperar a água ferver. Coloquei três medidas de café instantâneo em uma xícara semi-limpa e despejei a água quente por cima. Dei algumas mexidas rápidas com uma colher suja antes de ir para a sala de estar. Carl estava sentado no sofá. Ele parecia muito mais alerta do que antes. Coloquei a xícara de café na frente dele.

— Extra forte, — disse. — Do jeito que você gosta.

Ele bebeu o primeiro gole do líquido preto. Ele ofegou e tossiu. — Foda-se, isso está quente!

Essa era a linguagem que estava acostumada com ele. Não, por favor, ou obrigado, apenas críticas. Acomodei-me no braço e esperei a cafeína fazer efeito. Devon sentou-se na poltrona à minha frente. Pelo estado da sala de estar,

ninguém a limpava há meses. Me perguntei se alguém além de Carl pôs os pés na casa em mais ou menos o mesmo tempo. Garrafas de cerveja, roupas sujas, lenços usados e latas vazias de almôndegas e feijões cozidos cobriam o chão, e a camada de poeira e sujeira em cada superfície era tão grossa quanto meu dedo mindinho.

— Você mudou muito, — Carl disse finalmente.

— As pessoas mudam, — disse friamente. *Pelo menos a maioria das pessoas*, pensei. Exceto pelo fato de que ele tinha menos cabelo na cabeça e mais nos ombros – que estavam tristemente descobertos graças a sua regata branco-acinzentada – a vida de Carl não mudou.

— Suponho que sim, — disse ele. Por um momento, ele parecia distante. — Às vezes, basta um empurrãozinho. — Um sorriso estranho surgiu em seu rosto, mas então ele saiu de sua zona. — O que você quer? Não tenho dinheiro.

Tive que me impedir de bufar. Como se fosse lhe pedir dinheiro de todas as pessoas! — Estou procurando minha mãe. Achei que você poderia me ajudar a encontrá-la, ou ter alguma ideia de onde ela está.

— A cadela me deixou algumas semanas depois que eles te levaram.

Os olhos de Devon se arregalaram com o insulto, mas ouvi muito pior da boca de Carl.

— Ela encontrou alguém novo?

Carl deu de ombros. — Não acho. Acho que ela perdeu o interesse em mim.

— Você a viu desde então? Ou ela lhe disse para onde estava indo? — Podia ver os olhos de Devon em cada centímetro da sala e meu corpo aqueceu com vergonha.

— Não, nada. Ela estava feliz por ir embora.

— Você deve saber alguma coisa, — implorei.

Carl ficou de pé e puxou algo das costas. Ele estava apontando uma Glock para nós.

Fiquei tensa. — O que você está fazendo?

Carl ignorou minha pergunta. Ele deu alguns passos para trás, então gesticulou com a arma para Devon. Um silenciador estava anexado ao seu cano. — Você. Sente-se ao lado dela. Quero vocês juntos.

— Acalme-se, — disse Devon. — Nós não queremos fazer nenhum mal.

— Cale-se! — Carl rosnou, cuspe voando de sua boca. — Vá para lá, ou vou enfiar uma bala no seu crânio.

Devon se levantou da poltrona e lentamente andou até mim. Nunca tirei meus olhos da arma na mão de Carl. Me perguntei se ele sabia que um silenciador não silenciava completamente uma arma. O som dos tiros seria suprimido, mas os vizinhos ainda poderiam ouvi-los. Não que alguém por aqui desse a mínima.

— O que você fez lá em cima? — Perguntei.

— Alguns dias atrás, um cara apareceu na minha porta. Prometendo dinheiro e tudo, se ligasse para ele quando te visse. Achei que estava brincando, mas ele me deu quinhentos dólares por nada e prometeu que haveria muito mais de onde aquele veio. Claro, achei que isso era tudo que conseguiria. Não achei que você seria estúpida o suficiente para mostrar seu rosto por aqui. — Ele gargalhou, alegria brilhando em seu rosto.

— O que é que você fez? — Sussurrei. Minhas mãos começaram a tremer, então as fechei em punhos.

— Sempre soube que algo bom viria na minha direção. Nunca imaginei que viria de você, mas estou feliz em ser surpreendido. — Ele sorriu e não queria nada mais do que ir até ele e esmagar seu rosto. Mas ele ainda não tinha me dito a quem havia alertado sobre nossa presença. E havia o problema da arma.

Os dedos de Devon roçaram minha mão. Enganchei meu dedo mindinho com o dele. — Quem foi? Quem esteve aqui? — Fiz minha voz sair dura e sem medo, apesar do medo revirando meu estômago. A FEA estava procurando por nós? Ou foi alguém do Exército de Abel?

— Não sei, — disse ele, olhando para a janela. Segui seu olhar em direção

à rua. — Mas o cara deve chegar aqui em breve. Liguei para ele quando você chegou e ele disse que estava por perto.

Me mexi, cada instinto me dizendo para fazer alguma coisa, correr. Carl não atiraria em nós. Ele não receberia uma recompensa se nos entregasse mortos. Carl arriscou outro olhar para a janela e de repente Devon se afastou do nosso toque e avançou em direção a ele. Carl foi lento, mas levantou a arma antes que Devon tivesse a chance de alcançá-lo. Um estalo soou pela sala e Devon se contorceu e balançou para trás. Uma bala o atingiu.

— Não! — Gritei e corri em direção a eles.

Devon colidiu com Carl e um segundo tiro soou. A parte de trás da cabeça de Carl bateu contra a parede e ele caiu no chão. Devon estava bem ao lado dele. Por um momento não tive certeza de quem o segundo tiro havia acertado, então notei o buraco de bala no teto. O peito de Carl subia e descia - apenas inconsciente.

Ajoelhei-me ao lado de Devon, tentando reprimir o pânico esmagador que pulsava pelo meu corpo. Rolei Devon para que ele ficasse de frente para mim. O sangue escorria de uma ferida em seu ombro. Não havia um segundo ferimento. Os olhos de Devon vibraram, e ele me deu um sorriso trêmulo. A cor sumiu de seu rosto, mas felizmente ele permaneceu consciente.

— Por que você fez isso? — Sussurrei enquanto o ajudava a se levantar. Mesmo que estivesse ferido, não podíamos correr o risco de ficar aqui por muito mais tempo. Quem quer que Carl tivesse ligado estaria aqui a qualquer minuto.

— Lembra? Sou à prova de balas. — O humor morreu em seu rosto, e ele fez uma careta de dor quando passei seu braço em volta do meu pescoço. Ele se inclinou pesadamente em mim enquanto o conduzia para fora da sala.

— Não parece assim para mim, — murmurei. Embora soubesse que deveria ser grata.

Devon nos deu tempo e nos tirou de uma situação desesperadora, mas não conseguia esquecer a pontada de pânico que senti quando o vi ser baleado.

Abri a porta da frente e espiei para fora. A rua ainda estava vazia. Corri

para o nosso carro, arrastando Devon junto comigo. Podia dizer que ele estava tentando andar sozinho, mas suas pernas estavam muito trêmulas. O empurrei para o banco do passageiro e ele me deu um sorriso agradecido. Gotas de suor se formaram no topo de seu lábio. Contornei o carro e escorreguei atrás do volante. Parte de mim queria fugir, mas por outro lado, esta era uma boa oportunidade para dar uma olhada na pessoa que estava nos seguindo. Se fosse o Exército de Abel, seria bom conhecer os rostos que teria que procurar. Mais uma vez, pensei em deixá-los me pegar. Se me fizessem prisioneira, pelo menos havia uma boa chance de me levarem até Holly. Mas e Devon?

Seus olhos estavam fechados de dor. Não. Precisava seguir o plano. Manter Devon seguro e tentar encontrar minha mãe. Coloquei a chave na ignição e liguei o carro. Verifiquei a rua. Quatro casas abaixo, uma entrada de carros estava vazia e as persianas estavam fechadas. Parecia um lugar tão bom quanto qualquer outro para se esconder à vista de todos. Dei marcha à ré e dirigi lentamente em direção à casa. Entrei na garagem. Dessa forma, poderia fazer uma fuga rápida, se necessário.

— Acho que você vai ter que remover a bala, — disse Devon com os dentes cerrados. Pulei ao som de sua voz. Ele nem questionou por que não tinha fugido, mas provavelmente tinha preocupações maiores.

— O que? — disse. — Mas seu corpo se cura sozinho.

— Sim, ele se cura sozinho, mas esse é o problema. Vai fechar a ferida e envolver a bala. E mais tarde, quando perceber o quanto o material estranho é ruim para mim, ele começará a rejeitar a bala muito lentamente, expulsando-a e depois curando novamente.

Olhei para a ferida que já estava começando a fechar. A bala definitivamente ainda estava dentro.

— Tem certeza? — Perguntei.

— Sim, tenho certeza. É melhor tirá-la agora e curar tudo de uma vez.

Nunca tinha removido uma bala. Li sobre isso e vi um tutorial em vídeo, mas isso era até onde minha experiência ia. E realmente não prestei atenção

quando Devon removeu o rastreador do meu braço, e ele estava perto da superfície. Esta bala estava alojada muito mais fundo. Não pude deixar de olhar para a casa de Carl, mas ele ainda não tinha saído para nos procurar. Ele bateu a cabeça com muita força. Por mais confuso que ele fosse, esperava que não o tivéssemos machucado muito. Meus olhos se desviaram para o final da rua.

— Sim, com certeza. Certa vez, enfiei uma lasca enorme no joelho quando sofri um acidente com minha bicicleta e caí em um tronco. Vamos apenas dizer que não foi uma experiência agradável ver meu corpo repelindo aquela farpa abrindo minha pele. Doeu como o inferno.

— Isso não é muito inteligente de seu corpo, — disse, voltando-me para Devon. — Deveria evitar causar-lhe dor.

Devon soltou uma risada rouca. — Concordo.

— Ok, — disse lentamente. — Vou precisar de uma faca ou qualquer outra coisa que seja afiada o suficiente.

Devon acenou para sua mochila. — Pegue meu canivete.

Abri a mochila e vasculhei até que minhas mãos se fecharam em torno do aço frio. Desdobrei a lâmina. Peguei um isqueiro do console do meio e o liguei antes de passá-lo pela lâmina várias vezes até ter certeza de que estava esterilizada. Devon enfiou uma camisa velha na boca.

— Isso vai doer como o inferno, — avisei. — Mas lembre-se, vai ficar tudo bem. — Os olhos de Devon me imploraram para me apressar. Meu olhar voou para a casa e para o final da rua novamente. Nada ainda. Forcei minhas mãos a firmarem. Com uma respiração profunda, empurrei a ponta da faca na ferida quase fechada. Devon soltou um gemido, suor brilhando em sua pele. — Acho que faz sentido fechar a ferida primeiro, — divaguei para manter eu e Devon distraídos do que estava acontecendo. Não achava que estava fazendo um bom trabalho. — Isso interrompe o fluxo sanguíneo e a perda de sangue é provavelmente uma grande preocupação para todos?

A lâmina atingiu algo duro. Mudei o ângulo da faca para encaixar a ponta sob a bala. O sangue brotou e derramou sobre o ombro e braço de Devon.

Com um gemido, Devon começou a tremer. Seus olhos reviraram e ele perdeu a consciência. Estava realmente aliviada. Pelo menos, assim ele seria poupado da pior dor. A pele ao redor da faca continuou fechando, tornando mais difícil para eu dar uma boa olhada na bala e o fluxo de sangue também não era exatamente útil. Quando tive certeza de que estava abaixo da bala, comecei a empurrar a lâmina para cima até que finalmente a bala apareceu e consegui retirá-la. Aterrissou no jeans de Devon, onde deixou outra mancha de sangue. Enquanto observava a ferida se fechar, fiquei incrivelmente agradecida por sua Variação. Peguei uma pequena toalha da minha mochila e a molhei com um pouco de água da minha garrafa. Cuidadosamente, limpei a testa de Devon.

Com Devon dormindo, de repente senti medo de estar na rua sozinha. Fui estúpida ficando aqui para observar nossos perseguidores. Coloquei o carro em marcha e estava prestes a sair da garagem quando um carro preto virou na rua. Era muito elegante para pertencer aqui. O pânico tomou conta de mim.

— Merda, — sussurrei enquanto pisava fundo no acelerador e girava o volante.

Meu pulso estralou com a força necessária para manter o carro sob controle. Os pneus guincharam quando desci a rua na outra direção. Verifiquei o retrovisor. O carro preto estava se aproximando de nós rapidamente.



CAPÍTULO 22

O carro deu um solavanco quando passamos por um buraco na estrada. Devon voltou a si com um gemido e tentou se sentar, mas foi jogado contra a porta quando entrei bruscamente em outra rua. Mas foi inútil. O carro estava tão perto de nós agora, que podia ver a forma de um homem atrás do volante. E de repente senti frio. Esperava não ter que ver seu rosto nunca mais, mas lá estava ele. Alec.

A frente de seu carro estava quase tocando a traseira da caminhonete. Meu pé no acelerador aliviou quando uma onda de calma tomou conta de mim. Ele parecia estar sozinho. Todo o medo, toda a preocupação, toda a urgência desapareceu. O carro diminuiu ainda mais.

Não, uma voz de advertência dentro de mim disse: *Continue*. *Acelere*. Mas eu estava muito calma. Não havia necessidade de me preocupar, não havia necessidade de ter medo. Tudo ficaria bem. No fundo, estava ciente de que essas não eram minhas *próprias* emoções. O carro parou ao lado de um armazém abandonado. Sabia que deveríamos continuar, mas não conseguia pressionar o acelerador, não conseguia lutar contra a sensação esmagadora de calma que havia me capturado.

Alec estacionou na nossa frente e saiu, sua expressão cautelosa. E de repente a calma cessou e meus sentimentos voltaram como um turbilhão. Não

podia acreditar que ele usou sua Variação para me controlar assim.

Suspirei. Antes que soubesse o que estava fazendo, peguei a arma de Carl e saltei do carro. Meu braço estava firme quando o apontei para a cabeça de Alec.

— Dê mais um passo, e atiro em você.

Mas assim que disse isso, sabia que nunca poderia fazê-lo. E sabia que ele podia sentir isso também. Seus olhos cinza eram suaves, nem um pouco perturbados pela arma apontada para ele. Preferia puxar o gatilho em mim mesma, antes de prejudicá-lo.

Apesar de tudo, apesar de todas as mentiras e sua traição, ainda o amava. E me odiava por isso, mais do que jamais poderia odiá-lo. Baixei a arma até que estivesse apontada para seu ombro. Ele deu um pequeno passo mais perto de mim, seu rosto implorando por compreensão. Mas mesmo que não pudesse atirar nele, isso não significava que confiava nele, ou o perdoei. Para ele, a FEA sempre viria em primeiro lugar. Sempre ficaria entre nós.

— Você me manipulou de novo, embora tenha prometido não fazer isso, — assobiei. — Você prometeu! Mas você mentiu! — O último saiu como um grito sem fôlego.

Pelo canto do meu olho, podia ver Devon abrir a porta do passageiro do carro. Esperava que ele ficasse onde estava. Alec olhou brevemente para Devon, apertando os lábios antes de se voltar para mim.

— Tess, — disse ele. — Não é tão simples assim. Não é como você pensa.

— Não! Não use esse tom comigo. Cansei de ser sua marionete. Cansei de você e de suas promessas vazias, cansei da FEA e de suas mentiras. Cansei. Está acabado. — Respirei fundo, mas minhas costelas se contraíram dolorosamente. Senti como se meu peito estivesse em um torno.

Alec olhou para mim como se não pudesse compreender o que acabei de dizer. — Você não sabe no que está se metendo. Você está em perigo. A FEA é sua única proteção. Eu quero te proteger. Isso é tudo que sempre quis. Me importo com você e quero mantê-la segura.

Apertei ainda mais a arma até que meus dedos ficaram dormentes. — Mentiroso, — cuspi. — Eu era sua missão. Seu quebra-cabeça para pesquisar. Cada palavra e cada beijo que compartilhamos era uma mentira. Se você acha que vou esquecer isso, não me conhece.

Ele abriu a boca, mas continuei. — Quando Major e os outros estarão aqui? — Fiquei surpresa por ele ter vindo sozinho.

— Ninguém virá. Eles não sabem que estou aqui. — Não pude deixar de rir. — É a verdade, Tess. Vim para levá-la de volta ao quartel-general comigo. Falei com o Major. Ele vai te ouvir. Ele vai reconsiderar sua decisão de mandá-la para o hospital.

— Isso é uma mentira que definitivamente não vou acreditar, Alec. Conheço o Major. Depois de tudo o que fiz nos últimos dias, ele vai me manter trancada até ter certeza de que sofri lavagem cerebral o suficiente para obedecer às suas ordens.

Alec deu outro passo em minha direção. Sombras escuras permaneciam sob seus olhos e ele havia perdido peso. — Tessa, só quero te ajudar. Por favor, volte comigo.

— Se você quer me ajudar, me diga onde minha mãe está, — disse.

Sabia que era um risco, mas ele era minha melhor chance, e se a FEA soubesse onde minha mãe estava, esperariam que eu fosse lá em algum momento de qualquer maneira. Devon pairou perto do para-choque, incerteza brincando em seu rosto. Seu braço esquerdo estava pressionado contra o peito; movê-lo provavelmente ainda doía.

Alec balançou a cabeça. — Tess, por favor, me escute. O Exército de Abel está te caçando. Eles são extremamente perigosos. Eles são o inimigo. Você vai se matar. Por favor, confie em mim, só mais uma vez. Entendo que você está com raiva de mim, e tem todo o direito de estar, mas juro que estou apenas tentando cuidar de você. — Sua voz era como uma carícia.

Queria ir até ele e enterrar meu rosto na curva de seu pescoço, respirar seu cheiro e chover beijos em sua cicatriz. Lutei contra a emoção, sem saber se vinha

de dentro de mim ou se Alec estava me manipulando novamente.

— Quando disse que te amava, não menti. Nunca menti sobre minhas emoções por você. Eu te amo. E sei que você me ama também.

Algo estalou em mim. — Talvez uma parte estúpida de mim ainda o faça. Mas deixe-me dizer uma coisa: não importa porque não escuto mais essa parte estupida. Você só se preocupa com a FEA. Sempre será mais importante para você do que eu ou qualquer outra pessoa poderia ser. Amor não é isso, Alec. E sabe de uma coisa? Seus pais estavam certos.

Ele ficou tenso, mas não parei.

— Aposto que você adorava manipulá-los, fazê-los duvidar de suas emoções até que tivessem certeza de que estavam enlouquecendo, assim como você fez comigo. Aposto que você gostava mesmo quando jovem. Não é de admirar que eles não suportassem sua presença. Ninguém gosta de ser manipulado e violado. Se estivesse no lugar deles, também gostaria de me afastar de você.

Não podia acreditar que tinha acabado de dizer isso. Agora finalmente tinha provado que era filha de minha mãe - tão cruel e descuidada com minhas palavras. Estava me transformando nela; Machuquei Alec onde sabia que doeria mais.

Alec virou o rosto para o lado, deixando-me olhar para o seu perfil. Ele engoliu em seco, sua mandíbula tensa e a garganta flexionada. Eu queria pedir desculpas. Queria que perdoássemos um ao outro pelo passado. Queria deixá-lo me levar de volta para a sede e viver uma vida cheia de mentiras felizes. Mas não me movi. Não podia. Essa parte da minha vida acabou. Para todo sempre. Alec e eu nunca poderíamos ficar juntos. Ele estava do lado da FEA, sempre estaria. Eles não queriam o melhor para mim. Eu estava em uma missão e tinha um trabalho a fazer. E para fazer isso, tinha que esquecê-lo e a FEA para sempre.

Não havia mais nada a dizer. Me virei, pronta para voltar para o carro, mas Alec falou. — Eu sei onde sua mãe está, — ele disse calmamente.

Parei e lentamente, com medo de ver seu rosto, me virei para encará-lo.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou um pequeno pedaço de papel. Ele me estendeu o papel, seu rosto fechado. Depois de um momento de hesitação, caminhei em sua direção. Devon ficou alerta, como se estivesse se preparando para interferir se Alec tentasse me agarrar. Era inútil, claro. Alec era mais forte do que nós dois juntos. Se ele quisesse me sequestrar, ninguém poderia impedi-lo. Mas ele parecia tão derrotado, não acho que o pensamento tinha sequer entrado em sua mente. Minha culpa tinha gosto de ácido na minha língua.

Parei a dois braços de distância de Alec e estendi a mão para o papel. Nossos dedos se tocaram e meus olhos se ergueram para encontrar seus olhos cinzentos. Havia muita tristeza neles. Lágrimas brotaram em meus olhos, mas não permiti que elas caíssem. Chorei tantas vezes por causa de Alec no passado. Esse tempo acabou. Peguei o papel de sua mão e dei alguns passos para trás.

— É por causa dele, não é? — Disse Alec.

Segui seu olhar em direção a Devon, que estava nos observando com confusão.

Alec achou que eu tinha fugido por causa de Devon?

— Você ainda não entendeu, não é? Saí por *sua* causa. Uma vez você me disse que faria qualquer coisa por mim. E era o mesmo para mim. Eu teria dado minha vida para salvar a sua. Teria feito qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa por você. Mas então descobri como você me traiu. Fui estúpida. Sei que nunca seria capaz de perdoá-lo.

Devon parecia mais do que um pouco desconfortável, mas estava feliz por ele não ter tentado interferir. Isso era entre Alec e eu.

Com as mãos úmidas, desdobrei o papel e olhei para o endereço. Era o nome de um bar em Las Vegas. — Um bar?

— Sim. Sua mãe trabalha lá. — Alec olhou para um ponto acima da minha cabeça.

Me perguntei se algum dia conseguiria transformar meu rosto em uma máscara vazia de emoção. Ele aperfeiçoou a arte. Mas eu tinha vislumbrado por trás da máscara, através das rachaduras de sua aparência forte. E sabia que não

tinha sido tudo falso.

— Como você encontrou isso? Ela manteve contato com a FEA?

Alec sorriu amargamente. — Não. Eu conhecia o bar. É um lugar que já estive antes. Achei que poderia encontrar alguém lá que pudesse me ajudar a achar sua mãe. Achei que não a encontraria lá, mas encontrei.

— Que tipo de bar é esse? — Perguntou Devon.

Os olhos de Alec se voltaram para ele e sua máscara estoica deslizou para uma de raiva e suspeita.

— Um bar para a nossa espécie, — disse Alec, então ele encontrou meus olhos. — Não é administrado pela FEA. As pessoas que vão lá não têm nenhum negócio com a FEA, nenhuma aliança com nenhuma organização. É um lugar clandestino que não escolhe lados.

Então eles também não eram o Exército de Abel. Mas se Alec sabia sobre o bar, havia uma boa chance de que Major ou Abel também soubessem, e que tivessem espiões lá. Mas não tinha escolha. Esta era a minha única pista e a única maneira de chegar à minha mãe.

— Major vai matá-lo por isso, — disse.

— Você realmente acha que ainda me importo? — Sua voz era vazia.

Hesitei enquanto observava seu rosto. Disse meu último adeus na minha cabeça. Teria me machucado muito dizer isso em voz alta. Me virei e caminhei de volta para o carro.

— Entre, — disse a Devon.

Não tive forças para dispensar um último olhar. Subi na caminhonete, liguei o motor e recuei do carro até ter espaço suficiente para manobrar na rua. Pisei no acelerador e, ao passar, meus olhos foram atraídos para o espelho retrovisor, para Alec e a maneira como ele estava congelado no lugar, seu olhar em mim. Sabia que a expressão em seus olhos me assombraria por um longo tempo, mas mesmo assim, não havia como voltar atrás.



CAPÍTULO 23

— Você está bem? Talvez eu devesse dirigir? — Devon disse cuidadosamente.

— Estou bem, — rebati, odiando como as lágrimas que escorriam pelo meu rosto me traíam.

— Você quer dirigir até Las Vegas? Isso vai levar um dia inteiro.

— Não temos outra escolha. Não podemos pegar um avião. Major saberá se fizermos o check-in em qualquer lugar ou embarcarmos em um avião. E vai demorar muito para conseguir uma identidade falsa para você. Eu sempre poderia roubar uma e me transformar na pessoa de quem roubei, mas você não pode. — Não queria soar tão reprovadora. Estava feliz pela companhia de Devon, mas o estava fazendo parecer um passivo. — Sinto muito, — sussurrei.

— Não, você está certa. Você prefere continuar sem mim?

— Não! — Disse apressadamente. — Por favor, fique.

Devon apenas assentiu. — Se nos revezarmos dirigindo, podemos nos descansar enquanto o outro dirige, e seremos mais rápidos.

— Essa é uma boa ideia, — disse, casualmente enxugando meus olhos com a bainha do meu suéter.

Devon pareceu pensativo por um momento. — Preciso ligar para meus pais. Eles já devem estar preocupados. E Major provavelmente lhes disse ainda

mais mentiras.

— Nós teremos que abastecer de qualquer maneira. Uma vez que coloquemos alguma distância entre nós e Detroit. — *E Alec*, acrescentei na minha cabeça. —… vamos procurar uma parada para descanso. Acho que poderíamos comer algo e termos alguns minutos para descansar depois de tudo o que aconteceu hoje. — Olhei para seu moletom coberto de sangue. — E você precisa se trocar. Não pode andar por aí assim.



Quando finalmente paramos para descansar, minhas costas e pernas doíam de dirigir, mas pelo menos estava calma. E enquanto continuasse impedindo o rosto de Alec de aparecer em minha mente, esperava continuar assim.

— Vou pegar uma camisa nova para você, — disse a Devon enquanto saltava e caminhava até a caçamba da caminhonete onde as mochilas com nossas roupas estavam guardadas. Peguei o primeiro suéter que meus dedos escovaram e dei para Devon antes de me posicionar na frente da janela do passageiro para que as pessoas que se misturavam no estacionamento não o vissem se trocar. Quando ele puxou o moletom sobre a cabeça, meus olhos foram atraídos para seu ombro e a pele agora imaculada.

Depois que Devon vestiu o suéter limpo, enchemos o tanque com gasolina antes de parar no final do estacionamento, longe de olhos curiosos. Devon foi ao telefone público para ligar para seus pais, e observei como seus ombros caíram depois de um tempo. Ele balançou sua cabeça.

— Eles não atendem. Isso é tão diferente deles.

Podia ouvir a sugestão de preocupação em sua voz, e de alguma forma isso despertou meus próprios medos. — Talvez eles precisassem sair por um tempo. E seu pai provavelmente está no trabalho, certo?

Devon enfiou as mãos nos bolsos e assentiu. — Sim talvez. Vou tentar

novamente mais tarde. — Ele respirou fundo e sorriu. — Estou morrendo de fome.

— Eu também, — falei, embora isso não pudesse estar mais longe da verdade. Perdi completamente o apetite desde que vi Alec, um abismo tomou o lugar do meu estômago.

Devon e eu compramos batatas fritas e hambúrgueres na lanchonete ao lado do posto de gasolina. Em vez de comer no restaurante sujo com suas cabines de couro rasgado e piso xadrez sujo (sem falar nos olhares curiosos da garçonete) decidimos levar a comida de volta para o carro e comê-la na caçamba da caminhonete.

As batatas fritas estavam gordurosas e o pão de hambúrguer estava muito seco, mas não me importei. Foi a primeira refeição de verdade que tivemos em um tempo, e tudo parecia sem graça para mim de qualquer maneira. Podia sentir os olhos de Devon em mim, e um nó de desconforto cresceu dentro de mim. Esperava que ele não falasse sobre Alec. Não acho que poderia engolir isso agora.

— Você sabe a extensão de sua Variação? — Soltei e estremeci com quão alta e em pânico minha voz soou. Enfiei mais algumas batatas fritas na boca. A gordura entupiu minha garganta e tive que tomar alguns goles da minha garrafa de refrigerante para lavar.

Devon engoliu o bocado e limpou a boca com um guardanapo. — O que você quer dizer?

— O que você tentou? Que tipo de lesões você pode curar? Você pode curar doenças? Pode mesmo morrer? — Fiz uma careta quando percebi quão insensível isso soou, mas não pude evitar minha curiosidade. Coloquei duas batatas fritas no ketchup e as girei.

Ele deu outra mordida. Aparentemente não se importava que a comida fosse ruim, ou com o fedor de escapamento e combustível.

— Bem, nunca me joguei na frente de um carro ou me ateei fogo para testar. Mas tenho certeza que há limites. Acho que estaria morto se meu corpo

fosse dilacerado por uma bomba ou se fosse decapitado.

Torci o nariz para as imagens horríveis que suas palavras evocaram na minha cabeça. Devon riu, covinhas aparecendo. — *Você* perguntou.

— Eu sei, — disse, sorrindo.

Seu cabelo estava uma bagunça. Fiquei feliz por não ter verificado meu reflexo nos banheiros do restaurante. Podia imaginar que ninho de pássaro meu próprio cabelo havia se tornado.

— Então você já se machucou para ver como seu corpo se cura? — Coloquei minhas batatas fritas restantes na caçamba do caminhonete. Simplesmente não conseguia me forçar a dar outra mordida.

Devon parecia envergonhado. — Sim. Quando era mais jovem, costumava me cortar e uma vez quebrei meu próprio dedo mindinho, mas depois disso praticamente parei. Não gosto de dor, você sabe.

O cutuquei com meu ombro. — Nunca teria imaginado.

Ele empurrou o queixo em direção à minha comida descartada. — Você não vai comer mais?

Gargalhei. — Não me diga que você ainda está com fome.

Os olhos azuis de Devon brilharam. — Não estou com muita fome, não, mas poderia comer mais algumas mordidas. Quem sabe quando poderemos parar e comer de novo.

Empurrei as batatas fritas para ele. — Sirva-se. Acho que a proporção de batatas fritas para gordura não está funcionando muito bem para mim.

— Tanto faz, — ele disse, e piscou para mim.

Me senti mais leve enquanto o observava comer o resto da minha refeição. Sempre me maravilhei com o quanto Devon poderia comer. Talvez sua Variação o deixasse com fome o tempo todo, e provavelmente também o fizesse queimar as calorias no momento em que entravam em seu corpo, porque olhando para ele você nunca imaginaria o quanto ele devorava todos os dias.

— Estou feliz que você tenha uma Variação fodona, — disse suavemente. Lembrei-me da noite em Livingston quando me ajoelhei ao lado de seu corpo

sem vida e chorei. Ainda não sabia sobre sua Variação, e achei que nunca mais o veria. Foi um momento horrível.

Devon relaxou ao meu lado, nossas pernas e ombros pressionados um contra o outro. Eu nem tinha percebido o quão próximos estávamos sentados até agora.

— Eu também. — Seus olhos escanearam meu rosto. Não tinha certeza do que ele estava procurando.

Envolvi meus braços em volta de mim, desejando poder banir as memórias daquele dia para sempre da minha mente. Meu braço roçou a cicatriz. Devon não sabia sobre a marca nas minhas costelas. Ninguém havia lhe contado.

— Ryan fez outra coisa naquela noite. — Minha voz era quase inaudível até mesmo para meus próprios ouvidos.

Devon ficou tenso. Podia sentir a energia através de nossos corpos se tocando. — Você se lembra do A que ele cortava em suas vítimas? — Sussurrei.

— Como poderia esquecer?

— Ele fez isso comigo também. Ele renovou o corte enquanto eu fingia ser sua irmã, e agora faz parte do meu corpo.

Os olhos de Devon se arregalaram. — Ele te marcou?

Balancei a cabeça. Lentamente, soltei meu aperto esmagador em torno de minha caixa torácica e deixei meus braços afundarem no meu colo.

— Posso ver? — Sussurrou Devon.

Fiquei de joelhos, sem tirar os olhos dos de Devon. Os dele eram tão suaves e preocupados. Eles me deram o suporte necessário que precisava para manter a calma. Olhei ao redor do estacionamento, mas exceto por um homem que estava colocando gasolina em seu carro de costas para nós, não havia ninguém do lado de fora.

Enrolei meus dedos ao redor da bainha da minha camiseta e a puxei para cima até que o A vermelho estivesse visível. Estremeci quando o ar frio atingiu minha pele.

Devon apenas olhou para a marca, algo escuro nublado seus olhos. — Por

que você não me contou sobre isso antes? Poderia tê-la curada.

Evitei seu olhar penetrante. — Me senti culpada pela missão, por fingir ser sua irmã. Acho que estava com medo da sua reação. Parte de mim sentiu que merecia isso.

Devon estendeu a mão, mas na verdade não me tocou. As pontas de seus dedos pairaram a cerca de uma polegada da minha pele. — Você quer que eu cure isso? — Seus olhos azuis eram suaves enquanto olhavam para mim.

Engoli em seco e dei um pequeno aceno de cabeça, não confiando em mim para falar. Ele pressionou a palma da mão contra o A, sua pele quente contra a minha. Arrepios passaram pela minha pele e não conseguia tirar os olhos do rosto de Devon. Suas sobrancelhas mergulharam em concentração e uma cócega se espalhou pelas minhas costelas. Me senti mais perto dele naquele momento do que nunca.

— Feito. Veja? — Ele moveu a mão para que pudesse ver a pele agora imaculada onde o A estivera. Mas ele ainda estava me tocando. Sua mão pousava suavemente na minha cintura.

Seu olhar procurou meus olhos, então disparou para meus lábios. Minha boca ficou seca. Eu conhecia esse olhar. E sabia o que ele queria fazer. Mas não tinha certeza se queria que o fizesse. A ferida da traição de Alec era profunda. Eu queria seguir em frente. Queria esquecer. Mas estava pronta para algo novo?

Devon se inclinou mais perto, seus olhos nunca deixando meu rosto, procurando um sinal de que não compartilhava seus sentimentos. Ele me deu tempo suficiente para me afastar, para dizer que não estava pronta, mas não me mexi. O beijo foi curto e doce. Nenhum de nós tentou aprofundá-lo. Ele pressionou sua testa contra a minha.

— Espero que esteja tudo bem? — Ele sussurrou.

Não tinha certeza. Era muito cedo. Não sabia de nada agora. Mas me importava com Devon.

Devon deve ter visto o conflito no meu rosto porque sua expressão caiu. — Não deveria ter feito isso. Sinto muito.

Balancei minha cabeça rapidamente. — Não. Estou apenas confusa. Preciso de mais tempo.

Devon assentiu.

— Obrigada, — disse. Ainda estávamos tão perto que podia sentir sua respiração no meu rosto.

— Ninguém nunca me agradeceu por um beijo antes, — ele brincou, uma pitada de hesitação em seu tom.

Ri e o soquei levemente. — Não por isso.

— Eu sei, — ele murmurou. O silêncio se instalou ao nosso redor. Ouvi nossa respiração uniforme e fechei os olhos.

Minha mente vagou para Holly. Esperava que onde quer que ela estivesse, o Exército de Abel não a estivesse machucando. Ela era útil para eles, assegurei a mim mesma. Ela era um trunfo, e eles a manteriam por perto.

De repente, Devon ficou tenso e prendeu a respiração. Olhei para ele. — O que houve? — Sussurrei.

Ele colocou o dedo contra os lábios. Fechei a boca e escutei atentamente. Ouviu um som distinto ao longe. Um zumbido como hélices de helicóptero. Os pelos do meu pescoço se arrepiaram e lentamente os dos meus braços também. Vasculhei o céu com meus olhos. Um helicóptero preto estava voando baixo, uma luz vermelha piscando e holofotes iluminando o chão abaixo dele.

— É a FEA? — Sussurrou Devon.

— Não sei. Pode ser um monte de coisas. — O helicóptero estava se aproximando. Não parecia que iria pousar, mas isso poderia mudar em um piscar de olhos.

— Eles definitivamente estão procurando por algo, — disse Devon. Eu pulei da caçamba do caminhonete. — Devemos ir embora.

— Não vamos chamar a atenção para nós mesmos se partirmos no momento em que o helicóptero aparecer acima de nossas cabeças?

Congelei. Ele tinha um ponto. Não podíamos ganhar uma perseguição com um helicóptero. — Vamos sentar no carro. Dessa forma, não poderão nos

identificar com tanta facilidade e podemos fugir, se necessário.

Devon assentiu, mas não tirou os olhos do helicóptero. Nós nos amontoamos dentro da cabine, nossos olhos fixos no céu. Os círculos do helicóptero foram se tornando mais amplos e lentamente ele se afastou da área de descanso. Esperamos mais alguns momentos antes de sairmos do estacionamento. Não tinha certeza se o helicóptero era da FEA, mas esse encontro deixou algo muito claro: estávamos sendo perseguidos e não estávamos seguros. Tínhamos que chegar a Vegas o mais rápido possível e não podíamos baixar a guarda.



CAPÍTULO 24

Tínhamos quase 1600 quilômetros à nossa frente. Menos de vinte e quatro horas antes de ver minha mãe novamente, depois de mais de três anos de seu silêncio.

Envolvi meus braços em volta de mim e comecei a ficar sonolenta. Devon me acordou três horas depois. Estávamos estacionando em outra parada de descanso.

— Preciso esticar as pernas. — Depois de um momento, acrescentou. — E estou morrendo de fome. — Sentei-me, esfregando o sono dos meus olhos. Minhas pernas e costas estavam rígidas.

— Boa ideia. Vou pegar alguns lanches.

Saí do carro e o sangue voltou para minhas panturrilhas. Inalando profundamente o ar fresco, corri em direção à pequena parada de descanso do outro lado do estacionamento. Um homem estava abastecendo sua minivan, mas não estava preocupada com ele; Podia ver três crianças no carro. Duvidava que ele fosse um espião. A campainha acima da porta de vidro tocou estridente quando entrei na loja no ponto de descanso. O ar lá dentro era viciado. Com um pequeno aceno de cabeça para o caixa que olhou para cima quando entrei, fui direto para as prateleiras e peguei algumas barras de granola e dois sacos de batatas fritas.

Andei até o balcão e congelei quando um rosto familiar me encarou da primeira página de vários jornais. Coloquei os lanches no balcão, peguei um jornal e rapidamente examinei a manchete e a reportagem. O senador Pollard foi encontrado morto perto dos trilhos. Ainda não estava claro se ele havia se matado.

Senti os olhos do caixa em mim, e cuidadosamente coloquei o jornal de volta, percebendo que ele estava esperando que eu pagasse. Larguei o dinheiro e corri para fora da parada de descanso, com os lanches apertados contra o peito. Devon estava andando ao redor do nosso carro, os braços levantados acima da cabeça. Ele olhou na minha direção e congelou.

— E aí? Parece que você viu um fantasma.

Entrei no carro sem dizer uma palavra, e Devon me seguiu. — Alguém matou o senador Pollard. Está nos jornais, — disse no momento em que ele fechou a porta.

— O cara que você fingiu ser?

Balancei a cabeça e entreguei os lanches a Devon antes de ligar o carro e fugir da parada de descanso. — A imprensa acha que pode ter sido suicídio, mas tenho certeza que foi o Exército de Abel.

— Por que você acha que eles mataram aquele cara? — Perguntou Devon. Ele desembrulhou uma das barras de granola e deu uma mordida, seus olhos azuis nunca me deixando.

— Ele era um especialista em crime organizado e o Exército de Abel tem fortes laços com a máfia se o Major estiver dizendo a verdade. — Ele definitivamente não tinha me contado tudo, considerando os segredos que tinha descoberto até agora. — Ele também foi responsável pelo vazamento de informações sobre a prisão da FEA. Ele tinha que se certificar de que seguissem as regras federais ou algo assim. Mas Major disse que não foi ele quem prendeu as pessoas, então a vingança está fora de questão.

— Há uma prisão da FEA?

— A FEA cuida dos Variantes, mesmo aqueles que são muito loucos ou

criminosos demais para andar livres, — disse amargamente. — Major disse que é para Variantes que perderam o controle de sua Variação ou que a usaram contra outros para prejudicá-los. Mas depois de tudo que descobri sobre a FEA, não tenho certeza se apenas criminosos acabam lá.

— Muitos membros do Exército de Abel estão atualmente presos nessa prisão? — Perguntou Devon.

Lembrei da minha conversa com Major sobre a prisão de alta segurança da FEA. Ele não tinha falado muito. — Stevens, definitivamente. E acho que ele não é o primeiro membro do Exército de Abel que foi pego. Mas não tenho ideia de quantos outros podem existir.

— Provavelmente não. A menos que se deixem ser pegos de propósito, — Devon disse pensativo.

— Não faz muito sentido. Por que eles arriscariam? Ele poderia ter dado informações importantes.

— Não se for verdade que o Exército de Abel tem uma Variante que pode alterar memórias. Eles poderiam apagar todas aquelas memórias que seriam perigosas para eles, ou talvez até mesmo alterar as memórias das pessoas de uma forma que levaria a FEA a uma direção falsa.

Minha cabeça estava girando. A ideia de alguém capaz de fazer isso com minhas memórias parecia cada vez menos atraente. O que acontecia com uma pessoa que tinha suas memórias alteradas? Se eles achassem que suas vidas haviam se desenrolado de uma maneira diferente, isso mudava quem eles eram?

— Mas Major tem que saber que não pode confiar em Stevens. O que Abel ganharia fazendo com que fosse capturado? Só acho que Stevens era a menor prioridade deles e é por isso que não foi resgatado.

— Acho que nunca saberemos, — disse Devon. Ele parecia exausto e me perguntei se ele começou essa discussão para se distrair de seus pais.

— A menos que minha mãe saiba mais.

— Ela não vê seu pai há quanto tempo, quatorze anos? — Devon ergueu as sobrancelhas.

— Realmente não sei, — disse em voz baixa. — Havia uma nota no arquivo. Major achou que eles tinham entrado em contato depois que entrei para a FEA. Mas o fato é que em quase todos os anos que estou viva Abel não deu a mínima para mim. Ele deixou minha mãe e eu, porque não tinha utilidade para nós. E agora que viu como meu talento é útil, ele o quer para si mesmo. A FEA nem sabe onde fica o quartel general do Exército de Abel.

A desesperança tomou conta de mim. Como encontraria Holly?

Devon agarrou minha mão, me tirando dos meus pensamentos. — Você sente falta dela?

— Minha mãe? — Queria bufar, mas então parei. — Não sinto falta da mãe de que me lembro. Sinto falta da mãe da foto, da mãe jovem e feliz que me segurava no colo com um sorriso, da mãe que me amava. A mãe que ainda tinha esperança. Às vezes não tenho certeza se essa mãe já existiu. — Minha voz ficou presa na garganta. — Talvez eu tenha que aceitar que não sou amada.

— Não diga isso, — Devon sussurrou. — Nada poderia estar mais longe da verdade.

Seu aperto na minha mão aumentou. Apertei de volta. O pensamento do nosso beijo passou pela minha mente e o calor subiu pelo meu pescoço. A proximidade com Devon era boa. Era tão ruim seguir em frente? Encontrar outra pessoa para amar? Que diferença fazia quanto tempo havia passado? Já me importava profundamente com Devon, e Alec era definitivamente uma coisa do passado. Ainda assim, parte de mim sabia que isso era muito rápido.

— Desculpe. Pensar nos meus pais me deixa deprimida. Tenho que lidar com isso. — Liguei o rádio e deixei a música levar meus pensamentos.

Passamos as próximas horas sem falar, mas logo depois de cruzarmos a fronteira para Nevada, a voz de Devon quebrou o silêncio. — Talvez devêssemos parar por um tempo. Acho que nós dois deveríamos descansar um pouco. E estou morrendo de fome.

Mordi meu lábio. Estávamos tão perto, e já tínhamos perdido tanto tempo.

— E se continuarmos dirigindo, chegaremos ao bar na hora do almoço. Duvido que abram tão cedo.

Ele tinha um ponto. Quando nos aproximamos da próxima saída, saí da estrada e entrei na próxima parada de descanso. Uma vez que estava fora do carro e capaz de esticar minhas pernas e engolir um pouco de ar fresco, embora contaminado com gás, me senti muito melhor. Compramos sanduíches, alguns sacos de batatas fritas e várias barras de chocolate antes de voltarmos para o caminhonete.

— Achei que seria mais quente no deserto, — disse enquanto me sentava na ponta da caçamba do caminhonete, com as pernas penduradas.

— Não à noite, — disse Devon enquanto abria um saco de papel alumínio e praticamente inalava um punhado de batatas fritas.

Reno estava a apenas alguns quilômetros de distância. — Os pais de Holly moram perto de Reno, — disse.

Devon congelou no meio da mastigação. — Você quer visitá-los?

— Pode ser. Não sei, — falei hesitante. — Eles achariam estranho se os visitasse sem ela. Não acho que eles sabem sobre ela ainda. E talvez nunca tenham que descobrir. Se conseguirmos salvar Holly, tudo ficará bem.

A dúvida cruzou o rosto de Devon. Claro, era ridículo pensar que poderíamos libertar Holly tão facilmente. Desembrulhei minha barra de chocolate e dei uma grande mordida. A doçura acalmou meu estômago.

— Talvez devêssemos tirar uma soneca rápida, — disse ele. — Então, teremos energia suficiente quando chegarmos a Vegas.

Entramos em nossos sacos de dormir e nos esticamos na cama. Devon se aproximou de mim até que nossos rostos estavam a centímetros de distância. Seus olhos procuraram os meus. — Você precisa de mais tempo, certo? — Ele sussurrou. — Por causa do que aconteceu com Alec.

Balancei a cabeça. Não apenas por causa de Alec. Isso fazia parte, é claro. Tudo ainda estava muito cru e não tinha esquecido ainda. Eu podia sentir no

fundo. Mas também precisava de tempo para descobrir o que estava sentindo e por que me sentia assim. Estava apenas me agarrando à próxima pessoa que era gentil comigo? Estava procurando por alguém – qualquer um – que pudesse me amar? Isso não era saudável e não seria justo com Devon.

— Conte-me sobre a primeira vez que você curou alguém, — murmurei, descansando minha cabeça em seu peito.

— Eu tinha talvez sete anos e estava brincando no jardim, — disse ele. Podia ouvir o sorriso em sua voz e isso me encheu de calor reconfortante. — Nosso gato pegou um pássaro. Quando finalmente o tirei dele, ele estava morto. Fiquei tão triste quando vi aquela bola de penas em minhas mãos. E então meus dedos começaram a formigar e ficaram quentes, e o pássaro se mexeu. Fiquei tão atordoado, realmente o deixei cair, mas até então estava tudo bem. Levou mais um minuto para se recompor, então voou para a floresta.

— Você tentou contar aos seus pais?

— Oh sim. Achei que tinha feito mágica e estava convencido de que receberia uma carta de Hogwarts em breve. — Seu peito tremeu sob minha cabeça enquanto ele ria. — Meus pais achavam que estava exagerando. Eles pararam de ler Harry Potter para mim naquela mesma noite.

Sorri. — Então você recebeu uma carta?

— Não, mas não desisti por muito tempo. Fiquei muito obcecado por corujas. Eventualmente papai me disse que eu tinha que ser paciente. Ele me lembrou de que as cartas de Hogwarts seriam entregues no meu aniversário de onze anos. Bem, então descobri que não era realmente um mago. Também percebi que não podia contar a verdade.

Apertei seu braço e inalei seu cheiro. De alguma forma, as coisas não pareciam mais tão sombrias.

Eu estava exausta, mas não podíamos arriscar dormir mais do que duas horas de cada vez. Digitei o endereço dos pais de Holly em nosso GPS. Sabia que seria arriscado visitá-los, mas como a casa deles era praticamente no nosso caminho, não parecia que faria mal ter certeza de que eles estavam bem. Levaríamos apenas um pouco mais de quinze minutos para chegar à casa deles.

Devon tomou um gole de uma garrafa de água antes de perguntar: — Você já os conhece?

— Os pais de Holly? — Perguntei.

Ele assentiu.

— Sim, uma vez, cerca de seis meses depois que Holly e eu entramos na FEA.

— Vocês se juntaram à FEA ao mesmo tempo?

— Quase. Holly se mudou algumas semanas antes de mim. E quando Major finalmente permitiu que ela visse sua família novamente, fui com ela. Summers também. Afinal, alguém tinha que ficar de olho em nós.

— E essa foi a única vez que você os viu?

— Essa foi a única vez que Holly ou eu os vimos. Major não queria que ela os visitasse. Ela ligava para eles e enviava e-mails, mas Major não aprovava.

— Isso é difícil. Como Major poderia esperar que ela esquecesse sua família?

— É assim que a FEA funciona, — disse amargamente.

Nenhum de nós disse nada por um tempo depois disso. — E você e Alec? — Devon disse cuidadosamente.

Minhas mãos ao redor do volante se apertaram. De onde vinha essa pergunta? — O que você quer dizer?

— Desculpe se é um assunto delicado. Só não sei toda a história. O que aconteceu entre vocês dois?

Pensei na tristeza no rosto de Alec depois que lhe disse que entendia por que seus pais o odiavam. Mas a resignação e a aceitação foram piores. Era como se seus piores medos tivessem se confirmado, como se ele suspeitasse disso o

tempo todo. Como podia ter dito aquilo? Meu estômago se apertou com tanta força que tive certeza de que vomitaria.

— Não existe mais Alec e eu, — disse.

Mas a mentira era tão flagrante. Apareceu na forma como minha voz tremeu, na forma como não consegui nem olhar para Devon quando disse isso. Acho que sempre haveria tal coisa como Alec e eu. Meu coração não se importava com a traição. Talvez em alguns anos, meus sentimentos desaparecessem, entorpecidos pelos anos passados, nada além de uma memória distante. Mas isso não mudaria o fato de que Alec era uma parte de mim – boa ou ruim.

— Ele cuidou de mim quando ingressei na FEA. Ele ouviu minhas histórias e estava lá quando chorei. Ele entendia como era quando seus pais lhe davam as costas. Ele era meu tudo. — Percebi o quão estúpido isso soava. Quão estúpido isso me fazia soar. — Acho que me apeguei à primeira pessoa que me mostrou alguma gentileza. — Era mais do que isso, mas não queria explicar.

— Isso faz sentido, suponho, — disse Devon. Mas é claro que ele nunca entenderia. Ele tinha seus pais, Linda e Ronald. Ele tinha uma família que o amava, não importa o quê. Ele nunca sentiu a dor oca de uma traição profunda, de acreditar que você não tinha valor; aquele sentimento que só tem se as pessoas que te trouxeram a este mundo, se as pessoas que deveriam te amar mais do que a própria vida, não pudessem nem olhar para você sem nojo.

Balancei a cabeça. Não era culpa de Devon que ele não pudesse se compadecer. Ele entendia a dor e a perda. Era apenas um tipo diferente de dor. Peguei a mão dele. Parecia forte e quente.

Entramos na rua onde a família de Holly morava. Fileiras sobre fileiras de casas pequenas e cinzentas de aparência idêntica estavam empoleiradas em gramados quadrados ainda menores. Parei o carro ao lado do meio-fio e saímos. A grama estava amarela, as flores nos canteiros queimadas pelo sol. A porta da frente estava entreaberta. Lentamente caminhei até ela e a abri. Não havia sons emanando de qualquer lugar da casa. Havia um silêncio absoluto. Devon me

seguiu para dentro.

— Olá? — Chamei, mas a palavra ecoou no silêncio. Enfiei a cabeça na sala.

As gavetas estavam abertas e seu conteúdo espalhado pelo chão. Meu coração batia forte no meu peito. Subi correndo as escadas e encontrei os quartos em um estado semelhante de desordem. Os armários do quarto principal e os quartos dos irmãos de Holly estavam todos vazios. A mobília ainda estava lá, intocada.

— O que aconteceu aqui? — Sussurrei.

Devon cutucou um vaso de planta com a ponta do tênis; tinha caído no chão e espalhado terra e folhas secas por todo o tapete bege. — Quem esteve aqui, estava com pressa.

Voltamos para baixo. Na cozinha, uma caixa de leite esquecida no balcão exalava o cheiro rançoso de leite estragado. Pela janela, pude ver um vizinho regando seus tomateiros. Corri para fora da casa e em direção ao homem. Ele olhou para cima quando Devon e eu nos aproximamos e empurrou para trás a aba do chapéu preto que o protegia do sol.

— Onde estão... — Quebrei meu cérebro pelo sobrenome de Holly. — Você viu os Mitchells ultimamente?

Os olhos do homem se estreitaram ligeiramente. Ele largou o regador e enxugou as mãos grandes no macacão azul. — Nunca te vi por aqui.

— Sou amiga da filha mais velha deles, Holly.

— A garota do internato, — disse o homem. Então ele soltou um suspiro. — Os Mitchells partiram há alguns dias. Ouvimos o carro deles sair no meio da noite. Ninguém sabe nada sobre para onde eles foram. Sei que eles estavam tendo problemas financeiros, mas fugir assim. — Ele balançou a cabeça.

— Isso é tudo que você sabe?

Ele assentiu.

— Ok, obrigada. — Peguei a mão de Devon e o arrastei de volta para o carro.

— O que você acha que aconteceu aqui? — Ele perguntou quando voltamos para o carro.

— Major os levou para um lugar seguro, o que duvido, dado o estado da casa, ou o Exército de Abel os sequestrou para garantir a cooperação de Holly. Ou... — Quebrei meu cérebro para encontrar outra solução. De qualquer forma, não fazia muito sentido.

— Devemos sair, — disse Devon, olhando ao redor do bairro nervosamente. — Agora.

Acelerei e descemos a rua. O pânico apertou meu peito. O que tinha acontecido com a família de Holly?

— Não devemos tirar conclusões precipitadas. Faz sentido que a FEA os leve a um lugar seguro, não apenas por causa deles, mas também pela segurança da FEA. Eles teriam que protegê-los. Além disso, Holly estará menos inclinada a revelar segredos se sua família não estiver em risco, — disse Devon em uma voz calma.

Queria acreditar nisso. Devon estendeu a mão e conectou o endereço do bar no GPS. De repente, uma imagem se materializou diante do interior do meu olho, quase como uma visão. Meus dedos apertaram o volante enquanto a estrada desaparecia da minha vista. A imagem na minha cabeça era tudo que podia ver; *um garotinho com olhos turquesa está em um banquinho de madeira e se inclina sobre um berço, olhando para um bebê minúsculo. Ele se aproxima e beija a bochecha do bebê. O bebê abre os olhos. São turquesa, assim como os dele.*

— Zach, — diz um homem. — Não acorde sua irmã. Ela acabou de adormecer.

— Ela está acordada, — Zach brincou.

O homem entra em foco ao lado do menino e bagunça seu cabelo. Ele também tem olhos turquesa. Ele envolve um braço ao redor do menino e se inclina sobre o berço como o menino fez. O homem estende a mão e enfia o dedo na mãozinha do bebê. Ela enrola a mão em volta do dedo dele.

— Tessa! — A voz de Devon estourou minha visão.

Engoli em seco e tentei piscar as imagens. A estrada voltou ao foco e o carro desviou violentamente quando Devon agarrou o volante puxando o carro de volta para a pista certa nos impedindo de colidir com o tráfego que se aproximava. Um carro passou correndo por nós, buzinando repetidamente, e o motorista nos mostrou o dedo.

— Tessa, qual é o problema? — A voz de Devon estava em pânico e ele ainda estava segurando o volante.

— Estou bem, — assegurei a ele, e ele soltou o volante.

As imagens da menina ainda estavam na minha cabeça, vívidas como a estrada à minha frente. Eram memórias, sabia disso agora. Mas como apareceram de repente na minha cabeça? Olhei para o espelho retrovisor e fiquei com frio. Um SUV preto estava dois carros atrás de nós.

Outra imagem explodiu em cores atrás dos meus olhos. Desta vez Zach estava no chão, embalando o bebê contra seu pequeno corpo, sorrindo para alguém.

Pressionei meu pé no acelerador e passei o carro na nossa frente com centímetros de sobra.

— Tessa, o que diabos está acontecendo?

— Minhas memórias, alguém as está manipulando, — gritei.

Devon lançou um olhar por cima do ombro, o corpo enrolado em tensão. Não desacelerei. Passei por um carro após o outro, ignorando as buzinas e os sinais de mão irritados dos motoristas que passavam.

As imagens na minha cabeça desapareceram, piscaram e desapareceram. — O SUV preto, onde está?

— Eles estão bem atrás, seis carros atrás de nós. Está tentando nos acompanhar.

Eu não deixaria. O carro sacolejava toda vez que passava por outro carro, mas mantive meu pé pressionado no acelerador até não conseguir sentir as imagens mordiscando minha mente.

— Eles se foram, — disse Devon, relaxando contra o assento.

— Por enquanto, — sussurrei.

Minha garganta estava apertada e meus olhos ardiam. As imagens, as memórias, eram reais? Não importava. Alguém estava tentando mexer com minha mente, controlar meus pensamentos e manipular minha consciência. Mas desta vez, não os deixaria.



CAPÍTULO 25

Já era noite quando chegamos a Las Vegas. Pelo resto da viagem, não tivemos outro encontro com a limusine preta e nem uma única visão estranha tentou explodir em minha mente, mas me peguei tentando evocar minhas memórias, procurando a imagem de Abel e Zach inclinado sobre mim no berço. Era algo que sempre quis, me lembrar de um pai e irmão amorosos, mas podia ter certeza de que as imagens eram baseadas em algo que realmente aconteceu?

Empurrei meus pensamentos de lado. Tinha que me concentrar em Holly agora.

Ao longe, a torre Stratosphere se erguia no céu e ao seu redor arranha-céus de todas as formas se agrupavam. Havia a falsa Torre Eiffel e a Estátua da Liberdade e uma montanha-russa enrolando-se em volta dos prédios como uma cobra.

Embora não tivesse certeza do que estava a nossa espera, estava feliz por estar de volta a uma cidade e pela partida da paisagem áspera pela qual passamos. Depois de um tempo, os cactos espinhosos e as plantas secas assustadoras ficaram velhos. O sistema de navegação nos disse que teríamos que atravessar a cidade para chegar aos arredores onde ficava o bar. Devon fez um pequeno desvio pela Strip porque eu nunca tinha estado lá antes. Em qualquer outro dia, a publicidade luminosa, os shows aquáticos e os falsos gondoleiros

conduzindo suas gôndolas pela paisagem veneziana me deixariam tonta de emoção, mas não consegui superar o nó na garganta.

O Las Vegas Boulevard estava lotado de pessoas em trajes chamativos. As saias eram um pouco mais curtas e as camisas um pouco mais desabotoadas do que já tinha visto no resto do país. As pessoas aqui estavam desesperadas por diversão, pela emoção de perder ou ganhar dinheiro. Talvez se minha vida tivesse sido um pouco mais normal, o pensamento de arriscar algumas centenas de dólares em uma mesa de roleta também me excitasse. Mas depois do que passei no ano passado, o mero pensamento de jogar não fazia meu coração disparar.

Mesmo assim, ficou bem claro porque um bar para Variantes pertencia tanto a este lugar. Algumas pessoas que agissem ou parecessem estranhas não chamariam muita atenção para si em um ambiente tão grande e exagerado como este.

— Você esteve aqui antes? — Perguntei, meus olhos já lutando contra a explosão de cores.

— Há alguns anos. Mamãe e papai trouxeram Madison e eu aqui no fim de semana. Vimos um show, o Cirque du Soleil, e passamos a maior parte do dia na piscina, e à noite nos empanturramos no enorme bufê do Bellagio. Nunca tinha visto pratos cheios com patas de caranguejo na minha vida. Foi meio nojento. — Ele riu, mas depois ficou em silêncio e uma expressão melancólica cruzou seu rosto. Sabia que ele estava pensando em sua irmã.

Passamos o resto da viagem em silêncio.

Eventualmente, os hotéis tornaram-se um pouco menos opulentos, embora não menos chamativos. Os bufês ficaram mais baratos, assim como os quartos, e o fluxo de pessoas diminuiu. Alguns clubes de strip e motéis de aparência decadente dividiam essa parte da cidade com motéis que já tinham visto tempos melhores.

— Deve ser por aqui em algum lugar, — disse Devon.

Meus olhos foram atraídos para um beco que saía da rua em que

estávamos. — Acho que essa é a rua certa.

Devon guiou o carro para a direita e seguimos pela rua estreita até o fim. — É aqui. — Paramos em uma pequena vaga de estacionamento em frente a um prédio cinza comum com telhado plano. Não havia uma placa chamativa em cima da porta ou anúncios de quartos baratos e comida. Na verdade, não havia nada que indicasse que um bar se escondia lá dentro.

Meu estômago se apertou quando saímos do carro. O ar estava quente e seco. Tirei meu suéter e endireitei minha camiseta com dedos trêmulos antes de examinar os arredores. Nosso caminhonete não era o único carro no estacionamento. Três vagas, todas mais próximas da porta, estavam ocupadas por carros de aparência comum. Não tinha certeza do que esperava ver, mas isso era definitivamente decepcionante. Achei que algo seria diferente sobre um lugar frequentado por Variantes. Um ar de alteridade. A menos que este não fosse um bar para Variantes e Alec tivesse mentido para nos tirar do curso. Olhei para Devon.

— O que você acha? — Minhas palavras pareciam ecoar pelo estacionamento como se eu tivesse usado um microfone.

Devon desdobrou o papel que Alec me deu. — Stanley. É como se chama o bar. Você vê um sinal em algum lugar?

Balancei minha cabeça. A frente do prédio não tinha janelas e o único sinal de que você poderia entrar era uma porta de aço que parecia não abrir a menos que puxasse com muita força. Toquei a arma no bolso de trás, lamentando mais uma vez não ter um coldre. Era muito mais fácil a arma ser detectada dessa maneira, e muito fácil dela escorregar do meu bolso.

— Talvez devêssemos apenas verificar.

Lentamente, caminhamos em direção ao prédio. Minhas sapatilhas de balé arranhavam a calçada. Parecia que eu estava triturando centenas de minúsculos grãos de areia em pó. O corpo de Devon estava enrolado em tensão e quanto mais nos aproximávamos do prédio, mais consciente ficava da pressão tranquilizadora da arma presa contra minha bunda. Não tinha muitas balas e não

sabia onde poderia conseguir mais sem uma identidade falsa.

A fachada do prédio era de concreto cinza, combinando com o aço sem adornos da porta. Pressionei meu ouvido contra ela, mas se alguém estava lá dentro, nenhum som viajou.

Dei um passo para trás. Meus olhos mais uma vez escanearam a frente sem janelas. A porta de aço parecia ser a única maneira de entrar ou sair. Não gostei das desvantagens disso.

— Vamos contornar o prédio. Talvez haja mais para ver, — disse.

De repente, a porta se abriu e tive que tropeçar para trás ou ela teria me acertado na testa. Devon agarrou meu braço protetoramente, e sua outra mão voou para a faca sob sua jaqueta. Minha própria mão já estava na arma. Mas o cara de aparência mediana que saiu cambaleando do prédio nem sequer olhou para nós. Ele cambaleou em direção ao seu carro. O fedor de álcool e suor flutuou atrás dele. Levou várias tentativas para colocar a chave na fechadura. Não acho que ele estava em condições de dirigir. Mas agora, isso não era problema meu.

Devon cutucou meu braço e finalmente percebi que não estávamos sozinhos. Outro cara estava segurando a porta aberta e nos olhando. Seus olhos eram inteiramente brancos, exceto pelos pontos pretos de suas pupilas. *Variante*. Então talvez esse afinal fosse o bar de Stanley. Baixei meu olhar de seus olhos quando eles se estreitaram. Ele estava examinando meu rosto, mas demorando em meus olhos por muito mais tempo do que o apropriado. O turquesa das minhas íris foi provavelmente a razão pela qual ele abriu a porta um pouco mais.

— Vocês querem entrar? — Sua voz era fina e alta.

Devon deu de ombros e entrou, olhando por cima do ombro para verificar se o estava seguindo. Com uma pontada de desconforto, o segui. Mas isso não era um bar. Era um corredor estreito, indutor de claustrofobia, com teto baixo. Os corredores levavam a uma segunda porta atrás da qual podia ouvir risos e música. Se estendesse meus braços, meus dedos roçariam as paredes pintadas de preto. Meu desconforto cresceu. Podia sentir o homem que nos convidou a entrar

atrás de mim. Sua respiração atingiu meu pescoço, molhada e quente. Ele era apenas um centímetro mais alto do que eu e ainda mais magro, e ainda assim parecia ser o segurança encarregado de guardar o lugar. Imaginei que quando se tratava de Variantes, as aparências não refletiam necessariamente o quão perigoso alguém poderia ser. Só os seus olhos me fizeram relutante em contrariá-lo. Minha ignorância sobre sua Variação só aumentou meus medos.

A única fonte de luz era uma lâmpada parecida com uma tocha na parede, que emitia um brilho azulado. Ficava bem na altura dos olhos e mexeu com a minha visão. Aproximei-me de Devon para obter alguma distância entre mim e o segurança assustador. Foi quando percebi que o segurança não era a única pessoa no corredor conosco. Escondida em uma alcova, uma mulher estava sentada em um banco alto, as pernas pálidas enroladas sob o corpo no assento redondo de couro vermelho. Ela estava curvada para frente em uma curva profunda do quadril, com os olhos fechados. Era um milagre que ela ainda não tivesse caído.

—Nunca vi vocês antes. Como nos encontraram? — O cara da segurança perguntou bruscamente.

Pulei com o quão perto do meu ouvido sua voz estava. Ele deve ter diminuído a distância até as minhas costas novamente enquanto estava ocupada observando a mulher. — Umm, um amigo me deu o endereço, — disse calmamente. De alguma forma, parecia errado levantar minha voz neste lugar. As mãos de Devon estavam fechadas em punhos ao seu lado; ele parecia pronto para lutar com o cara.

— Estamos procurando por alguém, — disse Devon.

A postura do segurança tornou-se tensa e suspeita. À luz azulada da tocha, seus olhos brilhavam em seu rosto como duas lâmpadas halógenas. — Quem te mandou?

— Ninguém. Estamos por nossa própria conta aqui, — disse a ele, ficando cansada de seu interrogatório. — Nós não somos uma ameaça para vocês. Por que está fazendo tantas perguntas?

Os olhos brancos do segurança travaram nos meus, mas não senti nada.

Tinha certeza que ele não podia acessar minha mente. Ele só queria me intimidar com a estranheza de seu olhar. — Primeiro seu sangue.

Os músculos dos braços de Devon ficaram tensos e ele deu um passo à frente.

— Como? — Perguntei.

— Seu sangue. Para ter certeza de que você é o que afirma ser. — O segurança acenou para Devon, um lado de sua boca enrolado em um sorriso desagradável. — Especialmente ele. Não são permitidos normais.

Normais? Nem queria saber o que aconteceria se Devon ou eu fôssemos normais.

— O que você vai fazer com isso? Enviá-lo para um laboratório para testes? — Devon disse em um tom desafiador, cruzando os braços. O ar estava praticamente crepitando de tensão.

Agarrei seu bíceps para calá-lo, mas sem me afastar do segurança. O segurança olhou para Devon por cima do meu ombro.

— Vai levar apenas um minuto, — disse ele, finalmente voltando sua atenção para mim. Ele se posicionou ao lado da garota na banqueta. Seus sapatos arranharam o concreto áspero. Ele usava pontas de asas pretas e brancas, como um gângster de cinema dos velhos tempos. Talvez achasse que isso lhe dava uma aparência mais perigosa.

— Finja, — ele disse em uma voz suave.

Ele não tinha usado um tom civilizado conosco, mas ao redor dela, seu rosto mudou para algo gentil, desprovido de ameaça. A menina não reagiu a princípio. Ela parecia estar em profundo estado meditativo, seu peito subindo e descendo; se não fosse por isso, teria pensado que ela estava morta. Ele a sacudiu levemente e lentamente ela se desenrolou, sua cabeça se erguendo, os olhos se abrindo quase em câmera lenta. Ela tinha um pescoço longo e elegante e suas clavículas se projetavam de sua pele branca cremosa. O preto de seu vestido frágil contrastava fortemente com sua palidez. Não conseguia distinguir a cor de seus olhos, mas eles eram muito escuros. Eu tinha a sensação de que tudo nessa

garota era escuro, por dentro e por fora. Ela inclinou a cabeça como um passarinho, seus longos cílios esvoaçando enquanto olhava para o segurança que carregava uma expressão quase terna.

— Preciso de você, — disse ele.

Ela levou mais tempo do que deveria para processar as palavras, então virou a cabeça para Devon e eu.

— Traga-os para mim, — disse ela em uma voz rouca. Os cabelos da minha nuca se arrepiaram.

O cara da segurança acenou para nós nos aproximarmos. Embora meu corpo se eriçasse, me movi para a alcova. Não era grande. Havia apenas um segundo banco nela, provavelmente o poleiro para o segurança, e uma pequena mesa com um rádio que tocava música clássica suave. Misturava-se com as batidas que vinham da pesada porta que dava para o bar.

De perto, pude ver como a garota era jovem, talvez quinze ou dezesseis. Seus olhos pairaram acima da minha cabeça, embora ela tivesse que esticar o pescoço para isso. Antes que tivesse tempo de reagir, o segurança pegou algo da mesa. Vi a lâmina brilhar em azul antes que ele agarrasse minha mão com força e perfurasse a pele do meu polegar. Soltei um suspiro áspero quando a dor se desenrolou em meu dedo.

— Que diabos está fazendo? — Devon rosnou, cambaleando para frente, mas coloquei a mão em seu peito para impedi-lo de fazer qualquer coisa precipitada.

— Está tudo bem, — disse a ele. Então estendi meu polegar. — E agora?

O segurança usou um pequeno quadrado de plástico para pegar a gota de sangue do meu ferimento e estendeu para Finja. Por um longo momento, ela olhou para ele. Isso me lembrou de uma vez em que vi um tratador alimentar uma cobra. Ele colocou o rato no viveiro bem na frente da cobra, mas por um longo tempo ela observou silenciosamente sua presa antes de disparar de repente para frente desferindo o golpe mortal. A expressão de Finja não era diferente da cobra. Ela ergueu um braço fino e pegou o quadrado de plástico com dedos

ossudos. Percebi que seu dedo mindinho se projetava em um ângulo antinatural, como se tivesse sido quebrado e crescido novamente sem cuidados. Minha atenção foi arrancada de seus dedos quando ela levou o quadrado aos lábios e sua língua saiu, instantaneamente lambendo meu sangue.

Deixei escapar um som de nojo e tropecei para trás no peito de Devon.

— Foda-se, — ele respirou. Não acho que foi porque o machuquei. Minha respiração estava presa em meus pulmões.

A garota fechou os olhos e cantarolou. Então fez um som estranho no fundo da garganta. Não tinha certeza se era um rosnado ou um gemido. Seus olhos se abriram, ainda sem foco, e ela soltou a respiração muito lentamente. Então assentiu sem olhar para nenhum de nós.

— Você está limpa, — anunciou o segurança.

Devon estendeu a mão e todo o procedimento recomeçou. Somente quando a garota assentiu depois de provar o sangue de Devon, o segurança relaxou. Dispensada de seus deveres, Finja se enrolou no banco novamente e rapidamente perdeu a noção do que estava acontecendo ao seu redor.

O segurança gesticulou em direção à porta preta. — Vocês podem entrar.

— Sério? — Me encolhi com quão surpresa soei. — Quero dizer, porque não temos vinte e um, — disse rapidamente.

O homem me deu um olhar como se achasse que eu era estúpida. — Nós não seguimos as leis humanas aqui. Temos a nossa, então é melhor ouvir: Não use sua Variação para matar. Nada de usá-la para ferir alguém. Nenhuma polícia humana. Nenhuma menção à política Variante. Você as quebra, vou quebrar vocês. Entendido?

Pisquei para ele. Me perguntei quanto tempo ele trabalhou nessa pequena citação. Ele parecia desnecessariamente orgulhoso disso. Devon e eu trocamos um olhar e assentimos. Ele só mencionou não matar ou ferir alguém com uma Variação. Que tal usar armas ou facas?

— E o aço frio fica aqui, — acrescentou, como se tivesse lido minha mente.

Relutantemente, entreguei minha arma a ele. Devon hesitou tanto que o segurança fez algo no ar que fez minha pele formigar e a garota lambe-sangue se erguer com os olhos em pânico. Peguei a faca da mão de Devon e a entreguei antes de empurrar Devon em direção à segunda porta, desesperada para ficar longe do corredor e das vibrações estranhas que agora o preenchiam.

Achei que o encontro no corredor era estranho o suficiente. Mas no momento em que tropeçamos pela porta, tive certeza de que havia entrado em uma nova dimensão.



CAPÍTULO 26

Este tinha que ser algum tipo de universo paralelo estranho. A luz azulada parecia flutuar nas nuvens de fumaça no ar. Fiquei feliz por meus olhos terem tido a chance de se acostumar com a estranha iluminação no corredor ou isso teria me dado vertigem. O interior do bar estava muito mais cheio do que o estado do estacionamento havia sugerido. Talvez alguns dos clientes tivessem outros meios menos convencionais para chegar ao bar. As batidas da música que ouvia fracamente através da porta, agora pulsavam como uma pulsação em minhas veias.

Comecei a examinar a sala cheia de clientes, mas meus olhos foram atraídos para o enorme tanque de água no meio do bar. Era um gigantesco cilindro de vidro que ia do chão até o teto.

— Uau, — Devon sussurrou ao meu lado.

— Sim, — disse, andando lentamente ao redor do tanque de água.

Pontos no chão do tanque lançavam uma luz azulada na água, fazendo-a brilhar, e jatos dispostos em duas linhas estreitas em ambos os lados do cilindro lançavam um brilho rosa girando ao redor. Mas isso por si só não justificaria o queixo caído no rosto de Devon. Duas mulheres idênticas, cada uma vestida com um pequeno biquíni rosa, entraram no aquário. Elas tinham cabelos loiros avermelhados que flutuavam na água como se fossem levados por uma brisa

suave. A maquiagem era pesada - batom rosa, olhos com aros azuis e sombra azul, com cílios pretos e grossos. Elas se viravam e torciam na água em uma dança ritmada e silenciosa. Seus corpos se contorciam e se enrolavam, mas enquanto muitos clientes estavam com os olhos fixos nelas, as mulheres tinham apenas olhos uma para a outra, presas em seu próprio transe fraternal. Aparentemente, isso era qualificado como entretenimento no estilo de Las Vegas em um bar Variant. Eu amei.

— Acho que a Variação delas é que podem respirar debaixo d'água, — Devon disse, seus olhos ainda grudados no show de dança na água.

Assim que parei de olhar boquiaberta para o aquário e observei os arredores, notei quantos olhos se voltaram para nós. Mesmo na presença do espetáculo aquático, parecia que éramos a atração principal. Não poderíamos ter agido de forma mais suspeita se tivéssemos tentado. Todos podiam ver que éramos novos aqui. E pela expressão em muitos dos rostos, novas pessoas significavam problemas. Grupos de clientes juntavam suas cabeças de forma conspiratória. Poucos deles estavam prestando atenção em Devon, percebi com pavor. Seus olhares curiosos se fixaram nos meus olhos, então se afastaram rapidamente, apenas para voltarem segundos depois. Eles já tinham visto olhos turquesa antes. Eles sabiam o que significava.

Agarrei o braço de Devon e o puxei. — Vamos. Vamos para o bar.

Afundados no chão estavam os holofotes no mesmo tom azul do aquário, e mais tochas azuis se alinhavam nas paredes de teto alto. Isso explicava por que a fumaça dos cigarros e charutos brilhava como uma aparição da Atlântida. Altas cabines privadas se alinhavam nas paredes; separadas umas das outras por telas de veludo preto. Os clientes sentados nos bancos de couro azul dentro das cabines tinham uma boa visão do aquário e do bar, mas a maioria deles parecia imerso na conversa, perdidos em seus próprios mundos, ou então nos encarando. Espalhadas ao redor do anel interior do vasto bar estavam pequenas mesas redondas com cadeiras ao redor delas. A maioria estava vazia. Aparentemente, as cabines eram preferência.

Chegamos ao bar, que era feito de madeira de mogno escuro e a única área da sala que fugia do esquema de cores azul. Os assentos das banquetas eram de couro vermelho, exatamente da cor que as luminárias nas prateleiras do bar exalavam.

— Isso é tão louco, — Devon sussurrou em meu ouvido.

Teria concordado com ele se um homem muito alto e muito magro não tivesse aparecido ao meu lado nesse momento. Seus dedos esvoaçaram sobre meu braço como um toque fantasma. Meu corpo recuou violentamente e fechei minhas mãos para lutar.

— Quer um pouco de Saliva? — Ele respirou. Seu cabelo era tão curto que seu couro cabeludo brilhava e o vermelho das luzes do bar refletia em seus olhos úmidos.

Estava atordoada demais para falar. Ou essa era a pior cantada do século ou esse cara tinha enlouquecido.

Devon se aproximou de mim até que seu calor estava por toda minhas costas. Afastei meu braço do homem. — Não.

Ele tirou um frasco contendo um estranho líquido leitoso. — Isso te faz voar, — ele cantarolou. Pela forma como suas pálpebras se contraíram, estava convencida de que ele já tinha voado demais.

— Não, obrigada.

— Deixe-os em paz, Spleen, — gritou a mulher atrás do bar.

Esse era o nome perfeito para o cara. Seus olhos dispararam para o barman antes que ele se esgueirasse em direção a uma escada envolta na escuridão à esquerda do bar. Ela também foi lançada em um brilho avermelhado profundo.

— Obrigado, — disse Devon, relaxando sua postura.

A barman era uma mulher alta vestida com shorts pretos e uma regata preta, que mostrava seus braços, pescoço e pernas tatuados. Não conseguia identificar um centímetro de sua pele que não estava tatuada; apenas seu rosto era livre de tatuagens. Havia uma longa série de palavras escritas por todo o corpo dela em letras minúsculas. Devia haver centenas de palavras serpenteando

sobre seus membros, mas não conseguia entender o que diziam.

Ela estava limpando um copo, ainda olhando para o local onde Spleen estivera antes. Eventualmente, ela se virou para nós. — Primeira vez, hein? — Ela perguntou, um piercing piscando em sua boca. — Sou Penny.

— Sou Tessa e este é Devon, — disse. Não pude deixar de me perguntar se suas tatuagens eram apenas para mostrar, ou se estavam lá para esconder algo. Um disfarce inteligente para escamas, ou um disfarce para uma cicatriz, como o dragão de Alec. Senti uma pontada no estômago ao pensar nele. *Mantenha o foco*, me lembrei.

Ela percebeu que eu estava olhando e colocou o copo na mesa. — Levou anos para fazer isso, — disse ela com orgulho. — E doeu como o inferno.

— O que dizem? — Perguntei com curiosidade genuína.

— Todo o tipo de coisas. — Ela deu de ombros. — Frases que significam algo para mim.

— Elas têm algo a ver com sua Variação? — Perguntou Devon. Nossas mentes pareciam funcionar da mesma forma.

Algo em seu rosto mudou - como uma sombra passando. — Não sou uma Variante.

— Você não é? — Soltei e me senti instantaneamente mal. Como pude ser tão insensível?

Mas ela apenas sorriu, embora eu não tivesse certeza se estava falando sério. — Meu pai é o dono do lugar. Ele é um Variante. Mas sou apenas um Normal. Apenas mais um exemplo em que a genética me ferrou.

— Então, o que exatamente é esse lugar? — Perguntei em vez disso.

— Um lugar seguro para os Variantes se divertirem. Um lugar onde você não corre o risco de ser pego no fogo cruzado da política.

— Você quer dizer entre a FEA e o Exército de Abel.

Com a mera menção desses nomes, seu rosto se iluminou com alarme.

— Não, — ela sussurrou, os olhos correndo ao redor. — Meu pai proibiu essas palavras. É melhor não falar se não quiser ter suas bundas jogadas na rua.

— Então as pessoas que vêm aqui não fazem parte de nenhum dos grupos? — Perguntou Devon.

Ele disse isso de uma maneira que sugeria que não havia alternativa.

Ela lhe deu um olhar como se achasse que ele era louco. — As pessoas por aqui estão fazendo o possível para ficar fora do radar. Porque se souberem sobre você, ou se junta a eles ou desaparece.

— Você está falando sobre o Exército de Abel, — sussurrei.

Ela franziu a testa para mim, mas não me corrigiu por dizer o nome novamente. — Estou falando dos dois. São apenas dois lados da mesma moeda.

— Mas a FEA não força as pessoas a se juntarem a eles, não é? Eles não coagem ou matam pessoas?

— Se eles te encontrarem, você se junta. Fim da história. Eles não te matam, mas te forçam a seguir as regras deles ou então te jogam na prisão deles porque é um risco de segurança e você apodrece lá até morrer. Qual é a diferença? — Ela colocou as palmas das mãos contra o balcão, inclinando-se para mais perto de nós, os olhos escuros brilhando. — Mas chega disso. A política não tem lugar aqui.

Estava prestes a protestar, mas ela cuspiu seu próximo pensamento, não me deixando nenhuma chance de dizer uma palavra.

— As coisas que Spleen tentou vender para você não são a única maneira de se divertir.

— O que é aquilo, afinal? — Perguntou Devon.

— O que diz. É a saliva de uma Variante, que contém endorfinas e efedrina e outras coisas. As pessoas misturam em suas bebidas.

Isso era muito nojento para palavras. Meus dedos dos pés se curvaram com o pensamento de colocar propositalmente a saliva de alguém no meu refrigerante.

— E seu pai não se importa que Spleen venda as coisas?

— Claro que não. Ele é o Variante que produz as coisas, — ela disse com um sorriso torcido.

— Oh, — disse estupidamente, olhando para Devon.

Um sorriso lento se espalhou em seu rosto. — Isso é tão estranho, — ele sussurrou.

— De qualquer forma, se você não gosta do Spittle, também temos a opção de te dar bons sonhos. Temos um apanhador de sonhos que lhe dará os sonhos que deseja. Por alguns dólares, forneceremos os serviços dele junto com algumas pílulas para dormir para prolongar a experiência. Tudo é possível.

A experiência parecia boa demais para ser verdade, mas Penny não era uma boa vendedora. Se ela realmente queria vender alguma coisa para nós, provavelmente não deveria ter soado tão enojada e entediada com tudo isso.

Descansei meus cotovelos no bar. — Por que as pessoas compram saliva e sonhos manipulados?

Penny deu de ombros. — A mesma razão pela qual os normais usam drogas e álcool típicos. Esquecer, lembrar, ser outra pessoa, ser eles mesmos. Há tantas razões, — disse ela.

Segui seu olhar. Muitas das pessoas nas cabines pareciam como se a vida não fosse exatamente gentil com eles: eram pontilhados de cicatrizes, linhas de preocupação, roupas amassadas, comportamentos nervosos. Suponho que é isso que você tem por se esconder de forças tão fortes quanto o Exército de Abel e a FEA. Devon e eu acabaríamos como eles?

Na presença de tanto desgaste e preocupação, de alguma forma entendi por que minha mãe estava trabalhando aqui. — Estou à procura de alguém. Ela já foi chamada de Heather, mas agora pode ter outro nome. Ela tem cabelo castanho que é meio ondulado como o meu, e olhos castanhos.

Penny estreitou os olhos para mim. — O que você quer dela? — Havia um toque de proteção em seu tom.

Então minha mãe realmente trabalhava aqui. Meu estômago deu um nó dolorosamente, de repente sem saber se poderia enfrentá-la.

Devon pegou minha mão. O calor e a força de seu aperto me ajudaram a relaxar.

— Ela é minha mãe, — disse.

Penny congelou no lugar. — Oh merda, — ela sussurrou. Seus olhos escanearam meu rosto, então ela se virou e caminhou em direção à escada iluminada em vermelho.

— Heather! — Ela chamou. Ela inclinou a cabeça como se estivesse ouvindo um som. Mas não houve resposta. Ninguém desceu. Ela olhou para mim. — Talvez ela esteja dormindo.

Mas conhecia minha mãe. — Ela e seu pai são um casal, — disse, sem uma pitada de incerteza.

Minha mãe não ficava solteira mais do que alguns dias desde que conseguia me lembrar. Ela precisava de um homem ao seu lado, especialmente se fosse alguém que mandasse nela. Pela primeira vez, me perguntei se era porque eles a lembravam do meu pai. Passei por Penny e subi as escadas de dois em dois. Seus dedos roçaram meu braço, mas a afastei.

— Não, — ela sussurrou. Sua expressão era cheia de pena.

Eu subi as escadas. Penny e Devon logo atrás. Cheguei a um corredor iluminado por mais tochas vermelhas. — Onde? — exigi. — Onde ela está?

Penny hesitou.

— Onde? — Gritei e ela realmente deu um passo para trás. Devon tocou meu ombro, mas me afastei.

Penny acenou com a mão no final do corredor. Caminhei em direção à porta preta fechada, meu coração batendo contra minha caixa torácica, e coloquei minha mão na maçaneta. Cada músculo do meu corpo ficou tenso. Engoli. *Eu sou forte*, lembrei a mim mesma. Poderia lidar com o que quer que atravessasse meu caminho.

Preparando-me, abri a porta e entrei.



CAPÍTULO 27

Uma onda de patchouli me atingiu e a fumaça do incenso recentemente queimado rodava na sala. Meu nariz formigou com a vontade de espirrar. Mas então tudo pareceu ficar quieto, até meu coração e pulso.

Meus olhos deslizaram sobre a forma imóvel, emaranhada entre lençóis de cetim vermelho na cama. Minha mãe.

Seu cabelo castanho caía frouxamente ao redor de seu rosto, que estava inclinado em direção à porta. Um braço estava jogado preguiçosamente sobre sua cabeça. A baba tinha secado no canto da boca e no queixo. Podia ver seus olhos se moverem sob suas pálpebras, voando de um lado para o outro como se ela estivesse assistindo a uma partida de tênis em sua mente. Forcei-me a atravessar o quarto em direção à cama king-size. O tapete vermelho era tão macio que meus pés pareciam afundar nele. Partes dele estavam emaranhados e manchados. Quando me aproximei dela, minha canela colidiu com a estrutura da cama.

Olhei para frente para um arranhão na cabeceira de madeira escura e me concentrei na minha respiração. Mas focar em qualquer coisa, além de me concentrar, era muito difícil. Todos os sentimentos pareciam borbulhar. Os cílios de minha mãe tremularam e ela se mexeu e se agitou. Seu braço escorregou da cama e roçou minha perna. Mordi o lábio para me impedir de fazer um som.

Apenas respire, me lembrei. Respire. Isso não significa nada para você. Ela é apenas um meio para um fim, uma maneira de chegar a Holly. Nada mais.

Mas em seu torpor, ela se parecia tanto com a mãe da foto. A mãe que uma vez me abraçou com um sorriso. Me sentei na beirada da cama. Podia sentir os olhos de Devon e Penny em mim, praticamente podia sentir sua pena irradiando deles em ondas.

Desenrolei meu punho, senti o sangue retornar aos meus dedos. Lentamente estendi a mão, tremendo, corpo tremendo, e tirei uma mecha de cabelo de seu rosto passivo. A arrastei sobre seus olhos, que se contraíram mais uma vez, e segurei sua bochecha.

— Mamãe? — Perguntei.

Não reconheci os sons que formavam essa palavra, não reconheci minha própria voz. Parecia uma criança pequena e assustada. Por um momento, minha mãe se inclinou ao meu toque. *Ela está drogada*, me lembrei. Ela não está em seu juízo perfeito; isso não significa nada. Então por que um sentimento de felicidade me inundou?

Ela gemeu, seus lábios se abrindo. Ela rolou, revelando hematomas em seus braços e ombros.

Me afastei, ofegante. Minha garganta, minha caixa torácica, até meu corpo parecia muito tenso. Soltei um grito, um grito tão estranho que fez minha pele arrepiar. E de repente meu corpo pareceu explodir. Ondulando, mudando. Voei através das transformações. Os corpos se tornaram um borrão. Meus ossos doíam, minha cabeça latejava, mas continuei mudando de corpo. Cada vez mais rápido. Alguém passou os braços a minha volta, caloroso e reconfortante, e as transformações diminuíram até que finalmente pararam e voltei a ser eu mesma. Respirei o perfume de Devon e fechei os olhos.

Mas o momento foi interrompido quando a porta se abriu. — O que está acontecendo? — Uma voz profunda exigiu.

Recuei. Um homem alto e corpulento, careca e olhos amarelos decadentes, estava parado na porta. A semelhança com Penny era inegável. Me afastei do

abraço de Devon e me movi sem realmente perceber o que estava fazendo. Mas de repente estava na frente do homem e meu punho colidiu com sua bochecha com um estalo satisfatório. Ele deu a minha mãe as drogas e as contusões. Não me atrevi a considerar o que ela fez em troca da Saliva.

Seus olhos reviraram e ele bateu na porta, que fechou com o impacto, antes de afundar no chão. Ele segurou sua bochecha, uma expressão atordoada em seu rosto. Penny sacudiu seu estupor e se ajoelhou ao lado dele.

— Você está bem? — Ela tocou o braço dele, mas ele a empurrou. A dor cintilou em seu rosto, mas já havia desaparecido quando ela se endireitou.

— Estou bem. Chame Benny, — ele rosnou. — Ele pode expulsar a cadela.

— Se você me expulsar, imediatamente contarei à FEA sobre sua existência, — disse em uma voz grossa. Esperava ter conseguido soar mais forte do que me sentia.

Ele mostrou os dentes cobertos de sangue em um terrível sorriso macabro. Seus olhos se estreitaram em mim. — Se você não estivesse fugindo deles, não estaria aqui, garota.

Dei um passo para mais perto dele. Não sabia o que queria fazer, mas seu olhar permaneceu congelado em meus olhos. Um olhar horrível de reconhecimento cruzou seu rosto como se os tivesse visto antes e seu rosto inteiro ficou branco.

— Seus olhos, — ele murmurou, então balançou a cabeça. — Não. Isso é impossível. — Ele tropeçou em seus pés e olhou para minha mãe. — Heather, o que diabos está acontecendo?

Minha mãe se ergueu sobre os cotovelos, piscando atordoada. — Stanley? — A palavra foi prolongada como um longo suspiro.

Seus olhos deslizaram em mim sem reconhecimento. Ela não sabia quem eu era. Mas nesse momento, nem tinha certeza se ela sabia quem *ela* era. O calor se juntou atrás dos meus olhos. Por que ela ainda tinha a capacidade de me deixar com raiva? Por que ainda me importava depois de tudo que ela fez? Por

que não conseguia parar de amá-la quando ela nunca se importou comigo?

Stanley tentou passar por mim para chegar à cama, mas entrei em seu caminho. Eu era uma cabeça inteira menor que ele, e ele tentou me empurrar. Suas mãos colidiram dolorosamente com minha clavícula e cambaleei para o lado, mal me mantendo em pé. Devon agarrou seu braço e o torceu, mas Stanley deu um soco nele. Em um movimento rápido, Devon se abaixou, então os nós dos dedos apenas roçaram o topo de sua cabeça e acertou um soco no estômago de Stanley. O homem engasgou e tropeçou e teve que se apoiar no guarda-roupa gasto. Ele ofegou, seu rosto vermelho. Penny avançou e agarrou seu antebraço.

— Pai, já chega. Não precisamos de mais problemas.

— Mais problemas? — Ele gritou e apontou um dedo trêmulo para mim. — Não sou eu que estou causando problemas. Essa garota é um problema que vale uma vida inteira!

Penny olhou para mim, mas ela não parecia fazer a conexão.

— Eu reconheceria esses olhos em qualquer lugar. Ela é uma de *suas* crias. — Medo e desgosto apareceram em seu rosto, batalhando pela emoção mais forte.

Penny parecia saber exatamente a quem a palavra ‘suas’ se referia. Seus olhos se arregalaram e ela começou a traçar as palavras de suas tatuagens como um feitiço que lhe daria consolo.

Olhei para baixo para onde minha mãe estava lutando para se sentar. A alça de sua camisola frágil escorregou de seu ombro ossudo e o decote mergulhou. Inclinei-me e a ajudei a se encostar a cabeceira da cama antes de colocar a alça de volta no lugar. Seus olhos castanhos dispararam sobre o meu rosto e o reconhecimento em pânico se estabeleceu neles.

Mamãe olhou para si mesma como se percebesse o estado lamentável em que estava e seu rosto enrugou. Envolvi meu braço em volta de suas costas e a puxei para ficar de pé, tomando cuidado para que a camisola a cobrisse.

— Vamos, mãe. Nós vamos te limpar.

— Não me diga que você mijou na cama de novo, — Stanley rosnou.

— Mais uma palavra, — disse asperamente. — E juro que vou ligar para o meu pai e mandar ele derrubar este lugar. — Não poderia fazer isso. Pelo menos não sem me render a ele. E mesmo assim, não tinha certeza se ele se importava comigo o suficiente, ou em tudo, para me fazer algum favor.

Mas pelo terror no rosto de Stanley, ele acreditou que eu poderia. Apreciei a sensação de triunfo, mas minha mãe ficou mais pesada em meus braços, suas pernas cedendo.

— Existe um antídoto para o que quer que ela tenha tomando? — Perguntei.

Stanley olhou para mim, mas Penny respondeu. — Sim. Posso pegar um frasco. — Ela rapidamente saiu do quarto e ele a seguiu sem dizer mais nada.

Devon chegou ao lado de minha mãe e eu. — Você quer que eu ajude? — Seus olhos eram suaves e tristes, mas também lamentáveis.

— Não, — sussurrei. — Posso fazer isso sozinha.

Poderia dizer que ele não acreditou em mim. — Sério. — Disse com firmeza.

Penny voltou com um pequeno frasco plástico. — Basta fazê-la beber isso, e então ela deve voltar ao normal dentro de alguns minutos.

Peguei o frasco e o empurrei no bolso. — Onde é o banheiro? — Penny abriu uma pequena porta ao lado do guarda-roupa. Levei minha mãe para dentro.

Não havia muito espaço. Os rejuntes entre os azulejos brancos estavam amarelados e parcialmente pretos de mofo. Havia um cubículo com um chuveiro, um vaso sanitário e uma pia, o que deixava um espaço central pequeno para minha mãe e eu ficarmos de pé. Penny pairou na porta, incerteza colorindo seu rosto.

— Não preciso de ajuda, — falei novamente, alto o suficiente para que Devon pudesse ouvir também. Ele parecia relutante em me deixar lidar com isso sozinha. — Se você quiser ajudar, poderia, por favor, pegar algumas roupas limpas para minha mãe?

Penny saiu de seu estupor e assentiu resolutamente. — Não se preocupe.

Cuidarei disso. — Com isso, ela fechou a porta e me deixou sozinha com minha mãe.

Minha mãe ainda não tinha dito uma palavra para mim. Talvez não houvesse nada a dizer. Fechei a tampa do vaso sanitário e a fiz sentar nela. Só quando tive certeza de que ela não cairia é que a soltei. Inclinei a cabeça para trás e levei o frasco aos seus lábios. Ela engoliu o líquido sem protestar. Provavelmente estava acostumada a receber o antídoto. Quem sabe quantas vezes ela teve uma overdose de Saliva ou qualquer outra coisa que vendiam por aqui.

Puxei a cortina do chuveiro, estava úmida e amarelada, e lavei o chão do box com água quente. Pelo canto do olho podia ver minha mãe me observando. Sua cabeça ainda estava abaixada, mas podia sentir seus olhos em mim através de seus cílios. Talvez fosse minha imaginação, mas seus olhos já pareciam menos atordoados do que antes.

— Vou te ajudar a se despir agora, ok? — Disse.

Ela não reagiu e eu tomei isso como uma permissão silenciosa. Fiquei feliz que ela estava usando apenas sua camisola e calcinha. Ela me deixou puxar a camisola sobre a cabeça e até levantou os braços sozinha. Nossos olhos se encontraram enquanto eu jogava a roupa no chão.

— Você cresceu, — ela sussurrou. Sua voz era como vidro quebrado, mas pelo menos ela estava falando e suas palavras eram inteligíveis.

Não sabia o que dizer, então peguei sua última peça de roupa, mas ela balançou a cabeça.

— Não. Eu... — Ela parou, o embaraço torcendo suas bochechas vazias.

Dei um passo para trás, batendo contra a porta para dar-lhe espaço. Seus movimentos eram desajeitados e lentos, e quando ela se abaixou para empurrar a calcinha até os joelhos, quase caiu para frente. Mas não a ajudei envergonhando-a ainda mais. Ela agarrou a borda do box de azulejos e entrou lentamente. Ela se inclinou contra os azulejos sujos, o rosto desenhado de exaustão.

— Por que você não se ajoelha? — Sugeri. Um cobertor de dormência

parecia se instalar sobre as emoções que guerreavam dentro de mim, e estava feliz por isso.

Ela afundou, seus joelhos ossudos batendo no chão do chuveiro com um baque. Deve ter doído, mas seu rosto não mostrou nenhum sinal de dor. Liguei a água, certificando-me de que estava quente o suficiente, apenas à beira do insuportável. Sabia que ela sempre sentia frio depois de acordar de um torpor de drogas; o efeito provavelmente não era tão diferente com a Saliva de Stanley. Ela soltou um pequeno suspiro quando o fluxo quente atingiu suas costas. Passei xampu em seu cabelo e ela relaxou ao meu toque. Ela parecia pequena e vulnerável com suas omoplatas espreitando através de sua pele. As únicas toalhas que encontrei estavam empilhadas no chão. Peguei a mais limpa do grupo e enrolei em volta da minha mãe.

— O que está demorando tanto? Quero respostas! — Stanley gritou do quarto. A voz calmante de Penny seguiu sua explosão, muito mais calma e baixa.

— Por que você o deixa te tratar assim? Você merece melhor, — disse com os dentes cerrados.

Os dedos de mamãe se curvaram sobre meu ombro para se firmar, a água escorrendo pelo pescoço. — Nós duas sabemos que isso não é verdade. Eu mereço isso.

Procurei seus olhos. Ela estava arrependida pela maneira como me tratou? — Ninguém merece isso, — disse. Ela me tratou quase tão horrível quanto seus namorados a tratavam. Ela nunca me bateu ou abusou fisicamente de mim, mas seu tratamento silencioso, palavras ofensivas e olhares de nojo também deixavam cicatrizes.

— Não entendo. Por que você sempre escolhe esses idiotas?

Ela não respondeu. Talvez não soubesse a resposta.

Afastei esses pensamentos e guiei minha mãe de volta para o quarto. Stanley, Devon e Penny estavam lá, cada um de pé com alguma distância entre eles. Devon empurrou-se para fora da parede em que estava encostado.

— Fora, — ordenei, evitando os olhos de todos.

Penny agarrou o braço do pai e o arrastou para fora; Devon seguiu com um olhar solidário para mim. Não pude deixar de me perguntar como Alec teria lidado com a situação, mas sabia que não adiantava pensar nisso. Como prometido, Penny encontrou as roupas da minha mãe. Elas estavam espalhadas na cama e, embora pudessem ter passado a ferro, estavam limpas.

—Você mora aqui? Ou tem um apartamento em outro lugar? — Perguntei.

Espiei pelas cortinas do estacionamento para ter certeza de que não estávamos prestes a receber visitas indesejadas. Mais alguns carros estavam estacionados lá agora. Ouvi a respiração de minha mãe ficar difícil pelo esforço que ela fez para se vestir.

— Eu tinha um lugar, mas perdi um tempo atrás, — disse ela, franzindo a testa como se estivesse lutando para se lembrar de quando isso aconteceu.

Ela provavelmente não pagou o aluguel. Já tinha acontecido antes e tinha levado a alguns esquemas de mudança no meio da noite quando u era criança. Pelo que tinha visto até agora, não achava que ela ganhasse dinheiro aqui no Stanley's. Nem tinha certeza se ela estava em condições de trabalhar regularmente.

Quando ela finalmente estava vestida, se sentou na cama, as mãos segurando os lençóis amassados. Seus olhos estavam grudados em mim. Esfreguei as mãos, sentindo-me deslocada. — Eu sei sobre meu pai. Sei quem ele é.

Se a notícia a chocou, ela escondeu bem. Talvez o uso constante de drogas tivesse mexido com sua capacidade de demonstrar emoções.

— Você não deveria estar aqui, — ela sussurrou.



CAPÍTULO 28

As palavras dela feriram meu peito como ácido, mas tentei não deixar transparecer.

— Eu sei. Você deixou perfeitamente claro na última vez que liguei que não quer nada comigo. E não se preocupe, esta não é uma reunião de mãe e filha. Não quero nada de você. Só preciso de algumas informações.

Ela piscou. — Eu disse isso para sua própria proteção, — disse ela. Eu zombei.

— É verdade. Estou preocupada que... este lugar não é seguro. As pessoas vão reconhecê-la aqui. — Não acreditei que esse fosse o único motivo. Ela mal conseguia suportar minha companhia quando ainda morávamos sob o mesmo teto.

— Por que se preocupar comigo agora? Você estava preocupada comigo quando me ignorou por dias quando era muito jovem para entender, quando disse que eu era uma aberração e que te enojava, por ficar aliviada quando a FEA finalmente me pegou e me levou embora?

Seus olhos pousaram nos meus. — Você tem razão. Fiquei feliz quando você se foi.

Ai estava: a admissão. Claro que sempre soube disso, mas ouvir as palavras da sua boca doeu mais do que achei que doeriam. Deveria ter deixado

por isso mesmo, deveria ter direcionado a conversa para algo que pudesse me levar a Holly, mas não consegui.

— Por quê? — Resmunguei.

— Seus olhos, — ela disse calmamente. Algo sombrio cintilou em seu rosto. — Eles me lembravam de seu pai. Eles me lembravam de um passado que queria esquecer. Achei que poderia deixar tudo para trás, especialmente seu pai. Uma vez amei Abel, há muito tempo. Ele era inteligente, charmoso e gentil. Ele era tão carismático, quase ninguém conseguia resistir a ele. Ele tinha algo especial, algo poderoso.

Fiz uma careta. Então por que ela o deixou?

Ela observou meu rosto por uma reação antes de continuar. — Tenho certeza que você não se lembra, porque era apenas um bebê na época, mas nem sempre foi fácil com Abel. Ele tinha seu lado bom, mas a coisa que mais queria era a única coisa com a qual ele não conseguia lidar: normalidade.

Isso era algo que podia entender. Muitas vezes ansiava por uma vida normal, mas minha infância estava longe disso. Talvez minha mãe e eu fôssemos mais parecidas do que imaginava. Mas talvez ela e Abel fossem mais parecidos do que ela queria admitir. Porque apesar de seus desejos, a normalidade definitivamente não era algo que minha mãe já havia conquistado.

Ela continuou com uma voz suave: — Ele e eu queríamos viver uma vida sem a supervisão da FEA. Eles tiraram nossas escolhas, nossa liberdade e nos deram regras com as quais seu pai não concordava. Tomamos a decisão de fugir. Ele queria tentar por mim, construir uma família normal, viver uma vida normal. Bem, esse era o meu sonho quando partimos. — Ela fez uma pausa, sua expressão melancólica. — E no começo parecia que poderia funcionar. Mas podia dizer que seu pai lutava com a vida normal. Ele não sabia como funcionar na sociedade normal. E não se sentia seguro sozinho. Ele achava que a FEA viria atrás de nós a qualquer momento e nos trancaria em sua prisão por traição. Então o irmão dele, seu tio, veio para a cidade. Ele estava fugindo da FEA há anos e convenceu seu pai a trabalhar ao lado dele, para empresários ricos. Seu pai sabia

que precisava de dinheiro se quisesse uma chance de construir um lugar seguro para Variantes longe da FEA, longe do aperto esmagador e dos olhos vigilantes do FBI. Ele não queria mais ser usado. Eu não sabia muito sobre o trabalho deles. Tive medo de perguntar. Acho que Abel passou dos limites com o irmão. Ficou mais difícil para ele conciliar seus ideais com seu trabalho, mas ele nunca parou de tentar. Acho que era isso que mais admirava nele. E quando o irmão do seu pai começou a passar o tempo todo com a gente e começou a falar sobre construir seu próprio grupo, um grupo que destruiria a FEA, tentei convencer Abel a desistir. Implorei para que ele parasse com a loucura. Mas seu irmão tinha muita influência. Abel achava que estava fazendo a coisa certa. Não havia diálogo com ele. Seu irmão já havia dado sinais de uma Variação e sabia que Abel jamais o deixaria ir. Mas nos primeiros anos de sua vida, você parecia ser normal. Não posso te dizer o quanto queria isso. E então peguei você e fugi. Acho que Abel nunca nos seguiu, mas sempre tive o cuidado de não ficar no mesmo lugar por muito tempo, só por precaução.

— Mas então minha Variação começou a aparecer, — disse.

Minha mãe assentiu. — Eu sabia que tinha sido estúpida ao pensar que algum dia haveria uma vida normal para nós. Não sei dizer quantas vezes me arrependi de ter fugido de Abel, mas ao mesmo tempo sabia que não poderia voltar para a vida dele. Seria muito perigoso para nós duas. Eu queria normalidade, segurança, até mesmo a pretensão disso. Se Abel tivesse nos encontrado, sabia que seria fraca demais para resistir a ele.

— Então era por isso que sempre nos mudávamos?

— Sim. Isso e a FEA.

— A FEA, por quê? Você não pareceu se importar quando eles me levaram embora.

— Você nunca seria livre com a FEA. Eu sabia. Eles prometem uma vida virtuosa, mas mantêm seus agentes em uma gaiola dourada. Não queria isso para você. Mas uma vez que eles nos encontraram, não tive escolha a não ser deixá-los leva-la. Major não teria ouvido mesmo se eu dissesse não. Talvez devesse ter

ligado para Abel então, pois tenho certeza de que ele teria te acolhido antes que a FEA pudesse, mas não queria admitir para ele, ou para mim mesma, que minha vida estava em frangalhos. Deveria saber que meu plano estava condenado. Você estaria com a FEA ou com o Exército de Abel. Pelo menos era o que pensava naquela época. Não sabia dos muitos Variantes vivendo no submundo, longe do radar da FEA. Mas com seus olhos, não poderíamos manter sua identidade em segredo por muito tempo.

— Eu poderia ter assumido outra aparência, — disse.

— Por semanas? — Ela disse com ceticismo. — Para todo sempre?

Balancei a cabeça. — Estive em uma missão que levou semanas para ser concluída.

Por um longo tempo, minha mãe olhou para mim. — Isso não teria mudado muito. Ainda não consigo mudar minha aparência. Eles teriam me reconhecido.

— Mas você poderia ter se feito parecer mais jovem.

As linhas ao redor de seus olhos e boca eram ainda mais profundas do que lembrava. Ela não usava sua Variação há algum tempo. Ela tocou os pés de galinha com as pontas dos dedos.

— Quando deixei seu pai, jurei nunca mais usar minha Variação. Vi o que pessoas como nós podem fazer, mas também vi o que isso faz com eles. Não queria mais ser assim. Queria ser normal.

— Mas você já foi agente da FEA. Você tinha uma casa na sede, um futuro, um emprego. Por que não voltou para lá? Isso não teria sido melhor do que compartilhar sua vida com bêbados e passar as noites desmaiadas de drogas? — Ela estremeceu. Minhas palavras foram duras, mas era a verdade. Nós duas sabíamos disso.

— Você e eu pertenceríamos à FEA. Eu teria que usar minha Variação sempre que eles quisessem, quando mandassem. Eu queria ser livre. Isso era tudo o que importava para mim.

— Ainda mais do que sua própria filha? Você não acha que minha vida

teria sido mais fácil se não tivesse que crescer em torno de garrafas de cerveja sem fim e uma série de caras violentos?

Seus olhos eram ferozes. — Pode ser. Mas eu era egoísta naquela época. E ainda sou. Mas você está fugindo da FEA agora também, não está?

— Sim, — admiti. — Descobri que não posso confiar neles. Eles mandaram alguém em quem eu confiava mais do que tudo ficar de olho em mim com sua própria Variação, ele lia minhas emoções para ver se eu era estável o suficiente para ser uma agente.

— Você realmente gosta daquele garoto, não é? — Ela disse com uma voz resignada.

Não tinha certeza de como ela sabia. Talvez minha expressão ou voz tenha me denunciado. Ou talvez ela tivesse experiência suficiente com desgosto para reconhecê-lo instantaneamente.

Dei de ombros. Não confiava na minha voz para responder.

— Não estou surpresa que Major não confie em você. Não com o seu passado. Muita coisa aconteceu entre Major e seu pai.

— Então é pessoal?

— Major é muito profissional para se emocionar. Mas Abel e seu irmão são uma história diferente.

— Por que o Major não te forçou a se juntar à FEA quando me levou com ele? Ele sabia que você era uma Variante e poderia tê-la jogado na prisão se recusasse.

— Ele poderia, — minha mãe disse calmamente. — Mas ele e eu nos conhecemos há muito tempo. Talvez esse tenha sido um dos raros casos em que ele não seguiu as regras. E ele sabia que eu estava uma bagunça. Eu teria levado problemas comigo e essa era a última coisa que o Major precisava no quartel-general.

Suspirei. — Não me diga que... você e Major? — Não conseguia nem dizer as palavras.

— Foi há muito tempo, — explicou ela. — Quando entrei para a FEA nos

anos setenta, Major era um jovem bonito.

Meu rosto deve ter mostrado meu choque porque ela baixou os olhos. — Parece estranho, eu sei. Mas fui atraída por sua seriedade. Ele era muito intenso. Era muito mais velho por dentro do que sua idade sugeria, mas as coisas não correram bem por muito tempo. Talvez eu fosse muito errática. E quando seu pai ingressou na FEA anos depois, me apaixonei por ele. Acho que Antonio nunca me perdoou por isso.

Não tinha certeza se ela percebeu que essa era a primeira vez que ela usava o nome verdadeiro de Major.

— Talvez por isso ele não me queria perto da FEA quando nos encontrou. Isso o lembrou do que aconteceu naquela época.

Era demais para absorver e isso realmente não importava. Tinha que encontrar Holly.

Isso era tudo o que importava agora. — Preciso encontrar o Exército de Abel, — disse.

Minha mãe deu um pequeno aceno de cabeça. — Você não precisa procurar muito. Se ficar em um lugar por muito tempo, é provável que eles venham encontrá-la. Mas você não sabe no que está se metendo, Tessa. Mude sua aparência, vá para a Europa ou outro lugar e viva uma vida normal. Divirta-se. Viva pelas suas próprias regras. Acho que você pode fazer isso. Você é mais forte do que já fui. Você é filha do seu pai.

— Mas o Exército de Abel sequestrou minha melhor amiga. Tenho que encontrá-la.

Minha mãe não pareceu surpresa. — Eles não vão machucar sua amiga. Ele *te* quer, Tessa. Acho que ele nunca me perdoou por tirá-la dele.

— Você ainda mantém contato com Abel? Ouvi um boato de que mantém.

Seus olhos se arregalaram. — Talvez alguém no bar esteja espalhando rumores.

— Mãe, — disse com firmeza, puxando seus olhos de volta para mim. — Você mantém? Você sabe onde o Exército de Abel está localizado?

— Vi seu pai uma vez, algumas semanas atrás. Quando ele entrou em contato comigo, precisava encontra-lo. Sabia que você estava segura, então por que não? — Ela suspirou. — Ele ainda era tudo o que eu lembrava. Carismático, forte, charmoso. Inteligente. Nós conversamos sobre você. Ele descobriu que você era uma Variante, que estava com a FEA. Ele ficou com raiva de mim. Ele não podia acreditar que tinha te entregado a eles. Ele nunca vai me perdoar por isso.

— Mas onde fica o quartel-general dele?

— Não sei. Isso é informação restrita, e ele não me disse. Nós nos encontramos em um pequeno restaurante fora de Las Vegas.

— Ele lhe disse alguma coisa que pode me ajudar a encontrá-lo?

Ela riu sem graça. — Não. Mas alguns dos clientes falam. Sempre há rumores sobre o Exército de Abel e a FEA rondando. Não tenho certeza de quanto disso é verdade. Nunca me preocupei em descobrir.

Me perguntei como ela podia ser assim, como podia tão facilmente virar as costas para seu passado e todos nele.

— Então por que você veio parar aqui? Se estava tão desesperada para ser normal, por que entrou em um relacionamento com outro Variante? Você desistiu de mim para ter uma chance de uma vida normal. — Não me preocupei em esconder a amargura que sentia.

A desesperança cobriu sua expressão. — Parece que o normal está fora do meu alcance. Você não pode escolher quem é. Não importa aonde vá, não importa quão rápido corra, Tessa, você não pode escapar de si mesma. — Ela fungou.

Ela pressionou as pontas dos dedos contra a têmpora. A exaustão marcava seu rosto. Ela provavelmente precisava descansar depois de sua névoa de drogas. Me sentei na cama ao lado dela e peguei suas mãos nas minhas. Seus olhos se arregalaram, mas ela não recuou. Talvez não tivesse energia para isso, mas tentei dizer a mim mesma que ela ficou porque gostava da minha proximidade.

— Por favor. Se você souber de algum jeito que possa encontrar Abel, tem

que me ajudar. Preciso encontrar minha amiga.

Seus olhos ficaram distantes. — O Exército de Abel não pode ser encontrado, eles te encontram. Isso é o que as pessoas dizem e é verdade. Abel me encontrou e vai te encontrar também. Se você deixar. Acho que ele encontrou sua combinação em você. — Ela fez uma pausa. — Mas é possível que Stanley saiba alguma coisa. Ele odeia falar sobre isso, mas pertenceu a eles uma vez. Ao Exército de Abel.

Ela começou a se levantar, mas suas pernas tremeram e ela afundou de volta. Caminhei até a porta e encontrei Stanley no corredor, discutindo com Penny. Devon me viu e imediatamente se aproximou e tocou meu braço. Queria me pressionar contra seu peito, mas sabia que não era a hora nem o lugar.

— Você está bem? — Ele perguntou.

Dei-lhe um pequeno sorriso. — Estou bem. Minha mãe não sabe onde fica o Exército de Abel, mas acha que talvez Stanley saiba.

Devon parecia duvidoso. — Não acho que ele nos diria mesmo se soubesse.

Especialmente depois que ameacei ligar para Abel antes.

— Stanley, — gritei. — Preciso falar com você.

Seus olhos amarelos estreitos cortaram para mim. Ele disse algo para Penny e ela desapareceu escada abaixo. Stanley caminhou em minha direção, um hematoma vermelho-azulado marcando o ponto em seu queixo onde meu punho o atingiu. Se soubesse que precisava dele, não teria lhe batido, mas era tarde demais para isso. Meus olhos dispararam para minha mãe, desabada sobre si mesma na cama.

— Você ainda está aqui? Não te quero sob meu teto, — Stanley rosnou. Como se ele não soubesse que estava ajudando minha mãe todo esse tempo.

— Não quero causar mais problemas, — disse. — Assim que você me disser o que preciso saber, vou embora. E você nunca mais me verá. — Me retirei para o quarto.

Essa era uma promessa que não tinha certeza se poderia cumprir. E ele

provavelmente sabia disso. Não podia deixar minha mãe neste lugar, mas também não podia levá-la comigo. Tinha que salvar Holly primeiro, mas quem sabia se voltaria.

Ele me seguiu até o quarto, examinando minha mãe sem uma única emoção em seu rosto. — O que você quer?

Devon nos seguiu, seus olhos nunca deixando Stanley.

— Você tem que me dizer como encontrar o quartel-general de Abel.

Sua boca se contraiu e, em seguida, uma gargalhada explodiu dele. Minhas mãos se fecharam em punhos ao meu lado, mas deixei que ele tivesse seu momento. Devon olhou para mim, suas sobrancelhas levantadas.

— *Você* quer que te ajude a encontrar Abel?

— Sim. Não vou sair de outra forma.

Seus olhos endureceram. — Ah, sim, você vai.

Devon deu um passo ameaçador em direção a Stanley. — Ouça, você terá muito menos problemas se apenas nos disser o que sabe.

O homem apontou um dedo para Devon. — Você não sabe nada sobre problemas, garoto. Essa sua garota está te metendo numa porra disso. Melhor correr enquanto ainda pode.

— Apenas nos diga! — Gritei.

Seus pequenos olhos brilharam com raiva. — Se quer se encontrar com seu pai, terá que deixá-lo te pegar. Não há outra maneira.

Talvez devesse apenas deixá-lo me pegar. As chances de encontrarmos Holly sem sermos capturados eram incrivelmente pequenas. Minha mãe o fez parecer bom, e a foto dele me segurando mostrou um lado mais suave também. Mas ele ainda era uma entidade desconhecida: ele havia sequestrado Holly, e não sabia quais eram seus planos para mim. Tinha que tentar colocar Holly em segurança, e então ainda poderia decidir se queria arriscar um encontro com meu pai.

— Isso não vai funcionar. Ele não vai me deixar sair uma vez que me tenha. Preciso entrar na sede deles sem o seu conhecimento.

— Você não ouviu? Você não pode encontrá-los. Pouquíssimas pessoas sabem onde eles estão localizados. Eles têm maneiras de garantir que ninguém possa encontrá-los.

— Você quer dizer a Variante deles que pode alterar memórias? Eles garantem que ninguém se lembre de onde estão?

Ele me encarou por um momento. — Não é tão ignorante quanto finge ser, hein?

Não estávamos chegando a lugar nenhum com isso. Devon passou a mão impaciente pelo cabelo.

— Isso é tudo besteira. Você pode nos ajudar ou não?

Lhe dei um olhar de advertência. — Diga-nos o que você sabe. Minha mãe disse que você sabia de *alguma coisa*.

Stanley a encarou, mas ela havia se encolhido de lado na cama e seus olhos estavam fechados agora. — Sua mãe não sabe o que está dizendo. Mas vou te dar um conselho. Saia daqui e pare de procurar o Abel. Se você não está disposta a fazer parte do exército dele, não deve se aproximar deles. Eles não vão te deixar com qualquer outra escolha.

A porta foi aberta e Penny tropeçou para dentro, os olhos arregalados em pânico. — Eles estão aqui!

Stanley ficou muito quieto.

— Quem? — Sussurrei, o medo me cortando. Devon deu um passo ao meu lado e deslizei minha mão na dele.

— Exército de Abel. Um de seus carros acabou de parar na frente do bar. Benny tem certeza de que são eles. Eles estão apenas esperando. Eles ainda não saíram.

— Eles não vão esperar muito, — disse Stanley.

Meus olhos voaram para Devon. Ele soltou minha mão e correu para a janela para espiar pela abertura nas cortinas. Me pressionei contra suas costas e olhei para o estacionamento. Uma limusine preta estava estacionada abaixo da janela com o motor ligado.

Me virei. — Você ligou para eles? — Exigi, estreitando meus olhos para Stanley.

Ele olhou de volta. — Você acha que estou desesperado por problemas? Alguém deve ter te reconhecido no bar. Com esses olhos, nenhuma surpresa. — Ele soltou um suspiro áspero. — Eu te disse para ir embora. Você deveria ter ouvido!

— O que faremos agora? — Devon perguntou suavemente.

Olhei para minha mãe, ainda desmaiada na cama, depois para Devon. Não havia outra maneira. Se os deixasse me capturar, eles deixariam Devon e minha mãe em paz. Eles me levariam até Holly.

Olhei para minha mãe e depois para Devon. — Esconda-a ou tire-a daqui, — disse a ele.

— Não, não vou te deixar ir sozinha.

— É a única maneira.

— O que? Deixar-se capturar? Tessa, você só pode estar brincando! — Ele disse desesperadamente. — Você não sabe no que está se metendo. Vocês duas serão prisioneiras. Como isso ajudará Holly?

sabia que ele estava certo.

— Há apenas um carro lá fora? — Perguntei.

Penny deu de ombros. — É o único carro que podemos ver. Isso não significa que não há mais escondido fora de vista.

Toquei o ombro da minha mãe, mas ela não reagiu. Ela deve ter gasto toda a sua energia falando comigo. Agora seu corpo precisava de tempo para se recuperar da Saliva e do antídoto. Não podia simplesmente deixá-la aqui. Mas sabia que ela não poderia ir comigo.

— Vou mantê-la escondida, — Penny disse de repente. Stanley, que estava olhando para o nada, virou a cabeça. Mas Penny olhou para ele. — Devemos isso a ela, pai. — Então ela se virou para Devon e eu. — Vocês realmente deveriam sair agora.

Dei um breve beijo no topo da cabeça de minha mãe, depois segui Stanley

pelo corredor e desci as escadas. Manchas de suor se espalhavam sob seus braços. — Há um túnel no porão que leva a outro bar. Tenho uma espécie de acordo com o proprietário, então ele não se importa com quem entra ou sai.

Sabia que ele não estava fazendo isso por nossa causa. Ele só queria se livrar de nós o mais rápido possível e sem causar um grande rebuliço. Mas Stanley congelou no momento em que chegamos à área do bar. Ele parou tão rápido que Devon e eu quase batemos em suas costas.

— O que... — Nunca terminei minha pergunta porque um garoto com olhos como os meus tinha acabado de entrar no bar. Ele era inconfundível, mesmo depois de todos esses anos.

Meu irmão Zach.



CAPÍTULO 29

Ele era alto e esguio, com o mesmo cabelo ruivo e olhos turquesa que eu. Sua pele era leitosa, mas não tão pálida quanto a minha. Ele usava preto da cabeça aos pés, até os tênis. Dois homens entraram no bar atrás dele, também vestidos de preto. Mas eles pairavam em algum lugar atrás de Zach, então não podia ver seus rostos ou ver se estavam armados. Teria que ser cuidadosa. Lentamente Zach examinou a sala, seu rosto como aço, até me encontrar. Devon agarrou minha mão em um aperto doloroso e puxou. Mas quando meus olhos se encontraram com os do meu irmão, não consegui me mover. Seu rosto suavizou e algo se agitou em mim. Eu tinha um irmão. Ele realmente existia. Ele olhou para mim com olhos caloroso. Isso me lembrou da expressão que tinha visto nas fotos e na memória recente.

— Droga, — Stanley murmurou.

Os lábios de Zach se curvaram em um sorriso hesitante como se estivesse feliz em me ver. Mas meu rosto estava congelado, sem saber como me sentir. Ele fazia parte do Exército de Abel. Talvez tenha sido o responsável pelo sequestro de Holly. A suavidade de sua expressão me fez querer acreditar no contrário, mas sabia que não deveria confiar no rosto de alguém.

Um de seus homens, e agora o reconheci como o cara de cabelo ruivo que tinha desaparecido com Holly, disse alguma coisa, e cada traço de felicidade

desapareceu do rosto de Zach. Seus olhos cortam a sala e meu coração parou quando segui seu olhar em direção a uma mesa no final do bar. Tanner e Kate estavam se levantando lentamente dos assentos de couro azul.

Onde estava Alec?

A percepção amarga se instalou. Depois do que lhe disse em Detroit, ele desistiu de mim. A FEA ainda queria me resgatar, mas não Alec. Ele não se importava mais com o que aconteceria comigo.

Os outros clientes começaram a sussurrar nervosamente e a maioria deles se levantou e se aproximou da única saída, que Zach e seus homens ainda estavam bloqueando. Onde estavam Benny e Finja? Não havia outro tipo de segurança?

— Isso é tudo culpa sua, — disse Stanley miseravelmente. Suas mãos bateram nas minhas costas e tropecei no meio da sala. — Aqui, pegue-a. É por isso que você está aqui. Leve-a e vão embora.

Impedi minha queda com minhas mãos e lentamente me endireitei. Stanley e Devon estavam brigando. Socos estavam voando e Devon estava tentando segurar o homem mais velho em uma chave de braço. Stanley estava cuspindo, provavelmente para colocar Devon em uma névoa de drogas. Mas esse não era o meu principal problema. Devon era um bom lutador. E era melhor para ele fazer parte de uma briga com Stanley do que entrar no que estava prestes a acontecer entre Kate e Tanner, e Zach e seus homens. Só podia esperar que Penny ficasse com minha mãe lá em cima. Meus olhos dispararam entre meu irmão e meus ex-colegas agentes. O que quer que fizesse, a fuga era improvável. Um deles inevitavelmente triunfaria.

Talvez a FEA fosse o mal menor, ou talvez não. Depois de tudo que descobri, eu não tinha mais certeza. O Exército de Abel era o grande desconhecido. O que me esperava com eles poderia ser pior do que ser jogada no hospício da FEA e ter minha vida controlada por Major? O desconhecido continha o potencial de perigo, mas também trazia esperança. E meu irmão era minha passagem para Holly.

Tanner estendeu a mão. Hoje seu moicano estava azul. O bom e velho Tanner, mas seu rosto estava perdendo seu sorriso de marca registrada. — Vamos, Tessa. Podemos levá-la para casa com segurança. Isso tudo pode acabar agora.

— Que casa? — Retruquei amargamente.

— Casa é a FEA, onde você pertence. Major te quer de volta. Alec está esperando por você, — Tanner disse, seus olhos voando entre mim e Zach do outro lado da sala.

— Major só quer me controlar. Se houvesse uma chance para Alec e eu, ele estaria aqui com vocês. Não comece a mentir para mim também, Tanner. — Realmente desejei que Benny não tivesse pegado minha arma quando entramos no bar. Mesmo quando se trata de lutar com Variantes, me sentiria muito mais segura com ela na mão.

— Nós somos sua família, — disse Tanner. Kate revirou os olhos e quase quis fazer o mesmo. Curiosamente, ela era a única pessoa na FEA que eu menos me ressentia agora. Sem ela, eu ainda estaria sem noção. Ela desencadeou tudo isso, mas pelo menos me disse a verdade.

— Uma família não faz o que a FEA fez comigo, — disse calmamente.

E, no entanto, parte de mim ainda queria minha antiga vida no quartel-general, aquele sentimento de pertencimento, de ter um lugar onde estivesse segura. Ansiava pela minha vida do jeito que costumava ser: noites de cinema com Alec, brincadeiras com Tanner, risadas com Holly e café da manhã com Martha na cozinha. Talvez pudesse ter perdoado tudo se Major tivesse se desculpado, se não tivesse planejado me trancar, mas mesmo assim, a confiança quebrada era difícil de consertar. Especialmente se houvesse falta de confiança em ambos os lados. Como filha de Abel, Major nunca confiaria em mim completamente.

Todos na sala ficaram em silêncio. A tensão era tão espessa que quase podia estender a mão e tocá-la.

Os olhos de Zach focaram em mim com uma intensidade estranha. — Você

tem uma família de verdade, Tessa. Não precisa deles. — Ele acenou para Tanner e Kate, o ressentimento endurecendo seus olhos.

Me virei para ele. — Vocês só me querem por causa da minha Variação. Quando achavam que eu era normal, nem me procuraram.

Zach deu um passo em minha direção, e Tanner e Kate ficaram tensos. — Isso não é verdade, — disse Zach. — Não tínhamos os mesmos recursos que temos agora. Papai nunca parou de procura-la.

Queria acreditar nele e talvez fosse verdade. Minha mãe havia dito que Abel nunca a perdoou por me levar embora. E se isso significasse que ele realmente se importava comigo? Devon apareceu ao meu lado, o cabelo desgrenhado, mas ileso. Quando nossos olhos se encontraram, ele levou um segundo para se concentrar.

— Stanley te bateu? — Perguntei.

Devon balançou a cabeça e piscou uma vez, com força. — Não, o bastardo apenas cuspiu em mim. Sua saliva é uma coisa forte.

— Mas você está bem? — Sussurrei, sem tirar os olhos de Zach e Tanner, que ainda estavam me observando. Ambos deram alguns passos em minha direção. Stanley havia desaparecido.

— Estou bem. Minha Variação pode cuidar dessas coisas. — O olhar de Devon pousou em Tanner. Eles brincavam muito no tempo que passaram na sede juntos, e agora estavam se enfrentando como inimigos.

— Por que deveria acreditar em você? — Perguntei, voltando minha atenção para Zach.

Ele abriu os braços em um gesto de desarmamento. — O sangue é o vínculo mais forte neste mundo. Você deve estar com as pessoas que te amam por ser irmã e filha e não pelo valor de sua Variação. — Ele lançou um breve olhar para Kate e Tanner.

— Não deixe ele te manipular, — Tanner avisou, dando outro passo em minha direção.

Bufei. — Porque você e a FEA nunca fariam isso, certo?

O corpo de Devon transbordava de tensão ao meu lado. Ele estava de olho no cara ruivo com a Variação de transporte. E me senti estúpida por quase ter esquecido dele. Ele parecia relaxado, pela maneira que estava parado com os braços cruzados na frente do peito, mas eu não comprei sua atuação.

— E ele? Você vai deixa-lo me sequestrar do jeito que fez com Holly?

O rosto de Zach parecia confuso e por um momento horrível tive certeza de que ele não sabia quem era Holly porque a mataram no momento em que descobriram que ela não era eu. — Jago não vai te tocar. Não vou forçá-la a se juntar a nós. Quero que venha porque quer, — disse ele. Jago fez uma pequena reverência zombeteira, o cabelo ruivo caindo sobre os olhos.

— Já basta! — Kate sibilou. — Isto é ridículo. Tanner, agora!

Meu olhar voou para Tanner. Ele parecia relutante em fazer o que Kate queria que ele fizesse.

— Agora! — Kate rosnou.

As armas que Benny tinha tirado de nós voaram sobre a cabeça de Zach e pousaram nas mãos estendidas de Kate e Tanner.

Um dos homens de Zach gargalhou. — Que humano de sua parte usar armas! — Ele exclamou.

Agora que ele não estava mais meio coberto por Zach, percebi que era o cara de aparência suspeita que me observava enquanto eu fazia meu discurso como senador Pollard.

— Cala a boca, Will, — Zach sibilou.

Mas Kate ergueu sua arma e disparou em Zach quando o inferno começou.

Meu peito se apertou de medo. E se Kate tivesse matado Zach?

Alguns Variantes começaram a correr pela sala em pânico, mas outros se juntaram à luta. Raios de eletricidade atravessaram a sala, quebrando várias lâmpadas e quem estivesse em seu caminho. O cheiro de enxofre inundou meu nariz. Mais tiros foram disparados e facas voaram pela sala. Kate tentou se aproximar de mim, mas outras Variantes e raios de eletricidade continuavam em sua direção. A luz piscou, passou de azul para vermelho, depois voltou. Alguém

esbarrou em mim e me mandou voando para o chão. Meu cóccix colidiu com o piso de pedra, enviando uma pontada de dor lancinante pela minha espinha.

Devon agarrou meu braço e me puxou para cima. — Vamos. Temos que encontrar o túnel e fugir.

Mas uma parte de mim não queria fugir, a mesma parte que queria acreditar que as palavras de Zach eram verdade, que ele e meu pai estavam procurando por mim por todos esses anos. A parte de mim que desejava que pudéssemos ser uma família de verdade.

— Tessa, vamos! — Devon insistiu.

A luta estava acontecendo ao nosso redor, mas Kate quase nos alcançou. Zach e Will estavam agachados no chão. Mas não conseguia ver Jago em lugar nenhum. De repente, Zach acenou na direção de Will. Will se pôs de pé e estendeu os braços. Todos os espelhos e vidros da sala se estilhaçaram com um grito ensurdecedor. Uma rachadura rasgou o vidro grosso do aquário, o som como pregos em um quadro-negro, e então o chão começou a tremer, exatamente como tinha feito quando fingi ser o senador Pollard.

Devon me empurrou para o chão e se jogou em cima de mim. Minha respiração saiu dos meus pulmões. Gritos e o silvo da água irromperam pela sala. Levantei minha cabeça, apenas para ver uma onda quebrar sobre nossas cabeças. A água varreu nossos corpos, entrando em meu nariz e boca, e nos deixando encharcados. Devon rolou de cima de mim e me ajoelhei, desorientada. Minhas mãos, que não estavam protegidas pelo corpo de Devon, doíam. Pequenos cacos de vidro grudaram na minha pele. Tirei-os o melhor que pude. Por sorte, as feridas que deixaram eram pequenas. Uma das gêmeas da água estava enrolada em si mesma a poucos passos de mim, com cortes nas costas. Eles não pareciam ameaçadores, mas ela provavelmente teria cicatrizes.

Tropecei em meus pés e me virei para Devon. Meu coração pulou uma batida. Sua camisa estava rasgada e suas costas estavam muito piores que as da mulher. Parecia que alguém tinha arrastado um ancinho por cima dele. O ajudei a ficar de pé enquanto ele observava a cena. A sala estava uma bagunça. As

lâmpadas e as prateleiras de vidro do bar explodiram. Apenas alguns dos holofotes no chão pareciam ter sobrevivido à onda de choque e emitiam uma luz estranhamente azulada. Era difícil entender muito. Vidro quebrado esmagou sob meus pés quando me virei para me orientar. As pessoas se amontoavam contra a parede, enquanto outras permaneciam imóveis no chão. O cheiro de cloro e cobre pairava pesado no ar. As pessoas foram mortas pelos fragmentos voadores? Tropecei para frente, procurando por Tanner e Kate. Mesmo que não confiasse neles, não os queria mortos ou feridos.

Detectei Kate no chão. Ela estava sentada com o rosto na palma da mão. Tropecei em sua direção para ver se ela precisava de ajuda. De repente, alguém me agarrou por trás. Me virei, pronta para dar um soco em quem quer que fosse, mas me vi olhando nos olhos azul-turquesa. Devon veio até nós, ombros retos. O olhar de Zach nivelou as feridas nos ombros de Devon que estavam se curando rapidamente e a compreensão se estabeleceu em seu rosto. Então ele se virou para mim.

— Venha comigo, por favor, — ele sussurrou.

— Você poderia ter matado pessoas. Por que fez isso?

— Não comecei a atirar. Não tive escolha. Estávamos apenas conversando e, como de costume, a FEA atacou.

Abri a boca para argumentar, mas o que ele disse era verdade.

— Por favor, Tessa. Haverá tempo suficiente para explicar tudo, mas não agora. E eu sabia que ninguém morreria. Os fragmentos que a onda de choque de Will cria são pequenos demais para causar grandes danos e Devon pode ajudar os feridos, certo?

Não disse nada, mas nunca desviei os olhos dos seus, eles poderiam ser meus olhos. Sua mão no meu ombro era quente e macia. — Espero por esse dia há muito tempo.

— Eu também, — disse, porque era verdade. Sempre quis uma família amorosa, procurei em todos os lugares, exceto no único lugar onde era mais provável encontrá-la: com minha família real.

Zach sorriu e eu podia dizer que era um sorriso honesto, sem pretensão. Uma figura estava cambaleando em nossa direção. A cabeça de Zach virou. — Temos que sair agora, — ele sussurrou. — Os agentes devem ter chamado reforços. Major pode chegar a qualquer segundo.

Devon deu um passo atrás de mim e colocou as mãos nos meus ombros. Seu aperto era um aviso. — Tessa...

— Tenho tantas memórias que quero compartilhar com você, — Zach disse rapidamente. — Memórias de nosso pai e como passamos nosso primeiro Natal juntos. Você tem uma família, Tessa. O que quer que a FEA tenha lhe dito sobre nós, foram mentiras para garantir sua lealdade.

Procurei seus olhos na luz fraca e azulada. Ele pegou minha mão suavemente. — Podemos ser uma família e ter um lar de verdade.

Um lar. Uma família. A expressão de Devon refletia incerteza, mas também determinação. — Você conheceu um Variante chamado Ryan? — Ele perguntou de repente. — Ele podia criar neblina.

Zach franziu a testa. — Nunca ouvi esse nome.

— Ele alegou que seu exército o transformou em um assassino furioso. Ele assassinou minha irmã.

Surpresa cintilou em seus olhos. — Nós não transformamos ninguém em assassino, — disse ele. — Você já considerou que o que aconteceu em Livingston foi encenado pela FEA? Que precisavam de uma missão para Tessa, então armaram um mistério para ela resolver? Não se engane. Major sempre sabe o que está fazendo. E não dá a mínima para humanos normais.

Devon balançou a cabeça. — Mas por que ele faria isso? Isso não faz sentido.

Uma voz masculina gritou uma ordem, mas não consegui distinguir as palavras por cima do crepitar da eletricidade. Foi um milagre que não tivéssemos sido todos fritos. As pessoas começaram a sair de seus esconderijos.

— Nós temos que sair, — Zach pediu. — Holly está esperando por você. Depois de falar com ela, você verá que o Exército de Abel não é o que Major fez

parecer.

Tanner apareceu, a tela de um telefone brilhando em sua mão. Ele vasculhou a área ao seu redor até que seus olhos se fixaram em mim. À distância, podia ouvir o som das hélices de um helicóptero.

— Tessa, rápido! — Zach assobiou.

Dei a Devon um olhar suplicante. Precisava fazer isso. Eu tinha que descobrir se era verdade. Se uma família estava esperando por mim todos esses anos, se tudo que sabia sobre Abel não era nada mais do que uma teia de mentiras cuidadosamente construídas. Devon agarrou minha mão e deu um aceno de cabeça. — Ok. Vou com você.

Ele encarou meu irmão. — Mas quero respostas. Quero saber o que realmente aconteceu em Livingston. Vocês tinham espiões lá. Você deve saber mais do que deixou transparecer.

Zach olhou para Tanner que agora estava acompanhado por Kate; ela tinha um ferimento na testa que escorria sangue sobre o olho esquerdo.

— Vou responder a todas as suas perguntas, — Zach assegurou a Devon. — Mas precisamos ir. Agora.

Antes de sair, meus olhos foram atraídos para as escadas. Esperava que Penny estivesse cuidando da minha mãe. Não tinha certeza se Zach sabia sobre nossa mãe estar aqui.

Tanner estava tropeçando nos restos do aquário para chegar em nossa direção. — Devon, Tessa, não! — Ele gritou, desespero ressoando em sua voz.

A culpa me esfaqueou. Sabia que estava traindo a FEA, mas eles fizeram sua escolha e fiz a minha. Ansiei por isso toda a minha vida; por uma família para chamar de minha. Mesmo Devon não conseguia entender o quão forte era meu desejo por pais como os dele. E agora tinha a chance de viver meu sonho. Não importa o risco, nunca me perdoaria se deixasse escapar por entre meus dedos. E era a minha única maneira de chegar a Holly. Devon e eu seguimos Zach pelos restos do aquário.

— Tessa, não! — Tanner tentou novamente, mas não parei. Zach nos levou

pelo corredor estreito entre o bar e o estacionamento. Nem Finja nem Benny estavam em seus lugares. Mas Jago estava lá, espiando lá fora.

— Dois helicópteros a caminho. Eles vão pousar em alguns minutos. Não temos muito tempo.

— Tire minha irmã daqui, — Zach ordenou. Meu corpo se encheu de calor quando ele me chamou de irmã. Ele me puxou para um abraço rápido. — Jago vai leva-la para a segurança.

— Mas e você e Devon? — Perguntei em pânico quando ouvi o primeiro helicóptero pousar. Antes que Zach pudesse responder, Jago agarrou meu braço e senti que meu corpo era dividido em dois.

Meus arredores começaram a escorregar e minha mão foi arrancada da de Devon. Seu rosto distorcido, a preocupação ainda gravada nele. Então minha visão começou a embaçar.



CAPÍTULO 30

A sensação de ser rasgada foi pior do que qualquer coisa que já senti antes, mas então ela parou de repente e aterrissei em assentos de couro preto. Minha visão ainda estava embaçada e meu estômago parecia de cabeça para baixo. Apertei os olhos e esperei alguns segundos antes de ousar abri-los novamente. Jago estava sentado ao meu lado. Ele não parecia nem um pouco desorientado, mas seu rosto estava pálido e manchas vermelhas pontilhavam suas bochechas e pescoço. Uma miríade de sardas pálidas cobriu seu nariz. De perto, percebi com um sobressalto que ele não era muito mais velho do que eu. Seu cabelo ruivo claro estava grudado na testa suada. Ele se inclinou para frente, empoleirando-se entre os bancos da frente para falar com o motorista.

— Dirija! Vou pegar Zach.

— E Devon? — Perguntei, mas Jago desapareceu do meu lado sem dizer mais nada. Ele não tinha ouvido o que eu disse?

Tentei dar uma espiada no homem atrás do volante, mas fui jogada de volta no meu assento quando ele pisou fundo no acelerador e o carro disparou para a frente. Olhei pela janela, agarrando os assentos para ficar no lugar. Do lado de fora do carro havia uma rua desconhecida e uma grande placa de motel que me banhava com um brilho rosa. Este não era o estacionamento do bar.

— Onde estamos?

— A poucos quarteirões do bar, — respondeu o homem. — Jago te transportou até aqui. — Ele tinha uma voz rouca, como se alguns cigarros demais tivessem cobrado seu preço. Isso me lembrou de uma voz que já tinha ouvido antes.

— Por que Jago não me levou para Abel?

— Porque isso pode matá-lo. Ele pode se transportar por longas distâncias, mas não uma segunda pessoa. Para que um transporte duplo funcione, ele tem que estar dentro de uma milha, melhor ainda, à vista do objeto. — Ele balançou a cabeça. Seu cabelo era preto e encaracolado, e sua pele muito escura.

— Quem é você? — Perguntei, mais para me distrair do que qualquer outra coisa.

— Sou Luthor, — ele disse, me olhando pelo espelho retrovisor com um sorriso gentil. Havia um corte em seu lábio. — Não há necessidade de se apresentar.

— Meus olhos, — chutei.

— Sim, entre outras coisas. — Ele franziu a testa enquanto olhava para o relógio no painel. — Você deveria abrir algum espaço aí atrás. Quando Zach e Jago voltarem, eles podem cair bem em cima de você se Jago errar como de costume.

Não perguntei o que significava errar. As pessoas já foram despedaçadas durante um transporte? Ou ele estava se referindo à vez em que transportou Holly e acidentalmente levou a pessoa errada? Me pressionei contra a porta. Ao longe, pude ver um helicóptero desenhando círculos no céu. Podia imaginar Major sentado nele, gritando ordens no rádio, o rosto contorcido de fúria. Ele não poderia nos ver à distância. Estávamos misturados ao estacionamento e muito longe do bar para isso.

A carranca de Luthor se aprofundou conforme os segundos passavam. O observei pelo espelho retrovisor, ficando mais nervoso a cada segundo. Ele ficava olhando para frente e para trás entre o relógio e seu celular no console do meio. De repente, o ar estalou ao meu redor e alguém colidiu com meu braço.

Fui empurrada contra a porta e Zach de repente se inclinou contra mim, gemendo como se estivesse com dor. Ele estava inclinado para frente então não pude ver seu rosto, mas sua manga direita estava rasgada e o sangue escorria de um corte longo. Rasguei apressadamente o resto de sua manga e a usei para enfaixar a ferida. Quando terminei, notei Zach me observando com uma expressão atordoada.

— Você realmente parecia preocupada, — disse ele calmamente.

— É claro que *estou* preocupada. Somos uma família. — Essa palavra enviou uma onda de felicidade através de mim e não deixou espaço para dúvidas e ansiedade. Percebi que Jago ainda estava ali ao lado dele. Seus olhos estavam fechados, seu rosto branco como giz.

— Ei, você precisa buscar Devon, — disse, mas ele não reagiu. Me virei para Zach. — E Devon? — Pânico soou em minha voz.

Zach desviou o olhar, franzindo as sobrancelhas. Ele levou um momento muito longo para responder. — Devon mudou de ideia.

Congelei. — O que? Ele não faria isso. Ele teria me dito.

— Talvez ele se sentisse mal e não quisesse decepcioná-la.

— Zach, por que Devon não está aqui? Diga-me a verdade!

Ele abaixou a cabeça e acenou com a cabeça em direção a sua ferida. — Os agentes da FEA nos pegaram. Quando Jago apareceu, ele só conseguiu me agarrar. Eles já tinham colocado Devon no chão. A última coisa que vi foi Major entrando na sala. Não podia ficar. Sinto muito.

Por um momento minha visão ficou preta. Agarrei os assentos e inalei profundamente. — Isso é tudo minha culpa. Não deveria ter envolvido Devon.

O que aconteceria com Devon agora? Não deveria ter deixado Jago nos separar. Era possível que Major perdoasse Devon se ele decidisse retornar à FEA. Devon ainda era novo; Major provavelmente culparia minha má influência por tudo. Tentei me consolar com o fato de que Devon não poderia se esconder pelo resto de sua vida de qualquer maneira. Ele tinha seus pais a considerar. No entanto, a maneira como o deixei roía minha consciência. Ainda podia sentir o

calor de sua mão na minha.

— Tenho certeza que ele vai ficar bem, — Zach me consolou. — Aposto que o Major lhe dará um simples aviso. Se pegarem Will, porém, ele não terá tanta sorte.

— Will escapou? — Perguntei.

— Sim. Ele sabia que Jago não poderia transportá-lo também, então fugiu com outro carro. Ele é bom em fugir. Isso é o que ele fazia o tempo todo antes de se juntar ao Exército de Abel.

Enterrei meu rosto nas palmas das mãos, oprimida por minhas emoções conflitantes. Preocupação por Devon, alívio por Holly, profunda felicidade por ter encontrado meu irmão.

— Existe uma maneira de descobrir o que acontece com Devon? — Perguntei, levantando meu olhar.

Os lábios de Zach se curvaram em um pequeno sorriso. — Isso não será um problema.

— Vocês têm um espião na FEA?

— Talvez, — Zach disse, antes de se virar para Luthor. —Quando chegaremos?

— Alguns minutos.

— Onde? — Perguntei.

— Nosso helicóptero. Voamos até aqui. Há uma base segura não muito longe daqui.

Me inclinei para trás, mas meus músculos estavam tensos. Zach estava me observando com uma expressão estranha.

— O que? — Sussurrei.

— Mal posso acreditar que você está realmente sentada ao meu lado. Sonho com isso há anos. Sempre que perdia a esperança, as suas lembranças me mantiveram seguindo em frente. Sabia que um dia nos reencontraríamos.

— Você se lembra do nosso tempo juntos? — Perguntei com espanto. Nem me lembrava de seu rosto, muito menos de qualquer felicidade compartilhada

entre nós. Antes de encontrar as fotos nos arquivos, mal me lembrava de nada. Ele era apenas dois anos mais velho que eu. Isso fazia uma diferença tão grande?

— Sim, eu lembro, — disse ele suavemente, então se mexeu em seu assento para me encarar. Ele levantou os dedos até minhas têmporas.

Me encolhi com o toque e imediatamente me senti uma tola. Zach não me machucaria. Ele me deu um sorriso encorajador antes de seus dedos apertarem em ambos os lados da minha cabeça. O contato pele a pele permitiu que imagens rolassem pela minha mente. Elas se materializaram atrás dos meus olhos como uma visão, da mesma forma que aconteceram alguns dias atrás no carro. Havia a lembrança do dia em que nasci em um quarto branco sem janelas. Abel estava segurando a mão da minha mãe e radiante de orgulho; depois uma lembrança posterior em que minha mãe me aninhava em seus braços. Ela estava deitada em uma cama estreita no mesmo quarto pequeno, mas estéril, parecendo exausta e suada. Um garotinho ajoelhado no colchão ao lado dela. Seus olhos eram turquesa e ele estava esticando o braço minúsculo para tocar a mão do bebê. Abel estava no colchão ao lado deles, parecendo quase tão cansado quanto minha mãe. O menino aconchegado nele enquanto Abel lentamente, gentilmente passava um dedo sobre minha cabeça até que abri meus olhos. Turquesa, assim como os dele.

Engoli em seco, e Zach tirou as mãos das minhas têmporas. Essas memórias pareciam tão reais, como um sonho vívido, como se eu as estivesse experimentando naquele momento. Era quase demais, finalmente ver e sentir o que eu ansiava. Lágrimas brotaram em meus olhos.

— O menino, era você. Mas como pode se lembrar disso tão claramente? Você tinha apenas dois anos. — Eu sabia, é claro, mas queria ouvi-lo dizer isso.

Zach relaxou como se temesse minha reação.

— Isso é parte da minha Variação. Eu nunca esqueço. Posso armazenar memórias e reproduzi-las para os outros.

— Há alguns dias, uma memória me veio à mente enquanto dirigia. Você fez isso?

Ele abaixou a cabeça. — Sim. Sei que não foi legal fazer isso sem sua permissão, mas queria te mostrar o que estava perdendo. Esperava que as memórias a convencessem a se juntar a nós. E queria que você viesse até nós por vontade própria. Obviamente não funcionou como tinha planejado. Você é uma adversária difícil. — Ele riu, mas estava perdida em pensamentos.

— Você não precisou me tocar então. Por que fez isso agora?

— Geralmente preciso tocar as pessoas para usar minha Variação. A única pessoa em que isso não é necessário é nosso pai, então achei que poderia funcionar com você também, e funcionou. Talvez seja porque compartilhamos o mesmo DNA, não sei. — Ele fez uma pausa, examinando meu rosto, que provavelmente ainda mostrava minha confusão. — Mas é preciso mais esforço se não te tocar. As memórias agora, não foram mais vívidas do que quando não te toquei?

— Sim, mas elas já foram bastante convincentes da última vez.

— Sim, nossa conexão é muito forte, mas é definitivamente menos cansativo se estiver te tocando.

— Então eram memórias reais? Não falsas? — O medo borbulhou no meu estômago.

— Claro, — Zach disse imediatamente. — Eu queria te mostrar o que lembro todos os dias.

As palavras de Alec vieram à minha mente: sobre um Variante que podia manipular memórias. Talvez os rumores tivessem exagerado a verdade como costumam fazer.

— Você pode alterar memórias também? — Perguntei com relutância.

Entramos em um aeroporto privado e Luthor estacionou o carro perto da pista de pouso. Zach ainda não havia respondido. Ele deu a Jago e Luthor um aceno de cabeça, e ambos saíram do carro, nos dando um momento de privacidade.

Zach esfregou a mão no rosto. — Se me concentrar muito, posso alterar as memórias. É muito difícil de fazer, porém, e me sinto esgotado por horas depois.

Fiquei tensa. — Mas isso é horrível. Você não pode simplesmente mudar a memória das pessoas! — Alec me manipulou e me monitorou com sua Variação. Não queria que a mesma coisa acontecesse novamente.

— Algumas pessoas me pedem para mudar suas memórias. Muitos Variantes passaram por coisas horríveis em suas vidas e acham que precisam esquecer para ter um novo começo, e às vezes esse é realmente o caso. Se o passado continua pesando em você, talvez seja melhor esquecê-lo.

— Então você está me dizendo que nunca alterou as memórias de alguém sem sua permissão?

Zach olhou pela janela. Luthor e Jago estavam esperando por nós, de costas para o carro. — Em algumas ocasiões, não tive escolha. Foi para proteger a mim e aqueles com quem me importo. Não gostei e é sempre o meu último recurso. O que você faria se fosse sua única chance de manter as pessoas que gosta em segurança?

Dei de ombros. — Acho que faria isso. Não sei. Nunca estive nessa situação.

— Às vezes odeio essa vida de segredo, mas enquanto a FEA estiver nos caçando... — Ele parou e acenou em direção à porta. — Devemos ir agora. Papai está esperando por nós.

Meu pulso acelerou com a menção de Abel, com essa palavra: papai. Ainda não tinha certeza de como chamá-lo. Ainda era muito para processar de uma só vez. Quando saímos do carro, congelei. Assim que saímos, o carro não estava mais lá.

— Você fez isso? — Perguntei a Luthor. Ele assentiu.

Estreitei meus olhos. — Foi você! Você foi o cara com a seringa que me atacou. — Lembrei-me de nossa noite de acampamento e do veículo bruxuleante.

Luthor esfregou a nuca e olhou para Zach que revirou os olhos. — Me desculpe por isso. Quando descobrimos que você estava fugindo da FEA, tentamos rastreá-la, mas não foi fácil. Papai enviou quase toda a nossa

organização para procurá-la. Sabíamos que você havia visitado a tia e o tio de Devon, e enviamos batedores para rastreá-la na área. Eventualmente, alguém em um restaurante disse que tinha te visto. Luthor seguiu a pista, porque eu não estava por perto. Como não estava lá para falar com você, papai permitiu que Luthor usasse um sedativo. Isso obviamente não funcionou muito bem.

Luthor sorriu timidamente. — Você é uma boa lutadora, garota.

— Você me deu uma concussão, — disse Jago em tom de reprovação. Ele queria um pedido de desculpas?

— Você me assustou pra caralho. Essa não é realmente a maneira mais eficaz de me convencer a me juntar a vocês.

Mas nem estava mais com raiva. Não podia acreditar que Abel se importava o suficiente para enviar todos os seus homens a minha procura. Com a FEA procurando em conjunto, isso era um grande risco.

— Sua Variação é legal, — disse para Luthor.

Jago revirou os olhos e virou-se para o helicóptero.

Luthor sorriu. — A sua também dá para o gasto.

Zach sorriu, mas estava tenso enquanto seus olhos procuravam o céu. — Usamos a Variação de Luthor para disfarçar nosso helicóptero também.

— Mas não aparece no radar do aeroporto?

— Não. A Variação de Luthor impede isso. E nós temos conexões com as pessoas que rastreiam esse tipo de coisa, — ele disse evasivamente, então me deu um sorriso rápido. — Vamos. Devemos nos apressar. Em breve a área estará lotada de helicópteros da FEA.

Ele pegou minha mão e o segui em direção a um helicóptero que parecia ser usado por militares. Em vez de patins, tinha três pneus e era pintado de verde acastanhado.

Zach e eu sentamos juntos na parte de trás enquanto Luthor e Jago tomavam seus lugares na cabine. Eles trocaram sorrisos enquanto decolamos do chão. Enquanto subíamos para o céu, pude ver os helicópteros da FEA à distância. Eles estavam procurando por mim, mas com o talento de Luthor,

nunca nos encontrariam.

Não pude deixar de me perguntar quem estava nos helicópteros. Major tinha vindo para ter certeza de que não escorregaria por entre seus dedos novamente? Sempre fui grata a ele por me salvar de um lar negligente. Mas vendo minha mãe hoje, não tinha certeza se a FEA não era parte do problema desde o início. Seus anos como agente podem tê-la transformado no naufrágio que ela era agora, e a FEA havia me caçado silenciosamente, provavelmente desde o dia em que nasci. Mesmo que minha mãe não quisesse me entregar, a FEA a teria forçado a isso eventualmente. Como teria sido minha vida se minha mãe não quisesse viver uma vida normal? Se ela tivesse ficado com Abel? Zach parecia tão normal e gentil, não como o louco Volátil que Major o fez parecer. E se Zach tivesse dito a verdade? E se Abel estivesse procurando por mim todos esses anos, se honestamente sentiu minha falta? Se ele me amava? A FEA me manteve longe de uma família amorosa?

Minha mãe disse que deixou Abel porque queria uma vida normal e ele não aguentou. Ela não fugiu dele porque ele era cruel com ela.

Zach tocou meu braço e pulei. Seus olhos turquesa estavam curiosos.

Ele se parecia tanto comigo, mal podia acreditar. Meu irmão.

— Então Holly está realmente bem? — Sussurrei.

Zach assentiu. — Ela está mais do que bem. Ela está feliz conosco.

— Ela não quer voltar para a FEA?

Ele olhou pela janela por um momento. — Ninguém quer quando conhece nosso pai. Ele é carismático. As pessoas percebem que o Exército de Abel é a melhor escolha.

— E a família dela? Fui até a casa deles. Bem, você provavelmente sabe disso desde que me seguiu no carro.

— Holly estava preocupada que a FEA os atacasse para chegar até ela. Estava preocupada que um de seus irmãos se tornasse uma Variante e que a FEA descobrisse. Ela os queria seguros. Então nós os realocamos. Eles estão perfeitamente bem.

— O que vocês disseram a eles? Por que eles deixariam sua casa e tudo para trás? Por que parecia ter havido uma luta?

— Discutimos isso com Holly e ela sabia que eles nunca estariam seguros enquanto estivessem em contato com ela. Nós os removemos muito rapidamente. Demos a eles novas identidades, uma nova casa e novos empregos, longe do alcance da FEA. Confie em mim, eles estão mais felizes do que antes.

— Você mudou as memórias deles, não é?

Ele hesitou por um segundo. — Foi o melhor, realmente. Eles nunca descobrirão. Podem levar uma vida normal e feliz sem se preocupar com a filha. Além disso, suas novas circunstâncias são muito mais confortáveis do que antes.

Respirei fundo. — Você removeu as memórias de Holly.

— Ela queria que fizéssemos, — ele disse calmamente. — Se houver um momento de paz, ela pode voltar para seus pais. Vamos lhes devolver suas memórias e tudo ficará bem.

Duvidava que tudo ficaria bem tão facilmente, quase tanto quanto duvidava que algum dia houvesse paz entre a FEA e o Exército de Abel, não enquanto Major estivesse lá, e mesmo assim... — Não posso acreditar que Holly desistiu de sua família assim.

— Às vezes temos que deixar as pessoas que amamos para mantê-las seguras, — disse Zach.

Queria acreditar nele, mas não tinha tanta certeza.

Os helicópteros da FEA tornaram-se pequenos pontos pretos à distância quando deixamos Las Vegas para trás. Era isso. Tinha certeza de que não havia volta. Eu realmente e verdadeiramente cruzei a linha, e Major nunca me perdoaria por isso. Mesmo que decidisse fugir com Holly e não ficar com Abel, Major trataria minhas ações como traição. E talvez fossem. Porque salvar Holly era apenas uma razão para minha vontade de ir com Zach. Mais do que tudo, eu queria conhecer meu pai.

— Você está brava comigo. — Ele tocou minhas mãos, que estavam fechadas em punhos no meu colo.

As abri e descansei meus dedos frouxamente em minhas coxas. — Não estou brava. É muito para absorver. — Balancei minha cabeça. — Por que vocês sequestraram Holly? Foi um acidente?

Zach bufou. — Isso é o que acontece quando papai ou eu não resolvemos o problema com nossas próprias mãos.

Levantei uma sobrancelha em uma pergunta silenciosa.

— Eu queria fazer parte dessa missão. Sabia que poderia fazê-la ver que a FEA era a escolha errada, mas papai não queria arriscar. Ele sabia que Major estaria por perto e temia que eu fosse capturado. Tudo estaria perdido se Major colocasse as mãos em mim.

— A missão não saiu como planejado. Will enviou uma onda de choque muito forte e nocauteou dois de nossos próprios homens. Então tudo saiu do controle. Eles estavam apenas tentando salvar a própria pele, e então Jago viu uma garota de preto. Ele disse que tinha visto a aparência dela vacilar; parecia da FEA e como ele tinha apenas uma chance, a agarrou, — Zach continuou. — É claro que descobrimos rapidamente que não era você, mas ficamos felizes por termos Holly. Ela é uma grande adição ao nosso grupo. E sabíamos que podíamos matar dois coelhos com uma cajadada só. Holly é sua melhor amiga. Tínhamos certeza de que você faria parte de uma missão de resgate. Na verdade, nunca consideramos você fugir da FEA sozinha.

Não estava sozinha, pensei. Estava com Devon. Meu coração doeu quando pensei nele. Teria que voltar até ele algum dia. Não podia deixá-lo nas mãos do Major.

— E Stevens?

Zach franziu a testa. — Você quer dizer Harold?

Mordi meu lábio. Nem sabia o primeiro nome dele. — O agente que você sequestrou em Livingston.

— Nós não o sequestramos. — Zach riu, me dando um sorriso largo. — Ele veio sozinho. Ele não estava feliz na FEA. Não gostava de como era tratado e foi proibido de manter seu relacionamento com uma mulher normal. — Ele

suspirou.

Balancei a cabeça. Era estranho pensar em salvar alguém da FEA. A FEA sempre foi o epítome do bem para mim. Mas eu não conhecia nada melhor. Fechei os olhos e deixei minha cabeça cair para trás contra o assento. As vibrações do helicóptero passaram direto por mim e o zumbido das hélices provocou uma dor de cabeça. Isso era demais para o meu cérebro calcular. Pensar na FEA doeu. Toda vez que uma lembrança dos tempos felizes que passei lá entrava em minha mente, sentia como se meu coração fosse arrancado.

E Alec. Ele foi meu amigo, meu protetor, meu amor, e agora? O que ele se tornaria? Meu caçador? Meu inimigo?

— Achei que nunca mais te veria, — Zach murmurou novamente. — Achei que minhas memórias eram tudo o que teria.

Me virei para encará-lo e tentei memorizar cada centímetro de seu rosto, assim como ele parecia fazer com o meu. Seu nariz era um pouco mais largo que o meu, e a sombra da barba por fazer aparecia em seu queixo e bochechas, mas nossas semelhanças eram impressionantes.

— Você sente falta da nossa mãe?

A dor cintilou em seus olhos. — Às vezes. Mas não posso esquecer que ela foi embora. Ela te levou, mas de mim, desistiu completamente.

E percebi então que tínhamos experimentado o mesmo desgosto. Nossa mãe havia falhado com nós dois. — Ela também não foi uma boa mãe para mim, — sussurrei.

Perguntas nublaram seus olhos.

— Ela tentou ser normal, mas não conseguiu se organizar. Ela estava bêbada ou chapada mais dias do que não. E teve mais namorados do que eu poderia contar. Todo cara novo era pior do que o anterior. — Me senti mal por falar sobre minha mãe assim depois de vê-la pela última vez. Mas era a verdade. Ela nunca foi uma mãe carinhosa. Sua negligência teria me quebrado se não tivesse ido para a FEA.

O rosto de Zach se apertou. — Alguma vez te machucaram?

— Além do insulto ocasional, eles praticamente me ignoraram. A solidão e o nojo de nossa mãe eram muito piores.

— Nojo? — Zach perguntou. Percebi que ele pegou minha mão na dele. Ele se importava comigo. Calor pressionado contra meus olhos.

— Porque eu era uma Variante. Quando ela descobriu que eu não era normal, me chamou de aberração e disse que arruinei a vida dela.

— Isso é besteira! — O rosto de Zach brilhou com raiva. — Ela é uma Variante também. Papai disse que ela sempre se odiou por isso. E era por isso que ela não queria eu ou ele.

— Sinto muito, — sussurrei.

Zach balançou a cabeça. — Está tudo bem. Agora temos um ao outro.

— Mal posso esperar para ver nosso pai, — disse.

Zach olhou pela janela, os lábios apertados.

— Algo está errado?

Ele balançou a cabeça com o que provavelmente era para ser um sorriso tranquilizador. — Não. As últimas semanas foram exaustivas. Você não facilitou as coisas para nós. E papai estava ficando mais desesperado a cada dia. Estava preocupado que ele fizesse algo estúpido.

Zach deve ter visto a confusão no meu rosto. — O ódio entre Major e nosso pai é como uma úlcera purulenta. Pode te cegar para o que é certo e errado.

— O que você quer dizer?

Zach parecia ter se arrependido de falar sobre isso em primeiro lugar. — Nosso tio, gêmeo de nosso pai, está preso na prisão de segurança máxima da FEA há doze anos. Não houve um dia em que nosso pai não tenha pensado nele. Eles eram muito próximos e agora ele não o vê há mais de uma década. Em todos esses anos, o ódio de papai pelo homem que prendeu seu irmão só aumentou. — E suspeitava que o envolvimento de minha mãe com meu pai e Major só alimentou o ódio.

Eu tinha um tio na prisão da FEA. Lembrei-me do que minha mãe havia

dito sobre ele.

— Ele deve ter feito alguma coisa para ser jogado na cadeia, certo?

A expressão de Zach se contorceu. — Muitas pessoas que estão presas na prisão da FEA não fizeram nada além de se recusar a trabalhar para a FEA. Eles acham que ter uma Variação te faz pertencer à FEA e, portanto, ao FBI.

Major ordenou a Alec que se certificasse de que estivesse sob controle o tempo todo, então as palavras de Zach faziam sentido. Cada Variante era uma arma possível, e se uma arma não disparasse para o seu lado, seria melhor trancá-la. Mas também percebi que Zach não respondeu exatamente à minha pergunta.

— Mas e o nosso tio?

— Olha, não concordo exatamente com tudo que ele fez, — Zach disse lentamente. — Mas nosso pai o ama e posso ver o quanto dói saber que seu gêmeo está preso sem nunca ter um julgamento justo. Às vezes, o amor por alguém pode torná-lo cego.

Ninguém sabia disso melhor do que eu. Mesmo agora, a lembrança dos olhos cinzentos de Alec, de sua risada, ainda fazia meu coração apertar. Mas meu amor não me cegou tanto que machuquei os outros. O que o amor de nosso pai por seu irmão o fez fazer? Abri minha boca para perguntar, mas Zach se sentou de repente.

— Chegamos.

Inclinei-me sobre ele e olhei para baixo, mas havia apenas terra estéril e montanhas de rocha vermelha brilhante nos cercando. Estávamos indo direto para uma das rochas.

— Não vejo nada. Está disfarçado?

— Sim. Todo o complexo é subterrâneo. A base da montanha é na verdade a entrada.

Meus olhos se arregalaram. Seria difícil escapar de um quartel-general subterrâneo. O helicóptero estava indo direto para as rochas pontiagudas. Agarrei o assento enquanto o vermelho das montanhas preenchia toda a largura

do para-brisa. A qualquer momento colidiríamos com a rocha.



CAPÍTULO 31

Nossas hélices atingiram a parede de pedra. Mas não causaram impacto. Elas passaram direto pela superfície e o resto do helicóptero também, como se a montanha fosse feita de fumaça. Após um momento de escuridão, entramos em um enorme hangar. E percebi que estávamos dentro da montanha.

Zach estava sorrindo. — Nada mal, hein?

— O que aconteceu? — Perguntei boquiaberta. Me virei para olhar de volta por onde tínhamos acabado de passar. Havia a mesma rocha vermelha e sólida, mas agora a víamos por dentro.

Luthor pousou o helicóptero no meio de uma plataforma estampada com uma cruz vermelha. Caminhões, tanques, helicópteros e carros preenchiam quase todos os espaços livres da caverna. O vermelho áspero das paredes de pedra nua brilhava como fogo sob lâmpadas halógenas, afixadas no teto.

Zach apontou para um cara sentado em uma cabine de vidro empoleirada na base de uma parede, os pés apoiados em uma mesa. Ele acenou para nós, fez uma bolha com sua goma de mascar, chupou de volta e continuou mastigando. — Ele observa o que está acontecendo do lado de fora das telas dentro da cabine. E se for um de nós, ele dissolve a solidez da rocha e podemos atravessá-la como fumaça. Nada mal, hein?

Pisquei. Esse era o eufemismo do ano. Isso era incrível. Ele abriu o

helicóptero e saltou, então segurou a porta aberta para mim. O segui e deixei meus olhos vagarem pelo equipamento. Havia três helicópteros, bazucas, mísseis, metralhadoras e inúmeros caixotes com etiquetas como 'munições' ou 'explosivos'. Parecia que eles estavam planejando uma guerra.

— Vocês tem um monte de... coisas.

Zach deu de ombros. — Precisamos estar preparados. Manter a sede segura é uma grande responsabilidade que levamos muito a sério. Muitas vidas dependem disso. — Então ele pegou minha mão e me levou em direção a um elevador embutido na parede de pedra. Luthor e Jago não nos seguiram. Eles ficaram para trás cuidando do helicóptero, mas não perdi os olhares curiosos que lançaram em nossa direção. Se este lugar fosse parecido com a FEA, as pessoas provavelmente falariam sobre nada além de nossa reunião de família por dias. Entramos no grande elevador de metal e vidro. Vinte pessoas poderiam caber dentro, mas quando as portas se fecharam, a sala ainda parecia muito pequena. Encostei-me no metal frio, tentando parar a palpitação no meu peito. Dez botões alinhados ao lado do elevador.

— Vou levá-la para nossa área comum primeiro. Você pode encontrar Holly lá, — Zach disse.

Excitação me inundou com o pensamento. Ele apertou o botão -3 e meu estômago despencou junto com o elevador. Zach não parecia se importar com o espaço fechado ou o fato de estarmos dezenas de metros abaixo da superfície. Ele cresceu neste lugar? Não conseguia imaginar um garotinho correndo entre munição e tanques. Havia tanta coisa que tínhamos que conversar. Mal podia esperar para saber mais sobre ele e sua vida.

O elevador parou e a porta se abriu, revelando uma sala enorme com uma cozinha aberta à nossa frente. Panelas e potes pendurados em ganchos de aço inoxidável presos ao teto. Um único cozinheiro estava mexendo algo em uma enorme panela de cobre. Não era hora da refeição; isso provavelmente explicava por que ele estava sozinho. Seu olhar disparou brevemente em direção a Zach e a mim antes de retornar às seis enormes TVs de tela plana que se alinhavam na

parede à minha direita. Elas estavam mudas, mas mostravam corridas de cavalos.

Mesas e cadeiras estavam espalhadas. Elas não eram de plástico branco ou aço inoxidável como você poderia esperar encontrar em uma cafeteria. Parecia que cada membro do Exército de Abel tinha levado seus móveis de sala de jantar com eles e os colocado aqui. Havia mesas redondas e quadradas, algumas grandes, outras pequenas, feitas de madeira que variava de bordo a carvalho, e algumas das cadeiras tinham capas floridas antiquadas, enquanto outras eram estofadas com couro da moda. Havia até uma pequena mesa rosa com quatro cadeiras rosa combinando, que pareciam ser feitas para crianças. Havia crianças na sede?

Não tive a chance de perguntar a Zach. Uma porta se abriu do outro lado da área comum e Holly passou por ela, assim como me lembrava dela. Ruiva, cabelo curto e um sorriso largo. Ela parecia saudável e feliz. Começamos a correr ao mesmo tempo e quase escorreguei no chão liso de granito antes de finalmente cairmos nos braços uma da outra. A abracei o mais forte que pude até que ela fez um pequeno som de protesto. Me afastei e rapidamente examinei seu rosto. Ela não estava pálida e seus olhos brilhavam de alegria.

— Você está bem? — Sussurrei. Não queria que Zach nos ouvisse, mas quando olhei de volta para onde ele estava, ele havia sumido. Aparentemente, ele não queria supervisionar o nosso reencontro.

— Estou bem — disse Holly.

Alívio surgiu através de mim. — Tem certeza?

Ela soltou sua risada de sino. — Claro que tenho certeza.

— Fiquei apavorada quando você foi sequestrada. Eles te machucaram?

Holly me levou até uma mesa de madeira escura e nos sentamos. — Eles não fizeram nada comigo, exceto me fazer perceber que estava do lado errado.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Lado errado? Você quer dizer FEA? — Não era como se estivesse empolgada com as ações da FEA, mas ouvir Holly dizer isso foi um choque. Ela não sabia sobre a extensão de sua traição ainda.

Por um momento, a raiva brilhou em seu rosto. — A FEA está me

segurando. Sempre me senti um fracasso. *Eles* me fizeram sentir menos, especialmente Major. Estou com o Exército de Abel há apenas algumas semanas e eles já me ajudaram a aperfeiçoar minha Variação mais do que a FEA jamais fez. Sinto que tudo é possível, que posso fazer grandes coisas.

Toquei a mão dela. — Isso é bom, — disse timidamente. — Então você quer ficar *aqui*? Não quer voltar para a FEA?

Ela ficou tensa, seus olhos duros. — Nunca vou voltar para a FEA. Por quê? — De repente, ela parecia preocupada. — Você quer?

— Eu... — Antes que pudesse responder, o elevador se abriu com um 'bing' e Zach saiu. Seus olhos me encontraram e ele sorriu hesitante.

— Acho que ele quer que você vá com ele. Abel provavelmente está te esperando, — disse Holly, levantando-se da cadeira. Minha expressão deve ter caído porque ela acrescentou. — Não se preocupe. Nos veremos mais tarde. — Ela me deu um rápido abraço. Virei-me lentamente, sem vontade de deixá-la para trás, mas ela já estava indo em direção à cozinha.

— Então, como foi o seu reencontro? — Zach perguntou no momento em que o alcancei.

— Foi bom. — Holly parecia à vontade enquanto falava com o cozinheiro que finalmente desviou o olhar das TVs. Não era assim que imaginava que minha missão de resgate terminaria.

Zach não pressionou por mais, mas podia dizer que ele estava curioso. Ele me levou para o elevador e apertou o botão com -6.

Peguei sua mão e apertei. Era surreal poder fazer isso depois de todos esses anos, e precisava do apoio dele. Seus olhos turquesa escanearam meu rosto. — Você está bem?

Enquadrei meus ombros. — Sim. Isso é muito para processar. — Engoli. — E estou nervosa. Esta é a primeira vez que encontro meu... meu pai.

— Eu sei, — disse ele com um sorriso.

O elevador parou e as portas de metal se abriram com um suave assobio. Respirei fundo enquanto seguia Zach para fora. Exceto pela falta de janelas, esta

sala também não parecia que estávamos no subsolo. As paredes eram pintadas de um branco brilhante e limpo e o piso coberto com bétula. Podia sentir o cheiro de baunilha e xarope de bordo. A sala em que entramos era enorme e quadrada, pelo menos 74 metros quadrados. Ao que parece, era uma sala de estar, cozinha e espaço de trabalho em um. Várias portas levavam a outras salas. Uma deles se abriu e um homem saiu. Ele estava sorrindo.

— Finalmente, — disse ele. — Achei que as panquecas que fiz iam esfriar. Não sei do que você gosta, mas imaginei que todo mundo adora panquecas. — Ele era alto com cabelo castanho grisalho curto e, claro, aqueles olhos turquesa.

Congelei. Não conseguia me mexer, não conseguia dizer nada.

— Elas são feitas de uma mistura, no entanto, e provavelmente estão queimadas, então não fique muito animada, — Zach disse, olhando por cima do ombro para mim.

Havia algo em seus olhos que não conseguia identificar. Talvez excitação misturada com ansiedade. Todos nós estávamos esperando por este momento. Realmente não queria que fosse estranho, mas estava com a língua presa e podia sentir meus olhos lacrimejarem.

Abel ergueu as sobrancelhas. — Você gosta de panquecas, não é?

Ele falou comigo como se fosse perfeitamente normal estarmos na mesma sala, perfeitamente normal ele me oferecer panquecas, como se tivéssemos passando toda a nossa vida juntos, como se não fôssemos praticamente estranhos. E talvez para ele eu não fosse uma estranha. Ele podia se lembrar das memórias que Zach me mostrou, e provavelmente muitas mais. Só queria poder me lembrar delas também.

Dei um aceno espasmódico. — Amo panquecas. — Minha voz estava tão baixa que não tinha certeza se ele tinha me ouvido.

Ele começou a caminhar em minha direção, seu sorriso caloroso e acolhedor. Havia rugas nos cantos de seus olhos. De sorrir demais? Desejei ter compartilhado mais dos momentos que esculpiram essas linhas em seu rosto. Senti um nó subindo pela minha garganta.

— Esperei tantos anos por este dia, — ele disse enquanto parava na minha frente.

Ele deixou alguns metros entre nós como se estivesse preocupado que chegar mais perto pudesse me assustar. Olhei para ele. Pequenas linhas de preocupação apareceram ao redor de sua boca. Provavelmente parecia que ia explodir em lágrimas a qualquer segundo.

— Esperou? — Resmunguei.

Ele preencheu a distância entre nós e passou os braços a minha volta. Apreciei a sensação de seu batimento cardíaco contra meu ouvido. Ele parecia quente e forte. O meu pai. Era assim que deveria ser, como deveria ter sido toda a minha vida. Minha mãe e a FEA esconderam isso de mim. Depois de tantos anos procurando por algo, sentindo que faltava um pedaço em mim, tinha todos os pedaços da minha história. E finalmente me senti inteira. O calor me encheu quando apertei meu abraço nele, e ele, por sua vez, fez o mesmo. Lágrimas espremidas dos meus olhos.

— Em breve, toda a nossa família estará reunida novamente. A FEA nos manteve separados por tempo suficiente. Assim que convencermos sua mãe a se juntar a nós e libertar meu irmão, tudo ficará bem.

Me afastei com um sorriso triste. — Acho que mamãe nunca vai concordar em se juntar a nós. Ela me disse que odiava ser uma Variante, que tudo o que ela queria era uma vida normal.

Sua expressão escureceu. — Vida normal. Quem pode dizer o que é normal e o que não é?

Dei de ombros.

— A FEA destruiu muitas vidas, — disse ele amargamente. Ele balançou a cabeça e me deu um sorriso brilhante. — Não deveria estragar este dia com meus sentimentos.

— Mas você está certo, — disse baixinho. A tristeza tomou conta de mim. — Nos últimos três anos, Major me usou, me fez sentir segura, apenas para quebrar minha confiança. Tudo em que acreditava foi tirado.

Ainda doía pensar nisso. Isso doía muito. Envolvi meus braços em volta do meu peito como se isso pudesse ajudar a me manter unida. Zach estava pegando as panquecas que estavam empilhadas no balcão da cozinha, mas agora veio até nós.

Abel tocou minha bochecha com ternura. — Você passou por muita coisa. Sua vida até a FEA foi cheia de desgosto e negligência, e então quando finalmente se sentiu segura pela primeira vez em sua vida, eles tiraram isso também. Odeio vê-la sofrendo. Isso é muito pesado para alguém tão jovem quanto você. Vou te ajudar. Vamos tornar tudo melhor.

Olhei em seus olhos turquesa, tentando determinar o que ele queria dizer. Zach se aproximou e levou a ponta dos dedos até minha têmpora direita. Fiquei tensa brevemente, mas o brilho nos olhos do meu pai baniu minhas preocupações.

Podia sentir um puxão em minhas memórias. Elas passaram pela minha mente enquanto Zach as navegava como um catálogo. Alec e eu assistindo a um filme, rindo, nos beijando. Kate me contando sobre a Variação Dupla de Alec. Alec admitindo que mentiu. Major me dando as pílulas. Minha mãe brigando aos gritos com um de seus namorados. Os arquivos com as notas sobre mim. Um por um, todos ficaram turvos. As imagens vinham mais rápido, borrando em minha mente. O rosto da minha mãe quando a ajudei a tomar banho, o breve lampejo de ternura em seu rosto.

O toque de Zach afrouxou por um segundo, mas então seus dedos pressionaram minha têmpora novamente. Alec beijando Kate. Alec me dizendo que era complicado. Major me dizendo que eu teria que ir para o hospício. Minhas memórias começaram a escorrer. Já me sentia melhor. Mas o que restaria de mim se todas as experiências horríveis do meu passado desaparecessem? Quem seria? Alec sempre disse que seu passado o fez quem ele era. Quem eu seria uma vez que meu passado fosse tirado de mim? Procurei nos olhos de Zach. Podia ver minhas próprias memórias refletidas neles enquanto ele as engolia. Minha cabeça começou a latejar e o vazio se espalhou por mim, e com

ele veio um frio de gelar os ossos.

— Espere, — Zach disse suavemente. — Às vezes, o frio é um efeito colateral. Vai acabar em breve.

Meus dentes começaram a bater, mas confiei em sua voz. Ele não tinha me traído. Mais cenas brilharam nos olhos de Zach. Houve um enterro. Houve o caso em Livingston, e um menino de cabelos loiros que jazia em uma poça de sangue. Havia neblina e um menino com uma faca. Havia um cara com olhos cinza e uma tatuagem de dragão no ombro. Mas eu não sabia quem ele era.

— Você vai se sentir melhor em breve, — Zach sussurrou. Imagens seguiram suas palavras.

Memórias, memórias felizes, se infiltraram nos cantos vazios da minha mente, enchendo-a de calor e luz. Havia um menino correndo por um regador de cueca, uivando quando a água o atingiu, e uma criança de fraldas, a poucos metros de distância, sentada na grama rindo. Havia uma árvore de Natal com luzes multicoloridas que banhavam a sala com as cores do arco-íris. Lá estava papai me carregando no braço, me colocando no chão, me entregando um pequeno presente. Meus pequenos dedos rasgaram o papel de embrulho. Zach se ajoelhou ao lado do bebê, ao meu lado, e desembrulhou seu próprio presente. Havia risos e calor e sorrisos e esperança. Pisquei. As memórias encheram meu cérebro, me encheram de uma sensação de totalidade, de pertencimento.

As pontas dos dedos saíram das minhas têmporas. Alguém acariciou minha bochecha. Virei a cabeça e encarei um homem com olhos turquesa. Sua mão segurou minha cabeça e o calor me inundou. Inclinei-me para o braço que me segurava. Lentamente, minha visão clareou e me concentrei no rosto à minha frente.

— Tessa? — Disse uma voz familiar. Uma boa voz.

Sorri. — Pai?

— Estou tão feliz que você está de volta.

— Bem-vinda ao lar, — disse outra voz. Zach. Ele estava sorrindo também.

Relaxei.

Casa.

Eu estava em casa.

Continua…